

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

*Relações interpessoais na Internet: um estudo com alunos
do 3º Ciclo do Ensino Básico do Alentejo*

Olga Cristina Pestana Ramos

Dissertação apresentada à Universidade de Évora como requisito para a obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação

Dissertação orientada por:
Professor Doutor José Luís Torres Manano Rama Carvalho

Évora, 2012

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

*Relações interpessoais na Internet: um estudo com alunos
do 3º Ciclo do Ensino Básico do Alentejo.*

Olga Cristina Pestana Ramos

Dissertação apresentada à Universidade de Évora como requisito para a obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação

Dissertação orientada por:
Professor Doutor José Luís Torres Manano Rama Carvalho

Évora, 2012

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, **Afonso**

Por muitas vezes ter que suportar a minha ausência e falta de atenção.
Agradeço-lhe pela oportunidade de experimentar a mais verdadeira forma de amor,
revelando a certeza de que todos os dias, ao seu lado, são maravilhosos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um especial agradecimento ao meu orientador, Professor José Luís Carvalho, pelo estímulo, dedicação e incondicional apoio que me proporcionou. Permitiu que este trabalho fosse possível e viveu o seu desenvolvimento como um projeto conjunto, acreditando em mim e transmitindo-me a energia que nem sempre tive e por isso lhe estou muito grata.

À Escola onde apliquei o questionário, em particular à direção, na pessoa do Dr. Rui Sá, e aos alunos e encarregados de educação, por toda a disponibilidade e por tornarem possível a realização deste trabalho.

Aos elementos que constituíram o painel de especialistas, pois tornaram possível o desenvolvimento da investigação.

A todos os autores pela influência e crescimento profissional que me facultaram.

À Raquel, por ser quem é e por ter sido a minha companheira neste longo percurso.

À Milena, pelo apoio e incentivo que sempre procurou dar.

À Rute pela revisão de texto, pelo tempo que dispensou e pela dedicação com que a realizou.

Aos meus pais por todo o apoio que me têm dado ao longo da minha vida.

Ao Carlos, pela disponibilidade que sempre demonstrou e por respeitar sempre as minhas escolhas.

E em especial ao meu filho, Afonso, por ser a fonte da minha força e, com o seu amor, permitir que o sol brilhe mais intensamente em cada um dos meus dias.

RESUMO

Esta dissertação aborda o impacto que a utilização da Internet tem nos relacionamentos dos jovens. O estudo empírico, desenvolvido junto de alunos do 3º ciclo do ensino básico de uma escola do Alto Alentejo, procura identificar alterações nas novas formas comunicacionais e de partilha dos alunos na Internet, assim como averiguar possíveis implicações de comportamentos e rotinas nas suas relações interpessoais.

O suporte teórico deste trabalho aborda a evolução da Internet em Portugal, desde a sua origem até às suas mais recentes aplicações e utilizações em contextos sociais e educativos. Faz-se ainda referência à importância das relações interpessoais para os jovens e alude-se ao papel da família e às suas relações num contexto de comunicação digital, com a preocupação de encontrar bases sólidas, tanto a nível teórico como metodológico, para uma melhor compreensão da problemática em estudo nesta investigação.

O processo de investigação recaiu numa metodologia de inquérito, assente na aplicação de questionários aos alunos e encarregados de educação participantes no estudo e num plano de tratamento estatístico e análise descritiva dos dados obtidos.

Os resultados obtidos nesta investigação mostram que as novas alternativas de comunicação disponibilizadas pela Internet estão a transformar as práticas comunicacionais entre os jovens, especialmente alterações de rotinas e de comportamentos nas relações interpessoais. Este trabalho evidencia que os alunos reconhecem a existência de mudanças tanto em contexto social como familiar e que os encarregados de educação são mais relutantes a admitir alterações de rotinas e de comportamentos dos seus educandos.

Palavras-chave: Internet; Relacionamento Interpessoal; Comunicação

ABSTRACT

Interpersonal relationships on the Internet: a study with students the 3rd Primary School of Alentejo

This thesis focuses on the impact that the use of the Internet has in today's relationships between young people. This empirical study has as target group, pupils of the 3rd cycle of basic education at a school in Alto Alentejo. The goal of this research is to identify the changes in communication as well as to analyze what the pupils are sharing on the Internet. This project also aims to investigate the implications on behaviors and routines of the pupils' interpersonal relationships.

The theoretical basis of this paper approaches the evolution of the Internet in Portugal, since its origin until its most recent applications in social and educational contexts. The importance of interpersonal relationships for the youth will also be the subject of study and it also alludes to the role of the family and their relationships in the context of digital communication. This research study also as the purpose of finding solid foundations both theoretical and methodological for a better understanding of this subject.

The study process was made through a survey methodology, based on questionnaires filled in by the pupils and the parents participating in the study and the statistical and descriptive analysis of the data obtained.

The results obtained through this investigation show that the new ways of communication provided by the Internet are transforming communication practices among young people, especially changes in routines and behaviors regarding interpersonal relationships. This research shows that pupils recognize that there are changes both in family and social context and that the parents are more reluctant to accept the changes in the routines and behaviors of their children.

Keyword: Internet; Interpersonal Relationships; Communication

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|-----------|
| LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS | iv |
| ÍNDICE DE TABELAS | vi |
| ÍNDICE DE FIGURAS | viii |
| ÍNDICE DE GRÁFICOS | x |
| | |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Pertinência do Estudo | 1 |
| Interesse da Investigação | 2 |
| Problemática em Estudo | 4 |
| Sumário da estrutura do texto | 5 |
| CAPÍTULO 1 - A Internet..... | 13 |
| 1.1 Conceito de Internet..... | 13 |
| 1.2 Aparecimento da Internet | 13 |
| 1.3 Evolução da Internet em Portugal | 16 |
| 1.4 O Papel da Internet na Educação | 19 |
| CAPÍTULO 2 – Comunicação..... | 27 |
| 2.1 Conceito de comunicação | 29 |
| 2.2 Evolução da Comunicação | 30 |
| 2.3 A era da telemática e a Sociedade de Informação | 32 |
| 2.3.1 Geração Y- Geração da Internet | 33 |
| 2.4 Comunicação Mediada por Computador | 34 |
| 2.4.1 Ciberespaço- um novo conceito | 37 |
| 2.5 Ferramentas comunicacionais mais importantes | 38 |
| 2.5.1 Correio eletrónico | 39 |
| 2.5.2 Grupos de discussão e notícias (newsgroups) | 40 |
| 2.5.3 A conversação em direto | 40 |

| | |
|--|-----------|
| 2.5.4 As ferramentas integradas de comunicação por texto, som ou imagem..... | 41 |
| 2.5.5 A World Wide Web..... | 42 |
| CAPÍTULO 3- Relações Interpessoais | 45 |
| 3.1 A importância da comunicação nas relações interpessoais | 45 |
| 3.2 A internet como modificadora das relações sociais..... | 58 |
| 3.3 Relação Família–Escola: Utilização da Internet..... | 59 |
| 3.4 Isolamento social | 60 |
| CAPÍTULO 4- Metodologia de investigação | 71 |
| Introdução..... | 71 |
| 4.1 Método de Investigação..... | 72 |
| 4.2 A Amostra | 74 |
| 4.2.1 A escolha da Escola..... | 75 |
| 4.2.2 Caracterização da Escola..... | 75 |
| 4.2.3 Caracterização dos participantes no estudo | 76 |
| 4.3 Instrumento de Recolha de Dados | 77 |
| 4.4. Construção dos questionários | 81 |
| 4.4.1 Focalização dos objetivos da investigação. | 81 |
| 4.4.2 Apresentação clara dos objetivos do questionário..... | 82 |
| 4.4.3- Princípios de construção de questionários | 82 |
| 4.5 Validação dos questionários | 84 |
| 4.6 Estrutura da versão final dos questionários | 89 |
| 4.7 Aplicação dos questionários | 89 |
| 4.8 Procedimentos de tratamento dos dados..... | 89 |
| CAPÍTULO 5- Análise de Resultados | 93 |
| Introdução..... | 93 |
| 5.1 Caracterização da Amostra de respondentes aos questionários..... | 93 |
| 5.2 Experiência na utilização da internet..... | 97 |

| | |
|---|------------|
| 5.3 Rotinas de comunicação e partilha | 104 |
| 5.4 Relacionamentos interpessoais na Internet..... | 107 |
| 5.5 Efeitos das novas formas de relacionamentos | 114 |
| 5.6 Alteração das Rotinas | 161 |
| 5.7 Influência da Internet nas relações (visão dos EE)..... | 181 |
| 5.7.1 Justificações dos EE que garantem que as relações pessoais se mantêm.... | 182 |
| 5.7.2 Justificações dos EE que garantem que as relações pessoais melhoraram.. | 183 |
| 5.7.3 Justificações dos EE que garantem que as relações pessoais se deterioraram | 183 |
| 5.8 Veracidade dos dados publicados na Internet | 184 |
| 5.8.1 Justificações dos Alunos em relação à publicação de dados | 187 |
| 5.9 Conceito de Amizade..... | 188 |
| 5.10 Média de Amigos (Lista de Contactos e Amigos Verdadeiros) | 189 |
| CONCLUSÕES GERAIS | 193 |
| Introdução..... | 193 |
| Conclusões referentes aos objetivos do estudo | 194 |
| Conclusões referentes às perguntas de investigação | 197 |
| Recomendações aos pais e professores | 204 |
| Limitações do estudo | 206 |
| Perspetivas desenvolvimento futuro | 207 |
| BIBLIOGRAFIA | 211 |
| Referências Legislativas | 222 |
| ANEXOS | |
| ANEXO I: Mensagem ao painel de especialistas..... | 225 |
| ANEXO II- Questionário dos Alunos | 227 |
| ANEXO III- Questionário dos Encarregados de Educação | 232 |
| ANEXO IV- Pedido de autorização ao Diretor da Escola onde o estudo foi realizado | 236 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CMC- Comunicação Mediada por Computador

EE- Encarregados de Educação

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1- Vantagens/Potencialidades e Desvantagens/Limitações associadas às novas formas de contato..... | 50 |
| Tabela 2- Caracterização dos participantes no estudo..... | 77 |
| Tabela 3- Quadro conceptual de dados..... | 81 |
| Tabela 4- Caracterização do perfil do painel de especialistas..... | 85 |
| Tabela 5- Resumo das sugestões propostas pelos especialistas..... | 88 |
| Tabela 6- Perfil dos alunos que realizaram o teste piloto..... | 88 |
| Tabela 7- Rotinas de Relacionamento (Alunos e EE) (%)..... | 202 |
| Tabela 8- Média dos Amigos..... | 204 |

INDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1- Utilizadores da Internet em Portugal 2009 (%) | 17 |
| Figura 2- Utilizadores de Internet em Portugal 2009 (%) | 18 |
| Figura 3- Evolução dos utilizadores de Internet, por idade (%) | 18 |
| Figura 4- Utilizadores de Internet móvel em cada categoria etária (%) | 18 |
| Figura 5- Esquema do processo de comunicação | 29 |
| Figura 6- Janela de <i>Johari</i> | 47 |
| Figura 8- Vista da escola Pública Hortênsia de Castro | 76 |
| Figura 7- Campo de Futebol da Escola Pública Hortênsia de Castro | 76 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1- Número de Alunos Inquiridos..... | 93 |
| Gráfico 2- Número de Encarregados de Educação inquiridos | 94 |
| Gráfico 3- Alunos por género | 94 |
| Gráfico 4- Sexo dos EE | 95 |
| Gráfico 5- Média da Idade dos alunos..... | 95 |
| Gráfico 6- Média da idade dos EE..... | 96 |
| Gráfico 7- Habilitações dos EE | 96 |
| Gráfico 8- Utilização da Internet por anos de escolaridade..... | 97 |
| Gráfico 9- Frequência de utilização da Internet | 98 |
| Gráfico 10- Frequência de utilização da Internet, segundo os EE..... | 99 |
| Gráfico 11- Média de horas de utilização da Internet- Alunos..... | 100 |
| Gráfico 12- Internet em casa (%)- EE | 101 |
| Gráfico 13- Média de horas de utilização da Internet (%)- EE | 101 |
| Gráfico 14- Estudo comparativo de utilização da Internet (alunos e EE) | 102 |
| Gráfico 15- Local de acesso à Internet | 103 |
| Gráfico 16- Seis atividades frequentes na Internet (%)- Alunos | 104 |
| Gráfico 17- - Seis atividades frequentes na Internet (%)- EE | 105 |
| Gráfico 18- Estudo comparativo das seis atividades mais frequentes na Internet (%)- Alunos e EE..... | 106 |
| Gráfico 19- Utilização da Internet para comunicar (%)- Alunos | 107 |
| Gráfico 20- Utilização da Internet para comunicar (%)- EE | 109 |
| Gráfico 21- Estudo comparativo da utilização da Internet para comunicar (%)- Alunos e EE | 110 |
| Gráfico 22- Atividades que os alunos realizam com quem conhecem (%)..... | 111 |
| Gráfico 23- Atividades que os alunos realizam com quem não conhecem (%)..... | 112 |
| Gráfico 24- Atividades na Internet- Total de Alunos inquiridos (%)..... | 113 |
| Gráfico 25- Diminuir a Distância (%)- Alunos | 115 |
| Gráfico 26- - Diminuir a Distância (%)- EE..... | 115 |
| Gráfico 27- Diminuir a distância- Estudo comparativo (%) (Alunos e EE)..... | 116 |
| Gráfico 28- Facilitar o contato (%)- Alunos..... | 117 |
| Gráfico 29- Facilitar o contato (%)- EE | 117 |
| Gráfico 30- Facilitar o contato (%)- Estudo comparativo (Alunos e EE) | 118 |

| | |
|---|-----|
| Gráfico 31- Aumentar Lista de contatos- Alunos (%)..... | 119 |
| Gráfico 32- Aumentar Lista de Contatos- EE (%) | 119 |
| Gráfico 33- Aumentar Lista de Contatos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) ... | 120 |
| Gráfico 34- Alargar Horizontes- Alunos (%)..... | 121 |
| Gráfico 35- Alargar Horizontes- EE (%)..... | 121 |
| Gráfico 36- Alargar Horizontes- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 122 |
| Gráfico 37- Partilhar Ideias/Experiências- Alunos (%)..... | 122 |
| Gráfico 38- Partilhar Ideias/ Experiências- EE (%) | 123 |
| Gráfico 39- Partilhar Ideias/ Experiências- Estudo comparativo (Alunos e EE) (%) .. | 123 |
| Gráfico 40- Mais Tempo para Atividades de Lazer- Alunos (%) | 124 |
| Gráfico 41-Mais Tempo para Atividades de Lazer- EE (%)..... | 125 |
| Gráfico 42- Novos Amigos - Alunos (%)..... | 126 |
| Gráfico 43- Novos Amigos - EE (%) | 126 |
| Gráfico 44- Novos Amigos - Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 127 |
| Gráfico 45- Aceitação- Alunos (%)..... | 128 |
| Gráfico 46- Aceitação- EE (%) | 128 |
| Gráfico 47- Aceitação- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 129 |
| Gráfico 48- Dependência por uso excessivo da Internet- Alunos (%) | 130 |
| Gráfico 49- Dependência por uso excessivo da Internet - EE (%)..... | 130 |
| Gráfico 50- Dependência por uso excessivo da Internet - Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 131 |
| Gráfico 51- Procurar Apoio- Alunos (%)..... | 132 |
| Gráfico 52- Procurar Apoio- EE (%)..... | 132 |
| Gráfico 53- Procurar Apoio- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 133 |
| Gráfico 54- Conseguir mais Atenção- Alunos (%) | 134 |
| Gráfico 55- Conseguir mais Atenção- EE (%) | 134 |
| Gráfico 56- Conseguir mais Atenção- Estudo comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 135 |
| Gráfico 57- Autopromoção- Alunos (%)..... | 136 |
| Gráfico 58- Autopromoção- EE (%) | 136 |
| Gráfico 59- Autopromoção- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 137 |
| Gráfico 60- Deprimido(a)- Alunos (%)..... | 138 |
| Gráfico 61- Deprimido(a)- EE (%)..... | 138 |
| Gráfico 62- Deprimido(a)- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 139 |
| Gráfico 63- Isolamento- Alunos (%)..... | 140 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico 64- Isolamento- EE (%)..... | 140 |
| Gráfico 65- Isolamento- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 141 |
| Gráfico 66- Sentir mais Acompanhado- Alunos (%) | 142 |
| Gráfico 67- Sentir mais Acompanhado- EE (%)..... | 142 |
| Gráfico 68- Sentir mais Acompanhado- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 143 |
| Gráfico 69- Mais Popular- Alunos (%) | 143 |
| Gráfico 70- Mais Popular- EE (%)..... | 144 |
| Gráfico 71- Mais Popular- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 145 |
| Gráfico 72- Maior Desinibição- Alunos (%)..... | 145 |
| Gráfico 73- Maior Desinibição- EE (%)..... | 146 |
| Gráfico 74- Maior Desinibição- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 147 |
| Gráfico 75- Conhecer melhor os Contatos- Alunos (%) | 147 |
| Gráfico 76- Conhecer melhor os Contatos- EE (%)..... | 148 |
| Gráfico 77- Conhecer melhor os Contatos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) . | 148 |
| Gráfico 78- Aumentar Encontros Presenciais- Alunos (%) | 149 |
| Gráfico 79- Aumentar Encontros Presenciais- EE (%)..... | 150 |
| Gráfico 80- Aumentar Encontros Presenciais- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 150 |
| Gráfico 81- Fortalecer Amizades Existentes- Alunos (%) | 151 |
| Gráfico 82- Fortalecer Amizades Existentes- EE (%)..... | 152 |
| Gráfico 83- Fortalecer Amizades Existentes- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 152 |
| Gráfico 84- Maior Cumplicidade- Alunos (%) | 153 |
| Gráfico 85- Maior Cumplicidade- EE (%) | 153 |
| Gráfico 86- Maior Cumplicidade- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 154 |
| Gráfico 87- Diminuir Zangas e Conflitos- Alunos (%)..... | 155 |
| Gráfico 88- Diminuir Zangas e Conflitos- EE (%)..... | 156 |
| Gráfico 89- Diminuir Zangas e Conflitos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)... | 156 |
| Gráfico 90- Manter Relacionamentos Amorosos- Alunos (%) | 157 |
| Gráfico 91- Manter Relacionamentos Amorosos- EE (%)..... | 157 |
| Gráfico 92- Manter Relacionamentos Amorosos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 158 |
| Gráfico 93- Relações Virtuais- Alunos (%) | 159 |
| Gráfico 94- Relações Virtuais-EE (%) | 160 |

| | |
|---|-----|
| Gráfico 95- Relações Virtuais- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 160 |
| Gráfico 96- Convívio Social- Alunos (%)..... | 161 |
| Gráfico 97- Convívio Social- EE (%) | 162 |
| Gráfico 98- Convívio Social- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 163 |
| Gráfico 99- Participação nas Atividades de Lazer- Alunos (%) | 163 |
| Gráfico 100- Participação nas Atividades de Lazer- EE (%) | 164 |
| Gráfico 101- Participação nas Atividades de Lazer- estudo comparativo (Alunos e EE) (%) | 165 |
| Gráfico 102- Convívio com os Familiares- Alunos (%)..... | 165 |
| Gráfico 103- Convívio com os Familiares- EE(%) | 166 |
| Gráfico 104- Convívio com os Familiares- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) . | 167 |
| Gráfico 105- Cumprimento dos Horários Familiares- Alunos (%)..... | 167 |
| Gráfico 106- Cumprimento dos Horários Familiares- EE (%)..... | 168 |
| Gráfico 107- Cumprimento dos Horários Familiares- estudo comparativo (Alunos e EE) (%) | 168 |
| Gráfico 108- Freq. com que se fecha no Quarto- Alunos (%)..... | 169 |
| Gráfico 109- Freq. com que se fecha no Quarto- EE (%) | 170 |
| Gráfico 110- Freq. com que se fecha no Quarto- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 170 |
| Gráfico 111- Utilização do Telemóvel- Alunos (%)..... | 171 |
| Gráfico 112- - Utilização do Telemóvel - EE (%)..... | 172 |
| Gráfico 113- - Utilização do Telemóvel - Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%).... | 172 |
| Gráfico 114- Descanso noturno- Alunos (%) | 173 |
| Gráfico 115- Descanso noturno- EE (%)..... | 173 |
| Gráfico 116- Descanso noturno- Estudo Comparativo (alunos e EE) (%)..... | 174 |
| Gráfico 117- Leitura- Alunos (%) | 175 |
| Gráfico 118- Leitura- EE (%)..... | 175 |
| Gráfico 119- Leitura- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 176 |
| Gráfico 120- Atividade Física- Alunos (%) | 176 |
| Gráfico 121- - Atividade Física- EE (%)..... | 177 |
| Gráfico 122- - Atividade Física- Estudo Comparativo (Alunos ee EE) (%)..... | 177 |
| Gráfico 123- Estudo- Alunos (%)..... | 178 |
| Gráfico 124- Estudo- EE (%) | 179 |
| Gráfico 125- Estudo- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%) | 179 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico 126- Ansiedade- Alunos (%)..... | 180 |
| Gráfico 127- Ansiedade- EE (%)..... | 180 |
| Gráfico 128- Ansiedade- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)..... | 181 |
| Gráfico 129- Influência da Internet nas Relações- visão dos EE | 182 |
| Gráfico 130- Justificações dos EE que acreditam que a Internet mantém as relações interpessoais | 182 |
| Gráfico 131- Justificações dos EE que acreditam que a Internet melhorou as relações interpessoais | 183 |
| Gráfico 132- Justificação dos EE que acreditam que a Internet deteriorou as relações interpessoais | 183 |
| Gráfico 133- Veracidade dos dados publicados na Internet- 7º ano (%)..... | 184 |
| Gráfico 134- Veracidade dos dados publicados na Internet- 8º ano (%)..... | 185 |
| Gráfico 135- - Veracidade dos dados publicados na Internet- 9º ano (%) | 185 |
| Gráfico 136- - Veracidade dos dados publicados na Internet-Alunos Inquiridos (%) . | 186 |
| Gráfico 137- Justificações dos Alunos que publicam dados verdadeiros | 187 |
| Gráfico 138- Justificações dos Alunos que manipulam dados | 187 |
| Gráfico 139- Definição de "Amigo Verdadeiro" | 188 |
| Gráfico 140- Média de Amigos na Lista de Contatos e Média de Amigos Verdadeiros- Alunos Inquiridos | 189 |

INTRODUÇÃO

Pertinência do Estudo

Em 2012, a Internet celebrou o seu quadragésimo terceiro aniversário e a *World Wide Web* (também conhecida por *Web* ou WWW) o seu vigésimo terceiro. Desde que surgiu, a Internet e a *Web* reinventaram-se de muitas maneiras e em vários momentos, facilitando inclusivamente o aparecimento de novos padrões e modelos de comunicação. Por isso, a Internet e a *Web*, tal e qual as conhecemos hoje, são resultado de muitas modificações ao longo dos anos.

Depois de muitos avanços na comunicação através de computadores, a grande modificação deu-se com o surgimento da *World Wide Web*. Foi em 1989 que o britânico Tim Berners-Lee (considerado o pai da *Web*), desenvolveu uma linguagem de programação, o *HTML*¹, no laboratório do *CERN*² na Suíça (Bastos, 2000). Foi graças a esta linguagem que se “tornou possível a uniformização de acesso aos conteúdos” (Silva, 2006) e foi a partir desta altura que os documentos passaram a estar ligados entre si através de hiperligações.

Em Portugal, foi na década de 80 que a Internet começou a ser utilizada, mas nos anos 90 esta ferramenta não era acessível a toda a população. Bastos (2000) afirmava que “historicamente, a Internet pode ser considerada um meio elitista, beneficiando sobretudo académicos numa fase inicial, (...)”. Foi só a partir de 1995 que a Internet alcançou mais visibilidade social. O facto do serviço da Internet se ter tornado acessível, favoreceu a possibilidade de acedermos a este serviço na escola, em espaços públicos ou em casa.

Segundo um estudo da Obercom (2012), “Olhar para a Internet e para aquilo que é a relação dos portugueses com a Internet é refletir sobre um complexo processo comunicacional que ocorre a nível global – embora respeitando diferentes particularidades culturais”.

Ainda segundo o estudo da Obercom (2012), a utilização da Internet, por ser uma prática que está inteiramente relacionada com os níveis de literacia de cada utilizador, responde, como foi visto em anos anteriores pela Obercom, fortemente à relação que existe entre a idade e a escolaridade dos inquiridos. Desta forma, neste estudo confirma-

¹ HyperText Markup Language

² European Nuclear Research Organization

se que a utilização de Internet tem uma diminuição à medida que a idade aumenta e a escolaridade diminui

Tal como já aconteceu noutros tempos de transformações sociais, o progresso tecnológico, principalmente no que respeita à comunicação, conduz indiscutivelmente ao desenvolvimento. A invocação deste desenvolvimento tecnológico é, como referem Valentine e Holloway (2001), a promessa de maior rapidez, poder, controlo, conhecimento, prazer e desenvolvimento. De encontro a esta conceção, um dos grandes responsáveis por todas estas alterações contemporâneas é, sem dúvida, resultado da implementação das tecnologias de informação e comunicação otimizadas recentemente: a Internet.

Ainda que o seu surgimento remonte a apenas algumas décadas, na verdade, este meio de comunicação rapidamente se afirmou como um sistema que sustenta uma grande complexidade técnica e social. A Internet é um sistema de dimensões gigantescas que abrange todo o mundo e que tem potencialidades surpreendentes. Fisicamente pode ser definido como um conjunto de interligações voluntárias entre redes. Suporta milhões de documentos, recursos, bases de dados e uma variedade de métodos de comunicação. É com este serviço que surgem novas formas de interação, novas formas de relacionamento, alteração de comportamentos, mudanças de atitude e de rotinas. E é o interesse por essas novas formas de relacionamentos e transformações na forma de socialização dos jovens, viabilizadas pela Internet e pelas consequências do seu uso, que moveram a presente dissertação - *Relação Interpessoais na Internet: um estudo com alunos do 3º ciclo do Ensino Básico do Alentejo*.

Interesse da Investigação

Partimos para esta investigação com a ideia de que este contato, que acontece cada vez mais precocemente com o computador, e em particular com a Internet, tem contribuído para o surgimento de outras formas de socialização e interação conduzindo a uma redefinição dos papéis sociais dos jovens.

Vários autores debruçam-se sobre a questão da utilização das tecnologias da informação e da comunicação pelos jovens. A nível nacional refira-se, por exemplo, os estudos de Paiva (2003), de Freitas (2007) e os estudos apresentados recentemente numa conferência nacional realizada no âmbito do projeto “EU Kids *online*” (<http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>). No que respeita aos contextos de utilização das novas tecnologias de informação e comunicação pelos alunos, segundo um estudo

realizado entre Janeiro de 2005 e Junho de 2006, em 9 países europeus (Mediappro, 2006), incluindo Portugal, a Internet é mais utilizada em casa do que na escola.

Se, por um lado, a televisão é um mecanismo passivo (os jovens podem ver e ouvir, mas não podem interagir), os jogos de vídeo/consolas ou a Internet são dispositivos que facultam uma grande interatividade. Por outro lado, como refere Paul Gee (2007), estamos frente a uma nova noção de literacia ou, pelo menos, diante de um conceito mais abrangente, uma vez que a linguagem escrita não é o único sistema de comunicação.

Atualmente, acreditamos que os jovens estão numa aprendizagem contínua e que esta não se resume exclusivamente ao que aprendem na escola, mas também fora dela. Conole et al. (2008) descrevem o meio que selecionam e ajustam as tecnologias disponíveis às suas necessidades pessoais. De facto, esta realidade levou vários autores, como Oblinger e Oblinger (2005), a distinguir a geração de alunos de hoje das gerações anteriores a 1980, pela forma como conferem a informação e como comunicam. Estes mesmos autores referem que os alunos averiguam as tecnologias com facilidade e que aprendem experimentando. Referem ainda que os alunos preferem receber informação rapidamente e que estão habituados à multitarefa e que conseguem utilizar variadas ferramentas de comunicação. Tem também sido associado que a forma como os jovens exploram as novas tecnologias de informação e comunicação promove o desenvolvimento de competências de multitarefa, de memória, de orientação espacial e de comunicação (Redecker, 2008).

A criação da escrita foi de facto, uma das grandes mudanças pelas quais a nossa sociedade passou. Sócrates (470 a.C) considerava que *"se os homens aprendem a escrita, o esquecimento será implantado nas suas almas. Deixarão de exercitar a memória porque confiarão no que está escrito, dando a palavra a palavras que não podem falar em sua própria defesa ou apresentar a verdade de forma adequada"*. Segundo Briggs e Burke (2006), as novas formas de comunicação seguem sempre um padrão análogo, independentemente de se tratar da televisão (sujeito passivo) ou a Internet (que permite a interatividade). Ao contrário de outros meios de comunicação, em que o espectador é passivo, o computador com recurso à Internet, propicia a atividade do sujeito no sentido deste poder interagir.

Os nativos digitais, termo usado por Marc Prensky (2001) para se referir aos jovens que nasceram nas últimas décadas do século XX, apresentam-se completamente à vontade

frente a tais desafios, uma vez que convivem diariamente com diversas tecnologias e estas são manipuladas no seu dia-a-dia.

Segundo Eliane Schlemmer (2006), muitos de nós eventualmente correspondem à geração "não mexer que estraga". No entanto, as gerações mais recentes são gerações em que "para se poder aprender, tem de se mexer". Internet, correio eletrónico, blogues, *fotoblogs*, *chats*, fóruns, *Wikipedia*, *Google*, *MSN*, *Twiter*, *Myspace*, *Facebook*, entre outras redes sociais, e tantas outras ferramentas que fazem parte do mundo digital, não exigiram das novas gerações nenhum curso específico ou formação formal, o seu convívio dá-se naturalmente.

Os jovens aprendem tudo de forma interativa e bastante intuitiva (embora nem sempre com o rigor desejável nem da forma mais adequada), questionando os amigos (virtuais ou não) ou pesquisam como se utiliza esta ou aquela aplicação informática ou até mesmo um serviço disponibilizado na Internet.

Hoje em dia, estar *online* é para muitos adolescentes uma condição imperativa de integração social e, conseqüentemente, de promoção de sucesso entre o grupo ou o universo de amizades e de convivência. Assim, uma vez que os meios tradicionais (a televisão, por exemplo) têm sido desprezados em relação à utilização da Internet, faz todo o sentido tentar perceber o impacto que esta assume nos jovens ao nível dos seus comportamento, atitudes e relacionamentos. Faz ainda mais sentido quando consideramos fatores determinantes como a autoestima, a aceitação por parte dos outros, a autopromoção, entre muitos outros, aspetos fulcrais que passam cada vez mais por esta nova forma de socialização que é a Internet.

Assim, acreditamos na ideia de que a Internet está de facto a alterar os mundos sociais dos jovens, na medida em que influencia a sua forma de comunicar ou até mesmo de criar e conservar relacionamentos com outros jovens.

Problemática em Estudo

A problemática que pretendemos estudar prende-se com as relações estabelecidas entre Internet e os alunos/jovens, especialmente ao nível dos seus comportamentos, atitudes e rotinas, não só na perspectiva dos alunos, mas também dos respetivos Encarregados de Educação. Pretendemos investigar através do levantamento de opiniões por parte dos alunos, quais as rotinas de comunicação, partilha e relacionamento destes jovens na Internet, verificar se existia manipulação por parte destes no que respeita à sua identidade. Junto da nossa amostra procuramos também averiguar se existem

consequências destas novas formas de comunicação para os alunos, identificá-las e, finalmente, tentar perceber qual o verdadeiro conceito que estes jovens têm acerca da amizade. Estas questões serão feitas aos respetivos Encarregados de Educação e, na perspetiva dos pais procuramos saber se estes detêm conhecimento acerca da utilização que os jovens fazem da Internet, e do impacto que a utilização deste serviço tem no quotidiano dos seus educandos, confrontando *a posteriori* os resultados obtidos por ambas as partes estudadas.

Como acabamos de referir, o problema de investigação que esteve na base da investigação que levamos a cabo foi o estudo do impacto que a Internet tem nas relações interpessoais dos jovens. Neste sentido, esta problemática será abordada considerando os seguintes objetivos de investigação:

- Analisar os tipos de utilização que os jovens fazem das ferramentas comunicacionais disponíveis na Internet;
- Verificar se a utilização destas novas ferramentas de comunicação alteram o relacionamento familiar ou social;
- Analisar a importância dada pelo jovem à utilização destes meios de comunicação em contexto social;
- Analisar a possibilidade de manipulação de identidade nos dados publicados na Internet e ficar a conhecer as suas razões;
- Comparar sempre que possível as opiniões dos alunos com as dos respetivos Encarregados de Educação dentro de cada nível de ensino

Sumário da estrutura do texto

O primeiro capítulo propõe uma abordagem ao aparecimento da Internet. Numa primeira parte, desenvolvemos o conceito de Internet e o seu aparecimento, segundo vários autores que têm estudado este tema, no sentido de conseguirmos uma melhor sustentação teórica para esta investigação. Numa segunda parte, referimos a evolução da Internet em Portugal, nomeadamente, o papel que esta assume na Educação, fazendo referência aos vários projetos nacionais na área de educação que visaram impulsionar o uso destas ferramentas por partes dos jovens alunos.

No segundo capítulo, por sua vez, apresentamos a evolução da comunicação desde os seus primórdios até aos dias de hoje, fazendo referências aos marcos mais importantes da sua evolução. A segunda parte deste capítulo é dedicada ao processo da

comunicação, que será abordado com base em estudos que se debruçaram sobre esta temática, fazendo referência inevitavelmente à comunicação mediada por computador. Neste capítulo abordamos ainda as ferramentas comunicacionais mais importantes e que segundo os mesmos estudos são consideradas as mais utilizadas pelos jovens.

No terceiro capítulo deste trabalho refletimos essencialmente sobre as relações interpessoais e abordamos a importância que a comunicação assume nas relações interpessoais. Tentamos estudar as vantagens/potencialidades e desvantagens/limitações associadas a uma comunicação mediada por computador. A segunda parte deste capítulo é dedicada ao estudo da Internet como modificadora das relações sociais, sustentada em vários autores. Uma vez que este estudo também é caracterizado pelo confronto de opiniões entre os alunos e os seus Encarregados de Educação, numa terceira parte deste capítulo abordaremos o papel que a família tem na utilização da Internet por parte dos jovens e, finalmente, consagramos uma parte deste capítulo à reflexão sobre o isolamento social, destacando as opiniões de vários autores sobre este tema.

No quarto capítulo dirigimos o olhar para a metodologia empregue na realização desta investigação. Optámos pela elaboração e aplicação de questionários, sendo esta a técnica julgada a mais apropriada para ser aplicada numa escala mais abrangente, tal como afirma Ghiglione e Matalon (1993). Os dados recolhidos serão devidamente tratados e representados graficamente, fazendo uma análise detalhada e rigorosa dos valores apresentados. Sempre que pertinente, será realizada uma análise comparativa das respostas obtidas pelos alunos e pelos respetivos Encarregados de Educação.

No quinto e último capítulo deste estudo, analisamos os dados obtidos junto dos adolescentes e dos respetivos Encarregados de Educação. Procurámos explorar as várias dimensões do uso da Internet por parte dos jovens, analisar comportamentos, atitudes e rotinas, comparando paralelamente com a opinião dos Encarregados de Educação, e tentar compreender em que medida a Internet afeta o relacionamento social dos jovens e a noção que os pais têm deste fenómeno e da importância deste na vida social dos respetivos educandos.

Encontram-se assim definidas as diretrizes desta investigação, que se propõe conhecer as possíveis alterações que a Internet provoca nos jovens em termos sociais, não só na perspetiva dos alunos, mas inclusive através do olhar dos seus pais.

PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

CAPÍTULO 1 - A Internet

1.1 Conceito de Internet

Segundo afirma Castells (2000), a “Internet não é o futuro, é o presente. A Internet é um meio totalmente abrangente, que interage com o conjunto da sociedade e, por isso, apesar de tão recente na sua forma societal como se sabe, a Internet foi-se esboçando, nos últimos 31 anos, a partir de 1969”. (p.221)

A Internet assume uma dupla funcionalidade no nosso quotidiano. Não se restringe apenas ao facto de ser uma tecnologia de acesso e fornecimento de informação, é também uma tecnologia social, onde permite que milhões de utilizadores possam interagir entre si, criando assim outras novas formas de organização social e consequentemente novas formas de sociabilidade.

Segundo Castells (2004), a Internet é efetivamente considerada uma tecnologia de carácter inovador e, sendo a Internet caracterizada por uma rede de redes de computadores aptos para comunicar entre si, esta tecnologia é muito mais do que uma tecnologia, é de facto um meio de comunicação, de interação e de organização social.

1.2 Aparecimento da Internet

Pode dizer-se que a Internet teve a sua origem precisamente em 1969, quando a *ARPA*³, criada pelo Presidente *Eisenhower* e subsidiada pelo Departamento de Defesa do Governo dos Estados Unidos da América, criou uma rede experimental, designada *ARPAnet*. Por esta altura era apenas formada por quatro computadores, com a pretensão de trocar informação (Almeida, 1997; Pedersen & Moss, 1997; Hudson, 1997).

Castells (2004), refere que a Internet resulta de uma combinação entre a ciência, a investigação universitária, os programas de investigação militar nos Estados Unidos e a contracultura radical libertária. Assim, neste contexto, Castells diz ainda que o programa da Internet resulta como programa de investigação sem ter tido alguma aplicação militar. Segundo a opinião deste autor, não existiu rigorosamente nenhuma aplicação militar da Internet, o que houve, foi financiamento militar, que foi aplicado pelos cientistas nas suas investigações e nos seus estudos informáticos e na criação de redes tecnológicas.

³ Advanced Research Projects Agency

No início da história desta rede complexa, os investigadores que na altura tinham ajudado os militares norte-americanos a traçarem a primeira rede, colocaram a hipótese de a utilizarem sem fins militares. Como afirma Hudson (1997), “*a lot of the traffic flowing along the tiny Net soon had less to do with the research the military was interested in and more to do with whatever it was the researchers themselves were working on at the time*”. (p.18) Foi então que o Pentágono teve de ceder parte da infraestrutura desta primeira rede e, assim construiu-se uma rede mais ampla, que dava a oportunidade aos cientistas e investigadores de poderem efetuar comunicação entre si, partindo de um grande número de computadores instalados em várias universidades. Foi exatamente a partir desta altura, que esta rede desenvolve a sua parte civil e passa assim a ser utilizada para fins de investigação científica, tecnológica, *etc.* Depois de algumas instituições de ensino superior terem aderido a este projeto, o sucesso é de tal forma que segundo Kennedy (1996), em 1973, a rede incluiu o *University College* de Londres e o *Royal Radar Establishment* da Noruega.

Segundo Castells, (2004), quando os investigadores entenderam que conseguiam ter uma capacidade de processamento informático superior àquele que efetivamente era preciso, ambicionaram descobrir mais aplicações. Foi com esta intenção que trocaram diversas mensagens entre si, tomando consciência que tinham criado aquilo que procuravam, ou seja, o chamado correio eletrónico, definido por Hudson (1997) como “*the most personal form of human communication*” (p. 21), e o intercâmbio de programas FTP⁴. Sempre com o objetivo de se conseguir retirar o benefício máximo desta nova tecnologia. Segundo Kennedy (1996), “*os anos 70 assistiram à introdução do correio eletrónico, do FTP, da Telnet e do que, mais tarde, viria a transformar-se nos newsgroups da Usenet*”(p.270). Segundo Almeida (1997), foi, pois, através da *ARPAnet*⁵ que se deu origem à Internet. Pode-se dizer que o correio eletrónico é uma aplicação que foi descoberta praticamente por acaso e que a partir dos anos 70 se converteu naquela que era a principal utilização da Internet. (Castells, 2004b)

4 File Transfer Protocol

5 ARPAnet- Conjunto de canais de comunicação eletrónica onde circulavam pacotes de dados

Nos primeiros anos da década 80 surgiu o conceito protocolo *TCP/IP*⁶, que é o nome do protocolo que designa um agregado de mais de 100 protocolos, usados para ligar entre si várias tipologias de computadores e redes (Kennedy, 1996; Almeida, 1997; Silva & Remoaldo, 1995). Foi 1983 que surgiu a verdadeira Internet já com a introdução dos protocolos *TCP/IP*, na *ARPAnet*, da qual se separou a componente militar, formando a *MILnet* (Pedersen & Moss, 1997) e com a fundação da *CSnet*⁷ que se ligou à *ARPAnet*.

Ainda, nos anos 80, o número de redes aumentou consideravelmente e, entre 1984 a 1988, o número de computadores existentes na Internet passou, segundo Kennedy (1996), de 1000 para 60000, tendo a *NSFnet* aumentado a sua capacidade de 56kbps para 1544kbps: “a *NSFnet* tornou-se muito popular. Como toda a gente, nas escolas e na administração pública, queria entrar para a rede, tornou-se necessário acrescentar mais computadores e mais cabos de ligação. Simplesmente, em vez de se aumentar o número de computadores ligados à rede de supercomputadores, foram criadas outras redes e estas, ligadas entre si. A todas estas redes interligadas chamou-se uma *INTERNET-NETWORK*”.(Almeida, 1997, p.28-29).

De acordo com Almeida (1997), “a banalização da Internet só veio a acontecer depois de Tim Berners Lee, um investigador nuclear do *CERN*⁸, ter apresentado, em 1989, um projeto provisório de um sistema de acesso a informação a nível mundial, baseado em hipertexto e assente sobre a Internet. Estava criada a *World Wide Web*”(p.4-5). Este investigador inglês, inventou a *World Wide Web* (WWW) e o primeiro *browser*, um programa que tinha a capacidade de poder descodificar a linguagem de hipertexto *HTML*⁹.

A Internet, tal como a conhecemos atualmente, tornou-se possível com o protocolo de transferência de ficheiros criado por Lee, o célebre *HTTP*¹⁰, baseado na linguagem *HTML*, que dá a possibilidade de cada documento possuir *hiperlinks*, para poder ter acesso a mais informação sobre o conteúdo em questão. No fundo, trata-se de ligações de hipertexto a outros documentos, também estes no formato *HTML*. A definição de

⁶ Transmission Control Protocol/Internet Protocol

⁷ Computer Science Network

⁸ Centre Européen de Recherche Nucléaire

⁹ Hypertext Markup Language

¹⁰ Hypertext Transfer Protocol

hipertexto está patente na base da *World Wide Web*. Trata-se de permitir a passagem de um documento para outra secção desse documento, ou para outro, através de *links*. No caso *dos links*, ou hiperligações, esta ideia é baseada no mesmo conceito, mas desta vez com o objetivo de permitir o acesso a documentos exteriores ao computador, localizados numa rede, através do seu *URL*¹¹ correspondente. Desta forma, ao ler um documento, podemos eventualmente encontrar hiperligações que nos encaminham para outros documentos.

Os computadores tornaram-se omnipresentes no nosso dia-a-dia e permitem-nos, nas palavras de Postman (1992), “*bloquear o mundo real e movermo-nos através de um mundo simulado, tridimensional*” (p.106).

1.3 Evolução da Internet em Portugal

Inicialmente na década de 90, em Portugal, apenas um grupo muito restrito de pessoas, não ultrapassando algumas centenas de pessoas, na comunidade académica e científica, faziam um uso regular da Internet. Em 1995 deu-se o mais rápido crescimento deste fenómeno em Portugal, que ganha mais visibilidade social com a criação de *sites* de alguns órgãos de comunicação social, como por exemplo o Público, o Jornal de Notícias, a Rádio Comercial ou até mesmo a TVI.

No ano de 1996, de acordo com um estudo da Marktest, publicado no jornal Público (12/Março/1997), contavam-se apenas cerca de 40 mil utilizadores da Internet. Passados dois anos, a taxa de utilização da Internet a nível doméstico era de 15% e o número de utilizadores nesta altura alcançava já o meio milhão. Estes indivíduos viviam principalmente nos grandes centros, pertencendo às classes sociais mais altas.

Foi então que a Internet começou a alargar os seus domínios, inicialmente através das universidades e dos Centros de ID (Investigação e Desenvolvimento) e posteriormente com a ligação à rede de um número cada mais crescente de várias empresas.

A partir desta altura a propagação da Rede registou um aumento significativo, sendo que no ano 2000, dos 53% de utilizadores de computadores 23% possuíam acesso à Internet. O Instituto de Comunicações de Portugal, por esta altura, fazia a estimativa de que existiam 1,3 milhões de utilizadores. No ano de 2001, de acordo com o então Ministro da Ciência e Tecnologia liderado pelo Professor Mariano Gago, a taxa de

¹¹ uniform resource locator

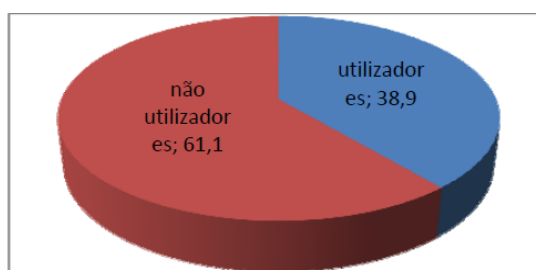
utilização da Rede era já de 30% e, na faixa etária dos 15 aos 20 anos, a Internet era utilizada por 85% dos nossos jovens. Segundo a Autoridade de Comunicações, no final do ano de 2002 o número de utilizadores já ultrapassava os 4,4 milhões.

Segundo o estudo efetuado pela Obercom (2009) em parceria com o Sapo, o número de utilizadores de Internet continua em alta em Portugal. No que diz respeito ao local de acesso, Portugal afirma-se como uma sociedade em rede de matriz familiar.

Em 2009 também se verificou a consolidação da tendência para a mobilidade: mais de metade dos inquiridos (52,7%) acede à rede através de dispositivos móveis (computadores portáteis ou telemóvel).

O progresso registado entre os dados obtidos em 2006 e os de 2009 aponta para um aumento da utilização da Internet em todas as suas vertentes e possibilidades de utilização. Assim, 41,3% dos internautas que são estudantes afirmam usar a Internet para procurar informação para a escola/universidade numa base diária.

Em relação ao nosso país, a percentagem de utilizadores passou de cerca de 29% em 2003 para 35,7% em 2006 e para 38,9% em 2009, de acordo com os dados obtidos no estudo em questão, e nas suas edições anteriores.



Fonte: WIP Portugal 2009 (n=1038)

Figura 1- Utilizadores da Internet em Portugal 2009 (%)

Em termos Europeus, de acordo com o Eurostat, verificou-se que Portugal se encontra abaixo da média da UE15, que rondava, em 2008, cerca de 66% de utilizadores de Internet.

A percentagem de utilizadores registada em Portugal iguala a de Itália (também com 42%), ficando, no entanto, relativamente abaixo dos níveis registados em Espanha (57%), ou em França (68%).

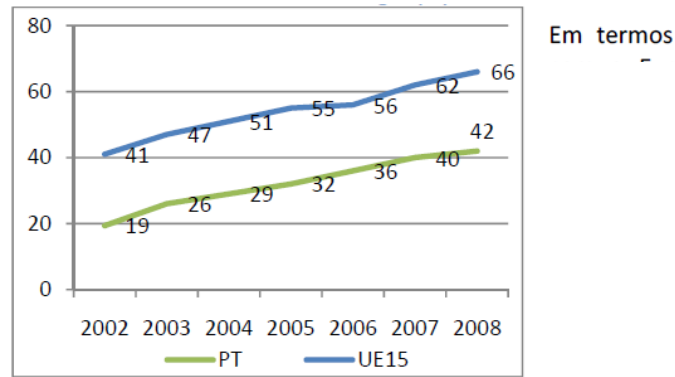


Figura 2- Utilizadores de Internet em Portugal 2009 (%)

Em relação á faixa etária, a utilização da Internet nas várias categorias etárias tende a diminuir à medida que aumenta a idade, chegando a 90,9% dos jovens com idades entre os 15 e os 18 anos em 2009.

Evolução dos Utilizadores de Internet, por idade (%)

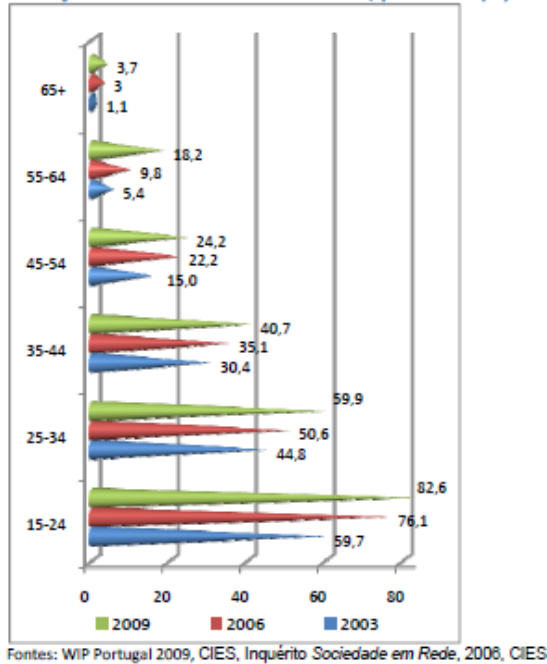
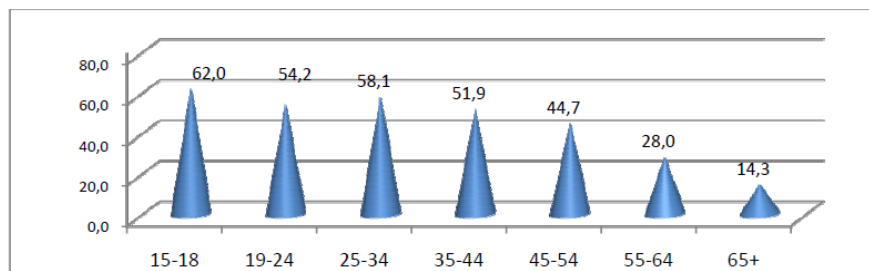


Figura 3- Evolução dos utilizadores de Internet, por idade (%)



Fonte: WIP Portugal 2009
(n=404 – utilizadores de Internet)

Figura 4- Utilizadores de Internet móvel em cada categoria etária (%)

Mais recentemente, segundo o *site* da *Internet World Stats*, entre 2000 e 2011 o número de utilizadores da Internet cresceu mais de 480%, alcançando em 2011 uma penetração de 30,2% na população mundial e 58,3% na Europa. Portugal, com 5.168.800 utilizadores regista uma penetração de 48%.

Apesar de mais de metade dos lares (57%) já terem acesso à Internet em Portugal, segundo dados da União Europeia- Eurostat, 41% Portugueses entre os 16 e 74 anos nunca usaram esta nova tecnologia.

A Internet assumiu um papel bastante importante na sociedade em que estamos inseridos, a ponto de instituir, como Dominique Wolton (1999) afirma, “*um símbolo de liberdade e de capacidade para dominar o tempo e o espaço*”, “*uma dimensão de comunicação livre, um espaço de liberdade em relação a todos os constrangimentos que sufocam os meios de comunicação social clássicos*” (p.92), não só pela facilidade que apresenta, mas também pela sua rapidez e universalidade que conferem uma sensação de liberdade plena.

1.4 O Papel da Internet na Educação

A Internet, pela capacidade de concentração de informação, tem concebido práticas que admitem mudanças expressivas na forma como se aprende, nomeadamente na sala de aula.

Um acesso melhor e mais eficiente às tecnologias no campo educativo conduz indiscutivelmente ao desenvolvimento do potencial dos alunos. No fundo, pretende-se formar pessoas capazes de integrarem esta sociedade: a Sociedade da Informação.

A par do seu papel de fonte de informação, a Internet tem vindo a atingir cada vez mais notoriedade na área da Educação, tendo esta área recebido um cuidado especial das políticas públicas nos últimos anos, através de estímulos apelando à utilização de computadores e da Internet nas escolas.

Existiram vários projetos na área da educação que visaram impulsionar o uso destas ferramentas como recursos didáticos e instrumentos importantes no desenvolvimento dos conteúdos curriculares. O principal projeto, designava-se por MINERVA, considerado como: “*o primeiro e mais relevante programa de âmbito nacional*”

organizado em Portugal para a introdução das tecnologias da informação e comunicação no ensino básico e secundário" (RAPM, 1994, p.37)

Este projeto foi lançado nos finais de 1985 com a finalidade de conduzir à *"introdução, de forma racionalizada, dos meios informáticos no ensino não superior, num esforço que permita valorizar ativamente o sistema educativo em todas as suas componentes e que suporte uma dinâmica permanente de avaliação e atualização de soluções"* (Despacho nº206/ME/85 de 15/11)

O Projeto Minerva - **Meios Informáticos No Ensino: Racionalização, Valorização, Atualização**, tinha como papel primordial, implementar os meios informáticos no campo educativo. Este projeto não conseguiu resolver todas as lacunas existentes na introdução das novas tecnologias no ensino, de qualquer forma, foi capaz de introduzir as bases para novos desenvolvimentos a nível tecnológico nas nossas escolas. (Silva, 2001)

Em 1986, o Estado português, na linha do regime democrático vigente, saído da Revolução de Abril de 74 e da posterior integração de Portugal na Comunidade Europeia, arriscava-se a mudar a ideia centralizadora com a realização de uma reforma global do sistema educativo, desígnio expresso em resolução do Conselho de Ministros (nº 8/86, de 22/01): *"... urge atacar frontal e decididamente as causas profundas que estão na raiz dos principais problemas que vêm, cronicamente, sendo identificados, o que implica uma reforma global e coerente das estruturas, métodos e conteúdos do sistema"*. (Resolução do Conselho de Ministros nº 8/86 de 22 de Janeiro)

Foram muitos os estudos realizados, que identificavam a utilização de novos os recursos didáticos. No entanto, no Decreto Lei nº 286/89 (de 29/8) sobre a reorganização dos planos curriculares reafirma-se (no artº 12) que *"para a realização da reforma curricular, as escolas devem dispor de recursos educativos necessários, nomeadamente materiais de apoio escrito e audiovisual, bibliotecas, laboratórios, oficinas e meios informáticos"* e que *"os recursos educativos concentram-se em centros de recursos, de forma a racionalizar a sua utilização pelas escolas"*. (Decreto Lei nº 286/89)

O projeto **EduTIC** foi criado no Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo do Ministério da Educação, em Março de 1996. Foi projetado para funcionar como uma equipa multidisciplinar responsável por desenvolver durante dois anos as seguintes competências: coordenar a rede de Centros de Competência existente e promover o seu alargamento para apoio e cobertura nacional dos agrupamentos de escolas, com vista a uma efetiva integração das TIC nas práticas pedagógicas; dinamizar a rede de escolas ENIS; promover estudos TIC na Educação; promover a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem nas escolas; promover o intercâmbio europeu e internacional no âmbito das TIC na educação, participando, nomeadamente, em projetos europeus, em grupos de trabalho da Comissão Europeia, em projetos de cooperação com os PALOP e em redes internacionais TIC.

O Programa **Sócrates I** - A primeira fase do Programa SÓCRATES tinha como objetivo principal contribuir para o crescimento de uma educação de qualidade. Uma das ações que assumiu maior importância foi a COMENIUS que se destinava a fomentar as parcerias escolares.

Dada a evolução arrebatadora das tecnologias, em 1996 surge um novo projeto, o **Programa Nónio Século XXI**, onde constava uma forte aposta nos domínios das tecnologias multimédia e redes de comunicação.

No Ministério da Ciência e da Tecnologia, por Despacho I Nº 6/MCT/96, de 1 de Julho de 96 foi criado o **Projeto Ciência Viva**, tendo como objetivo apoiar as ações destinadas à promoção da educação científica e tecnológica na nossa sociedade, especialmente nas camadas mais jovens e nos alunos dos ensinos básico e secundário.

Foi criada a **uARTE** – Unidade de Apoio à Rede Telemática Educativa para auxiliar o Programa Internet nas Escolas. Iniciou-se em 1997 e terminou em 2003, e o seu principal objetivo era garantir a instalação de um computador multimédia e disponibilizar um posto Internet em cada escola do ensino básico e secundário.

Em Abril de 1997, o Conselho de Ministros português, constituído pela Missão da Sociedade da Informação do Ministério da Ciência, aprovou o **Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal** que era constituído por algumas medidas de

política. No fundo, a sua intenção era conduzir à execução de planos de ação que apoiassem o aproveitamento da nova revolução da informação assim como das ferramentas que existiam.

O Programa Cidades Digitais foi lançado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia em Fevereiro de 1998. A sua intenção era permitir o acesso das populações às novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Tinha como objetivo impulsionar a Sociedade de Informação a nível regional.

Programa Sócrates II – Trata-se da segunda fase do programa SÓCRATES adotada pela Decisão nº253/2000/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 24 de Janeiro de 2000, abrangendo o período de 1 de Janeiro de 2000 a 31 de Dezembro de 2006. Baseava-se na experiência obtida na primeira fase, com a pretensão de desenvolver os aspetos do programa que tinham tido sucesso, aperfeiçoando e ajustando ações que já existiam e introduzindo algumas inovações.

O Programa Internet@EB1 foi um projeto que fazia o acompanhamento da utilização educativa da Internet nas escolas públicas do 1º ciclo do Ensino Básico do Continente, iniciado em Fevereiro de 2002 pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia. O seu objetivo era promover a realização de ações de acompanhamento pedagógico, realizadas nas próprias escolas do ensino básico, por professores de instituições de ensino superior.

Em 2004 foi criado o **Programa 1000 salas TIC**, tendo como intenção apoiar as escolas no lançamento do ensino obrigatório das TIC nos 9.º e 10.º anos de escolaridade e potenciar a criação de laboratórios de informática.

Com o objetivo de desenvolver a utilização da Internet de uma forma segura foi desenvolvido o **Projeto SeguraNet**.

No programa do XVII Governo estava incluído um programa designado por **Ligar Portugal** que tinha como objetivo mobilizar a sociedade de informação e do conhecimento.

O projeto **CRIE**, criado pelo Ministério da Educação em Julho de 2005, tinha como intenção a instalação de Computadores, Redes e Internet na Escola.

O **Programa e_Learning** tinha como principal intenção aperfeiçoar a qualidade e a acessibilidade dos sistemas europeus de educação e de formação, facilitada por uma constante utilização das tecnologias da informação e comunicação.

O **Plano Tecnológico** foi sem dúvida o pilar para o Crescimento e a Competitividade do Programa Nacional de Ação para o Crescimento e o Emprego. Em Novembro de 2005, o Conselho de Ministros aprovou o documento de referência e compromisso público, propondo a aplicação duma estratégia de crescimento e competitividade assente no conhecimento tecnológico e na inovação. As medidas deste Plano Tecnológico estavam divididas em três Eixos de Ação:

Eixo 1 – Conhecimento - Qualificar os portugueses para a Sociedade do Conhecimento;

Eixo 2 – Tecnologia - Vencer o atraso científico e tecnológico;

Eixo 3 – Inovação - Imprimir um novo impulso à inovação.

O **Programa Aprendizagem ao Longo da Vida** foi assinado pelos Presidentes do Parlamento Europeu e do Conselho em Novembro de 2006. Este programa veio substituir o anterior Programa SOCRATES, que vigorou até 2007. O Programa visava impulsionar os intercâmbios, a cooperação e a mobilidade entre os vários sistemas de ensino e formação na Comunidade.

O **Programa Operacional Potencial Humano (POPH)**, documento programático que delimita a aplicação da política comunitária de coesão económica e social em Portugal no período 2007-2013. O POPH era um programa dirigido para o cumprimento de objetivos bastante exigentes.

Programa e.escola, e.professor e e.opportunidades

O programa e.escola, que começou em Setembro de 2007, permitia a todos os alunos que se matriculassem no 10º ano a aquisição de computadores com acesso à Internet de banda larga, a preços extraordinariamente acessíveis

O programa e.professor que teve também início em Setembro de 2007, garantia a todos os professores do ensino básico e secundário um computador portátil e o acesso banda larga.

O programa e.oportunidades, teve início em Junho de 2007 para os trabalhadores em formação no âmbito das Novas Oportunidades e permitia através de uma entrada inicial de 150 euros e uma mensalidade de 15 euros, a aquisição do computador portátil e o acesso Banda Larga.

O **Plano Tecnológico da Educação**, aprovado em Agosto de 2007, empenhava-se em três eixos de atuação: tecnologia, conteúdos e formação. Assim, o Plano Tecnológico da Educação foi constituído como um meio, para:

- O aperfeiçoamento do ensino e melhores resultados escolares dos alunos;
- A equidade de oportunidades na aquisição dos equipamentos tecnológicos;
- A modernização das escolas, permitindo que os estabelecimentos de ensino trabalhem em rede e que os professores laborem de forma colaborativa.

O Programa e.escolinhas permitia o acesso a 500 mil computadores portáteis dirigidos pedagogicamente para crianças entre os 6 e 11 anos.

Qualquer um dos programas realizados pelo Ministério da Educação contribuiu de forma bastante satisfatória para incutir nos jovens estudantes a utilização das TIC, nomeadamente o uso da Internet como recurso fundamental na construção do autoconhecimento.

O Plano Tecnológico da Educação foi sem dúvida um grande programa de modernização das escolas em Portugal. O apetrechamento das escolas com computadores em número suficiente para todos os alunos, nas salas de aula, nas bibliotecas, salas de TIC e nos centros de recursos, foi um dos grandes objetivos deste plano, de modo que em 2010 pretendia-se atingir a meta: um computador com ligação à Internet para cada dois alunos.

A ligação dos computadores à banda larga foi também um dos grandes objetivos do Plano Tecnológico da Educação, com o propósito de dotar as escolas do 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário com redes de área local (com e sem fios), que

possibilitassem aos alunos aceder à Internet a partir das salas de aula assim como dos restantes espaços escolares.

A Internet é sem dúvida um sistema de grandes dimensões detentor de potencialidades surpreendentes e pode ser definida como um conjunto de interligações voluntárias entre várias redes. Sustenta inúmeros documentos, recursos e uma vasta variedade de métodos de comunicação. Segundo Riel (1996), a Internet possui um potencial enorme na inovação de novas aprendizagens. Este autor afirma que, com o crescimento das novas tecnologias e o aumento do número de pessoas com quem podemos facilmente interagir ou criar novas parcerias, a Internet poderá levar-nos a novas formas de ensino e aprendizagem.

Segundo uma pesquisa realizada pelo *Georgia Institute of Technology's Graphics, Visualization and Usability Center*, as cinco atividades mais comuns na Internet são: Recolher Informação - 86%, Procurar Informação - 63%, Navegar - 61%, Educação - 52% e Comunicação - 47%. Desta forma, Jean Ladrière (1977) defendia que as novas tecnologias podem ser consideradas como facilitadores e potenciadores, induzindo mudanças relevantes, conduzindo, conseqüentemente a novos desafios nos domínios da aquisição e da informação gerada, do saber e do conhecimento, o que leva a uma reflexão sobre as novas competências e a vivência de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Segundo a *Reserach Spectrum*¹², o tipo de informação que os utilizadores mais procuram na Internet tem a ver com entretenimento, assumindo 51%. Segue-se as Notícias com 41%, Produtos para o computador com a mesma percentagem anterior, Viagens e Turismo com 30% e finalmente informações financeiras com 26%. Perante estes resultados, achamos que o professor, para além de tomar partido dos novos hábitos dos seus alunos, pode e deve ter um papel preponderante no encaminhamento para que estes utilizem a Internet de uma forma mais correta, eficiente e de acordo com as necessidades de cada um.

A Escola tem obrigatoriamente de estar atenta às mudanças sociais que aconteceram ultimamente, nomeadamente às formas de comunicar e de aceder à informação. Dominique Wolton (1999), afirma que: “*é necessário redobrar a vigilância para*

¹² Empresa de estudos de mercado sediada em São Francisco

distinguir com ainda mais nitidez aquilo que respeita ao desempenho da técnica daquilo que pertence à capacidade humana e social de comunicação”, pois “ *a sociedade da informação [não está] na ponta dos dedos que clicam teclados em terminais de computador*” (pág.22) Aliás existem vários autores que antevêm algumas mudanças significativas na educação e na escola, causadas pela generalização do uso da Internet. Em “*Using the Internet for Education*”, Craig Cunningham professor de história e filosofia da educação na Northeastern Illinois University, diz que “*this traditional classroom is, as they say. History. As Internet access becomes nearly universal in schools, students scattered all over globe, whose only interaction with the instructor is electronic*”, o que atualmente já acontece com aulas por videoconferência, particularmente a nível de ensino superior.

A educação à distância passou a ser classificada como um fenómeno do futuro da formação. Escolas, universidades e entidades de formação em geral submeteram-se a esta ideia e muitas delas têm departamentos direcionados para a formação à distância, utilizando a Internet como suporte principal. Estamos diante uma nova forma de comunicação, intercultural e colateral, que chega (ou possivelmente vai chegar) a todos.

O facto de se manter como crença de que é possível um indivíduo enriquecer-se culturalmente desde que tenha acesso a várias fontes de informação não passa de um erro, que é preciso desvanecer. Não é por defenderem o desenvolvimento da emancipação, da criatividade e da rapidez que as novas tecnologias vão no futuro formar mais ativos e informados.

No entanto, têm surgido muitas plataformas *online* que conduzem a novas formas de comunicação e de organização social. A importância crescente destas plataformas, nomeadamente da componente comunicativa entre as utilizações diárias dos indivíduos, conduz a que muitos teóricos se debrucem sobre este fenómeno e ponderem que estamos diante de uma Sociedade da Comunicação em vez da conhecida Sociedade da Informação.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO 2 – Comunicação

2.1 Conceito de comunicação

Segundo Chiavenato (2000), a comunicação é a troca de informação entre indivíduos, fazendo com que uma informação ou mensagem se torne comum.

Tomando ainda este conceito, o autor Scanlan (1979), refere que comunicação pode ser definida como sendo o processo de se passar informação e entendimento de uma pessoa para outra.

Num conceito mais resumido, podemos dizer que comunicação é o processo que permite transmitir a informação e a respetiva compreensão de um indivíduo para outro. Se esta compreensão não existir, não ocorre efetivamente comunicação.

Processo de comunicação

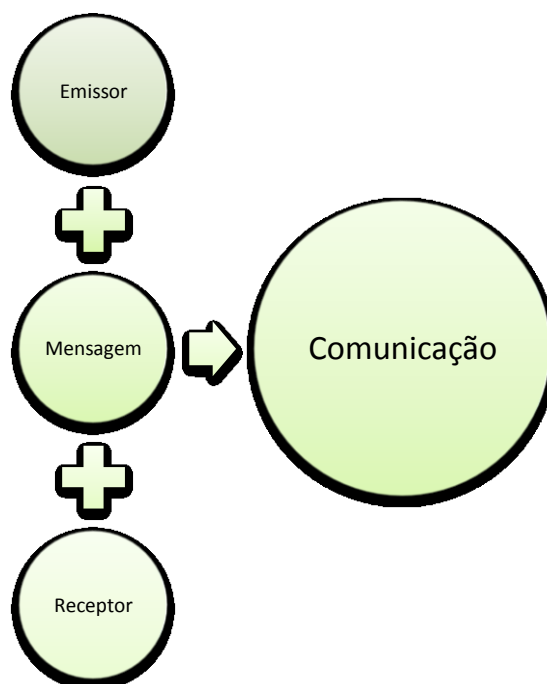


Figura 5- Esquema do processo de comunicação

De acordo com o conceito de Gil (1994), exemplificamos:

Uma determinada pessoa (emissor) tem uma ideia (significado) que quer comunicar. Para o fazer, utiliza o seu mecanismo vocal (codificador), que assim consegue transmitir a sua mensagem traduzida por palavras. Essa mensagem, através do ar (canal) é interpretada pela pessoa a quem se comunica (recetor), depois dá-se a sua decifração

através do seu mecanismo auditivo (descodificador). Após o recetor verificar se a mensagem foi efetivamente entendida (compreensão), esclarece o emissor acerca do seu entendimento (regulamentação).

Com este exemplo, podemos dizer que, só existe efetivamente comunicação quando a compreensão do recetor vai de encontro ao significado pretendido pelo emissor.

2.2 Evolução da Comunicação

O termo comunicação reúne muitos significados, resultado da atenção que este processo merece de áreas tão diferentes como a sociologia, a psicologia, a filosofia, a geografia, a economia, a biologia, entre outras (Mattelart e Mattelart, 1997). O significado mais antigo da palavra comunicação reside no étimo latino *communicare*, que significa tornar comum. Este sentido da palavra *communicare* remete para o vínculo que se constitui entre os indivíduos que participam na partilha de algo.

Segundo Lemos (2004) a técnica era crucial para a sobrevivência e entendimento do mundo numa ideia que imitava a natureza. Ao ver a natureza, o homem concebeu ferramentas que o ajudavam a fazer o que o seu corpo não era capaz, como a faca e a lança, criadas a partir da observação das feras caçando.

Uma tecnologia que mudou a forma do Homem se alimentar, assim como a criação da roda mudou a forma de locomoção, ou seja, a tecnologia auxiliou a mudar o seu espaço físico e previsivelmente a interação dele com esse espaço. A luta para subsistir fez o Homem superar várias ameaças, e desde a pré-história faz uso da tecnologia para encarar as contrariedades que lhe vão surgindo.

A comunicação oral e escrita há muito tempo que é mediada pela eletrónica, através do telefone e fax, e mais recentemente, através de várias formas de comunicação mediada por computador, que permitem uma interação em tempo real.

A comunicação é desde sempre uma realidade intrínseca à vida humana e é, sem dúvida, uma indispensabilidade para se poder conviver em sociedade. Não só abrange o ato de comunicar informação a alguém que se classifica como recetor, como também entender e ir de encontro ao contexto ou estrutura cultural, social e política desse mesmo recetor,

o que de facto influencia a forma como a mensagem emitida é recebida e percebida por este.

A urgência de uma outra forma de comunicação deu-se a partir de uma modificação radical no tipo de mensagem a ser transmitida. A comunicação oral mostrava alguns sinais de fraqueza e era essencial outro tipo de linguagem, para que ficasse registrada e à ordem daqueles que eventualmente tivessem necessidade de ler o que já tinha sido dito, assim, esta nova técnica deveria ter, no mínimo três características fundamentais: durabilidade, profundidade e clareza.

Foi na Grécia que foi desenvolvida a escrita fonética, a partir daí, surgiu a necessidade da comunicação passar a ser mais facilitada, sendo assim, foram dados nomes às letras, como as consoantes e vogais. Por volta do século XV, os indivíduos já mostravam alguma preocupação em preparar e reproduzir os livros através da técnica de copiar, à mão, os livros que já existiam, embora esses livros ficassem apenas restritos à pessoas que possuíam recursos financeiros suficientes para ter em mãos tal reprodução.

A invenção da impressão como é hoje conhecida deve-se à criação de Gutenberg, que conquistou, após muitas experiências, uma impressão nítida e perfeita. Com esta disponibilidade contribuiu de forma positiva o número de pessoas interessadas pela leitura aumentou e conseqüentemente, aprendem mais e melhor.

Foi em 1870 que Thomas Edison gravou e conservou a voz humana num fonógrafo. Através deste instrumento fez com que chegasse aos lares um novo som, capaz de ser uma alternativa de comunicação. Só em 1906 Reginald A. Fessenden conseguiria tal propósito, pois fabricou uma aparelhagem capaz de irradiar sinais. As pessoas falavam através de um transmissor e as vozes eram recebidas num aparelho recetor, dando origem à radiotelefonia.

Bain e Backwell, em 1843, tiveram a ideia de poder realizar uma transmissão de imagens à distância, no entanto, esse projeto foi concretizado apenas com a deflagração da Segunda Grande Guerra.

Com os sucessivos desenvolvimentos dos meios de comunicação terrestre, nomeadamente a invenção do telefone, o aparecimento da rádio e da televisão, o termo comunicação surge igualmente associado a transmissão (Lopes, 2004).

De qualquer forma, só em 18 de Novembro de 1994, o primeiro vídeo é transmitido pela Internet. Financiada pela *Sun Microsystems*, a *Thinking Pictures* transmite via Mbone 13 o primeiro *streaming video*: o *Show do Rolling Stones no Cotton Bowl em Dallas* e é transmitido via *web*.

É importante pois realçar, no entanto, que comunicar é mais do que a mera transmissão de informação e conhecimento, trata-se pois, essencialmente, de um processo capaz de provocar mudanças nos sujeitos que intervêm no ato comunicativo. (Marín, Galera e Román, 1999).

2.3 A era da telemática e a Sociedade de Informação

O desafio moderno é enfrentar a chamada "era da telemática", na qual as telecomunicações e a informática se unem. Sabemos que, a informática, com todas as suas faculdades técnicas, aponta para uma nova sociedade. Giovannini (1987), já naquela época, previa: *"O computador realiza hoje o momento de síntese entre as extremidades mais avançadas das tecnologias e a matemática, que pela própria natureza, permite exprimir conceitos de grande complexidade através de equações sintéticas. O computador, apesar de ser um dos últimos rebentos da família dos produtos eletrônicos, transformou-se numa realidade característica das sociedades industriais evoluídas, a ponto de hoje ser possível medir o grau de desenvolvimento de uma sociedade em termos do número de computadores utilizados"* (p.228).

Surge desta forma, um novo conceito: Sociedade de Informação. Esta noção foi resultado dos trabalhos desenvolvidos por Alain Touraine e Daniel Bell em finais dos anos 60 e início dos anos 70, sobre a influência dos avanços tecnológicos nas relações de poder, identificando a informação como ponto central da sociedade contemporânea (Gouveia 2004).

Segundo o autor José Amado da Silva (2001), *"é uma nova forma de organização social, proporcionada pelas novas características da informação- cara de produzir, mas de reprodução muito barata, graças ao enorme desenvolvimento das Tecnologias*

¹³ Mbone ou "*Multicast Backbone*" é uma rede virtual dentro da camada física da Internet, e teve início em Março de 1992 durante uma reunião da IETF na qual foi transmitido o evento ao vivo para 30 pessoas que participaram remotamente. O Mbone foi chamado assim por Steve Casner pesquisador da University of Southern California Information Sciences Institute

de Informação e Comunicação. Esta característica repassa toda a sociedade, reclamando novos modos de expansão de cidadania, da relação interpessoal e interinstitucional, da expressão cultural e, naturalmente, da organização económica e do governo”.

A Sociedade da Informação é caracterizada principalmente pela partilha de dados e pelo acesso à informação a custos reduzidos, onde essa mesma informação, comunicação e transmissão de dados é feita com uma enorme facilidade e acima de tudo rapidez.

Perante o avanço tecnológico, surgem autores que classificam três gerações distintas. A geração *baby boomer*, a geração X e por último a geração Y representada pelos indivíduos nascidos depois de 1978.

2.3.1 Geração Y- Geração da Internet

Atualmente convivem três gerações diferentes: a geração *baby boomers* em que estão incluídos todos os indivíduos nascidos entre 1946 a 1964, a geração X que inclui as pessoas nascidas entre 1965 a 1977 e finalmente a geração Y, representada pelos indivíduos nascidos após o ano de 1978 (Veloso, Dutra, Nakata, 2008).

Existem mais autores que pesquisaram e estudaram os perfis destas três gerações e nem sempre apresentam exatamente as mesmas datas para identificar os nascimentos destas pessoas integrantes de cada um destes grupos, mas efetivamente não divergem muito.

Lombardia (2008), no artigo pesquisado limitou-se apenas a estudar as duas últimas gerações, geração X e geração Y, acrescentando uma subcategoria à geração X, denominada *Yuppies*¹⁴.

A autora descreve a geração X como uma geração que viveu circunstâncias políticas bastante importantes e significativas na história e sofreu uma grande mudança a nível cultural. São identificados como indivíduos que possuem algum cinismo e desilusão em relação aos valores passados pelos pais, são mais céticos. Os *Yuppies* têm como característica o alto poder aquisitivo e uma paixão avassaladora pelo sucesso social, profissional e também económico.

¹⁴ Yuppies- acrónimo do inglês young urban professionals.

Segundo ainda esta autora, a geração Y surgiu numa sociedade que se preocupa bastante com a segurança. Por norma, as crianças desta geração são alegres, seguras de si mesmas e são possuidoras de muita energia. Aliás, a autora chega a descrever esta geração como “ *geração dos Power Ranger e da Internet, da variedade, das tecnologias que mudam contínua e vertiginosamente*” (p.54). Segundo ela, os Y são mais silenciosos e normalmente contudentes, parecem saber exatamente o que querem e não reivindicam: executam a partir das suas próprias decisões, dos blogs e das SMS. Não polemizam, nem pedem autorização – simplesmente agem. (Lombardia, 2008).

Podemos assim dizer, de uma forma mais resumida que a geração Y é a geração que cresceu COM a tecnologia, ou ainda aquela que cresceu NA tecnologia. Ou seja, é esta geração quem acompanhou a evolução (desenvolvimento) da tecnologia digital e quem já nasceu envolto dela.

Crescidos, vivemos desfrutando das facilidades que a tecnologia nos proporciona. Estamos habituados ao acesso às informações e às mudanças. Somos os donos de *blogs*, os fãs do *YouTube*, os que fazem parte das redes sociais e que fazem delas um verdadeiro fenómeno, sendo assim, não somos apenas formadores de opinião, somos de facto agentes que contribuem para a inovação.

2.4 Comunicação Mediada por Computador

A Internet tem vindo a ter um crescimento bastante acentuado. No mundo inteiro, mais de 27,5 milhões de pessoas estão *online* (Nua, Lda, 2000). Não é apenas um meio de acesso à informação, permite a comunicação à distância, estando atualmente disponível em muitos lares e em muitos estabelecimentos escolares.

Os serviços de Internet, mais concretamente o serviço de correio eletrónico, a conversação *online* e a *World Wide Web (Web)*, são serviços que vieram sem dúvida introduzir novas formas de comunicar entre as pessoas. Surgem assim novas possibilidades de estabelecer novos contatos e consequentemente diversificar as formas de adquirir bens e serviços.

Tomando a Internet como um lugar sem fim e sem fronteiras, esta desencadeia o desenvolvimento de laços sociais entre indivíduos que de outro modo eventualmente

viveriam vidas com mais limitações, dado que os seus laços a nível virtual podem ser mais dispersos.

São assim afastados os obstáculos físicos que dificultam a relação entre pessoas que se encontram geograficamente longínquas, e os habituais embaraços e inibições que são causados no contexto *face-to-face*.

Perante a crescente mediação telemática as relações interpessoais já não se escolhem tendo em atenção a Geografia, a base destas relações prende-se essencialmente com interesses e atitudes que são comuns. Os mundos virtuais criam assim outras oportunidades que potenciam o desenvolvimento de amizades (Parks e Floyd, 1996; Parks e Floyd, 1998).

O modelo de presença social desenvolvido por Short, Williams e Christie (1976) é o mais antigo enquadramento teórico de análise de Comunicação Mediada por Computador (CMC). A presença social é vista como um fator único que compreende um número de dimensões relacionadas com o nível de contato interpessoal (Spears e Lea, 1992). Tendo por base este modelo, seria mais complicado desenvolver uma relação via CMC do que via comunicação *face-to-face*.

Apesar de alguns estudos descreverem a comunicação mediada por computador como sendo impessoal e fria, existem outros estudos realizados que mostram que este tipo de comunicação possui um conteúdo sócio emocional bastante significativo (Rice e Love, 1987) e que muitos indivíduos ampliaram as suas relações nas comunidades virtuais (Parks e Floyd, 1996). Walther (1992) defende que a discrepância dos resultados entre os estudos já realizados se deve essencialmente ao fator tempo. Demora-se mais tempo a escrever no teclado do que a falar. O processo de desenvolvimento da impressão é menos rápido em contexto de CMC. O certo é que os adolescentes utilizam este tipo de comunicação cada vez com mais frequência, seja no lar ou até mesmo em contexto escolar.

A comunicação é considerada uma realidade e que faz parte inevitavelmente do ser humano, é resultado mas também toda uma conjuntura necessária que permite viver em sociedade. É indispensável e é uma característica necessária da modernidade, uma vez

que está relacionada com todos os campos, está presente em todas as atividades e envolve todas as pessoas.

A comunicação está sempre presente, domina todos os campos onde está instituída a vida social. A comunicação mediada, segundo alguns teóricos, é uma extensão e uma adaptação da comunicação tradicional que se pratica na vida do dia-a-dia, utilizando como intermediário os recursos tecnológicos atuais que estão hoje ao dispor das pessoas.

Bernard Miège (1989) salienta que a sociedade está aos poucos e poucos a ser conquistada pela comunicação. Desta forma, é normal que na generalidade dos discursos atuais em torno da Internet se dê especial importância a conceitos essenciais, tais como comunicação, rede e comunidades.

Temos duas faces da comunicação. Se por um lado a comunicação na rede possibilita conservar as relações que já existem na vida real, ou até mesmo fortalecê-las e conservá-las, por outro lado permite ampliar consideravelmente a agenda de contatos. A comodidade e o conforto que a comunicação em rede potencia no âmbito dos processos de relações entre os indivíduos, apresentam sem dúvida um dos maiores e mais reconhecíveis impactos provocados por esta nova tecnologia na vida social das pessoas (Woolgar, 2002).

Tendo em conta teorias atuais, o mundo hoje em dia atravessa uma nova etapa, passando assim de uma Sociedade de Informação para uma Sociedade da Comunicação, uma vez que as atividades orientadas para a comunicação são as mais enaltecidas na Internet nos dias de hoje. Portanto, a comunicação é a maior força estimuladora na utilização desta nova tecnologia.

Atualmente questiona-se se a multiplicação dos meios de comunicação e o crescimento dos gastos com a comunicação se acabarão por substituir a mobilidade física. Provavelmente não, pois até agora estes dois crescimentos sempre foram acontecendo de forma paralela. As pessoas que mais telefonam são aquelas que também encontram outras pessoas “pessoalmente”. Repetimos: aumento da comunicação e generalização do transporte rápido participam do mesmo movimento de virtualização da sociedade, da mesma tensão em sair de uma “presença” (Lévy, 1996).

Esta referência do autor leva-nos indiscutivelmente a lançar uma questão pertinente: para onde nos levará a utilização da Internet, esse novo meio de comunicação que ultrapassa todos os limites da transmissão de informações? Esta grande rede de redes que aproxima as pessoas, ligando-as, rasgando barreiras tanto de tempo como de espaço, pode fazer com que os indivíduos percam o contato físico. Para Lévy, esse perigo não existe. Para apoiar a sua opinião, o autor faz referência por exemplo ao uso do telefone, que é apenas mais um meio de aproximação entre as pessoas, e que não substitui de forma nenhuma a presença física.

2.4.1 Ciberespaço- um novo conceito

Uma das características mais relevantes da influência de um meio de comunicação nas sociedades é a reconfiguração dos espaços percebidos por esta sociedade. Isso porque, a comunicação diminui as distâncias e permite que as pessoas se aproximem. Claro que não é numa perspectiva concreta, mas sim numa perspectiva de percepção. Com o surgimento da Internet as distâncias tornam-se ínfimas e o "acesso" a informações de lugares distantes, é de facto uma realidade. No ciberespaço não existem distâncias físicas. Esta característica é inovadora e diferencial na CMC. A distância geográfica é desfeita pela comunicação. Com isso, muitos investigadores têm verificado que a nossa noção de espaço vai sendo constantemente alterada, no fundo não se trata mais de uma aldeia global, mas de uma comunidade global.

O termo ciberespaço surgiu pela primeira vez em 1984 pelo escritor norte-americano William Gibson no seu livro de ficção científica *Neuromance* e depois foi usado numa escala maior pelos criadores e utilizadores das redes digitais. Para este autor, este parecer descreve todo o conjunto de rede de computadores nos quais circula todo o tipo de informação, trata-se assim de um espaço não físico estabelecido por redes digitais.

O aumento da rede conduziu à formação de comunidades que visitam as mesmas páginas, criação de listas que falam de assuntos de interesse comum, grupos que conversam na mesma sala. Assim, o ciberespaço não se trata apenas de um meio, possui de facto características próprias de comunidades.

Para Lévi (1999), o ciberespaço de Gibson tornou a “geografia móvel da informação”, normalmente não visível, em algo bastante sensível e como resultado, este conceito foi

rapidamente utilizado pelos criadores e utilizadores das redes digitais. “(...) *É o novo meio de comunicação que surge da interligação mundial dos computadores. O termo específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.* (Lévi, 1999, p.17)

Existem várias opiniões sobre comunidades no ciberespaço, embora a maioria dos autores se evidencie na sua defesa enquanto entidade social, real e potencialmente positiva. (Baym, 1995; Rheingold, 1996; Wellman e Gulia, 1999).

2.5 Ferramentas comunicacionais mais importantes

Atualmente, com a utilização da Internet surge uma grande diversidade de aplicações que facilitam a comunicação sem que existam barreiras físicas. Estas ferramentas de comunicação podem ser síncronas ou assíncronas. Ferramentas de comunicação assíncrona, temos como exemplo as listas de discussões e o correio eletrónico. Caracterizam-se pelas informações trocadas entre os participantes, de forma individual ou então em grupos pequenos, em tempo e lugares diferentes. Por outro lado, as ferramentas de comunicação síncrona, tais como a videoconferência e salas de *chat*, são caracterizadas por realizar a troca de informação em simultâneo com vários membros sempre em tempo real.

Aplicações como o *MSN- Messenger* são muitas vezes utilizadas como importantes ferramentas de trabalho, mas são utilizadas sobretudo para fins sociais, tais como conversar ou marcar lugares de encontro *online* com familiares, amigos/ conhecidos. Os *sites* de redes sociais como o *Facebook*, o *Hi5* ou o *Twitter*, são visitados com o propósito de dar a saber ou até de atualizar dados da vida pessoal e social dos utilizadores perante de um círculo de amigos, conhecidos ou desconhecidos.

As relações que são estabelecidas nestas aplicações sociais partilham de muitas das características de uma comunicação informal *face-to-face*, uma vez que também aqui as pessoas têm a oportunidade de exprimirem os seus sentimentos e emoções, falar e discutir sobre os mais variadíssimos assuntos, fazendo a articulação do texto com símbolos icónicos que representam as expressões faciais de forma a evidenciar a disposição dos indivíduos. Existe ainda a possibilidade de utilizar as funções de vídeo e de áudio neste tipo de comunicação, tal e qual como se estivéssemos diante da pessoa com quem comunicamos em tempo real.

Ainda em relação aos *sites* das redes sociais, para além de permitirem a criação de um perfil, o qual normalmente apresenta os dados sociodemográficos do utilizador, uma secção referente aos seus interesses (desde leitura, desportos, *etc*) e uma outra designada “sobre mim”, permitem também a criação de uma lista de amigos adicionados com autorização do utilizador, comentários, a troca de mensagens privadas (um para um), mas também a partilha e a publicação de fotografias, vídeos, músicas, permitindo inclusive a ligação a blogues pessoais e a ferramentas de mensagens instantâneas.

Este tipo de aplicação tem um domínio considerável sobre a vida em sociedade: em primeiro lugar porque possibilita ao utilizador gerir uma rede de contactos mais alargada de forma eficaz; em segundo, porque permite o acesso à informação sobre as pessoas desconhecidas com quem se comunica nestes *sites* e com quem eventualmente no futuro se irá marcar encontros *face-to-face*; e, por último, porque permite conhecer outras pessoas com muita facilidade, estabelecer novos contactos com utilizadores que partilhem dos mesmos gostos e interesses, dos mesmos problemas e experiências (Ellison, 2008).

Por sua vez, o correio eletrónico, para além de ser das aplicações mais antigas, é de facto um dos serviços mais utilizados na rede hoje em dia.

2.5.1 Correio eletrónico

O correio eletrónico permite efetuar a troca de mensagens entre vários utilizadores ligados à Internet sendo este um dos serviços mais antigos, mas também dos mais utilizados atualmente. Este serviço permite usufruir de uma série de funcionalidades que o convertem num serviço versátil e fiável. Desta forma, as mensagens após o seu envio, são enviadas e guardadas em escassos instantes nas caixas de correio eletrónico do(s) destinatário(s), independentemente da sua localização em termos geográficos. Em geral, qualquer um dos serviços de correio eletrónico permite o envio de uma mesma mensagem em simultâneo para um ou mais destinatários; oferece também a oportunidade de reencaminhar mensagens chegadas de um remetente para outro (s) destinatário(s); permite também enviar uma mensagem para um destinatário e simultaneamente dar conhecimento desta a várias pessoas (com ou sem conhecimento do destinatário da mensagem); finalmente, por questões de segurança, existe ainda a possibilidade de codificar a mensagem, para que apenas o seu destinatário tenha acesso ao conteúdo de uma determinada mensagem.

2.5.2 Grupos de discussão e notícias (newsgroups)

Segundo a opinião de Lemos (1998) os grupos de discussão têm a sua proveniência na *Usenet*,¹⁵. A evolução da *Usenet* fez com que surgisse a necessidade de agrupar a distribuição de artigos por temas, surgindo desta forma os *newsgroups*. É importante referir que estes grupos não são apenas repositórios de notícias, já que também é possível descobrir para além da divulgação de informações, opiniões pessoais, discussões sobre o tópico em questão e até pedidos de ajuda em determinados assuntos. É pois importante realçar o carácter interativo deste serviço (Lemos, 1998). Existem *newsgroups* sobre variadíssimos temas que vão desde a política, automóveis, música, artesanato, reciclagem, *etc.* Agora, as causas que levam os indivíduos a participar num *newsgroup* podem ir desde a vontade de participar para ser útil a alguém, como à vontade de ser visto como autor expressivo de discurso cuidado (Donath, 1999). Existem alguns grupos que têm um moderador, isto significa que qualquer mensagem publicada tem que passar necessariamente por um elemento que manda no grupo e que posteriormente toma a decisão de publicar ou não o seu conteúdo. No entanto, nos grupos onde não existe qualquer moderação, verifica-se que os indivíduos mais ativos zelam pelo bom funcionamento do mesmo, fazendo chamadas de atenção para situações que assim o exigem. O acesso a este tipo de serviço, normalmente é feito de forma amigável, principalmente através de ferramentas de correio eletrónico tal como o *Outlook Express da Microsoft*, por exemplo. Depois, o indivíduo tem a possibilidade de publicar uma notícia (fazer o *post*) ou responder a uma mensagem já publicada, para que todo o grupo a veja, ou então, fazer o contrário e limitar a resposta unicamente a uma pessoa.

2.5.3 A conversação em direto

Tal como já foi referido anteriormente, serviços como o correio eletrónico e os grupos de discussão são serviços de comunicação assíncrona, ou seja, depois do emissor ter terminado a sua mensagem e ter enviado o seu conteúdo é que esta fica disponível ao(s) recetor(es). O processo é igual, quando se trata da resposta por parte do destinatário, o destinatário que pretende enviar uma resposta tem que passar exatamente pelo mesmo processo.

¹⁵ *Usenet*-uma rede criada em 1979 por dois estudantes universitários norte-americanos, destinada à divulgação de artigos escritos por utilizadores de computadores.

De qualquer forma, o tempo de espera entre uma comunicação e outra, distanciam estes serviços da forma de comunicação oral, o que faz com que não sejam encarados como serviços de conversação em direto (Lemos, 1998), normalmente chamados por *chats*, onde a comunicação é efetuada de forma síncrona através do envio de linhas de texto. Normalmente, estes serviços são usados para criar contatos com indivíduos que não se conhecem pessoalmente, sendo por isso muito populares entre os adolescentes, mas não só, trata-se também de um serviço que pode ser utilizado para constituir contato em tempo real com pessoas que já são conhecidas, mas que fisicamente se encontram distantes, que desta forma têm a possibilidade de trocarem mensagens num “espaço” comum. Este é um serviço considerado muito apelativo, como refere Lemos (1998), levando ao ponto de viciar muitos utilizadores. É também importante referir que algumas vezes as relações criadas através deste meio perpassam para o espaço físico, nomeadamente através da marcação de encontros, mais ou menos privados, ou jantares de grupo, *etc.*

Segundo Rheingold (1996), os *chats* da Internet estão associados a três aspetos: um primeiro ligado à dúvida sobre a pessoa que se encontra por trás do pseudónimo utilizado, um segundo respeitante à rapidez na interação, ou seja, o *chat* aproxima-se do ritmo da comunicação presencial, exigindo rapidez no raciocínio que origina a resposta e, finalmente, o último aspeto está ligado à necessidade de construção de um contexto social que suporte as interações. Normalmente, para colmatar este último aspeto, os utilizadores dos *chats* usam muitas vezes abreviaturas e *smiley's* para recriar e tornar mais elucidativo o contexto, traduzindo por exemplo estados de espírito como gargalhadas, sorrisos irónicos ou desconfiança (Rheingold, 1996).

2.5.4 As ferramentas integradas de comunicação por texto, som ou imagem

Neste trabalho, designa-se por ferramentas integradas de comunicação por texto, som ou imagem os vários programas baseados em *standards* de áudio e vídeo que disponibilizam, de forma integrada, funcionalidades de comunicação em conferência, normalmente comunicação por áudio, vídeo, *chat*, às quais por norma se junta a possibilidade de adicionar funcionalidades adicionais ligadas à partilha de ficheiros, correio eletrónico e à disponibilização de quadros de desenho (*whiteboard*). O facto de reunir a imagem e som permite uma maior semelhança com situações de proximidade física. No entanto, esta funcionalidade para ser realizada em boas condições é necessária largura de banda elevada.

2.5.5 A World Wide Web

A *World Wide Web*, normalmente chamada por *Web* ou WWW, é um serviço que disponibiliza informação em páginas que podem, para além de texto, associar outros recursos como imagem, som, animação, ou trechos de vídeo. Existem cada vez mais funcionalidades gráficas suplementares, passíveis de ser integradas em páginas *Web*. Um bom exemplo é a inclusão de ficheiros de aplicações multimédia, como os ficheiros *shockwave* ou *flash*, que são lançados com sofisticadas ferramentas multimédia e possuem uma interface bastante clara.

Para que as aplicações funcionem nas páginas *Web*, os navegadores (*browsers*) têm que possuir os *plugins* que facilitam a visualização destes recursos. Logicamente que as versões mais recentes dos *browsers* já integram os recursos essenciais para que a visualização seja exequível em boas condições.

Podemos assim dizer que a *Web* é a face gráfica da Internet tendo sido esta responsável pelo aumento exponencial da quantidade de utilizadores na rede. De qualquer forma, foi em 1994 que apareceram os *browsers* de utilização mais amigável e foi também a partir daí quando se deu a massificação da *Web* (Lemos, 1998).

Vários desenvolvimentos técnicos permitem agregar espaços que possibilitam a comunicação síncrona ou assíncrona em páginas *Web*, sendo assim mais fácil a interação através da Internet.

CAPÍTULO III

CAPÍTULO 3- Relações Interpessoais

3.1 A importância da comunicação nas relações interpessoais

Como já foi referido no capítulo anterior, a comunicação tem sofrido grandes evoluções, sendo que a maior é verificada neste final de século, com o aparecimento de um novo meio de comunicação: a Internet. Com o surgimento deste novo meio, vários paradigmas começam a ser alterados e a nossa sociedade encara uma nova revolução, tanto ou mais importante do que a criação da escrita.

Como meio de comunicação, a Internet veio preencher o centro da Sociedade da Informação, imaginada e criticada por pensadores como Castells (1999).

A informação é encarada como a matéria-prima da nossa sociedade, e a Internet, como o seu principal meio de difusão, passa a ter um papel crucial e fundamental nesta nova sociedade, tanto em termos de reconfiguração do espaço como das relações sociais. Este espaço, designado por ciberespaço, ou espaço virtual é o ponto mais importante da revolução da mudança de século, é um não-lugar, não concreto, não físico, mas efetivamente real.

Segundo Fachada (2000), grande parte do tempo da maioria das pessoas (75% do tempo, em média) é passado a relacionar-se com outras pessoas. Comunicar significa, “entrar em relação com”, comunicar é, pois, a troca de ideias, de sentimentos, emoções e de experiências entre pessoas que têm noção do significado daquilo que se diz e do que se faz. É um processo interativo e pluridimensional.

Por isso, podemos dizer que a Internet não é apenas tecnologia, nem é só informação, é acima de tudo comunicação, as pessoas falam umas com as outras, trocam mensagens, documentos, fotos, vídeos, *etc.* A comunicação é a base, a fundação... A Internet é uma comunidade de comunicadores permanentes. (Strangelove, 1994).

Comunicar é fundamental para o ser humano uma vez que se trata de um processo que faz do indivíduo aquilo que ele é e permite que se estabeleça a relação interpessoal. Independentemente da linguagem ou do processo de comunicação utilizado, este corresponde às suas necessidades, está adaptado para corresponder às carências particulares da sua vivência ou cultura, sendo, por isso, eficaz no contexto de cada um.

A forma como nos relacionamos com os outros, a eficácia desse relacionamento, depende essencialmente do nosso poder e da nossa aptidão comunicacional.

A forma como comunicamos tem proveniências no passado. Aprendemos a comunicar de uma determinada forma e a pensar de acordo com os hábitos das pessoas com quem convivemos no passado. Podemos assim dizer que a comunicação emerge do passado cultural da sociedade onde estamos incluídos e que, por aprendizagem, passou a fazer parte integrante do nosso quotidiano. Por isso, tende sempre a ser moldada e ajustada às múltiplas situações com que vamos sendo confrontados. Podemos dizer que, comunicar é efetivamente essencial para o ser humano porque é sem dúvida um processo que faz do homem aquilo que ele é e possibilita o desenvolvimento de relações interpessoais. Todas as pessoas vivem em sociedade e desenvolvem-se em função desta. É através do encontro com outras pessoas, que se forma o ser humano.

Existem muitos fatores que podem contribuir para os diferentes tipos de relações interpessoais: o contexto social, o papel que as pessoas exercem na sociedade, o conteúdo da relação e o interlocutor.

Dependendo do tipo de relação que existe, podemos estar perante dois tipos de comunicação: a formal e a informal. Comunicação formal é a interação que segue um determinado comportamento de acordo com as normas culturais de uma comunidade ou organização. Normalmente, é um tipo de comunicação estruturada, traçada, propositada e usa canais formais de comunicação (ex: escrita). Por comunicação informal dizemos que são todas as interações que normalmente são improvisadas, breves e contextualizadas. Estas são as interações que apoiam a resolução de problemas, coordenação, laços sociais e aprendizagens sociais. (Silva, 2002)

Podemos utilizar a chamada Janela de *Johari* uma ferramenta conceptual, criada por Joseph Luft e Harrington Ingham em 1955, que tem como objetivo auxiliar no entendimento da comunicação interpessoal e nos relacionamentos com um grupo, para mostrar as zonas de relacionamento numa perspetiva grupal. Esta Janela de *Johari* é um modelo conceptual para uma visão do relacionamento interpessoal. Possui quatro quadrantes e podemos ver como as pessoas se relacionam em grupos através desta divisão fazendo identificação de zonas.

A dinâmica do relacionamento interpessoal faz com que esses quadrantes se movam (aumentando e diminuindo) principalmente após as respostas aos estímulos (*feedback*)

que recebemos ao nos relacionarmos em grupo. Estes por sua vez, ajudam-nos a compreender uns aos outros. A Janela de *Johari* pode ser usada para qualquer tipo de relação interpessoal, principalmente em grupos. Quando as condições para o *feedback* são respeitadas e bem usadas, a janela ajuda-nos a compreender os outros e principalmente a nós mesmos. À medida que o relacionamento com a outra pessoa se desenvolve, a confiança vai aumentando, as situações vão surgindo e a pessoa revela-se mostrando os vários quadrantes da janela, embora, este tipo de comunicação permita um maior controlo do que se quer mostrar ao outro, uma vez que muitas vezes se pode “usufruir” da condição de anónimo ou até mesmo no controlo de qualquer impulso que seja menos bem visto por a outra pessoa.

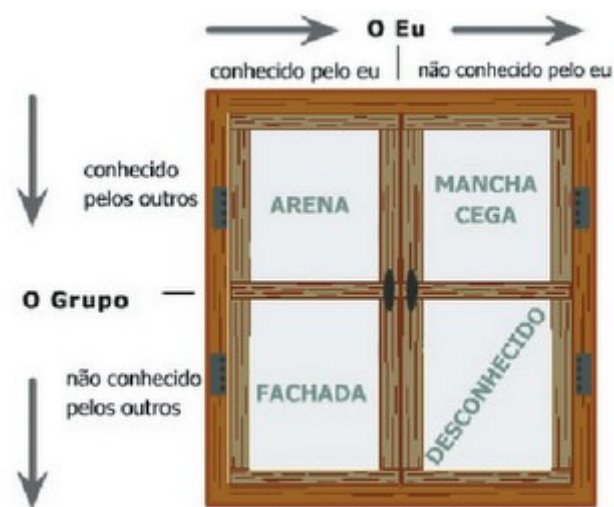


Figura 6- Janela de *Johari*

Os indivíduos, quando entram numa sala de conversação, procuram uma pessoa que vá de encontro ao que procuram e que com a qual possam manter uma comunicação. À medida que a confiança vai aumentando, as informações de carácter pessoal e íntimo são partilhadas, dá-se uma troca livre de informações. Nesta fase, o aumento da Arena, o primeiro quadrante, é onde se mostra o que é conhecido de nós próprios e dos outros, sendo fundamental no relacionamento, pois é neste quadrante que mostramos tudo de forma consciente. Na altura em que o desabafo com o outro se dá, o aumento dessa Arena é considerável, pois existe sinceridade.

No segundo quadrante, o *feedback* é efetivamente necessário. A Mancha Cega representa o que não percebemos de nós mesmos mas que os outros percebem, digamos que é uma parte de nós que mostramos inconscientemente. Neste caso, numa comunicação CMC, a videoconferência é fundamental para que esta área seja explorada.

A Fachada ou área oculta é o que conhecemos de nós mesmos mas não revelamos, é a nossa parte secreta. É desconhecido dos outros, pois ocultamos para evitar o *feedback* que não gostaríamos de receber, ou até mesmo julgamentos que possamos receber ao revelarmos sentimentos, reações ou pensamentos. É por isso que numa CMC esta área é muito difícil de explorar ou aumentar, uma vez que se consegue gerir e manipular quem está do outro lado. Temos exemplo claros no nosso dia-a-dia de situações em que essa ocultação pode resultar em casos de polícia, como pedofilia ou outros tipos de más intenções.

A área denominada por Desconhecido (ou ignorado), é a parte desconhecida de nós e dos outros, no fundo é a nossa parte inconsciente. Este quadrante é o das nossas motivações inconscientes (áreas inexploradas), uma área que embora importante é também de difícil exploração numa CMC.

A janela de *Johari* é dinâmica e sua movimentação é variada principalmente a partir do *feedback* e da autoexposição perante os interlocutores numa comunicação. Desta forma, desenvolve-se um processo de ajustamento dos indivíduos no coletivo, com o objetivo final de atingir a maior qualidade possível num determinado relacionamento interpessoal de forma a ampliar a confiabilidade mútua e a aumentar a partilha de informação.

As pessoas cada vez gastam mais tempo interagindo com outras pessoas *online*. Assim, CMC está a tornar-se numa forma bastante comum de comunicar. Como antes mencionámos, a CMC possui variadíssimas funcionalidades desde texto a voz e a vídeo, através das várias tecnologias (por exemplo: *e-mail*, páginas na *web*, salas de *chat*, *etc.*). A conversação *online*, feita em tempo real (ver Capítulo II), ocorre quando um grupo de indivíduos se encontra numa determinada sala de *chat* ou a utiliza *software* específico para esse efeito como é o caso do *Skype* ou *Windows Messenger* entre outros. Em qualquer destas situações, os indivíduos enviam mensagens para pessoas que estão também nessa sala ou que possuem uma das referidas aplicações, mostrando assim a sua vontade de interagir. No entanto, estas pessoas que fazem parte deste tipo de comunicação podem ser pessoas que já se conheciam ou não, em termos físicos.

Lea e Spears (1992) dizem que os investigadores das relações interpessoais dão privilégios a determinados tipos de relações em perda de outras, incluindo as relações estabelecidas em contexto de CMC. A relação *online* é apenas uma de muitos tipos de relações estudadas. Para estes autores, o estudo das relações *online* é um desafio à investigação das relações interpessoais escolhendo como foco o contexto social para o desenvolvimento do que eles chamam “relações interpessoais eletrónicas”, vendo todas as relações interpessoais como “situadas socialmente”. Desta forma, segundo estes autores, a definição de relação interpessoal tem em conta o contexto social.

Alguns investigadores de CMC realizaram estudos e fizeram comparações de conversações desenvolvidas nas salas de *chat* entre desconhecidos (pessoas que não conheciam fisicamente) e interações tradicionais (*face-to-face*) e efetivamente encontraram discrepâncias bastante significativas. Normalmente, os participantes das salas de *chat* são relatados como sendo mais desinibidos, admiram o risco e aprovam o jogo de palavras, explicado em parte pela anonimidade e privacidade. Comparando com a interação *face-to-face*, os «*onliners*» têm as suas próprias normas de comunicação no chamado ciberespaço. Estas normas são usadas para contrabalançar a falta de pistas sensoriais e auxiliar a criar outras formas de carregar o sentido ao texto.

São estas possibilidades técnicas, disponibilizadas pela união dos computadores às telecomunicações, que encaminharam efetivamente novas formas de comunicação com características diferentes das formas tradicionais. A tabela abaixo mostra detalhadamente as vantagens/potencialidades e desvantagens/limitações associadas a estas novas formas de contato, tendo em atenção que alguns dos aspetos referidos verificam-se também noutras formas de comunicação à distância tidas como tradicionais, como por exemplo a comunicação através de carta, telefone ou fax. No entanto, na CMC a velocidade, o número potencial de recetores e a facilidade de utilização são fatores fortemente positivos.

| Vantagens/ Potencialidades | Desvantagens/Limitações |
|--|---|
| <p align="center"><u>Disseminação e partilha de informação</u></p> <p>Grande repositório de dados; Facilidades de comunicação e partilha de informação</p> | <p align="center"><u>Sobrecarga de informação</u></p> <p>Sobrecarga de informação, sem que existam por enquanto filtros efetivos capazes de selecionar e fornecer ao utilizador os dados fundamentais da sua pesquisa.</p> |
| <p align="center"><u>Aumento de potenciais recetores</u></p> <p>Os serviços de comunicação assentes na Internet fornecem uma oportunidade para comunicar e aceder a informação numa dimensão nova. Esta facilidade de comunicar coloca estes serviços como um veículo ímpar para a propagação de novas ideias (Hiltz e Turoff, 1993).</p> | <p align="center"><u>Propagação da desinformação</u></p> <p>Os riscos da propagação de desinformação na Internet são efetivamente grandes, devido ao elevado nível de ligação e da velocidade de transmissão (Wellman e Gulia, 1999).</p> |
| <p align="center"><u>Ausência de presença física</u></p> <p>Se por um lado algumas investigações demonstram que as comunicações <i>online</i> têm um valor menor na construção de relações sociais, comparando com relacionamentos presenciais (Cummings et al. 2002), outras investigações (Katz e Rice, 2002) revelam que esta situação não aparenta ser impeditiva, podendo ser uma mais-valia em situações específicas, como a partilha de sentimentos com pessoas que não se conhece.</p> | |
| <p align="center"><u>Manutenção de contatos</u></p> <p>Segundo Wellman e Gulia (1999) a CMC permite uma maior, e mais frequente, mobilidade entre grupos de relações, estes novos mecanismos proporcionam uma maior interação entre os membros do grupo, estes autores dão o exemplo das mensagens de correio eletrónico.</p> | <p align="center"><u>Solidão Interativa</u></p> <p>De acordo com Wolton (2000) o desenvolvimento das novas tecnologias, veio enfatizar o fenómeno que o autor identifica como “solidões interativas”, ou seja, se por um lado existe a facilidade de comunicar <i>online</i>, por outro a dificuldade de estabelecer relações de forma presencial.</p> |
| <p align="center"><u>Alargamento do círculo de interação dos sujeitos e obtenção de novos recursos</u></p> <p>Segundo Wellman e Gulia (1999), a Internet ao possibilitar a criação de relações fortes transversais aos meios sociais, sejam eles grupos de interesses ou organizações possibilita a ligação a grupos que de outra forma poder-se-iam nunca pôr em comum.</p> | <p align="center"><u>Confiança na Internet</u></p> <p>Apesar de não existirem muito estudos comparativos neste sentido, sobre a perceção da confiança nas comunicações interpessoais envolvendo vários meios, muitos investigadores consideram alguns serviços de Internet fracos no seu potencial ao nível das interações, ao dificultarem a observação de pistas não-verbais. (Dutton e Shepherd, 2006)</p> |
| <p align="center"><u>Redução de constrangimentos à interação</u></p> <p>Existe um grupo de indivíduos para quem a CMC se apresentam como uma verdadeira oportunidade de estabelecer mais interações, porque é neste meio que encontram uma nova forma de socializar ou de se exprimir. Temos, por exemplo, as pessoas que por dificuldades temporárias e de permanente locomoção, encontram neste meio a forma de arranjar companhia e estabelecer amizades.</p> | <p align="center"><u>Alienação, dependência e aumento de vigilância</u></p> <p>Associada a este tipo de comunicação CMC, existem fenómenos de alienação interpessoal e dependência, assim como tentativas de violação de privacidade e de aumento de vigilância, tal como diz Wellman 2001)</p> |

Tabela 1- Vantagens/Potencialidades e Desvantagens/Limitações associadas às novas formas de contato

Tendo em conta a comunicação CMC, os *chatters* têm muitas formas de se mostrarem, isto é, os indivíduos têm uma maior independência *online* para construírem as identidades da sua escolha. Surge então um fenómeno chamado de “Efeito da desinibição *online*” – *The Online Disinhibition Effect* – proposto pelo psicólogo John Suler, do Departamento de Psicologia do Centro de Ciência e Tecnologia da Rider University (Suler, J. (2004).

“Efeito da desinibição *online*”

Segundo este investigador, este efeito tem duas vertentes. Se, por um lado, as pessoas dividem informações e sentimentos muito pessoais e íntimos, ou revelam segredos, emoções, medos e desejos, esse efeito pode ser designado de desinibição benigna, caso seja usado para que a pessoa se expresse melhor. Se, por outro lado, este efeito for utilizado para a divulgação de racismos, preconceitos, roubos, pornografia e violência através de espaços que a Internet proporciona e que não seriam visitados no mundo real, então é chamado efeito de desinibição tóxica.

Mas o que provoca essa desinibição? O que é que existe na Internet que consegue desfazer a barreira psicológica que bloqueia essas vontades e sentimentos tão íntimos? Segundo o investigador Suler (2004), são vários os fatores que a provocam. Na maioria das vezes estes fatores estão ligados uns com os outros, resultando num efeito mais complexo e amplo.

Anonimato/dissociação

Para a grande maioria dos utilizadores cada um é o que diz ser. Quando as pessoas têm a oportunidade de separar as suas ações do mundo real e preservar sempre a identidade, sentem-se menos vulneráveis. Por exemplo, ao assumir um sentimento mais hostil, por exemplo, a pessoa não precisa assumir a responsabilidade por essa ação.

Invisibilidade

A oportunidade de ser fisicamente invisível aumenta o efeito da desinibição. O facto de não haver um contato físico (principalmente visual) numa conversa de texto entre dois indivíduos na Internet faz com que se preocupe menos em dizer certas coisas.

Assincronicidade

O facto de não precisarmos lidar com a reação imediata de uma determinada pessoa pode ser desinibidora.

Introjecção solipicista

Quando uma pessoa está concentrada numa conversação *online* geralmente “escutamos” a conversação na nossa mente e “subvocalizamos” o que lemos. Conseguimos inclusive interpretar o tom de voz e escutar o que está a ser dito dito da maneira como gostaríamos que fosse dito.

Imaginação dissociativa

Neste caso, as pessoas lidam com a interação com outras pessoas como sendo uma dimensão “faz-de-conta”, totalmente separada das demandas e responsabilidades mundanas. Acreditam que é possível sair a qualquer momento deste “jogo”, deixando inclusive essa identidade fictícia para trás.

Autoridade minimizada

A Internet proporciona um sentimento de igualdade que nos encoraja a dizer o que pensamos de forma a minimizar as relações de poder que podem existir entre as pessoas presencialmente. Esse fator, também contribui para o efeito da desinibição *online*.

Enquanto os estranhos têm a oportunidade de reestabelecer «anonimidade» criando um novo nome, por exemplo, os “conhecidos” estão limitados pela «realidade» e no posterior contato *face-to-face*.

Os utilizadores das salas de *chat* criam e adaptam-se a normas e regras exclusivas, tais como, usar abreviaturas de frases que lhes são comuns, escrevendo foneticamente ou até usando símbolos transformando elementos próprios numa experiência de ciber-realidade.

O tipo de relações que as pessoas desenvolvem provém dos meios onde estas se encontram inseridas e das suas experiências. Seja na família, na escola, no grupo de amigos, no local de trabalho, *etc.*, a relação estabelecida centra-se em conteúdos ou assuntos relacionados.

Por outro lado, em cada um dos grupos acima referidos podem ser desempenhados papéis diferentes. Em cada contexto, as pessoas estabelecem relações diferentes com os outros indivíduos.

Para além disso, quando uma pessoa se relaciona com outra tem sempre objetivos pessoais que vão condicionar indiscutivelmente essa relação. Por fim, o indivíduo com quem se desenvolve a relação é também um fator que determina o conteúdo da relação interpessoal.

Os vários investigadores que se debruçam nesta área das relações interpessoais, parecem concordar com o facto de que as primeiras impressões¹⁶ são fundamentais no relacionamento interpessoal. Quando encontramos alguém pela primeira vez, temos tendência para formar acerca dela uma impressão inicial, é o chamado efeito de *Halo*¹⁷ (Thurstone, 1920). A primeira informação é a que tem maior influência sobre as nossas impressões. Portanto, a ordem com que conhecemos as características de uma pessoa não é indiferente para a formação de impressões sobre ela.

Uma das características das primeiras impressões é a sua persistência, dado que, a partir de algumas informações constituímos uma ideia geral sobre a pessoa, depois, é muito difícil alterarmos a nossa perceção, mesmo que recebamos informações que contradizem a nossa impressão inicial. Há como uma rejeição a receber novas informações.

Selecionamos apenas alguns aspetos que percecionamos inicialmente, segundo o contexto em que este encontro está inserido. Esta primeira impressão vai condicionar a nossa relação futura com esse indivíduo. Existe mesmo uma tendência para confirmar essas primeiras impressões.

Nas relações interpessoais, e principalmente nos primeiros encontros, valorizamos as características dos indivíduos que vão de encontro às nossas necessidades e aos nossos valores e desvalorizamos as pessoas que apresentam características às quais não atribuímos significados positivos.

¹⁶ Este processo é o primeiro que temos no primeiro contacto com alguém que não conhecemos, construímos uma ideia/imagem, sobre essa pessoa a partir de algumas características. Um dos aspetos mais importantes das impressões é a relação interpessoal que se estabelecerá no futuro. Se, alguma das primeiras impressões for modificada, temos tendência a rejeitar a nova informação, mantendo a que ficou no primeiro encontro.

¹⁷ Efeito de Halo – se as primeiras impressões forem positivas, temos tendência a criar algo de bom sobre a pessoa, a idealizar uma boa relação, sendo que o contrário também se verifica.

Tal como considera Tajfel (1981), a identidade social é a noção que o indivíduo tem acerca de si próprio e dos outros e que deriva do seu conhecimento de pertença a determinado grupo.

Diante de uma pessoa que não conhecemos ou de quem conhecemos apenas algumas características, criamos, frequentemente, uma impressão global para a categorizar. No fundo, categorizar uma pessoa, ou uma comunidade ou sociedade é não encarar algumas das características que lhe são intrínsecas, e que de certo modo não se ajustam nessa categorização. A categorização auxilia o conhecimento que temos desse indivíduo, torna previsível, explicável e compreensível o seu comportamento e possibilita, em última análise, regular o nosso comportamento relacional.

Assim, se damos a entender às outras pessoas que a nossa impressão acerca dela é de recusa, isto pode eventualmente criar ruturas no relacionamento e acabar mesmo por bloquear a comunicação.

Grande parte dos teóricos concorda que a atração interpessoal é uma atitude positiva ou negativa face a outra pessoa (Berscheid e Hatfield, 1978). Entende-se por atitude a predisposição pessoal para responder face a um objeto ou classe de objetos, de uma maneira favorável ou desfavorável. As medidas de atração incluem alguns fatores que não podem ser medidos. Em CMC, como tal, temos: o contato visual, a linguagem corporal e gestual, a distância física.

Mehrabian (1998) diz que na “esfera dos sentimentos” as nossas “expressões faciais e vocais, posturas, movimentos e gestos» são muito valorizados. Com a continuação da interação e do desenvolvimento das relações, os indivíduos “*movem-se gradualmente para áreas mais profundas das suas personalidades mútuas através do uso de palavras, comportamento corporal e comportamentos ambientais.*” (Altman e Taylor, 1973, p.27).

Em contexto de CMC, os aspetos corporais e ambientais estão naturalmente reduzidos e inexistentes, tomando as palavras e o texto toda a importância neste tipo de comunicação.

Uma vez, que existem pessoas que trocam informações com estranhos, pessoas que nunca conheceram no espaço físico, a dinâmica do quando e do que revelar, começa a ter relevância.

Lea e Spears (1995, p.226-227) dizem que “*as pistas interpessoais são mais sensíveis a uma comunicação de banda larga do medium de interação e podem levar mais tempo e ser mais difíceis de comunicar do que as pistas sociais*”. Fazem a diferenciação entre atração social e atração pessoal. A social é a atração pelos aspetos do *self*¹⁸, que são admitidos pela associação de categorias sociais; atração pessoal é a atração pelos aspetos idiossincráticos de um indivíduo. Esta última não se apoia em processos grupais, mas sim em processos interpessoais, ou seja o desenvolvimento da intimidade.

Lea e Spears (1995) também têm a opinião de que a tecnologia, incluindo a CMC, não debilita as condições sociais da comunicação, mas que permite oportunidades mais produtivas para as construir. Wellman e Gulia (1995) dizem que a investigação sobre esta temática indica que as relações construídas *online* são análogas às construídas nas comunidades da vida real.

A interação com os computadores é muitas vezes sentida como totalmente cativante e apreendida como um segundo EU (Turkle, 1984). Recebe-se um *feedback* imediato do nosso próprio *feedback*. Esta característica, comumente apelidada de interatividade (Rafaeli, 1988; Laurel, 1991), é melhor entendida quando os indivíduos que participam neste tipo de comunicação participam no modo síncrono. Normalmente as pessoas perdem um pouco a noção de tempo, descobrindo surpreendentemente que se passaram horas.

“Como é que encontramos amigos?” (Rheingold, 1993). Rheingold encara a CMC como uma possibilidade de encontrarmos um grupo de pares ou de amigos. Faz referência à sua experiência pessoal para explicar este fenómeno.

Parks e Floyd (1996) dizem que uma relação pessoal progride, porque os elementos participantes tendem a subordinar-se uns dos outros de maneiras cada vez mais perspicazes e complexas. Estas relações aprofundam-se cada vez mais com o aumento das interações que incidem sobre uma diversidade de tópicos de discussão, atividades e canais de comunicação.

¹⁸ Definem-se como espaços de informação não profissionalizada, na medida em que esta é produzida pelo utilizador comum que, mesmo que seja especializado, não cumpre requisitos profissionais. Pode apresentar-se de várias formas como weblogs, *sites* ou redes sociais.

A CMC é classificada como um meio de comunicação mais fraco em relação à comunicação *face-a-face*, pela maior parte dos investigadores dos últimos 10 anos, à exceção de Baym (1995). Baym (1995) opina que a investigação que tem sido realizada em CMC supõe o próprio computador como a única influência nos desempenhos comunicacionais.

No entanto, Culnan e Markus (1987) dizem que o computador tem uma presença social muito baixa, porque filtra “para fora” todos os aspetos da comunicação *face-to-face*. Estes autores criaram a hipótese de que fazendo a substituição da CMC pela comunicação *face-to-face* originariam alterações previsíveis nas variáveis intrapessoais e interpessoais.

Lea e Spears (1995) apontam alguns argumentos a favor da CMC para impulsionar relacionamentos pessoais, incluindo a pesquisa do relacionamento: proximidade física, interação *face-to-face* e comunicação não-verbal, que é vista como um processo fundamental de relacionamento dos seres humanos.

Baron (1984) também considera a CMC um tipo de comunicação indicada para os usos sociais da linguagem, apesar de também subsistirem interações sociais durante a CMC. Existem alguns investigadores que afirmam que através da CMC é criada uma ilusão de comunidade e que os relacionamentos que aí são criados e mantidos afiguram-se como impessoais e adversos (Partks e Floyd, 1996).

No entanto, Stoll (1996) afirma que para se criar ou para se ter amigos, é essencial interagir na vida real e não apenas na CMC. É muito mais produtivo investigar no mundo físico real, onde se pode “estar” com as pessoas do que investir tempo e esforço no mundo virtual chamado Internet, diz Hart, (1996).

A inexistência de pistas físicas ou não-verbais não deve, de todo, significar que o meio utilizado, neste caso o computador, é impessoal ou desprovido de pistas sociais, ou que as pistas transmitidas têm uma lacuna subtil da comunicação *face-to-face* (Lea e Spears, 1995).

Walther (1993) delineou uma teoria do processamento da interação social, nomeadamente nas relações interpessoais mediadas por computador. Constatou que os grupos incluídos num contexto de CMC ampliam gradualmente a impressão, de tal forma que se torna semelhante à interação *face-to-face*.

No entanto, Lea e Spears (1995) indicam, com base na teoria de Walther, que as relações interpessoais podem desenvolver-se e desenvolvem-se em contexto de CMC, embora de forma mais lenta, uma vez que são escassas as pistas em relação ao próprio indivíduo, ao desenvolvimento da confiança e à comunicação da intimidade.

O relacionamento interpessoal depende muitos dos aspetos físicos e espaciais da interação.

Wellman e Gulia (1995) questionam: “as pessoas podem encontrar na Internet, uma comunidade *online*? Será que as pessoas que nunca se viram, cheiraram ou ouviram podem desenvolver relações íntimas e de apoio?” A resposta parece ser categórica, sim. Como seres sociais, aqueles que usam a Internet, procuram não só informação, mas também companhia, apoio social e um sentimento de pertença.

Baym (1995) é de opinião que os indivíduos que fazem parte de uma comunidade *online* criam uma comunidade que é dinâmica, rica, cheia de emoção e modificações sociais, porque se defrontam diante duma comunidade interativa, social e atraente.

Surge ainda a questão de Wellman e Gulia (1995): “São possíveis os laços de amizade fortes e íntimos *online*?” Os teóricos das relações interpessoais referem que os laços fortes têm como particularidades:

- Um sentimento íntimo especial;
- Um investimento pessoal na amizade;
- Um desejo de companhia do outro;
- Um interesse de estar com o outro tanto quanto possível;
- Um interesse de estar com o outro em múltiplos contextos;
- Um interesse de estar com o outro durante um longo período
- Um sentimento mútuo de companheirismo.

A CMC é de facto um fenómeno social, como afirma Baym (1995). Na CMC não só é possível o seu uso social, como também se presta a uma quantidade incomum de criatividade social. As realidades sociais são criadas com a interação.

Para Smolowe (1995) grande parte das pessoas que utilizam a Internet e que comunicam via CMC procuram interação social e não apenas de informação “vazia”.

Em suma, a CMC está na fronteira entre os limites tradicionais da comunicação interpessoal e a de massas, permitindo novas oportunidades e riscos para os indivíduos e suas relações (Parks e Floyd, 1996; Lea e Spears, 1995).

3.2 A internet como modificadora das relações sociais

A alteração de vários paradigmas que o aparecimento da Internet trouxe para o mundo conduziu a que os conceitos de comunidades tradicionais fossem alterados. Na Internet não existe interação física, nem proximidade geográfica. Estas novas comunidades são constituídas fundamentalmente sobre um único aspeto: o interesse em comum dos seus membros. É a partir desse interesse comum, que as pessoas conseguiriam desenvolver entre si relações sociais autónomas do fator físico, e passado algum tempo essas relações tornar-se-iam de tal forma válidas que poderiam ser conotadas como laços comunitários.

Reinghold (1997), um dos pioneiros na identificação deste fenómeno, descreveu a sua experiência na rede "*The Well*", referindo como o sentimento comunitário permeava todos os participantes dos fóruns e de como estas relações, que no início eram virtuais, foram passadas para o mundo real. Ou seja, através das comunidades virtuais, a Internet atuava como um meio de encontro e formação de grupos sociais.

Ainda em relação a este tema, fazemos referência a uma teoria de Ray Oldenburg sobre o desaparecimento dos terceiros lugares. Oldenburg (1991) diz que existem basicamente três categorias de lugares essenciais para o indivíduo: os primeiros que dizem respeito aos seus lares, onde criam relações com os membros da sua família; os segundos, os do trabalho, onde nascem relações profissionais; e os terceiros, aqueles que estimulam o lazer sendo os mais favoráveis para o desenvolvimento de relações sociais. Com o desaparecimento destes lugares, existiria uma quebra no conceito de comunidade, o que conduziria inevitavelmente ao individualismo e finalmente ao fim do social. Sendo assim, podemos entender que a Internet terá propiciado o renascimento dos terceiros lugares, desta vez como lugares virtuais, que se revelaram propícios para a conquista de novos laços sociais que levam ao aparecimento das comunidades. O que verificamos é, portanto, uma nova forma de estabelecer laços sociais, de reunir pessoas sob a forma de uma comunidade. Essa mudança é bastante importante, porque destrói o paradigma

geográfico das comunidades, graças à reconfiguração do espaço facultada pelo ciberespaço.

3.3 Relação Família–Escola: Utilização da Internet

É muito importante criar nos serviços telemáticos espaços de relação que promovem a interação entre os utilizadores. “...*O desaparecimento dos espaços de relação isola os homens de um contato direto, alheia-os emotiva e culturalmente, deixando como única possibilidade de relação interpessoal e social a que é permitida pela mediação (...) dos meios de comunicação de massas e pelos papéis que cada um de nós desempenha nas estruturas produtivas, estabelecidas pelo sistema, e a ele relativas.*” (Donne, 19-).

Na Internet, tal como na cidade, a inexistência de espaços de relação compromete os processos de socialização essenciais para a conservação de qualquer sistema comunicacional. Da mesma forma, a conceção dos serviços de comunicação *online* pode atrair, ou não, uma maior ou menor troca de interações entre os indivíduos.

É assim necessário apostar na conceção de espaços de comunicação em rede, de utilização intuitiva, seguros fiáveis e onde se promovam trocas de mensagens mais ou menos ricas em conteúdo. A interação entre sujeitos pode ter por base interesses ou necessidades comuns ou simplesmente ter a vontade de estabelecer contato com os outros.

Seguindo a ideia de Mumford (1991), quanto mais alargada for a área de comunicação, e maior o número de participantes, é mais necessário conceber numerosos centros permanentes e acessíveis para promover encontros frequentes a todos os níveis humanos.

Hoje em dia a situação da família é muito diferente da tradicional, com os avanços da tecnologia, as alterações sociais, económicas e culturais colaboraram para a modificação de valores, práticas e conhecimentos da família (aumento de divórcios, diminuição do número de filhos, aumento das uniões de facto...). Segundo Almeida (2004), uma das razões que contribui para a aparente indiferença, que hoje se vive, nas atividades familiares é as obrigações que se vão adquirindo para garantir a segurança, subsistência e bem-estar.

É por isso que, atualmente, uma das formas de manter as crianças e os jovens seguros na Internet é através do estreitamento das relações entre a Família e a Escola.

Reimão (1994) afirma que no seio familiar as atitudes e mentalidades sofreram modificações. Para este autor, hoje fala-se mais em direitos da criança, do que das relações pais-filhos, ou seja, hoje em dia reconhece-se e valoriza-se a influência da família no desenvolvimento integral e equilibrado das crianças e adolescentes, “e se exaltam as tarefas educativas da família”. A família assume um papel preponderante na estabilidade emocional e psíquica dos indivíduos; por um lado, desenvolve afetivamente os filhos através de modelos de referência e, por outro, torna necessário a relação família – escola na educação desses mesmos indivíduos. Segundo este autor, a educação total só é alcançada se forem reunidos os esforços dos pais e dos professores, isto é, se existir um estreitamento das relações e colaboração entre os intervenientes, com vista a dinamizar todo o processo educativo.

A família é a primeira instituição educativa onde começa a existência do Homem enquanto Pessoa (livre, responsável, sujeito de direitos e deveres, realizador de cultura). Ao reconhecer-se a família como primeira instituição educadora afirmamos, também, a sua necessidade de articulação e cooperação com a escola e toda a comunidade educativa.

Em relação à forma de utilização da Internet, a escola enquanto elo de ligação às estruturas familiares, é fundamental para ajudar e proporcionar aos jovens os instrumentos e conhecimentos necessários para uma redução efetiva da sua vulnerabilidade. Segundo Simões (2006), o maior risco para os jovens é crescerem isolados. Conclui, a este respeito, que a ausência de comunicação/diálogo entre ambos (pais/filhos) aumenta os riscos reais da Internet. Os pais deverão, portanto, estar atentos, advertir os filhos dos riscos e acompanhá-los: os *sites* que visitam, as pessoas com quem conversam, o que fazem no computador e Internet.

3.4 Isolamento social

A Internet poderá nunca substituir o contato físico, mesmo com a “possibilidade” de uma realidade virtual, provavelmente dependerá do nível de complexidade que queiramos desenvolver com o outro. Poderá contribuir para aprofundar ou afastar. O ser humano é por natureza muito complexo para se restringir a um único canal de

comunicação e, a complexidade das relações humanas procura sempre a possibilidade de um contato físico. Segundo Costa:

“Os atos comunicacionais, que ocupam dimensões expressivas e pragmáticas da experiência humana, não se constroem somente a partir de atos discursivos verbais, mas incorporam silêncios, atitudes e gestos, ações e omissões, proporcionando manifestações significativas e provocando transformações no comportamento ou forma de ver o mundo.” (Costa, 2004, p.92)

Há pois necessidade de se fazer uma reflexão sobre as relações interpessoais na Internet, onde existem possíveis distorções ou até mesmo a ausência de alguns valores éticos e morais, pois cada indivíduo vai associando novas atitudes e sentimentos, mantendo na medida que consegue a sua integridade. Os valores éticos e morais são indispensáveis no processo de interatividade, porém não garantem a esses indivíduos a alteridade que é a relação do eu com o outro, o de se colocar no lugar do outro.

“Cada grande inovação em informática abriu a possibilidade de novas relações entre homens e computadores: códigos de programação cada vez mais intuitivos, comunicação em tempo real, redes, micro, novos princípios de interfaces... É porque dizem respeito aos humanos que estas viradas na história dos artefactos informáticos nos importam” (Lévy, 1993, p.54).

Hoje em dia, é importante estarmos efetivamente atentos às alterações no que diz respeito aos valores, pois estes têm tendência a serem alterados quando os indivíduos se relacionam pelas novas tecnologias de informação e comunicação. *“É a partir de convenções morais que as pessoas constroem os seus conceitos fundamentais que as orientam no seu agir prático”* (Goergen, 2001, p.41). A identificação do indivíduo, hoje em dia, está mais próxima da realidade concreta na Internet devido ao aparecimento de todas as inovações tecnológicas, como a câmara digital por exemplo, facilitando desta forma a comunicação interativa. É nesse facilitismo que os valores éticos e morais estão se ressignificando nas relações que se desenvolvem na Internet, aparecendo desta forma uma “linha tênue” no limite entre a permissão e a invasão da intimidade de cada um dos intervenientes neste tipo de comunicação.

Como tem vindo a ser dito durante este trabalho, as redes interativas de computadores aumentaram e acabaram por criar novos canais de informação e comunicação que levam

a alterações nas relações sociais, económicas e culturais. O avanço da Internet, com a formação das comunidades virtuais de interação *online*, foi vista por muitos como o aparecimento de novos padrões de relações sociais substituindo as que já existiam. Os críticos da Internet afirmam que a utilização da Internet promove o isolamento social e um colapso da comunicação familiar. Dizem mesmo que a sociedade real será substituída por uma outra sociedade aleatória e virtual, baseada apenas em identidades falsas e representação de papéis fictícios. Desta forma, a Internet foi acusada de arrastar as pessoas a viver apenas as suas fantasias *online*.

Atualmente, umas décadas depois, essa visão está efetivamente ultrapassada. Pesquisas mais recentes comprovam que a representação dos papéis e a própria estruturação da identidade criada *online* são uma pequena parcela da sociabilidade baseada na rede, e esse tipo de prática concentra-se essencialmente nos adolescentes (Castells, 2001). De facto, na Internet não prevalece a fantasia, mas sim uma ampliação da vida tal como ela é, em todas as suas dimensões. E até nos ambientes em que a representação de papéis é comum, esses papéis são moldados segundo as vidas reais das “personagens”: “[...] a maioria dos utilizadores sociais da comunicação mediada por computador cria personalidades *online* compatíveis com as suas identidades *offline*” (Baym, 1998, Castells, 2001)

Contrastando com a ideia de que a Internet estimularia a alienação do mundo real, estudos recentes mostram que este serviço não tem, em geral, um efeito direto na vida diária: a Internet apenas amplia a capacidade de mais um espaço de comunicação, assim como o telemóvel. Dessa forma, as pessoas não se isolam da vida social real para viver uma vida virtual. Aquelas que já vivem em estado de isolamento social na vida real encontram na Internet uma oportunidade de viver um tipo de interação social, ainda que esta não seja presencial. “*A Internet parece ter um efeito positivo sobre a interação social, e tende a aumentar a exposição a outras fontes de informação. [...] os utilizadores da rede frequentam mais eventos de arte, leem mais, veem mais filmes [...] do que os não-utilizadores*” (Castells, 2004, p.151).

Em suma, a sociedade *offline* é potencializada pela sociedade *online*. Em relação à construção da identidade, verifica-se que os adolescentes têm a maior variedade de representações de papéis. Isso dá-se, porque a fase da adolescência é a fase em que o ser

humano está a procurar a sua própria identidade e de fazer experiências, de descobrir o que efetivamente são ou estimariam de ser. (Castells, 2001)

Wellman (2001, apud Castells, 2001) afirma que as “*comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social*” (p.108). Então, a comunidade é uma rede que propicia a interação. “*As redes são montadas pelas escolhas e estratégias dos atores sociais [...]. A grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade*” (Castells, 2003, p.107).

Segundo o artigo de Wellman e Giulia (1999, apud Castells, 2004), numa investigação elaborada nos EUA constatou-se que indivíduos que tinham mais de 1000 laços interpessoais, dentro desses, 50 eram efetivamente fortes e somente 6 eram realmente íntimos. No entanto, os laços fracos também não são menos importantes, pois estes também são fontes de informação, de trabalho, de divertimento *etc.* Esses laços (os fracos) ao contrário dos íntimos, são autónomos da proximidade e, por isso mesmo, necessitam ser mediados por algum meio de comunicação, não sendo totalmente desprezíveis. É exatamente neste ponto que a Internet e, de forma mais específica, as redes sociais são um meio muito eficiente na conservação dos laços fracos e dos fortes à distância. No entanto, o papel crucial deste serviço nas relações interpessoais é o seu contributo para uma nova forma de sociabilidade baseada no individualismo.

Castells (2003), afirma que “*a tendência dominante na evolução das relações sociais nas nossas sociedades é a ascensão do individualismo [...]*”(p.107). A partir de opiniões muito diferentes, cientistas sociais [...] enfatizam o aparecimento de um novo sistema de relações sociais centrado apenas no indivíduo. Depois, a transição da predominância de relações primárias para a de relações secundárias. O novo padrão dominante é o terciário, personalizado, baseado em redes “egocêntricas”.

Ocorre uma “privatização” da sociabilidade. Essa nova relação é induzida pela crise do patriarcalismo e a subsequente desintegração da família nuclear tradicional [...]. E é suportada pela urbanização que individualiza e fragmenta o contexto espacial de existência: pessoas que se encontram distantes fisicamente em condomínios fechados; existências de grandes metrópoles (Castells, 2001). Para além disso, o facto de contactar

com o que é diferente, como é comum no contexto urbano, relativiza os conceitos e confere a condescendência em relação ao outro indivíduo, o que forma uma individualidade marcada na aceitação de tudo que vem da outra pessoa e, simultaneamente, na delimitação e na exposição do eu individual ao outro. A Internet reflete esse esquema de socialização individualizada que se vive hoje em dia.

A Internet é considerada um dos suportes materiais para a prática desse individualismo em rede. Serve de suporte para a ligação entre pessoas que partilham interesses comuns e assim se formam as comunidades. *“As pessoas ligam-se e desligam-se da Internet, mudam de interesse, não revelam necessariamente a sua identidade [...], migram para outros padrões online. Mas se as ligações não são duradouras, o fluxo permanece, e muitos participantes da rede utilizam-no como uma das suas manifestações sociais”* (Castells, 2001, p.108). São comunidades em modificação constante: *“as comunidades online são em geral efêmeras e raramente articulam a interação online com a física [...] São redes variáveis e de composição cambiante segundo o interesse dos atores sociais e da própria rede [...] O tema em torno do qual uma comunidade é montada define os seus participantes. Na Internet cada um é o que diz ser, já que é com base nesta presunção que uma rede de interação social é construída ao longo do tempo”* (Castells, 2001, p-109).

A Internet apresenta-se, conforme observa Wellman (2001, apud Castells, 2001), como o formato predominante de organização social.

Não é a Internet que é responsável pela criação de um padrão de individualismo em rede, mas sim o seu progresso que proporciona um suporte material para a divulgação do individualismo como forma de sociabilidade. Dessa forma, o individualismo é um padrão social, e não um acúmulo de indivíduos isolados (Castells, 2001).

O individualismo antecede e extrapola os limites da rede virtual, e dá-se tanto no espaço físico quanto no espaço virtual. Cardoso (1998, apud Castells, 2001) afirma que estamos diante de uma nova noção de espaço, em que o espaço físico e o espaço virtual influenciam-se mutuamente, lançando o apoio para a emergência de outras formas de socialização, estilos de vida diferentes e outras formas de organização social.

Assim, o individualismo que se desenvolve em rede vem redefinindo as fronteiras e o significado de instituições tradicionais de sociabilidade, como a família, por exemplo.

Essas orientações correspondem ao triunfo do indivíduo, apesar de os custos para a sociedade ainda serem enigmáticos (Castells, 2001). Segundo consta, estamos perante um novo modelo de sociedade: a sociedade em rede. A sociedade em rede não é a consequência do impacto das novas tecnologias de informação nem da propagação da Internet. Na verdade, é uma forma social nova, que é originada da interação complexa entre a evolução social e a evolução tecnológica, sendo a Internet o meio de comunicação interativo e como infraestrutura tecnológica categórica para a organização em rede dos mais variados sectores na vida quotidiana. Se a Internet não é considerada o principal fator responsável das novas formas de organização social, então, esta é o meio necessário para o desenvolvimento das redes de interação e comunicação em que se fundamenta a nossa sociedade nos dias de hoje.

Segundo, um estudo realizado pela *Pew Internet and American Life Project* [Hampton, Sessions, Her e Rainie, 2009] concluiu-se que a Internet não promove o isolamento social mas, pelo contrário, reforça as relações interpessoais entre os seus utilizadores. Embora as pessoas passem cada vez mais tempo frente ao computador, este comportamento não traz prejuízos para os seus relacionamentos na vida real, pois a maioria dos utilizadores fá-lo com o objetivo de contactar com pessoas próximas.

Esta investigação refuta o senso comum e o estudo apresentado pela *American Sociological Association* em 2006, segundo o qual as novas tecnologias tinham isolado socialmente as pessoas ao longo das últimas duas décadas.

“Quando examinámos a rede social completa das pessoas, o uso de Internet em geral está associado com um contato social mais diverso”, refere o relatório “Isolamento Social e Novas Tecnologias”.

Apesar do tamanho dos grupos de amigos ter sido reduzido em 30 por cento nos últimos 24 anos, os investigadores dizem que este facto não está relacionado com o uso da Internet ou até mesmo do telemóvel. A utilização destes serviços faz com que as pessoas estejam ligadas entre si e com que sejam mais abertas à comunicação.

A *Pew Internet* (2009) revela também dados interessantes, tais como: quem partilha fotos online é mais tendente à discussão política com pessoas de outros partidos. Além disso, 72% dos utilizadores dos blogues estão dispostos a participar em associações de voluntariado. “Ao contrário do argumento de que o uso da Internet limita a participação

das pessoas em comunidades, instituições ou espaços locais, as nossas conclusões mostram que a maioria das atividades na Internet está associada a um alto nível de atividades locais”, afirmaram os investigadores do projeto.

PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO 4- Metodologia de investigação

Introdução

Uma vez que a Internet se encontra em franca expansão e inovação, atravessando um processo de constante mudança, e tendo por base os efeitos produzidos pela mesma nos mais variados campos da vida humana, sempre me despertou interesse e curiosidade esta tecnologia da informação e comunicação, à semelhança de muitos teóricos que lhe dão destaque nos seus inúmeros artigos publicados. O estudo que vai ser desenvolvido ao longo deste capítulo debruça-se essencialmente sobre o tipo de *Relações Interpessoais na Internet de alunos do 3º ciclo do Ensino Básico* de uma escola do Alentejo, mais propriamente a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa. Procura-se conhecer como tem evoluído a comunicação *online*, refletindo sobre aspetos tão importantes como a intensidade de utilização, as motivações, os interesses e o desenvolvimento de relações na rede, assim como o impacto que este comportamento tem face à vida social dos adolescentes.

Desta forma, o problema subjacente a esta dissertação assenta nas seguintes questões problemáticas:

- Quais as rotinas de comunicação e relacionamento pessoal dos alunos, dentro ou fora da Internet?
- Quais são os principais padrões das interações na rede?
- Será que os jovens manipulam a sua identidade nas suas relações em rede?
- Quais as consequências para os jovens das novas formas de relacionamento através da Internet?
- Que estatuto tem o conceito de amigo na Internet?

O presente estudo partiu da pergunta: Em que medida a utilização da Internet influencia as relações interpessoais nos indivíduos do 3º ciclo do Ensino Básico?

Uma vez feita esta questão, poderíamos optar por vários caminhos, mas a opção metodológica, inquérito por questionário aos alunos, foi tomada em função da finalidade do estudo, assim como das nossas possibilidades reais de o poder investigar.

Dessa forma, vamos recorrer a uma investigação de natureza quantitativa, considerando que a quantificação dos dados que se vão adquirir através dos questionários (que vão ser construídos para o efeito) podem ser um bom indicador para a interpretação do objeto em estudo.

Segundo Malhotra (2001) os objetivos empíricos que se pretendem alcançar são “*enunciados aprimorados dos componentes específicos do problema*” (Malhotra, 2001, p.78).

Desta forma, com esta investigação pretendemos alcançar os seguintes objetivos:

- 1 - Analisar os tipos de utilização que os jovens fazem das ferramentas comunicacionais disponíveis na Internet;
- 2 - Verificar se a utilização destas novas ferramentas de comunicação alteram o relacionamento familiar ou social;
- 3 - Analisar a importância dada pelo jovem à utilização destes meios de comunicação em contexto social;
- 4 - Analisar a possibilidade de manipulação de identidade nos dados publicados na Internet e ficar a conhecer as suas razões;
- 5 - Comparar, sempre que possível, as opiniões dos alunos com os respetivos Encarregados de Educação dentro de cada nível de ensino

4.1 Método de Investigação

Pensa-se que a origem da investigação educacional remonta aos finais do século XIX, na tentativa de desenvolvimento de uma “metodologia científica” para a pedagogia (Bicha, 1999).

Desde que surgiu, esta investigação tem sido pautada por alguma “pressão” entre os métodos qualitativos e quantitativos. Se por um lado, para os investigadores quantitativos, a investigação educacional deve ser científica, usando métodos e procedimentos empíricos, para os investigadores qualitativos a especificidade da natureza do mundo social torna necessária uma abordagem de natureza “interpretativa” dos fenómenos investigados (Neto, 1998).

Por volta de 1989, esta tensão entre estes dois métodos atinge sem dúvida o seu ponto mais alto, fazendo com que Gage se referisse a ela como a “Guerra dos Paradigmas”. Se, por esta altura, tinha predominado a investigação quantitativa, esta investigação começa a ser posta em causa, já que o uso exclusivo de métodos científicos,

experimentais e quantitativos impossibilita investigar as questões humanas mais complexas (Neto, 1998).

Santos (1995, referido por Bicha, 1999) defende aquilo que se designa por pluralismo metodológico, ou seja, o uso combinado de várias técnicas de investigação, conjugando métodos qualitativos com métodos quantitativos. Ainda, segundo Bicha (1999) a combinação deste pluralismo é muito importante na investigação educacional, pois nenhum método é suficiente por si só para poder dar resposta à complexidade das questões que podem surgir no campo da educação.

Devido à impossibilidade de obter os dados desejados por meio de uma outra técnica, optámos pela elaboração e aplicação de um questionário, tratando-se da técnica mais ajustada para ser aplicada numa escala mais alargada (Ghiglione e Matalon, 1993). Segundo estes autores, são vários os motivos que induzem o uso de questionários e grande parte destes motivos estão presentes na problemática que vamos estudar:

- Quando a investigadora se depara com situações em que a observação direta de vários comportamentos exige uma intimidade frequente e deontologicamente inaceitável;
- Quando a questão que se estuda apenas suscita fenómenos que se produzem num determinado momento, numa determinada sociedade;
- Quando é necessário compreender atitudes, preferências e opiniões apenas possíveis de obter por verbalização, uma vez que é muito raro se exprimirem de forma espontânea;
- Quando se pretende adquirir dados sobre comportamentos de um mesmo indivíduo, comportamentos que podiam ser obtidos por meio de observação direta, mas que implicariam o dispêndio de tempo ou seriam impossíveis de obter por se reportarem a comportamentos já ocorridos (Ghiglione e Matalon, 1993).

A principal vantagem deste tipo de metodologia é a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder a numerosas análises de correlação. A satisfação da exigência da representatividade. (Quivy, & Campenhoudt, 1992)

Relativamente ao método adotado para a recolha de dados junto dos encarregados de educação dos alunos do 3º Ciclo da referida escola, optámos por um questionário de

resposta fechada, na qual se requer uma resposta direta e limitada na maioria das questões, e reduzindo ao máximo as perguntas e respostas abertas.

O envolvimento dos pais é justificado pela necessidade de contrastar as respostas dos alunos. Receber a opinião das pessoas que lidam diariamente com os alunos, nomeadamente os seus encarregados de educação, pode ajudar a aprofundar, explicar e melhor compreender os fenómenos em estudo. Procurar-se-á, desta forma, contribuir para um melhor conhecimento da realidade em estudo e, conseqüentemente, oferecer maior rigor e credibilidade aos resultados e às conclusões.

4.2 A Amostra

Entende-se por população o conjunto dos dados que revelam a característica em causa para todos os objectos sobre os quais incide a análise, neste caso todos os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico do Alto e Baixo Alentejo.

| Ano escolaridade | Nº alunos |
|-------------------------|------------------|
| 7º ano | 4884 |
| 8º ano | 4555 |
| 9º ano | 4330 |
| Total | 13769 |

Sabendo que amostra é o subconjunto dos dados que correspondem à população, e que existem vários métodos de seleção da amostra, nomeadamente amostragem probabilística e não-probabilística, optámos por uma amostragem não-probabilística, conscientes de que esta não permite descrever com rigor a probabilidade de inclusão dos diversos elementos da população na amostra. Ademais, existem diversos processos de amostragem não probabilística (amostragem por conveniência, amostragem subjetiva, amostragem snowball, amostragem sequencial,...). No nosso estudo estamos perante uma amostragem por conveniência uma vez que o critério que particularmente preside à escolha dos elementos da amostra é a conveniência para o investigador de, neste caso concreto, realizar o estudo com os alunos do 3º ciclo do Ensino Básico de uma escola específica, sem que as outras escolas tenham uma probabilidade conhecida de integrar a amostra.

4.2.1 A escolha da Escola

A escolha da escola para levar a efeito esta investigação deve-se ao facto da investigadora possuir bom relacionamento com os membros da atual direção e com o corpo docente, uma vez que o seu percurso enquanto aluna foi realizado neste estabelecimento escolar. Outro critério que tivemos em consideração foi o facto de a escola em causa ter todas as condições logísticas necessárias e os meios técnicos apropriados para o uso regular das TIC em contexto educativo.

4.2.2 Caracterização da Escola

A Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, em Vila Viçosa, serve uma população escolar que abrange um raio de aproximadamente trinta quilómetros, incluindo alunos provenientes dos concelhos de Vila Viçosa, Alandroal, Borba e, pontualmente, de Redondo e Estremoz.

O concelho de Vila Viçosa situa-se no Alentejo Central, pertence ao distrito de Évora e é sede de comarca. É limitado pelos concelhos de Alandroal (a Sul), Borba (a Oeste), Redondo (a Oeste) e Elvas (a Norte e a Este). É formado por cinco freguesias, sendo duas delas urbanas e localizadas na sede do concelho (Conceição e São Bartolomeu) e três rurais (Bencatel, Pardais e Ciladas) que se localizam nas povoações com o mesmo nome.

Fisicamente, a Escola é composta por dois blocos, dispostos em L com três pisos. No rés-do-chão situam-se, fundamentalmente, os serviços, oficinas, biblioteca, ginásio e polidesportivo. No 1º piso situam-se salas de aulas, de informática, de educação visual e tecnológica e auditório. No 2º piso situam-se os laboratórios e também salas de aula.

No exterior, a escola dispõe de dois polidesportivos, um campo relvado para futebol e pista de atletismo. Os espaços exteriores, com as zonas ajardinadas, enquadram perfeitamente o edifício conferindo ao conjunto um todo harmonioso.



Figura 7- Campo de Futebol da Escola Pública Hortênsia de Castro



Figura 8- Vista da escola Pública Hortênsia de Castro

Atualmente, todas as trocas comerciais, dentro da escola, são feitas por cartões digitais que servem ainda para o aluno aceder a muitas informações e reservar refeições entre outras funcionalidades. Existe rede informática (por cabo) em todas as salas, com vários pontos por sala, e igualmente também sem fios. Todas as salas, incluindo laboratórios, estão equipadas com projetores de vídeo, e mais de 50% das salas normais têm quadros eletrónicos. Programas informáticos gerem as áreas de alunos, exames, matrículas, sumários, horários, faltas, *etc.*, proporcionando a consulta, via Internet, em qualquer parte do mundo, de todos os dados dos registos do processo, ao aluno e ao encarregado de Educação, por meio de palavras-chave adequadas. Permitem ainda a consulta, através do sítio da escola, de toda a informação de natureza pública, incluindo pautas. Professores e alunos interagem utilizando plataformas informáticas.

4.2.3 Caracterização dos participantes no estudo

| <u>Ano</u> | <u>Turma</u> | <u>Sexo</u> | <u>Número</u> | <u>Total</u> |
|---------------|--------------|-------------|---------------|--------------|
| 7º Ano | A | Rapazes | 11 | 118 |
| | | Raparigas | 16 | |
| | B | Rapazes | 13 | |
| | | Raparigas | 14 | |
| | C | Rapazes | 9 | |
| | | Raparigas | 11 | |
| | D | Rapazes | 10 | |
| | | Raparigas | 11 | |
| | E | Rapazes | 13 | |
| | | Raparigas | 10 | |
| | A | Rapazes | 11 | |

| | | | | |
|---------------------------------|----------|-----------|----|-----|
| 8º Ano | B | Raparigas | 9 | 90 |
| | | Rapazes | 13 | |
| | C | Raparigas | 10 | |
| | | Rapazes | 9 | |
| | | Raparigas | 15 | |
| | D | Rapazes | 14 | |
| | | Raparigas | 9 | |
| 9º Ano | A | Rapazes | 11 | 85 |
| | | Raparigas | 9 | |
| | B | Rapazes | 13 | |
| | | Raparigas | 10 | |
| | C | Rapazes | 12 | |
| | | Raparigas | 10 | |
| | D | Rapazes | 5 | |
| | | Raparigas | 15 | |
| Total de Alunos | | | | 293 |
| Encarregados de Educação | | | | 293 |

Tabela 2- Caracterização dos participantes no estudo

Para este estudo foram selecionados todos os alunos do 7º ano, 8º ano e 9º ano da Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa num total de 293 alunos, assim como todos os encarregados de educação destes alunos, num total de 293 encarregados de educação.

4.3 Instrumento de Recolha de Dados

Como oportunamente referimos, tendo em conta o objetos de estudo e o tipo de dados que se vai pretender recolher, optámos por uma abordagem que dá ênfase ao método quantitativo. No caso dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico será aplicado um inquérito por questionário. Concomitantemente, será realizada um questionário de resposta fechada aos encarregados de educação destes educandos.

O inquérito por questionário é uma poderosa ferramenta para a investigação em ciências sociais:

- Um instrumento de observação não participante nem presencial que permite “uma série de perguntas relativas à (...) situação social, profissional ou familiar,

às (...) opiniões, à (...) atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às (...) expectativas, ao (...) nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy, 1998, 20-21).

- Implica uma recolha sistematizada de dados passíveis de comparação que têm por objetivo de, acordo com o mesmo autor verificar “hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem” (Quivy, 1998, p.28).

No entanto, existem aspetos que vão ser tidos em conta na formulação das perguntas do questionário em causa, nomeadamente o especial cuidado para evitar que os inquiridos sintam dificuldade em responder. As perguntas têm de ser simples, delimitadas a um só problema, objetivas e claras (Hill e Hill, 2008; Hannan, 2007). Não devem apoiar-se em pressupostos e a proposta de uma entre várias possibilidades de resposta deve assegurar que as opções apresentadas cobrem todas as situações relevantes (Henriques, 2011). Foddy (1996) também refere dois pressupostos muito importantes que o investigador tem como verdadeiros, quando aplica um questionário. O primeiro pressuposto remete para o facto o investigador ter efetivamente a ideia exacta sobre o tipo de informação que pretende recolher e o segundo assume que os inquiridos possuem a informação que lhes é solicitada.

Sudman e Bradburn, 1982 citados por Foddy (1996), referem que existem três regras que devem ser respeitadas: não se deve fazer questões concretas sem se ter refletido sobre a questão de investigação; ter presente a questão de investigação aquando da elaboração das perguntas concretas e questionar-se por que é importante questionar um determinado aspeto. O segundo pressuposto refere a importância da questão da memória e do tempo decorrido. Uma vez que estes inquiridos são possuidores da informação que se pretende recolher, são igualmente o resultado de comportamentos que já ocorreram. Foddy (1996)

Desta forma, no planeamento e conceção do estudo, foram considerados alguns aspetos fundamentais: preocupação com a definição dos objetivos da investigação; apresentação clara e objetiva da finalidade do questionário; observância dos princípios de elaboração de inquéritos e, finalmente, usabilidade do instrumento de recolha de dados (inquérito por questionário).

4.3.1 Quadro conceptual dos questionários

A problemática em estudo é claramente o centro de toda a investigação, é ela que dá a sua coerência e potencial de descoberta. Conceber uma problemática é eleger a orientação teórica, explicar o quadro conceptual da investigação, precisar os conceitos fundamentais e as suas relações, construir um sistema conceptual adaptado ao objetos de estudo. (Quivy; Campenhoudt, 1998)

Depois do estudo bibliográfico sobre o tema em estudo, pretendeu-se seguidamente articular esquematicamente o corpo teórico analisado com a realidade que se pretende estudar. Para este efeito foi elaborado um esquema orientador, um quadro conceptual, que identifica os aspetos que conduzem à situação que está a ser investigada. Organiza de forma lógica e integradora as diversas variáveis e a dinâmica do objetos de estudo.

| Pergunta de Investigação | Dimensões | Categorias | Itens do questionário | |
|--|--|--|-----------------------|------------------|
| | | | Alunos | Enc. de Educação |
| Perguntas de Investigação Quais as principais rotinas de comunicação e partilha dos alunos, na Internet? Quais as principais rotinas de relacionamento dos alunos, na Internet? Quais as principais consequências para os jovens das novas formas de relacionamento através da Internet? Os jovens manipulam a sua identidade nas suas relações através da Internet? Que estatuto tem o conceito de amigo na Internet? | Dados Pessoais | Sexo | 1 | 1 |
| | | Idade | 2 | 2 |
| | | Ano de Escolaridade/ Ano de Escolaridade do Educando | 3 | 5 |
| | | Habilitações Literárias | ----- - | 3 |
| | | Profissão | ----- - | 4 |
| <i>Quais as principais rotinas de comunicação e partilha dos alunos, na Internet?</i> | Experiência na utilização da Internet | Utilização do Serviço de Internet | 4 e 5 | 6 e 7 |
| | | Frequência | 6 e 7 | 8 e 9 |
| | | Local | 8 | |
| | Atividades frequentes | Pesquisa para trabalhos escolares ou de outros assuntos; Jogar <i>online</i> ; Conversar em salas de conversação em tempo real Participar em fóruns sobre assuntos de interesse | 9 | 10 |

| | | | | |
|--|--------------------------------|---|----|-------|
| | | pessoal; Utilizar redes sociais Ler livros / revistas em formato digital Ouvir música / Ver vídeos / televisão Fazer downloads de livros/música/filmes/jogos/software Criar/ Atualizar páginas web pessoais Fazer compras | | |
| <i>Quais as principais rotinas de relacionamento dos alunos, na Internet?</i> | Contatos | Familiares próximos Familiares distantes Amigos (que conheces pessoalmente) Amigos(que não conheces pessoalmente) Professores Outros | 10 | 11 |
| | Relação com os contatos | Combinar saídas com os amigos Conversar sobre vários temas Conversas pessoais Envio/Publicação de fotos e vídeos Dar a conhecer as rotinas diárias Ler ou comentar mensagens dos outros Namorar ou estabelecer Contatos afetivos/amorosos | 11 | ----- |
| <i>Quais as principais consequências para os jovens das novas formas de relacionamento, na Internet?</i> | Comportamentos | Diminuição da distância geográfica Facilidade nos contatos Novos amigos Fortalecimento das relações Desinibição Autoestima Encontros presenciais Apoio fora do núcleo de amigos Conhecimento dos contatos Lista de contatos Aceitação por parte dos outros Atividades de lazer Isolamento Relações Virtuais Relacionamentos amorosos Partilha de ideias e experiências Horizontes mais abrangentes Dependência a Internet Diminuição de conflitos | 12 | 12 |

| | | | | |
|--|----------------------------------|--|-------------|-------|
| | | Solidão | | |
| | Rotinas de relacionamento | Convívio Social e familiar Atividades familiares Horários familiares Isolamento Utilização do telemóvel Descanso noturno Leitura Atividade Física Horas de estudo Ansiedade | 13 | 13 |
| <i>Os jovens manipulam a sua identidade nas suas relações em rede?</i> | Veracidade dos dados | Adulteração dos dados | 14 e 15 | ----- |
| <i>Que estatuto tem o conceito de amigo na Internet?</i> | Conceito de Amizade | Influência da Internet no conceito de Amizade | 16, 17 e 18 | 14 |

Tabela 3- Quadro conceptual de dados

4.4. Construção dos questionários

Com o objetivo de conseguir adquirir um número elevado de respondentes, foram elaborados dois questionários, um questionário destinado aos alunos e um outro questionário ao Encarregados de Educação, previamente planeados e trabalhados tendo como pressupostos fundamentais a focalização dos objetivos da nossa investigação, apresentação clara dos objetivos de cada um dos questionários assim como o cumprimento dos princípios na construção de inquéritos.

4.4.1 Focalização dos objetivos da investigação.

No processo de construção da estrutura das questões, houve a preocupação de que todas as perguntas dos dois questionários tivessem uma ligação com os conceitos e objetivos que conduziram à elaboração da investigação.

Inicialmente, quando os questionários começaram por ser projetados foram feitas muitas questões com muitas opções, tornando o questionário efetivamente grande e conseqüentemente confuso no seu preenchimento. Esta situação verificou-se principalmente nos questionários dos alunos. Depois de uma apreciação mais cuidada e aprofundada, reformulámos algumas questões de forma a tornar mais fácil o seu preenchimento e compreensão. O questionário dos Encarregados de Educação foi resultado do questionário dos alunos, devidamente adaptado como é evidente, mas as questões são basicamente as mesmas, porque uma das pretensões deste estudo é

efetivamente comparar sempre que possível a opinião dos alunos com a dos Enc. De Educação.

4.2.2 Apresentação clara dos objetivos do questionário

Para facilitar a aplicação dos questionários, tivemos a preocupação de os iniciar com uma breve introdução de enquadramento, onde se faz referência, de forma simples e clara, aos objetivos desta investigação para que todos os intervenientes sejam esclarecidos da utilização dos seus dados e do seu respetivo tratamento.

4.2.3- Princípios de construção de questionários

A elaboração de um questionário para recolha de dados prevê o respeito por algumas regras e diretrizes suscetíveis de serem dominadas através de alguma revisão bibliográfica sobre o assunto, tal como já foi feito em pontos anteriores deste trabalho. De qualquer modo, é de salientar que as regras enunciadas por autores possuidores de muita experiência neste tema, devem ser seguidas sempre com bom senso e algum sentido crítico, nunca perdendo de vista os objetivos da investigação e o público-alvo a que se destina.

Os questionários elaborados, tanto o questionário dos alunos como o questionário dos Encarregados de Educação, são compostos por várias secções solicitando, respetivamente, informação de carácter pessoal; experiência na utilização da Internet; atividades frequentes e rotinas na Internet; relações e comportamentos no espaço virtual. Para a elaboração de ambos os questionários, procurou-se seguir alguns princípios aprendidos na recolha bibliográfica que foi feita sobre este tema. De seguida, foi feita referência a alguns dos princípios que serviram de base à elaboração dos questionários.

Agrupamento de questões

As questões relacionadas com o mesmo tema foram agrupadas na mesma secção, tal como propõe Ghiglione e Matalon (1993). As secções foram devidamente organizadas para que as questões que delas fazem parte sigam um enquadramento lógico.

Ordem das questões e dos temas

Tendo por base a obra “O inquérito: Teoria e Prática” de Ghiglione e Matalon (1993), a coerência e sucessão dos assuntos questionados foi um dos pontos relevantes na elaboração destes questionários. Ambos os questionários são iniciados com as perguntas

que mais diretamente envolvem o sujeito, que são os dados pessoais às quais será mais fácil de responder, seguindo-se depois as questões sobre os restantes temas que se pretendem estudar.

Tendo em conta que cada pergunta é interpretada segundo a posição que ocupa no questionário (Ghiglione e Matalon, 1993), tentou-se garantir um encadeamento lógico das questões, de forma a facilitar a compreensão da informação pedida, facilitando desta forma o seu preenchimento e garantindo a sinceridade dos respondentes.

Construção frásica e terminologia usada nas questões

Em relação ao léxico usado na construção das questões, não foram utilizadas duplas negativas, realidade que, evidentemente, pode interferir na interpretação das questões. Foram também excluídos acrónimos, termos técnicos, optando sempre pela utilização de palavras mais simples e do conhecimento comum. Sendo assim, simplificou-se ao máximo a terminologia relacionada com os serviços de comunicação na Internet e todos os termos que lhe são associados, embora existam termos em inglês do conhecimento comum e que foram utilizados com regularidade neste contexto, como é o caso de “*chat*”, conversação “*online*”, *etc.*

Utilizámos praticamente sempre o termo Internet, que define de facto a comunidade de utilizadores do protocolo *IP*¹⁹, mas que em linguagem comum se confunde com os serviços assentes neste protocolo.

Foram evitadas palavras que pudessem conduzir a interpretações dúbias (Oppenheim, 1999), ou possuidoras de juízos de valor, que pudessem adulterar o sentido das perguntas e consequentemente das respostas dadas (Ghiglione e Matalon, 1993). De

qualquer forma procurou-se utilizar termos e construções frásicas que fossem compreendidas sem problemas pelos inquiridos com menos escolarização, mas que por outro lado não parecessem desapropriados aos indivíduos com mais formação (Foddy, 1996).

Escalas de Frequência

Nas escalas de frequência tivemos a preocupação de evitar termos vagos, tal como “frequentemente” ou “raramente”, aos quais os inquiridos podem atribuir significados

¹⁹ *Internet Protocol*- trata-se do protocolo central da Internet que define o modo como os dados devem circular entre os computadores da rede.

diferentes com reflexos na exatidão da sua resposta. Dessa forma, optou-se por criar questões muito específicas com opções também muito diretas. Além disso foram adaptadas escalas em cada uma das questões de forma a não terem sentido dúbio.

Duração do preenchimento do questionário

Em relação à duração do preenchimento do questionário, um dos objetivos cruciais seria criar um questionário que demorasse o menor tempo possível a preencher de forma a não saturar o inquirido. De qualquer forma, o tamanho do questionário esteve dependente dos objetivos iniciais propostos nesta investigação. No entanto, com a intenção de não ultrapassar os 30 minutos recomendados²⁰ (Moreira, 1994). Depois da investigadora ter presenciado o preenchimento dos pré-testes junto de alguns alunos, verificamos que o tempo gasto no preenchimento do questionário dos alunos não ultrapassou os 13 minutos, sendo que o menor tempo registado foi 8 minutos e 35 segundos.

4.5 Validação dos questionários

Após a obtenção de uma primeira versão credível do questionário, foi pedido a um painel de especialistas exteriores à equipa de investigação, que revissem todas as questões e apontassem as suas sugestões relativamente aos mesmos. Na tabela abaixo indicada é caracterizado o perfil de cada um dos especialistas envolvidos na validação de ambos os questionários.

| Especialista | Perfil |
|---------------------|---|
| 1 | Sexo: Feminino Habilitações: 12º Ano Profissão: Administrativa Obs: Enc. Educação de um aluno que se encontra na faixa etária deste estudo |
| 2 | Sexo: Feminino Habilitações: Lic. em Gestão de Empresas Profissão: Responsável Técnico de uma empresa de Contabilidade Obs: Enc. Educação de um aluno que se encontra na faixa etária deste estudo |
| 3 | Sexo: Masculino |

²⁰ Autores como Ghigliione e Matalon (1993) prolongam esta duração até aos 45 minutos, caso o questionário seja composto na sua maioria por questões fechadas e a sua aplicação ocorra em lugares tranquilos.

| | Habilitações: Lic. em Gestão de Empresas Profissão: TOC |
|-------|---|
| ITENS | SUGESTÕES |
| 4 | Sexo: Masculino Habilitações: Lic. em Ciências Físico-Químicas Profissão: Diretor de um Agrupamento de Escolas Obs: Enc. Educação de um aluno que se encontra na faixa etária deste estudo |
| 5 | Sexo: Feminino Habilitações: Lic. em Português/Francês Profissão: Professora |
| 6 | Sexo: Feminino Habilitações: Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução Profissão: Professora |
| 7 | Sexo: Feminino Habilitações: Lic. Ensino Básico variante português/Inglês Profissão: Professora Obs: Enc. Educação de um aluno que se encontra na faixa etária deste estudo |
| 8 | Sexo: Feminino Habilitações: Doutoramento em Ciências da Educação Profissão: Professora do Ensino Secundário Obs. |
| 9 | Sexo: Masculino Habilitações: Mestrado em Avaliação Educacional Profissão: Professor do Ensino Secundário Obs. |

Tabela 4- Caracterização do perfil do painel de especialistas

Nesta fase de revisão, Ghigliione e Matalon (1993) fazem referência a vários aspetos que merecem uma atenção especial. Consideram que é necessário verificar se todas as questões são interpretadas de forma geral por todos e da forma que a investigadora previa; outro aspeto não menos importante e crucial, quando se trata de um questionário fechado, é efetivamente passar pela verificação das categorias de resposta que deverão cobrir todas as alternativas possíveis.

O painel de especialistas enviou, com base num formulário proposto pela investigadora, um conjunto de sugestões acerca dos questionários. Essas sugestões foram reunidas de forma organizada e posteriormente discutidas. No quadro que se segue são mostradas as propostas do painel de especialistas.

Após a análise das sugestões apontadas pelo painel de especialistas foram adotadas as que nos pareceram úteis e, nesse sentido, foram efetuadas no questionário as alterações consideradas pertinentes.

| | |
|---|--|
| <p>Dificuldades de preenchimento (sentidas ou presumidas)</p> | <ul style="list-style-type: none"> • A linguagem utilizada é acessível e a temática em que se centra o mesmo encontra-se no domínio do senso comum. • Pergunto-me se não existirá uma maior compreensão utilizando essas mesmas traduções ou se será mais pertinente manter os termos em língua inglesa que são de maior uso dos alunos. • Item 17 - não sei se está claro que o conceito de amigo (solicitado) ultrapassa o de “amigo virtual”. • Poderia estar explícito que a referência não é a amigos da Internet. |
| <p>Adequação, formulação e correcção dos itens.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Penso que seria pertinente um atenção especial sobre a utilização de / que podem de alguma forma dificultar a leitura dos alunos. Penso que seria em alguns casos benéfico a sua substituição por e ou. <p>Em casos mais específicos.</p> <p>10. Utilizas a Internet para comunicar com: Famíliares que moram contigo ou vivem na mesma vila/cidade; Penso que seria pertinente alterar para localidade para evitar ambiguidade de alunos que com residência em aldeias, montes, sítios <i>etc.</i></p> <p>11. Passar o tempo a falar de coisas fúteis e sem interesse. Pode de alguma forma condicionar os alunos pois está a ser associado o termo interesse com futilidade e uma futilidade pode de facto ser um interesse do aluno.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A instrução no item 5 não deveria estar no final da resposta a essa questão ? De facto o aluno só termina a participação depois de responder, certo ? • O item 13 pergunta se a Internet alterou, mas assume à partida que há alteração (as opções de resposta distinguem o sentido dessa alteração) e ... se não houve alteração? Não devia haver uma coluna para essa opção? • No item 9 do questionário de alunos, na opção “Ler livros /revistas” - talvez devesse surgir a expressão “digitais” ou “em formato digital”. • Verificar as opções que estão em maiúsculas, por exemplo “Ver vídeos”, “Atualizar páginas”. • Noto que o questionário não respeita o AO. • No item 10 não deveria constar: (Podes assinalar mais do que uma opção) ? • No quadro das atividades (item 11) • Combinar ou marcar saídas com amigos (Visitas, Cinema, Café, <i>etc...</i>). – rever a opção por maiúsculas. |

| | |
|--|---|
| | <ul style="list-style-type: none"> • No item 13 rever a opção por maiúsculas, nos exemplos. • No campo 13, devia existir uma 3ª opção como por Exemplo: “ não sofreu alteração “ • Nas questões oito e nove do questionário para os EE parece-me útil uma opção que diga: Não sei, Desconheço ou algo assim. • Item 14 no questionário dos EE- restringe só as relações familiares, deveria ser mais abrangente. • Item 15 no questionário dos alunos- Se responder “Sim” não há necessidade de se justificar, só se responder “Não”. |
| Representatividade da variedade de respostas; Necessidade de reformulações. | No quadro conceptual a primeira pergunta de investigação é “Quais as rotinas de comunicação e relacionamento dos alunos dentro ou fora da Internet?” – no questionário de alunos as questões estão todas colocadas no âmbito da Internet. Não há questões relacionadas com o que se passa fora da Internet. Parece-me que é um aspeto a ser revisto/ajustado. |
| Redução ou ampliação do número de itens. | Compreendendo que o assunto assim o obriga, considero que por vezes a multiplicidade de opções podem levar os alunos, principalmente os mais novos, a perderem o foco ou mesmo a responderem sem a devida reflexão sobre essas mesmas opções. |
| Outros aspetos a considerar pelo especialista. | As notas que faço para o questionário dos alunos servirão, quando pertinente, para o questionário dos pais. Talvez o item 10 e a dimensão “Relações” fizessem mais sentido no âmbito da pergunta de investigação anterior – “Quais as rotinas de comunicação...” |
| Outras sugestões | <p><i>1- <u>Notas gerais (para ambos os questionários)</u></i></p> <p>Introdução inicial – sugestão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Um ou dois parágrafos simples onde a investigadora faz uma contextualização do questionário e assegura a confidencialidade dos dados e o anonimato das respostas (consentimento informado) • Instruções de preenchimento/resposta em cada um dos itens (ou para um grupo quando a forma de preenchimento é a mesma.) • Ainda que para o/a investigadora/a o enunciado esteja claro e o modo de preenchimento pareça obvio, nunca se deve assumir que os respondentes sabem como responder às perguntas . • Por isso, é fundamental que as instruções gerais e específicas estejam presentes no local adequado e sejam claras. Este aspeto pode ser particularmente relevante se se tratar de um questionário de aplicação direta (sem a presença do investigadora para formular, |

| |
|--|
| explicar/clarificar as perguntas e registar as respostas). |
|--|

Tabela 5- Resumo das sugestões propostas pelos especialistas

Segundo os vários autores lidos a respeito da elaboração e aplicação dos questionários, depois de feita a primeira versão do questionário é essencial e necessário a sua experimentação junto de um número reduzido de indivíduos, num processo designado por pré-teste. Nesta fase é importante que o investigadora acompanhe presencialmente este pré-teste e que verifique as dificuldades e se efetivamente o questionário permite a obtenção de respostas para as questões de investigação inicialmente propostas.

O pré-teste foi efetuado com um grupo de seis alunos. A investigadora esteve presente e acompanhou o seu preenchimento. A presença da investigadora nesta fase é fundamental, uma vez que verifica quais as dificuldades de preenchimento ou compreensão que os alunos mostram no preenchimento do questionário no pré-teste. Os seis alunos que fizeram parte deste pré-teste pertenciam a duas escolas diferentes da Escola em estudo, mas estavam enquadrados nos anos de escolaridade e na faixa etária em estudo. Na tabela abaixo, é descrito o perfil de cada um dos alunos que fizeram parte do pré-teste.

| Aluno | Perfil |
|--------------|--|
| 1 | Sexo: Feminino Ano de Escolaridade: 8º Ano |
| 2 | Sexo: Feminino Ano de Escolaridade: 8º Ano |
| 3 | Sexo: Feminino Ano de Escolaridade: 7º Ano |
| 4 | Sexo: Feminino Ano de Escolaridade: 8º Ano |
| 5 | Sexo: Masculino Ano de Escolaridade: 7º Ano |
| 6 | Sexo: Masculino Ano de Escolaridade: 7º Ano |

Tabela 6- Perfil dos alunos que realizaram o teste piloto

Segundo Oppenheim (1999) a construção de um questionário para além de criativo, resulta de sessões de brainstorming, adaptações de outros questionários, contributos e

experiências dos investigadores e de estudos piloto. Foi o que procurámos fazer com o questionário que concebemos e construímos no âmbito deste estudo.

4.6 Estrutura da versão final dos questionários

Após as alterações sugeridas pelo painel de especialistas para ambos os questionários e depois dos seis alunos terem realizado o pré-teste na presença do investigadora, foram realizados alguns ajustamentos de forma a colmatar as falhas ou a incompreensão de algumas questões e de maneira a tornar ambos os questionários mais claros e mais simples de preencher.

4.7 Aplicação dos questionários

Os questionários foram distribuídos na Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa pelos alunos do 3º ciclo. Foi pedida a colaboração dos professores para que os distribuíssem e dessem o tempo necessário para que os alunos não se sentissem pressionados e as suas respostas fossem as mais sinceras. Foi entregue a cada aluno um exemplar para levar para casa e solicitar o seu preenchimento ao respetivo encarregado de educação e, no dia seguinte, voltar a entregar ao professor. Os questionários foram aplicados na escola em estudo no período de 17 de Maio a 11 de Junho.

4.8 Procedimentos de tratamento dos dados

Após os dados recolhidos relativamente aos questionários dos alunos e dos Encarregados de Educação, será utilizado um programa que auxilie o tratamento estatístico dos dados, neste caso em particular o Microsoft Excel. Os dados serão tratados separadamente, inicialmente será feita uma tabela capaz de guardar os dados recolhidos de todas as questões existentes para os alunos e depois para os Encarregados de Educação. Será realizado o estudo por ano de cada uma das questões tanto para os alunos como para os encarregados de educação, serão feitas as médias de estudo dos três anos estudados para representar graficamente as discrepâncias (ou não) entre os anos estudados tanto a nível dos jovens alunos como dos respetivos Encarregados de Educação.

CAPÍTULO V

CAPÍTULO 5- Análise de Resultados

Introdução

Neste capítulo apresentamos os resultados da análise dos dados recolhidos junto dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico e dos respetivos Encarregados de Educação para averiguar a alteração de comportamentos, rotinas e atitudes por parte destes alunos, motivadas pelas relações interpessoais que estes estabelecem através da Internet, conforme foi exposto no capítulo anterior.

A organização deste capítulo teve em conta os objetivos do estudo, as perguntas de investigação e a preocupação de apresentar os resultados de forma precisa, coerente e sequenciada.

5.1 Caracterização da Amostra de respondentes aos questionários

Inicialmente, foram distribuídos 293 questionários no seu total pelos alunos do 7º, 8º e 9º ano na Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro. O mesmo número de questionários foi entregue aos Encarregados de Educação. Após um mês, foram preenchidos e restituídos 232 questionários dos alunos e 119 questionários dos Encarregados de Educação. A taxa de retorno foi, por isso, de 79% para os alunos e de 41% para os Encarregados de Educação. Desta forma, a amostra ficou reduzida a 232 alunos e 119 Encarregados de Educação, tal como apresentamos graficamente nas figuras que se seguem.

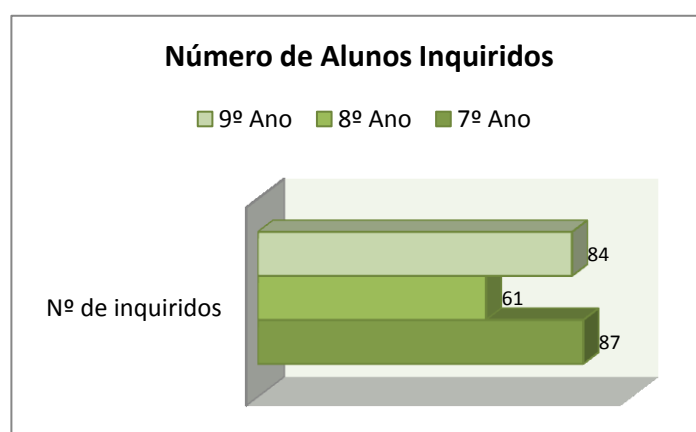


Gráfico 1- Número de Alunos Inquiridos

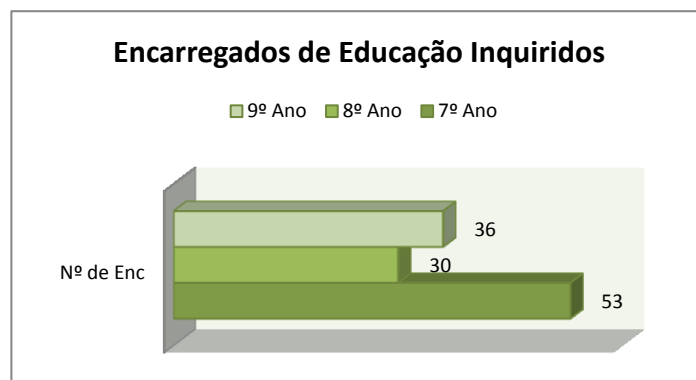


Gráfico 2- Número de Encarregados de Educação inquiridos

Tal como se representa nos gráficos anteriores, no total de 232 alunos temos uma distribuição de 84, 61 e 87 alunos para o 7º, 8º e 9º ano respetivamente, verificando-se a taxa de retorno mais reduzida, no 8º ano.

Como era de esperar, a taxa de retorno dos Encarregados de Educação também foi menor no 8ºano. No entanto, no 7º ano a taxa também foi significativamente inferior comprando com a taxa de retorno dos alunos do mesmo ano, ou seja, 84 para os alunos e 36 para os Encarregados de Educação. No 9º ano, foram devolvidos 53 questionários, verificando-se também uma taxa de retorno francamente inferior à taxa de retorno dos questionários dos alunos do mesmo ano em questão.

a) Sexo

Em relação ao sexo, pode verificar-se, segundo o gráfico abaixo representado, que 113 alunos inquiridos são rapazes, sendo o 7º ano aquele que agrega mais elementos masculinos apresentando um total de 46 elementos deste sexo, seguido do 9º com 38 e por último do 8º com 29 rapazes.

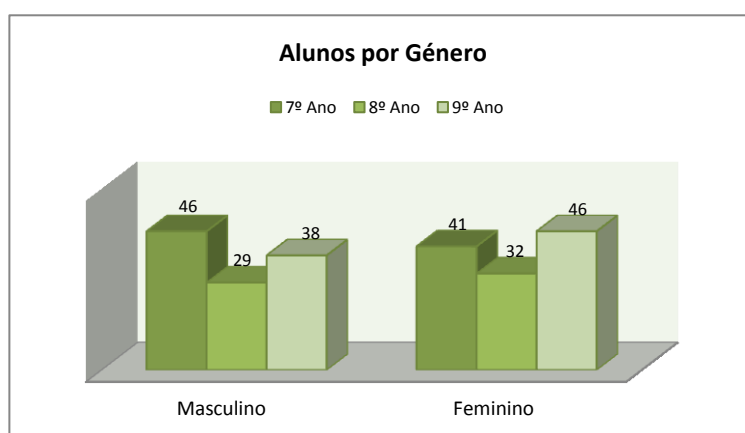


Gráfico 3- Alunos por género

O sexo feminino apresenta um total de 119 elementos, com 46 para o 9º ano, sendo este o ano que ocupa o valor mais elevado de elementos, seguido do 7º ano com 41 e finalmente o 8º com 32 raparigas.

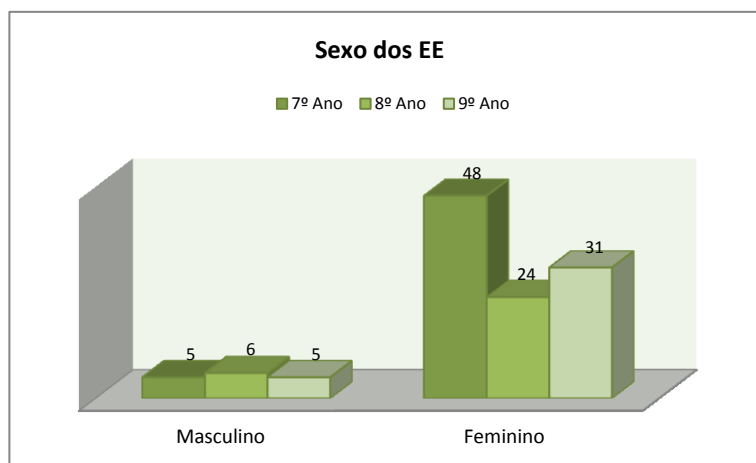


Gráfico 4- Sexo dos EE

Ainda em relação a esta variável, mas tendo em conta os Encarregados de Educação inquiridos, de acordo com o gráfico acima representado podemos dizer que o sexo predominante é o feminino. O 7º ano é o que apresenta mais elementos deste género, assumindo o valor de 48, seguido do 9º ano com 31 e finalmente o 8º ano com 24 mulheres.

b) Idade

Em relação à idade dos alunos inquiridos foi realizada a média dos três anos em estudo, conforme o gráfico seguinte.

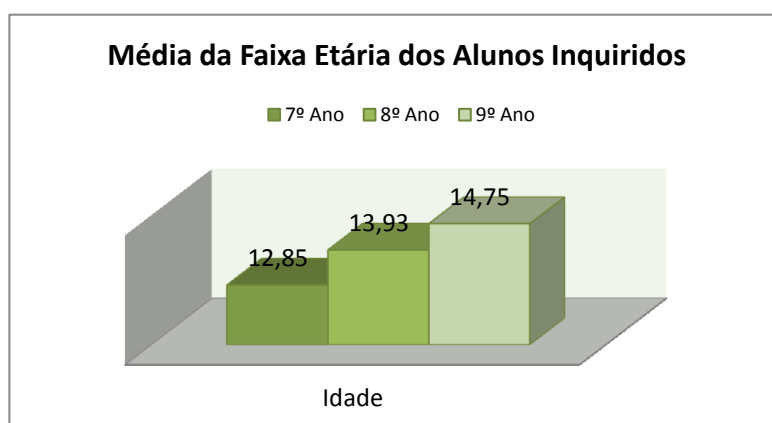


Gráfico 5- Média da Idade dos alunos

Como é evidente, a média das idades apresenta uma gradual subida, registando 12,85 para o 7º ano, de 13,93 para o 8º e finalmente a média de 14,74 anos para o 9º ano.

Em relação aos Encarregados de Educação estudados, para além de efetuarmos o estudo sobre a média das idades, realizámos também o estudo sobre as habilitações literárias, conforme mostram os gráficos que se seguem.

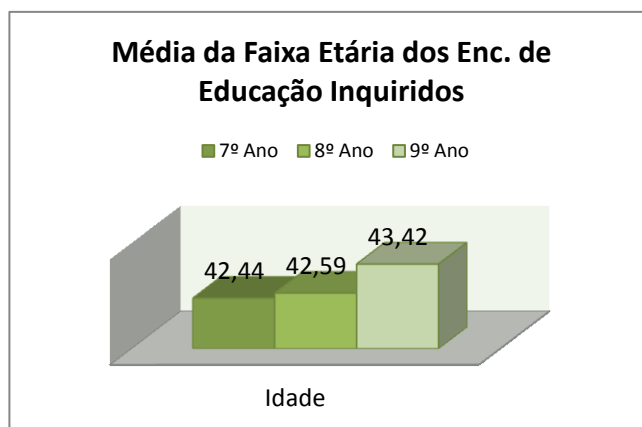


Gráfico 6- Média da idade dos EE

Segundo o gráfico, verifica-se que a idade média de idades dos encarregados de educação nos três anos ultrapassa a barreira dos 40 anos. Para o 7º ano a idade média é de 42,44, no 8º ano subiu ligeiramente atingindo o valor de 42,59 e finalmente e 9º ano registou-se a média de 43,42 anos.

a) Habilitações Literárias dos Encarregados de Educação

Em relação às habilitações literárias dos Encarregados de Educação de 119 alunos, a informação recolhida encontra-se representada no gráfico abaixo exposto.

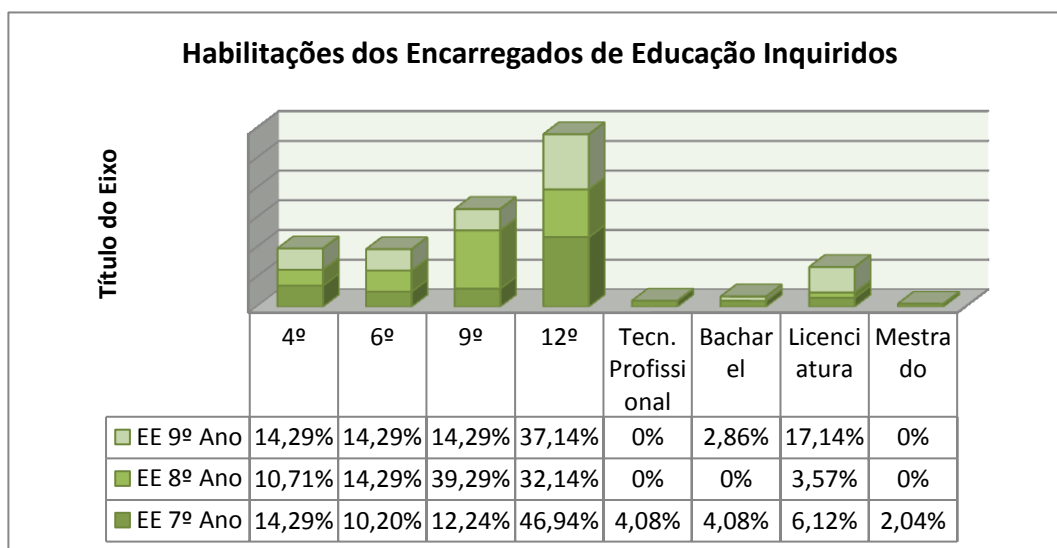


Gráfico 7- Habilitações dos EE

O 12º ano é, efetivamente, a habilitação que mais se destaca para os Encarregados de Educação do 7º e do 9º ano, apresentando 46,94% para os EE do 7º ano e 37,14% para os EE do 9º ano. Para os EE do 8º ano, a habilitação literária predominante é o 9º ano com um valor de 39,29%. As restantes habilitações encontram-se em percentagens menos significativas, sendo o Mestrado a que representa o valor mais baixo com 2,04%, que corresponde a um EE do 7º ano.

5.2 Experiência na utilização da internet

Utilização da Internet pelos alunos

Tendo em conta a primeira questão do questionário (que não corresponde a questões de carácter pessoal), sobre a utilização da Internet, apenas 5 alunos responderam que não utilizavam a Internet, conforme o gráfico que se segue.

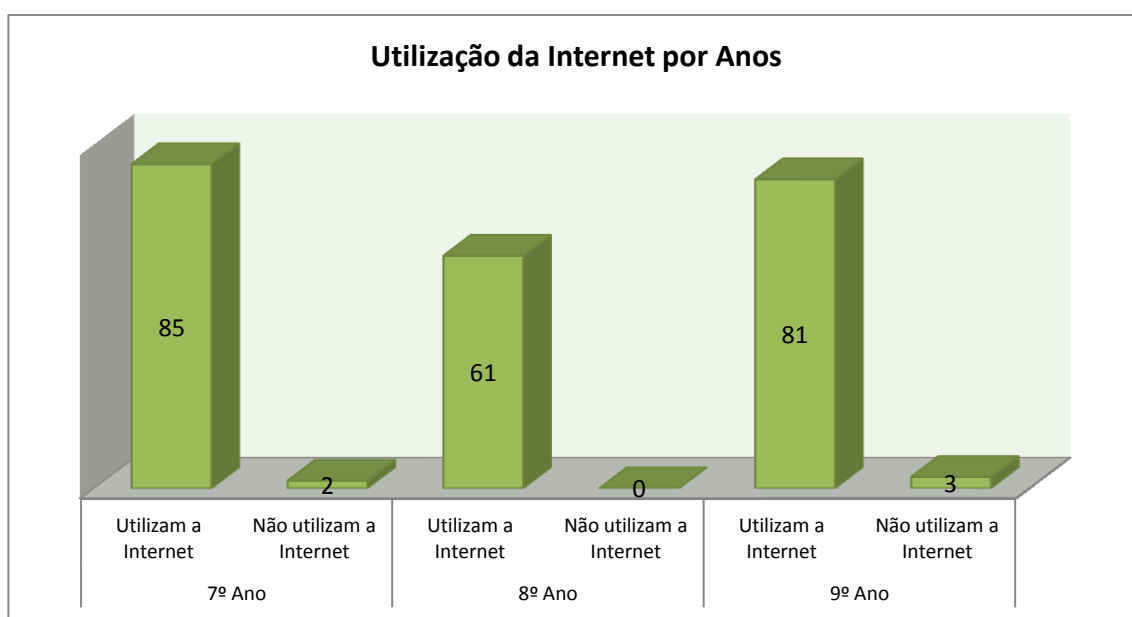


Gráfico 8- Utilização da Internet por anos de escolaridade

Como se pode verificar, dos 87 alunos inquiridos do 7º ano, apenas 2 alunos indicaram que não utilizavam a Internet, alegando que não utilizam porque simplesmente “não apetece” [Nota do investigador: Após consulta aos aplicadores do questionário interpretamos que “não apetece” não significa que aos alunos não utilizam a Internet. Apenas exprime que os alunos não estavam interessados em continuar a preencher o questionário.] Do 8º ano todos os alunos indicaram que utilizavam a Internet e do 9º ano, dos 84 inquiridos 3 responderam que não utilizavam indicando a mesma justificação que os alunos de 7º ano, “não apetece”.

Frequência de utilização da Internet

Segundo a amostra disponível de 227 alunos (daqui para a frente a nossa amostra ficou com menos 5 alunos, uma vez que responderam que não utilizavam este serviço), recolhemos a frequência com que o serviço Internet é utilizado pelos alunos, tal como está representado graficamente na figura seguinte.

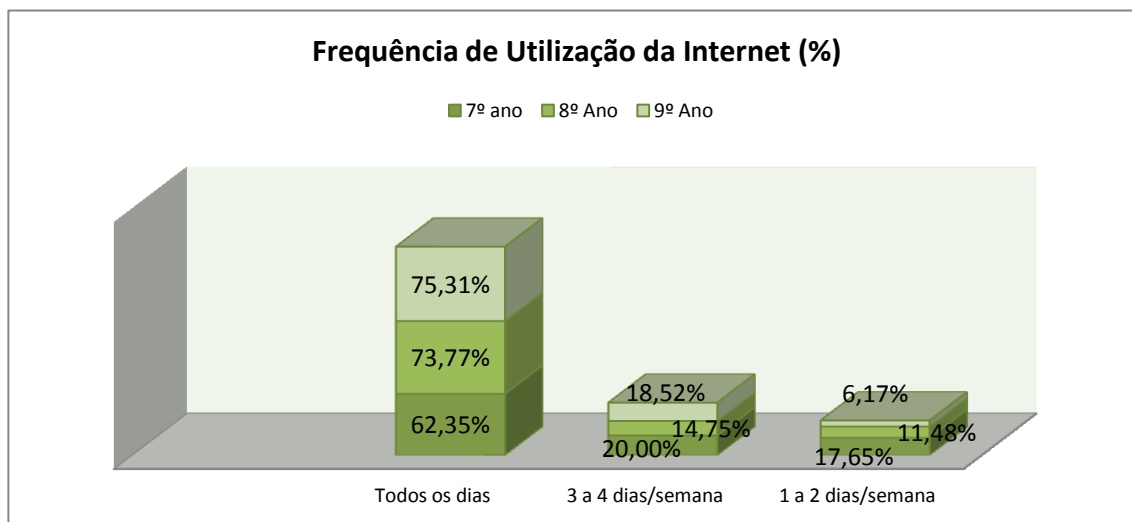


Gráfico 9- Frequência de utilização da Internet

Apuramos claramente que uma parte significativa da nossa amostra utiliza a Internet todos os dias, verificando-se esta frequência nos 3 níveis de escolaridade estudados. Mais de metade dos alunos do 7º ano, mais exatamente 62,35%, indicou que utilizam este serviço todos os dias, verificando-se um aumento à medida que avançamos nos anos de escolaridade. Na mesma opção, os alunos de 8º apresentam uma taxa de 73,77% e no 9º ano uma nova subida com um valor de 75,31%.

As restantes opções diminuem gradualmente. Para a segunda opção “3 a 4 dias/semana” é o 7º ano que regista o valor mais alto, apresentando uma taxa de 20%, seguido do 9º ano com 18,52% e finalmente o 8º com 14,75%. A terceira opção “1 a 2 dias/semana” é a opção que recolheu menos respostas mas, mesmo assim, o 7º ano registou 17,65% de respostas, seguido do 8º com 11,48% e finalmente o 9º ano com um valor mais reduzido apresentando uma taxa de 6,17%.

A este respeito torna-se pertinente fazer a apresentação dos resultados da mesma pergunta, efetuada aos Encarregados de Educação dos alunos. Dessa forma, o gráfico que se segue representa a opinião dos Encarregados de Educação em relação à frequência com que os respetivos educandos utilizam a Internet.

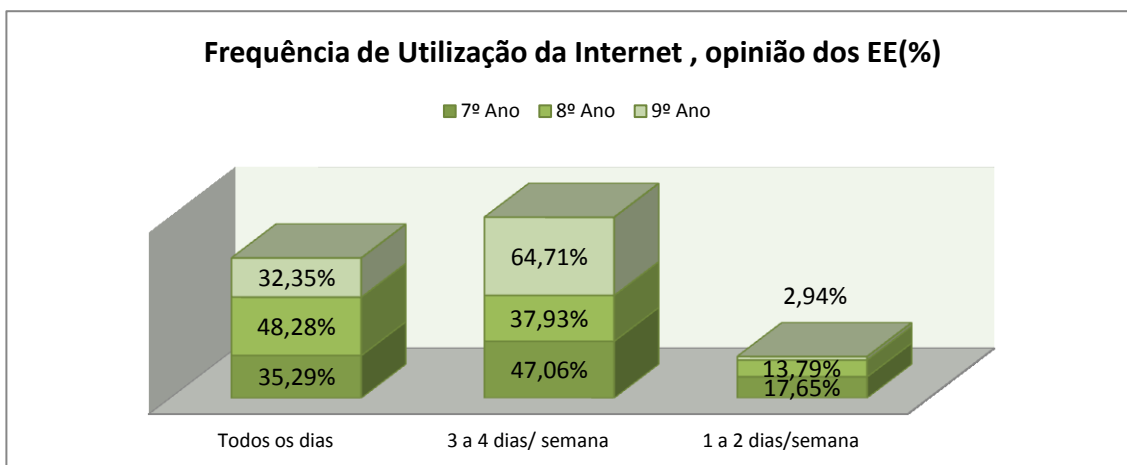


Gráfico 10- Frequência de utilização da Internet, segundo os EE

Efetivamente, a opção “Todos os dias” também foi a que recolheu mais respostas por parte dos EE inquiridos, sendo os EE do 8º ano aqueles que mais assinalaram esta opção com uma percentagem de 48,28%, seguidos dos EE do 7º ano com 35,29% de respostas e finalmente os do 9º ano com 32,25%.

Segue-se a opção “3 a 4 dias/semana”, que reuniu o consenso de 64,71% dos EE do 9º ano, o valor mais significativo, seguido dos EE do 7º ano e do 9º ano, respetivamente com 47,06% e 37,93%.

A opção que reuniu menos respostas foi a de uma utilização da Internet “1 a 2 dias/semana”. No entanto, os EE do 7º ano apresentam 17,65% e os do 8º ano 13,79% de respostas. Nos EE do 9º ano verifica-se um decréscimo do número de resposta, apresentando apenas 2,94%.

Fazendo o cruzamento dos resultados obtidos por parte dos alunos e por parte dos respetivos Encarregados de Educação, verifica-se que a opção “Todos os dias” regista a maior escolha por parte dos inquiridos (tanto dos alunos como dos EE). Na segunda opção “3 a 4 dias/semana” verifica-se que os valores são bastante divergentes, comparando as respostas dadas pelos alunos e pelos respetivos EE. Enquanto, de uma forma geral, os alunos dizem utilizar a Internet “Todos os dias”, os seus EE afirmam que a Internet é utilizada pelos seus educandos apenas “3 a 4 dias/semana”. Existe naturalmente uma total falta de vigilância parental por parte destes EE no uso da Internet, sendo de facto importante que os pais arranjem estratégias para controlar a utilização neste serviço, tanto em termos de frequência de utilização como na forma de utilização.

Tempo de utilização da Internet

Depois de apurar a frequência com que os alunos utilizavam a Internet, é pertinente estudar o tempo que passam na Internet e, nesse sentido, tentámos averiguar a média de horas de utilização deste serviço por dia. Segundo os alunos inquiridos, o gráfico resultante é o seguinte:

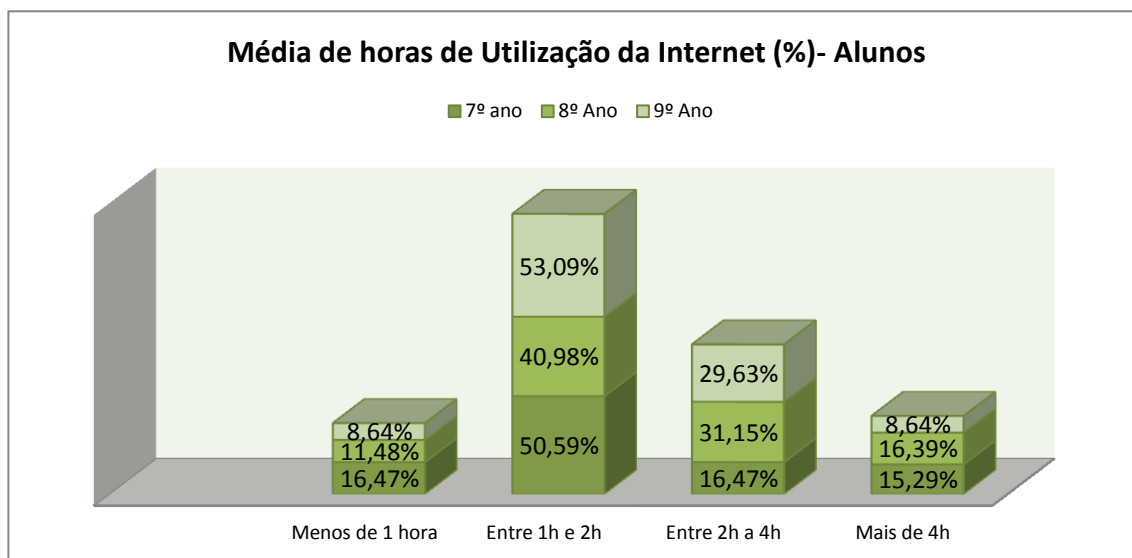


Gráfico 11- Média de horas de utilização da Internet- Alunos

Observando o gráfico, verificamos que a opção que reúne menos respostas foi a opção “menos de 1h” de utilização da Internet, sendo a opção “entre 1h e 2h” a opção mais escolhida pelos alunos inquiridos. O ano que mais incidiu nesta opção foi o 9º com mais de metade dos alunos inquiridos a assinalar esta opção, apresentando assim 53,09%. A segunda opção mais selecionada foi “Entre 2h a 4h”, com o 9º ano mais uma vez a registar os valores mais altos com 29,63% dos inquiridos a escolher esta opção. Finalmente, relativamente à última opção “Mais de 4h”, o 7º e 8º ano apresentam valores muito próximos, 15,29% e 16,39% respetivamente. Nesta opção o 9º ano apresenta uma percentagem mais baixa, apenas com 8,64% de respostas.

Antes de fazer o cruzamento das respostas obtidas entre os Alunos e os EE, é importante representar graficamente os EE que possuem Internet em casa e só depois fazer o cruzamento da média da sua utilização.

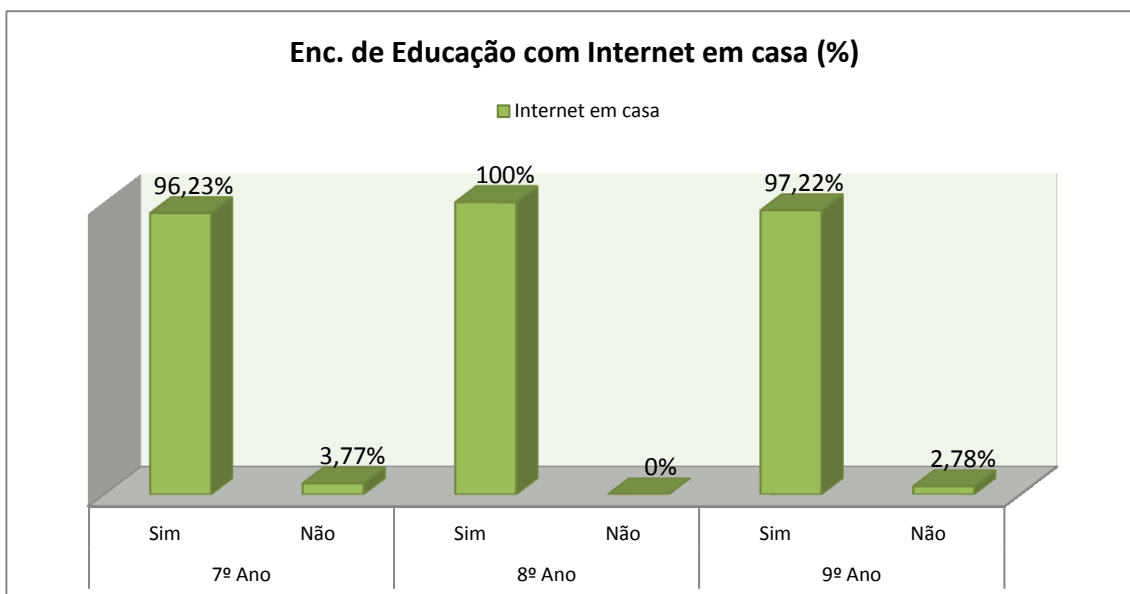


Gráfico 12- Internet em casa (%)- EE

Segundo o gráfico acima representado, os dados são claros e mostram que praticamente todos os EE possuem Internet em casa. Dos EE do 7º ano apenas 3,77% responderam que não possuem e no 9º ano apenas 2,78% responderam o mesmo, enquanto no 8º ano todos os EE deste ano responderam afirmativamente a esta questão.

Uma vez que demonstrámos que praticamente todos os EE possuem Internet em casa, a utilização por parte dos seus educandos representa-se graficamente da seguinte forma.

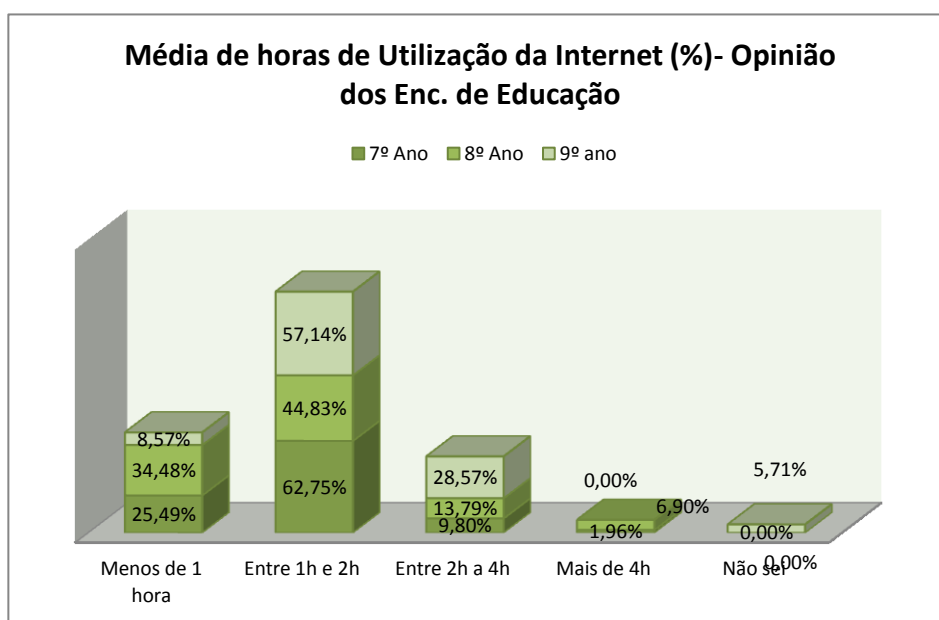


Gráfico 13-Média de horas de utilização da Internet (%)- EE

De forma a realizar uma analogia mais rigorosa, elaborámos um gráfico com os resultados obtidos de ambas as partes.

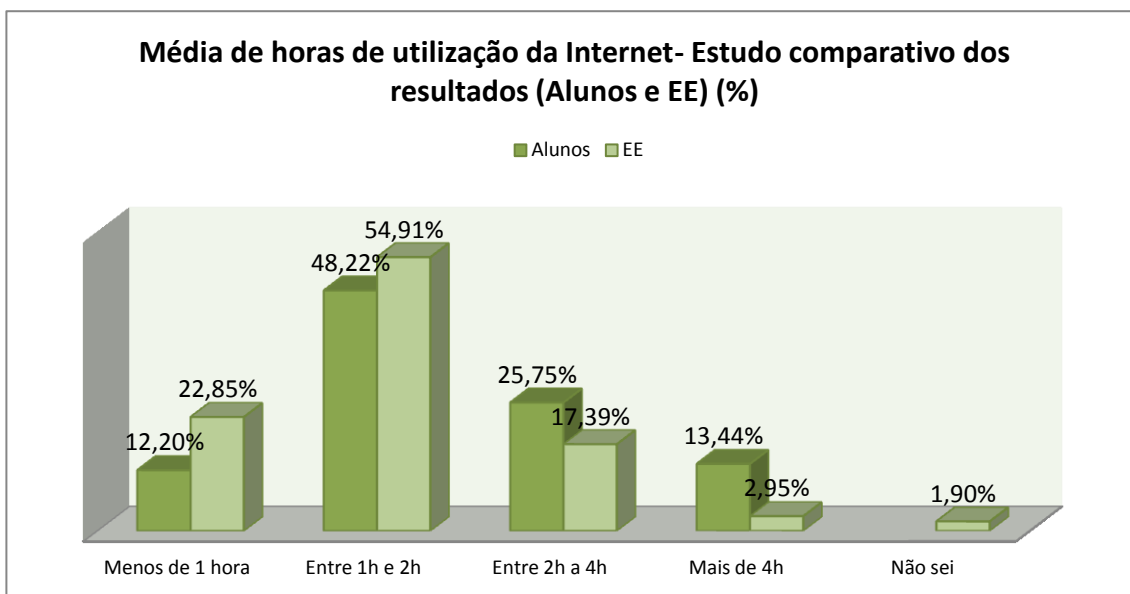


Gráfico 14- Estudo comparativo de utilização da Internet (alunos e EE)

A opção que apresenta um valor superior é efetivamente a mesma opção que apresenta uma percentagem mais significativa por parte dos alunos, sendo por isso “Entre 1h e 2h” de utilização da Internet a opção mais “votada” por ambas as partes.

Fazendo o cruzamento dos dados entre os alunos e os respectivos EE, há efetivamente algumas discrepâncias que devem ser referidas e analisadas.

Destaco que a opção “Mais de 4h” assume valores bastante mais elevados do que a mesma opção quando são os EE inquiridos, havendo uma claríssima discrepância de valores nesta opção. A opção “Menos de 1h” de uso da Internet também assume valores mais altos comparando com os alunos. Alguns EE, somente do 9º ano (5,71%), admitem que não fazem ideia do tempo que os seus educandos passam na Internet.

Podemos então concluir que, de acordo com a opinião dos alunos e dos seus EE, a generalidade dos alunos consome entre 1 a 2 horas e entre 2 a 4 horas na Internet. Contrariando a opinião dos filhos, alguns pais não assumem ou não evidenciam saber que os seus filhos passam, em média, mais de 4 horas por dia a utilizar a Internet.

Local de acesso à Internet

Depois de analisar a média de utilização da Internet, pretende-se averiguar o local onde os acedem com mais frequência à Internet.

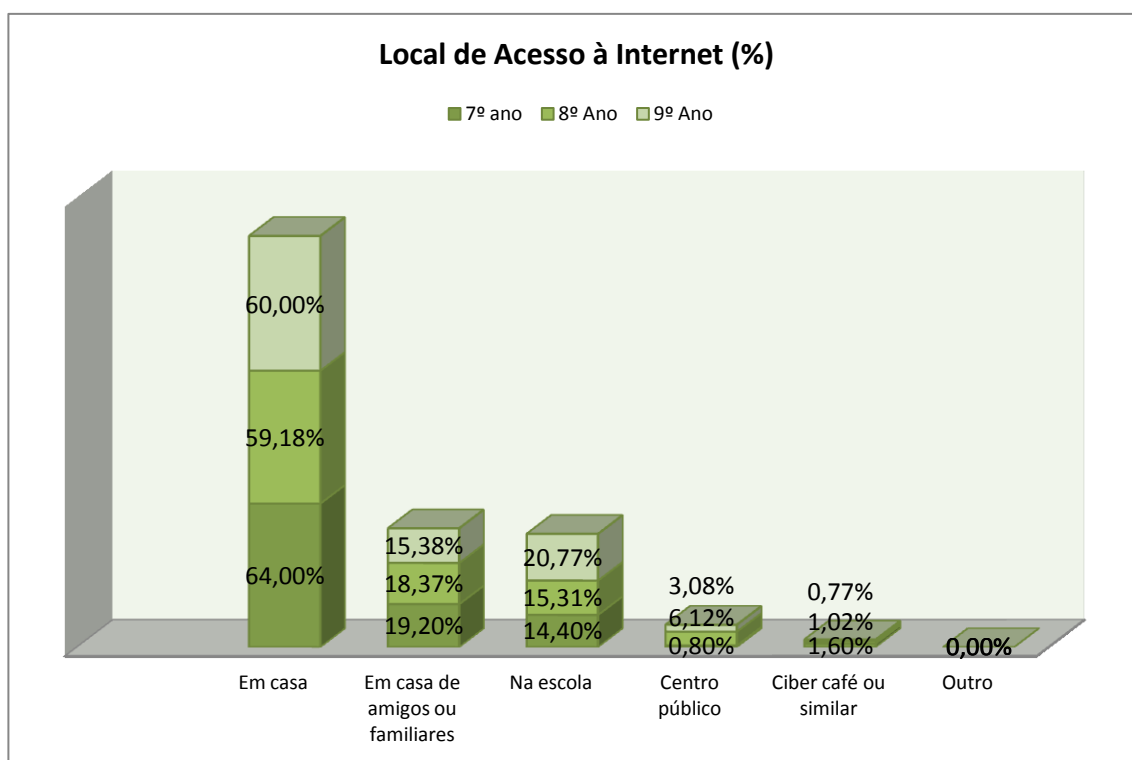


Gráfico 15- Local de acesso à Internet

A opção mais escolhida por parte dos alunos é em “Casa”, embora grande parte do dia seja passado na escola. Tendo em conta que a escola em estudo acolhe alunos de vários concelhos vizinhos e que os horários para transportes e a hora de chegada a casa pode em alguns casos ser tardia, a verdade é que segundo os dados recolhidos, é em “Casa” que estes alunos optam por se ligar à Internet. Aliás, mais de metade de qualquer um dos anos de escolaridade estudado revela que a “Casa” é o sítio onde acede com mais frequência à Internet, sendo o 7º ano o ano que representa uma percentagem mais elevada com 64%, seguindo-se o 9º ano com 60% e finalmente o 8º ano com 59,18%.

Muito equiparadas seguem-se as duas opções “Em casa de amigos e familiares” e “Na escola”.

Segue-se a opção “Centro público” com valores muito reduzidos, embora sejam os alunos do 8º ano que mais optaram por esta escolha com uma percentagem de 6,12%. Finalmente a opção “Ciber café ou similar” com valores ainda mais baixos, sendo o valor mais alto de 1,60% que diz respeito aos alunos de 8º ano.

5.3 Rotinas de comunicação e partilha

Atividades na Internet

A próxima questão a ser representada tem como objetivo compreender quais atividades que os alunos desenvolvem com mais frequência na Internet, tendo esta questão sido também colocada aos EE. Em ambos os contextos, era solicitado aos inquiridos que assinalassem as três atividades que desenvolvem com mais frequência na Internet.

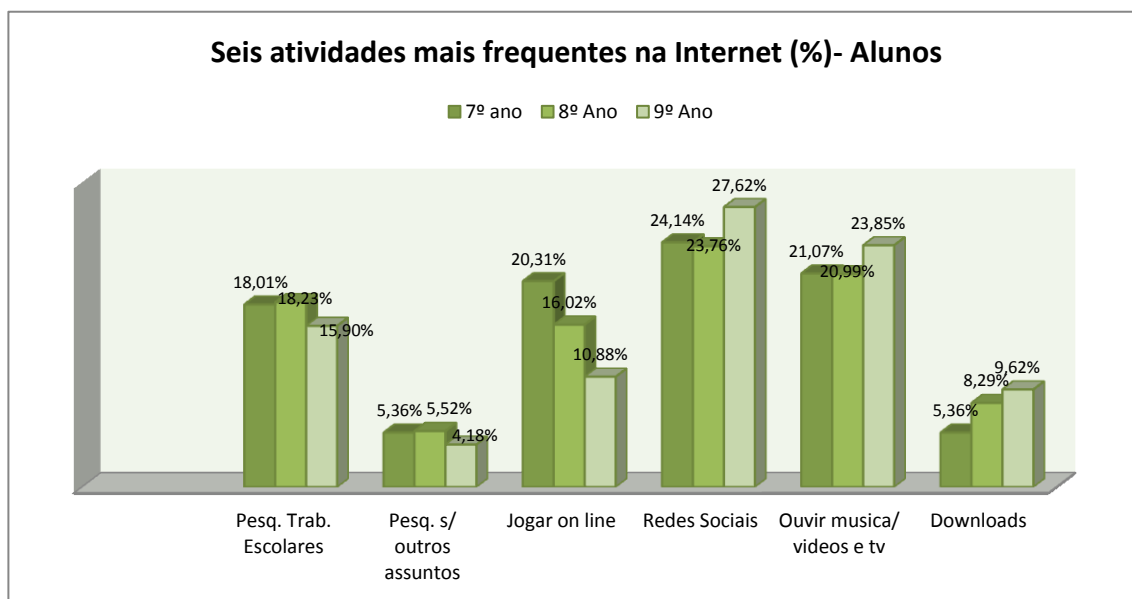


Gráfico 16- Seis atividades frequentes na Internet (%) - Alunos

Fazendo a leitura do gráfico dos alunos estudados, onde se retratam as atividades dos três anos de escolaridade, percebemos que as “Redes Sociais” constituem a opção mais selecionada pelos alunos, independentemente do ano em que estes se encontram. Os alunos do 9º ano são os que apresentam uma percentagem mais alta com 27,62% de respostas, seguido dos do 7º ano com 24,14% e finalmente o 8º com 23,76%. “Ouvir música e assistir a vídeos” foi a segunda atividade mais votada pelos alunos, também dos três anos em estudo, ficando os alunos do 9º ano à frente com 23,85%, seguidos do 7º ano com 21,07% e do 8º ano com 20,99%. A terceira atividade mais frequentemente realizada na Internet pelos alunos é “Jogar *online*”. Segundo os dados apresentados no gráfico, os alunos do 7º e do 8º ano apresentam valores significativos, sendo de 20,31% e 16,98% respetivamente. Os alunos de 9º ano, como terceira atividade, não optaram por “jogar *online*”, mas em contrapartida elegeram a opção “Pesquisa de trabalhos escolares” sendo esta opção a terceira mais frequente para estes alunos com 15,90% de respostas. Esta mesma opção representa a quarta atividade mais frequente para os alunos do 7º e 8º ano.

Segue-se a opção dos “Downloads”, verificando-se um aumento da taxa à medida que o ano de escolaridade progride, iniciando-se com 5,36% nos alunos de 7º e a terminando com 9,62% nos alunos de 9º ano. As restantes atividades não apresentaram valores acima de 1,3%, à exceção das “Pesquisas sobre outros assuntos” que apresenta valores entre os 4% e 5% entre os anos estudados.

Procedemos ao cruzamento desta mesma questão com os dados obtidos a partir das respostas dos EE.

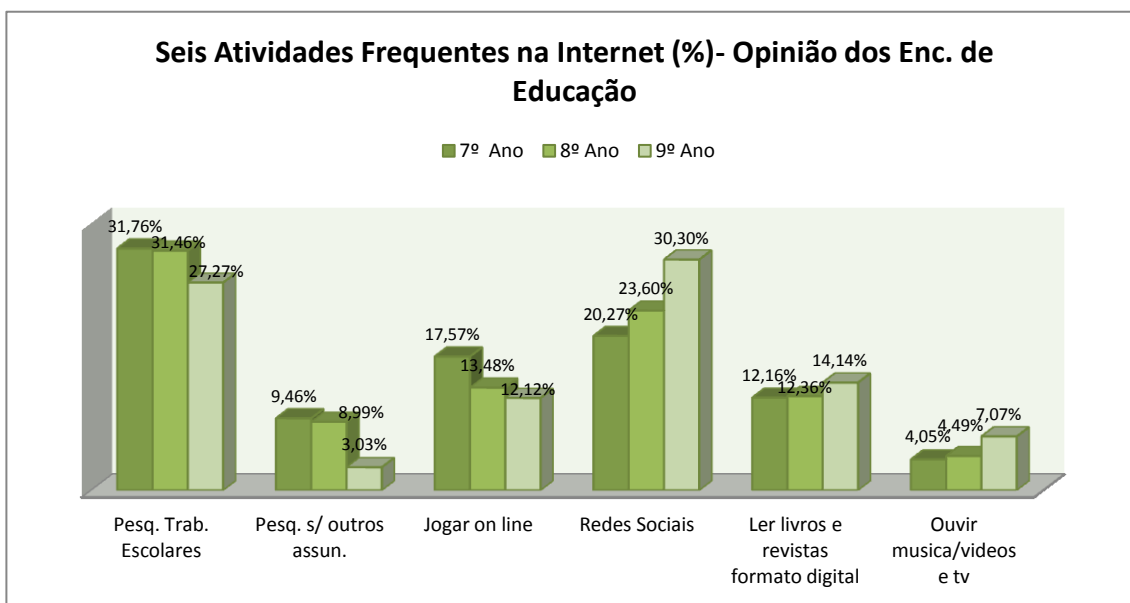


Gráfico 17- - Seis atividades frequentes na Internet (%) - EE

Analisando os resultados obtidos por parte dos EE nesta questão, verificamos claramente que grande parte dos EE inquiridos assume como principal atividade dos seus educando na Internet a “Pesquisa para trabalhos escolares”, à exceção dos EE do 9º ano que afirmam que a utilização das “Redes Sociais” são, de facto, a atividade mais frequente dos seus educandos.

No entanto, por parte dos restantes EE (excluindo os do 9ºano) esta opção assume a 2ª posição por parte dos restantes EE inquiridos, representando 23,60% para os EE do 8º ano e 20,27% para os EE do 9º ano. Verifica-se um aumento da representatividade desta opção à medida que o ano de escolaridade avança.

“Jogar *online*” assume, na opinião dos EE, a terceira posição nas atividades mais frequentes, à exceção dos EE do 9º ano. No entanto, verifica-se um decréscimo à medida que se avança no ano de escolaridade. Os EE do 7º ano apresentam valores mais altos, de 17,57%, terminando com 12,12% para os EE do 9º ano. Para os EE do 9º ano, verificamos que a terceira atividade mais frequente na Internet dos seus educandos é de

facto “Ler livros ou revistas em formato digital” apresentado um valor de 14,14%. Para os restantes EE esta opção assume o 4º lugar. A “Pesquisa sobre outros assuntos” na Internet, apresenta valores entre 3% e 9,5%, sendo o valor mais alto para os EE do 7º ano e o valor mais baixo para os EE do 9º ano, verificando-se uma descida significativa nos anos seguintes, sendo os EE do 9º ano aqueles que apresentam valores mais baixos, de 3,03%. “As conversações em salas de *chat*” apresentam percentagens muito baixas, rondando os 2% por parte dos EE do 7º e 8º ano, sendo os EE do 9º ano aqueles que representam 4,04% constituindo este valor o mais alto nesta opção. As restantes opções não apresentam valores superiores a 1%, à exceção dos EE do 8º ano na opção “Participar em fóruns” que apresenta um valor 4,04%.

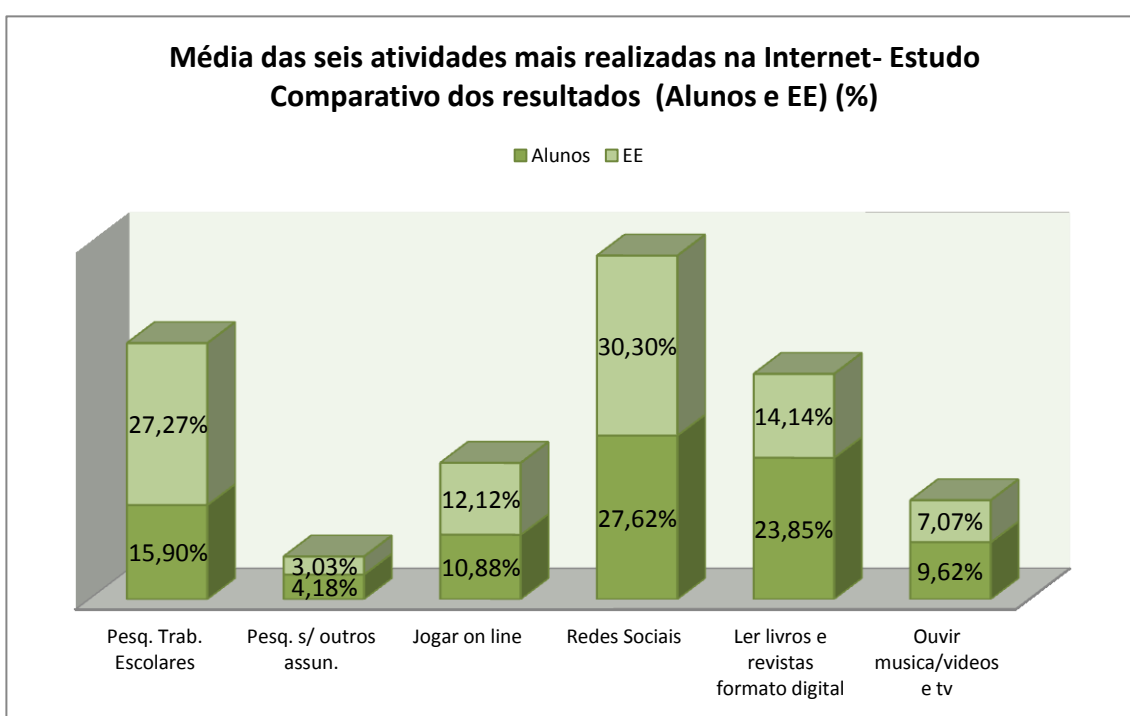


Gráfico 18- Estudo comparativo das seis atividades mais frequentes na Internet (%) - Alunos e EE

Fazendo a comparação entre os resultados obtidos por parte dos alunos e por parte dos seus EE ressalta, logo numa primeira análise, que a atividade mais frequente na Internet não foi considerada a mesma por ambas as partes. Verifica-se claramente que enquanto os alunos afirmam que a atividade mais frequente na Internet é a utilização das “Redes Sociais”, por sua vez os EE acreditam que a grande parte do tempo que o seu educando dedica à Internet se confina à “Pesquisa de trabalhos escolares”.

Relativamente à segunda atividade mais frequente, também não se verifica consenso. Enquanto os alunos mostram que “Ouvir música/vídeos/tv” é a segunda atividade na Internet, desta vez os EE dão lugar às “Redes Sociais”. De facto, os EE têm noção que esta opção encarada pelos alunos como a mais frequente, faz parte da atividade do seu

educando na utilização da Internet mas, no entanto, julgam que não se trata da mais relevante. Para a terceira atividade mais frequente os alunos indicaram que é “Jogar *online*”, com exceção dos alunos de 9º ano, que apontaram como terceira atividade mais frequente “Pesquisa de trabalhos escolares”. Os EE do 8º e 9º de facto estão em consenso porque apontam a opção “Jogar *online*” para a terceira posição nas atividades na Internet, mas os EE de 9º mencionam “Ler livros e revistas em formato digital” como a terceira atividade dos seus educandos.

No entanto, é importante frisar que aquela opção, que para os EE merece o primeiro lugar na utilização da Internet (“Pesquisas Escolares”), para os alunos assume apenas a quarta posição. Em quarto lugar, os alunos de 9º ano destacam a opção “jogar *online*”. Em relação às restantes opções, não se verifica grande discrepância nos valores uma vez que estas apresentam valores muito baixos.

5.4 Relacionamentos interpessoais na Internet

Rotinas de relacionamento

Contatos (pessoas com que se relaciona) através Internet

Procuramos averiguar junto dos alunos com quem efetivamente contactam quando utilizam a Internet para comunicar.

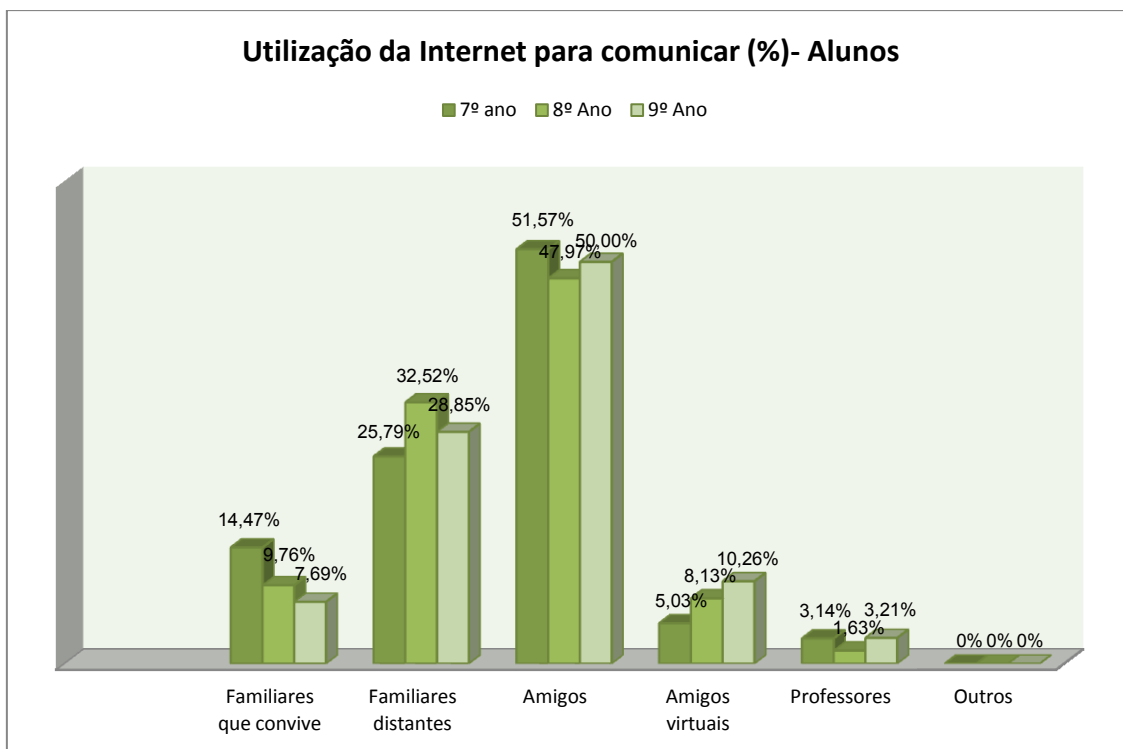


Gráfico 19- Utilização da Internet para comunicar (%) - Alunos

Ao analisar o gráfico verifica-se que metade dos alunos inquiridos, à exceção dos alunos de 8º ano, indicam que a Internet é mais utilizada para comunicar com “Amigos”. Em segundo lugar os alunos destacam que as pessoas com quem comunicam através da Internet são os “Familiares distantes”. A opção “Familiares com quem convive” assume a terceira posição para os alunos de 7º e 8º ano com 14,47% e 9,76%, respetivamente. Para os alunos de 9º ano, a terceira posição é ocupada por “Amigos virtuais” apresentando uma percentagem de 10,26%. Esta mesma opção assume o quarto lugar para os restantes alunos (7º e 8º ano) apresentando com valores de 5,03% para o 7º e 8,13% para o 8º ano.

É importante referir que, enquanto na opção “Familiares com quem convive” se verifica um decréscimo dos valores à medida que o ano de escolaridade avança, na opção “Amigos virtuais” verifica-se exatamente o contrário, um acréscimo gradual dos valores nesta opção à medida que o ano de escolaridade vai aumentando. Ou seja, à medida que aumenta a sua idade averigua-se que os alunos vão deixando de comunicar através da Internet com os familiares com que convivem (e que conhecem pessoalmente) e, em alternativa, passam a desenvolver gradualmente esta atividade com amigos virtuais (que não conhecem pessoalmente).

Poucos alunos, quer sejam do 7º, 8º ou 9º ano, utilizam a Internet para comunicar com os “Professores”.

Sabendo que é importante que os EE tenham noção com quem os seus educandos comunicam, a mesma questão foi-lhes colocada e no gráfico seguinte representam-se os valores obtidos.

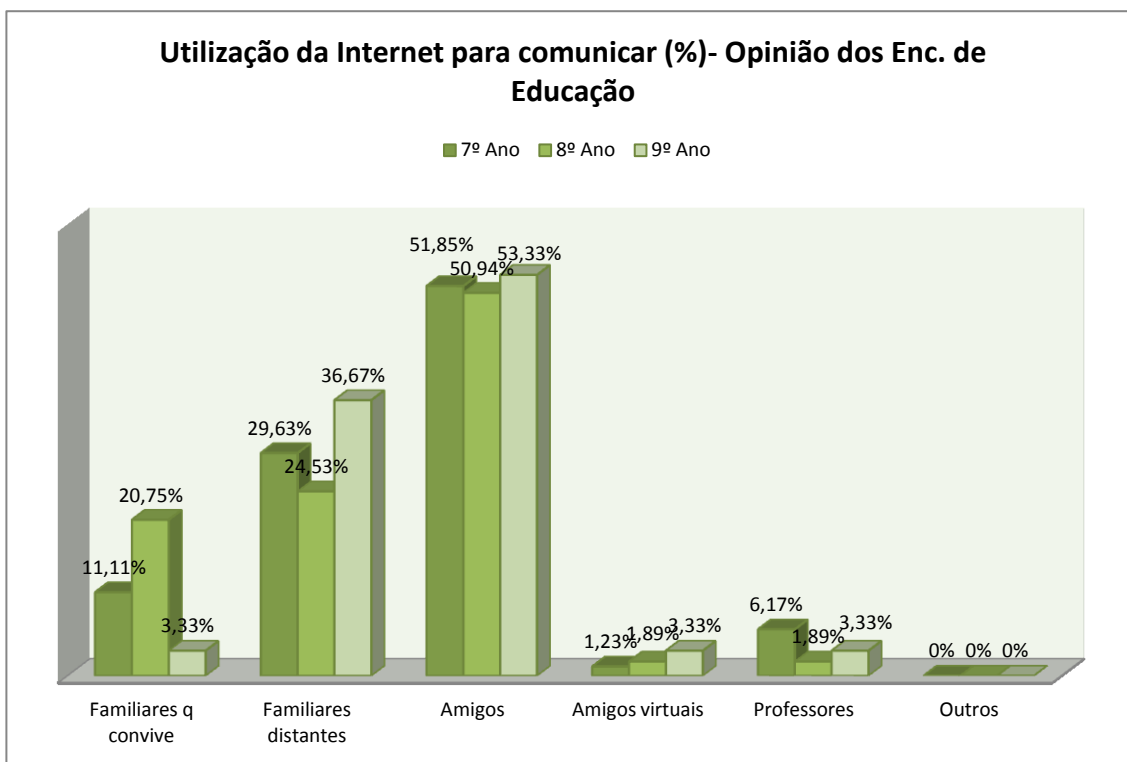


Gráfico 20- Utilização da Internet para comunicar (%)- EE

Segundo a opinião de mais de metade dos EE inquiridos, quando utilizam a Internet para comunicar, os seus educandos fazem-no com “Amigos”. Os valores apresentados não deixam margem para dúvidas, sendo os EE do 9º ano a apresentar o valor mais alto com 53,33%, seguido dos EE do 7º ano com 51,85% e 50,94% dos EE do 8ºano.

Em segundo lugar, a opção “Familiares distantes” apresenta também valores muito significativos (variando entre 30% e 37%), cabendo o valor mais alto aos EE do 9º e o mais baixo aos EE do 7º ano. A opção “Familiares com quem convive” constitui a terceira posição, embora os EE do 9º apresentem valores efetivamente baixos. Temos com valores mais altos nesta opção os EE do 8º ano com 20,75%, seguido dos EE do 7ºano com 11,11% e os EE do 9ºano com valores ainda bastante mais baixos, na ordem dos 3,33%.

Um total de 6,17% dos EE do 7º acreditam que os seus educandos utilizam a Internet para comunicar com os seus “Professores”, segue-se a mesma opinião dos EE do 9º ano com 3,33% e finalmente a opinião dos EE do 8º ano com 1,89%.

Para os EE do 9º ano, comunicar com “Amigos virtuais” na Internet ultrapassa os 3%, ficando a opinião dos EE dos restantes anos entre 1% e 2%.

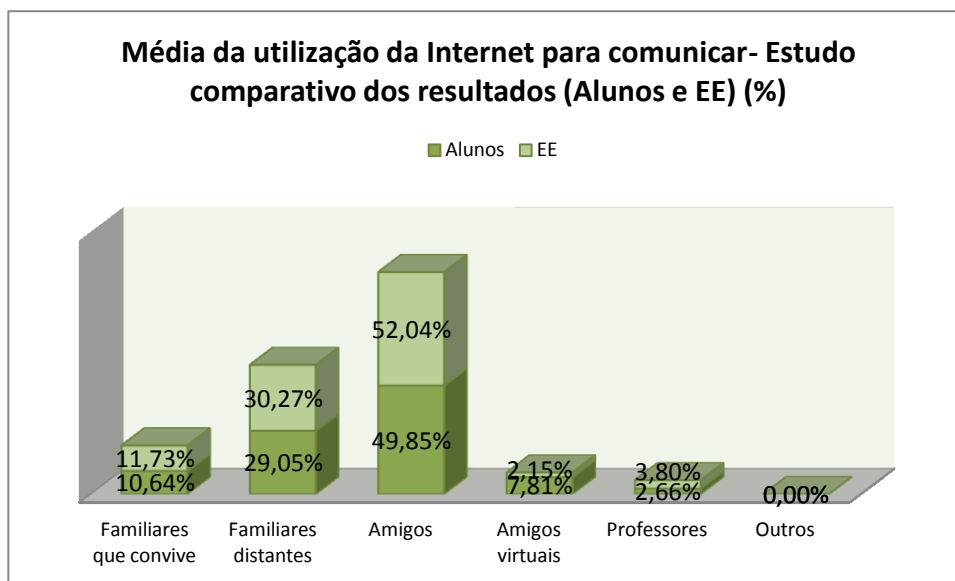


Gráfico 21- Estudo comparativo da utilização da Internet para comunicar (%)- Alunos e EE

Fazendo o cruzamento dos dados obtidos a partir das duas partes inquiridas, verificamos claramente que ambos (alunos e EE) concordam e afirmam que a Internet é utilizada na maioria das vezes para comunicar com “Amigos”. Embora os valores sejam diferentes, a verdade é que ambos os inquiridos destacam a opção de comunicar com “Familiares Distantes” como segundo lugar na comunicação pela Internet. Em terceiro lugar, também em consenso, encontra-se a comunicação com “Familiares com que convive”. Uma das diferenças que também ressalta com alguma clareza é na opção em que se utiliza a Internet para comunicar com “Amigos virtuais”. Os alunos confirmam que, ainda que com valores relativamente baixos, utilizam a Internet para o fazer. O EE embora assumam que tal poderá acontecer, refletem valores muito abaixo daqueles que os alunos espelham. Tanto os alunos como os EE têm a noção de que a Internet é pouco utilizada para a comunicação com os professores.

Atividades e relações com os contatos

Depois de averiguar com quem os alunos comunicam na Internet, procuramos perceber quais as atividades mais frequentes de comunicação e partilha. Assim, foi proposto aos alunos que assinalassem as atividades que fazem com pessoas que conhecem, com pessoas que não conhecem ou até mesmo com ambas. Tratando-se de uma questão de complexa representação gráfica, optámos por fazer a demonstração por anos de escolaridade estudados, para que seja detalhado e analisado com mais rigor. O gráfico que se segue representa os dados recolhidos pela opinião dos alunos do 7º ano.

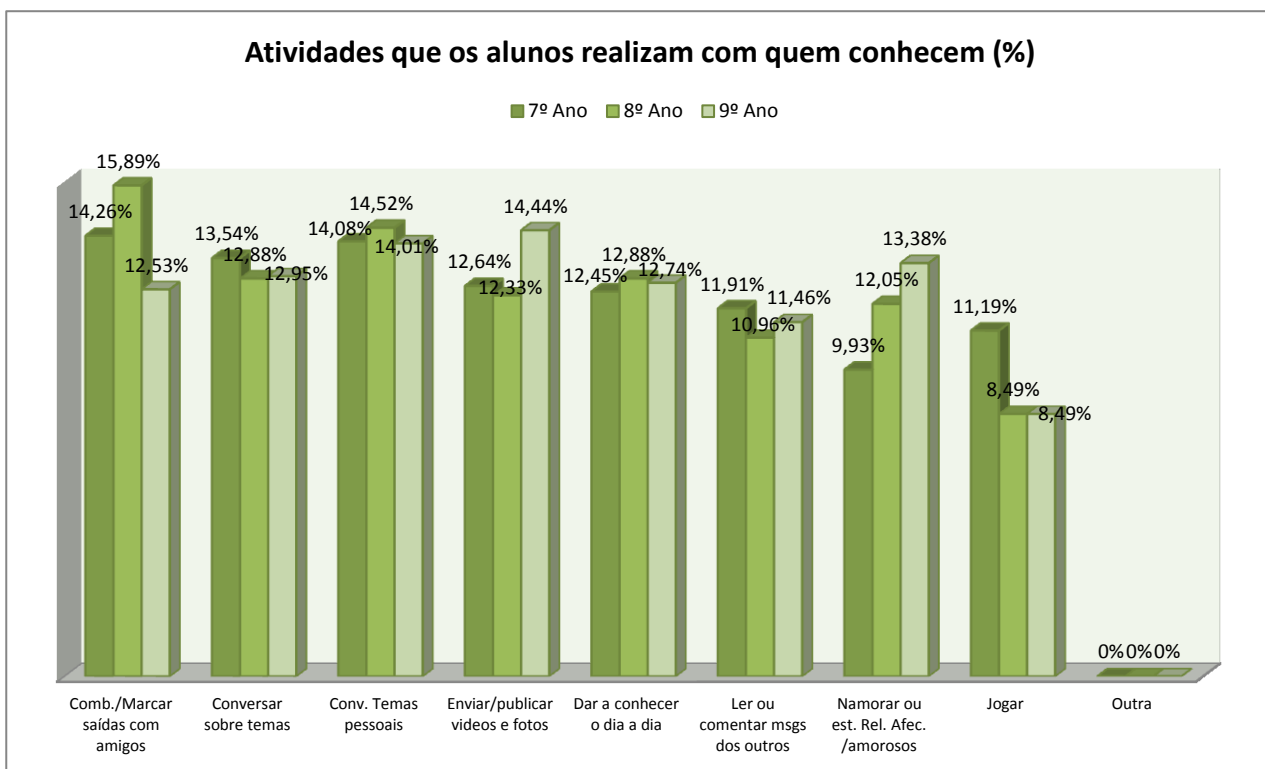


Gráfico 22- Atividades que os alunos realizam com quem conhecem (%)

Analisando o gráfico acima representado, as atividades que envolvem uma precedência mais íntima são aquelas que os alunos praticam de facto com quem conhecem em maior número. Os alunos do 8º ano são os que marcam mais encontros e saídas registando 15,89%. Relativamente a conversa sobre vários temas e temas pessoais, as percentagens estão distribuídas de forma muito equilibrada pelos três anos em estudo. São os alunos de 9º aqueles que mais enviam e publicam vídeos ou fotos com quem conhecem, apresentando 14,44%. Dar a conhecer o seu dia-a-dia e ler ou comentar as mensagens dos outros são duas atividades que os alunos, de qualquer um dos anos em estudo, praticam e cujos resultados se encontram muito equilibrados. No entanto, para desenvolver um relacionamento amoroso, são os alunos de 9º ano (provavelmente devido à sua maturidade) os que mais afirmam que se esse tipo de relação se dá quando se conhece a outra pessoa. Jogar *online* é uma das atividades que resulta num decréscimo à medida que se progride no ano em estudo, são os alunos de 7º ano os que mais garantem que praticam esta atividade com quem conhecem com 11,19%. Não foi sugerida nenhuma opção por parte dos alunos inquiridos a acrescentar à lista de atividades sugerida no questionário.

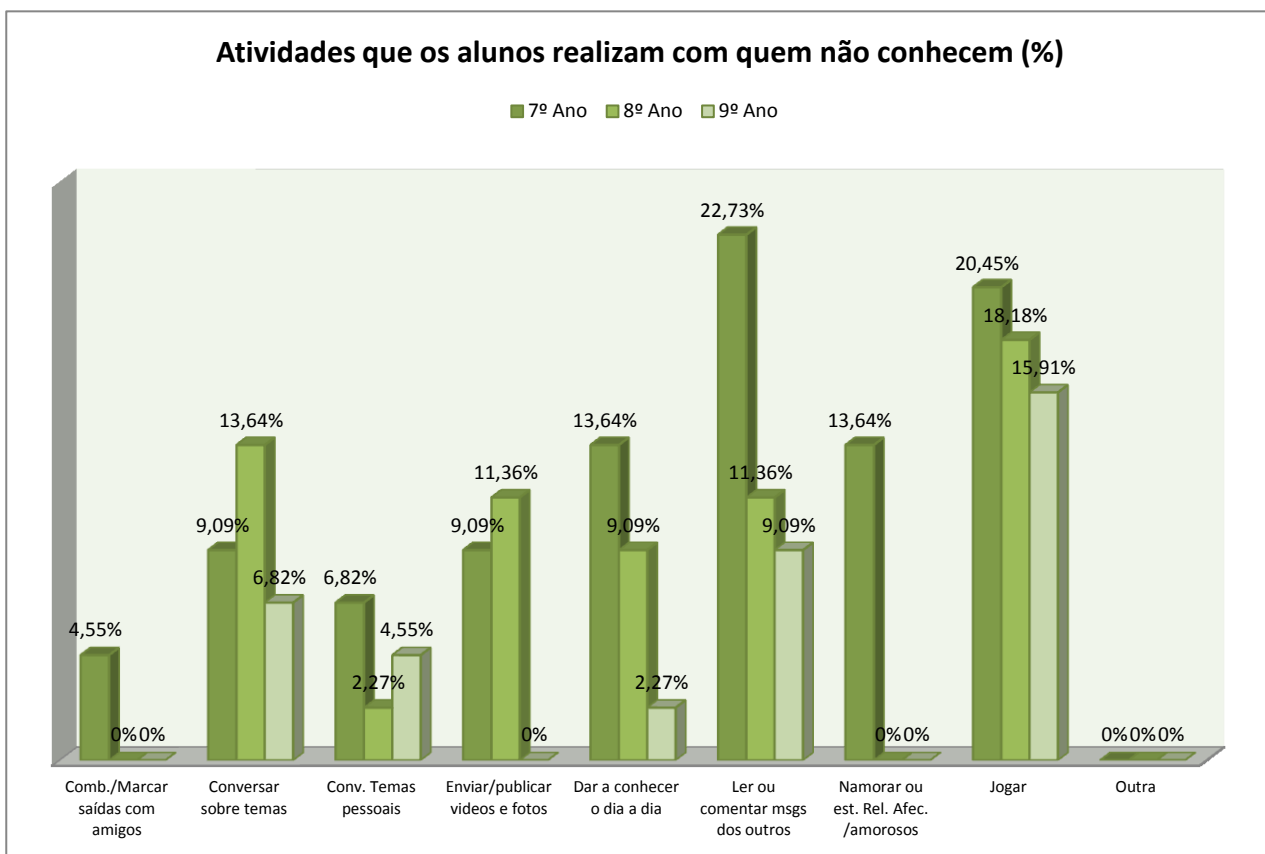


Gráfico 23- Atividades que os alunos realizam com quem não conhecem (%)

Segundo o gráfico acima representado, verificamos que comparativamente com o gráfico anteriormente estudado, as atividades são realizadas em termos de percentagens com menos frequência. De facto ler/ comentar mensagens dos outros Jogar *online* são as atividades que registam mais respostas, por serem atividades que não necessitam de nenhum tipo de relação com o outro, e usufruindo muitas vezes do anonimato e da irresponsabilidade que a Internet permite, são de facto as opções com maior percentagens as dos alunos de 7º ano em ambas as opções, verificando-se um decréscimo desta situação à medida que avançamos de ano de escolaridade. Ainda em relação aos alunos de 7º ano são estes os que desencadeiam atividades sem ter em conta a pessoa do outro lado de lá, nomeadamente atividades que exigem um relacionamento mais próximo e que pode eventualmente contribuir para que estes alunos sejam expostos a riscos devido a falta de segurança que demonstram, pois 4,55% dos alunos do 7º ano admitem marcar encontros e saídas com pessoas que não conhecem, assim como 13,64% destes mesmos alunos garantem que são capazes de desenvolver um relacionamento afetivo ou amoroso mesmo com quem não conhecem, ao contrário dos restantes alunos.

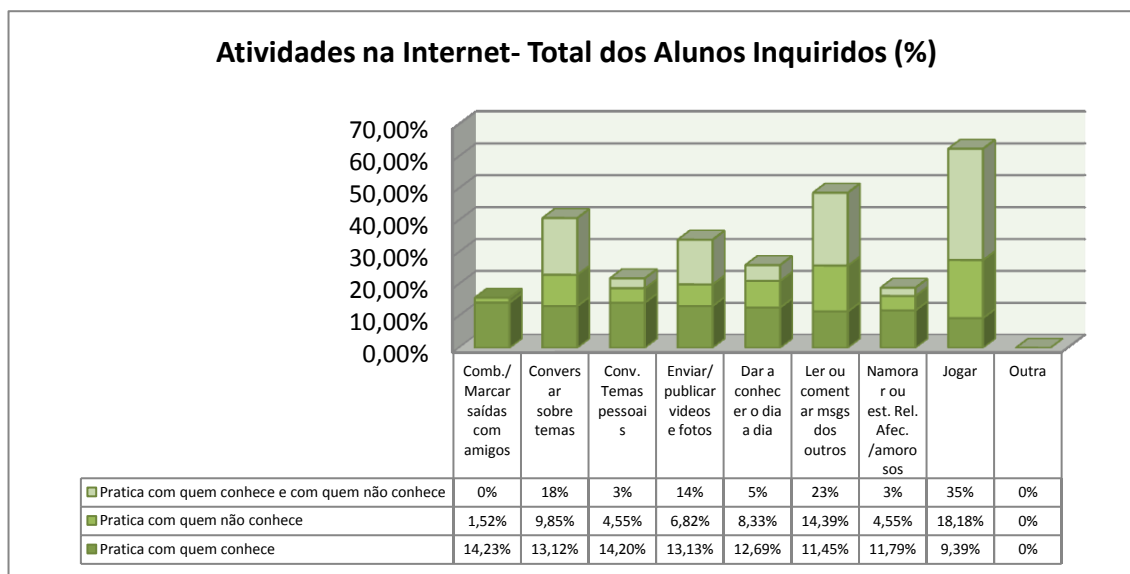


Gráfico 24- Atividades na Internet- Total de Alunos inquiridos (%)

De facto, em qualquer um dos anos, os alunos afirmaram sem margem para dúvidas que a atividade que mais partilham, independentemente de conhecerem os seus intervenientes, é “Jogar” *online*. Quanto às restantes atividades parece-me preocupante que no 7º ano existiam alunos que afirmem que é possível “Combinar/Marcar saídas” com quem não se conhece, situação que nos anos seguintes não se verifica, possivelmente devido à maturidade que vão adquirindo. Por outro lado, para “conversar sobre temas” os alunos do 9º ano são aqueles que mostram mais predisposição para trocar ideias mesmo até com quem não conhecem. Quando se questionam os alunos sobre o facto de “conversar sobre temas pessoais” os dados recolhidos não são muito discrepantes, levando a vantagem em qualquer um dos anos estudados o facto de esta atividade ser partilhada maioritariamente apenas com pessoas que são conhecidas. Na atividade “Enviar/publicar vídeos e fotos”, os alunos do 7º ano apresentam mais uma vez valores muito elevados ao admitirem que de facto partilham esta atividade sem ter em conta se conhecem as pessoas ou não, situação esta que diminui gradualmente à medida que o ano de escolaridade aumenta.

Na partilha das suas vivências diárias, os alunos de 7º ano voltam a apresentar valores preocupantes, porque 13,64% afirmam que é normal “Dar a conhecer o seu dia-a-dia” a pessoas que não conhecem. Esta situação volta a não se verificar nos anos seguintes, existindo uma diminuição acentuada do 8º ano para o 9º ano onde é atingindo um mínimo de 2,17%.

A atividade de “Ler/Comentar mensagens dos outros” é de facto uma das experiências mais partilhadas pelos alunos, sem ter em conta se conhecem ou não os intervenientes.

Quando os alunos são abordados em relação à possibilidade de ter ou vir a desenvolver uma relação mais íntima através da Internet, os resultados obtidos pelos alunos de 7º ano voltam a ser preocupantes, com 13,64% dos alunos a admitir ter ou vir a ter uma relação mais afetuosa ou até mesmo um romance com pessoas que não conhecem, situação também ela inexistente nos anos seguintes, embora uma percentagem muito pequena admita ter ou vir a ter um relacionamento mais íntimo não tendo em conta se conhece ou não a pessoa.

5.5 Efeitos das novas formas de relacionamentos

Comportamentos

As interações sociais que os alunos estabelecem com outras pessoas (seja com uma pessoa conhecida, com uma que acabaram de conhecer ou com uma pessoa desconhecida) podem evoluir para um relacionamento interpessoal. Estes relacionamentos podem aprofundar-se, podem evoluir para relações pessoais de maior intimidade, chegando mesmo a envolver relacionamentos amorosos.

Uma vez que esta questão aborda questões de comportamentos e rotinas de vários níveis de intimidade e privacidade, tentaremos descrever os resultados obtidos através de uma lógica coerente, iniciando esta análise pelas opções que nos parecem de carácter menos íntimo, avançando gradualmente até atingir as opções que envolvem comportamentos de carácter mais pessoal.

Devido à variedade de opções, que conduziria indiscutivelmente a uma representação complexa se fosse efetuada apenas no mesmo gráfico, optámos por dividir as opções por categorias de comportamentos e rotinas dos alunos conforme segue na análise pormenorizada para cada uma das opções, desde as mais abrangentes (diminuição da distância, facilitar contato, aumentar lista de contatos, entre outras) até às mais pessoais (Autopromoção, apoio, desinibição, relações virtuais, *etc*) Esta divisão permite não só a apresentação gráfica ficar mais simplificada e levar a uma análise mais eficaz, como a uma descrição e comparação minuciosa e detalhada dos resultados ser mais precisa, uma vez que esta questão assume uma importância crucial neste estudo. Assim, os dados serão tratados e analisados de forma individual para cada opção, representando-se os valores obtidos para os três anos de escolaridade estudados.

a) Diminuição da distância

O gráfico seguinte, representa graficamente os resultados obtidos, quando a opção proposta consistiu em averiguar se para os alunos inquiridos a utilização da Internet permite diminuir a distância entre os seus conhecidos, amigos ou familiares. Os dados que se seguem correspondem aos resultados obtidos por parte dos alunos.

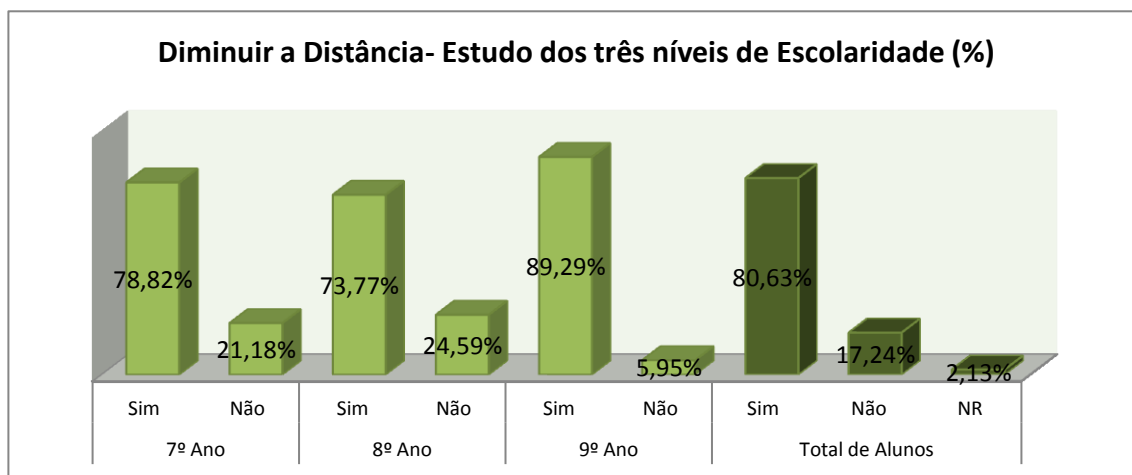


Gráfico 25- Diminuir a Distância (%) - Alunos

Mais de metade dos alunos inquiridos acredita que a Internet ajuda a diminuir a distância geográfica entre os seus conhecidos, amigos ou familiares. Em geral, 80,63% dos estudantes concordaram com esta possibilidade da Internet, enquanto 17,24% dos alunos não acreditam que a Internet tenha esse papel. De salientar que os alunos de 8º ano são aqueles que apresentam um valor mais elevado ao não concordarem com esta situação, representando 24,59% das respostas obtidas neste ano de escolaridade.

Em relação aos EE, no gráfico seguinte demonstra-se as respostas obtidas para a mesma questão.

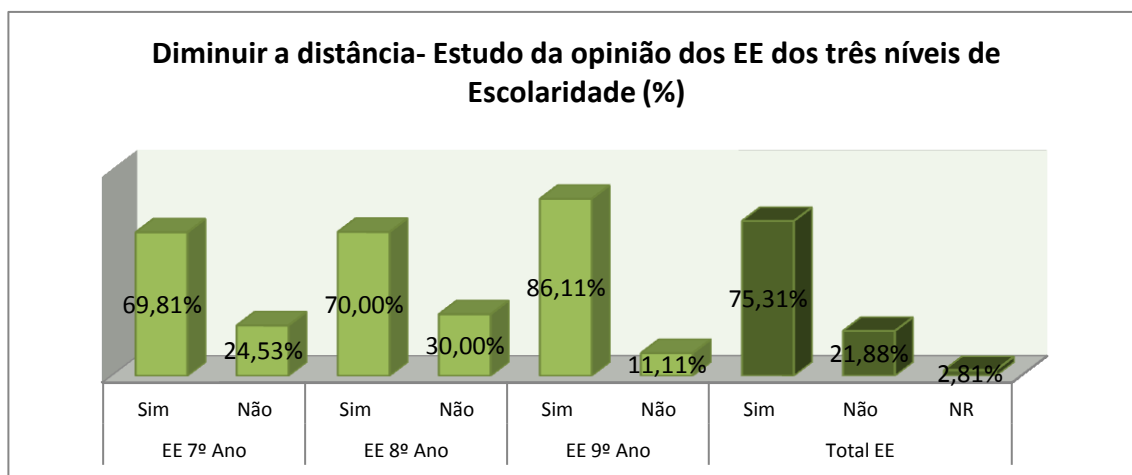


Gráfico 26- - Diminuir a Distância (%) - EE

Com uma larga supremacia, os EE confirmam de forma expressiva que, na sua opinião, o uso da Internet “diminui a distância” dos amigos/conhecidos ou até mesmo familiares dos respetivos educandos. Os EE do 9º são aqueles que apresentam uma percentagem mais elevada com 86,11% das respostas a confirmarem esta hipótese. No entanto, alguns dos EE acreditam que esta situação não se confirma e são os EE do 8º ano os que apresentam valores mais altos, com 30% de respostas.

Fazendo o cruzamento dos dados por anos de escolaridade verificamos que existe sintonia de opiniões. É de realçar que os alunos do 9º e os respetivos EE são os que apresentam valores mais elevados ao confirmarem esta opção, enquanto os EE do 8º ano e os seus educandos são os que representam valores mais altos ao garantirem que o uso da Internet não contribui para aproximar os amigos/conhecidos ou familiares.

Analisando ainda a mesma opção, mas agora numa forma mais abrangente, temos o seguinte gráfico:

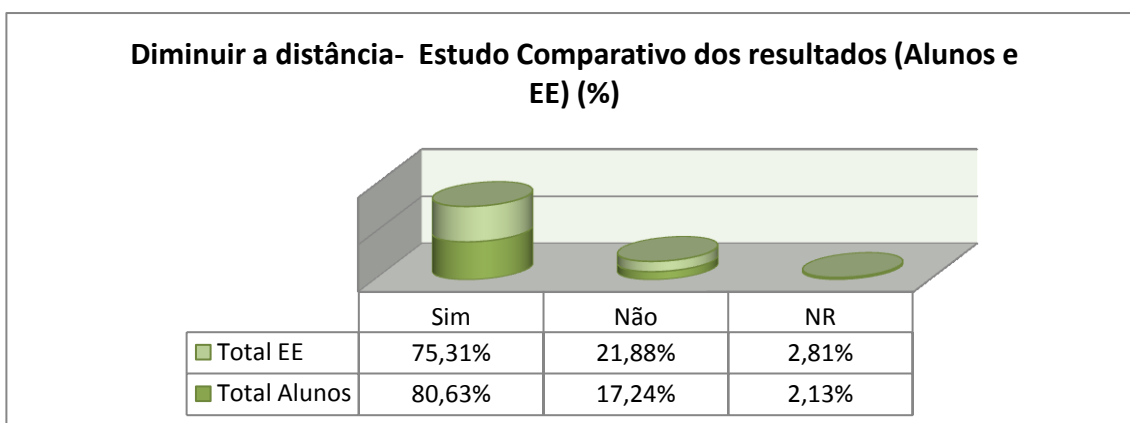


Gráfico 27- Diminuir a distância- Estudo comparativo (%) (Alunos e EE)

De uma forma geral, tanto os EE como os seus educandos estão em consenso, uma vez que os valores apresentados de ambos os lados são significativos e ao confirmarem que o uso da Internet contribui para a aproximação de amigos/conhecidos ou familiares.

b) Facilidade de contatos

Seguidamente, tentamos perceber até que ponto o uso da Internet pode facilitar o contato com as pessoas. Começamos por analisar detalhadamente os dados recolhidos através do questionário dos alunos.

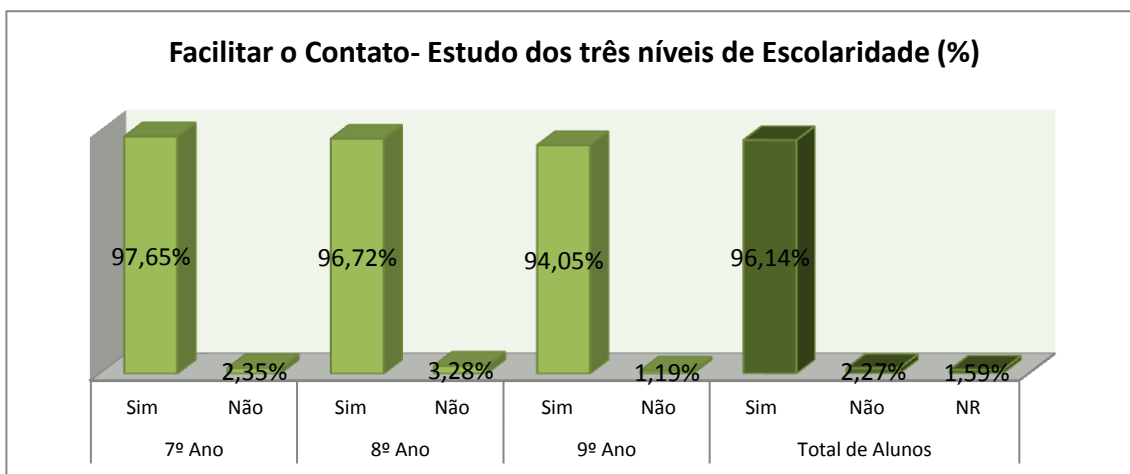


Gráfico 28- Facilitar o contato (%) - Alunos

Ultrapassando a barreira dos 90%, os alunos confirmam que a utilização da Internet contribui positivamente para o contato com amigos/conhecidos ou familiares. De uma forma geral, 96,14% dos alunos acreditam que a Internet facilita o contato com outros indivíduos. No entanto, 2,28% entendem que isso não acontece e 1,59% optaram por não responder.

Segundo a opinião recolhida junto dos EE, apresentamos o gráfico que se segue.

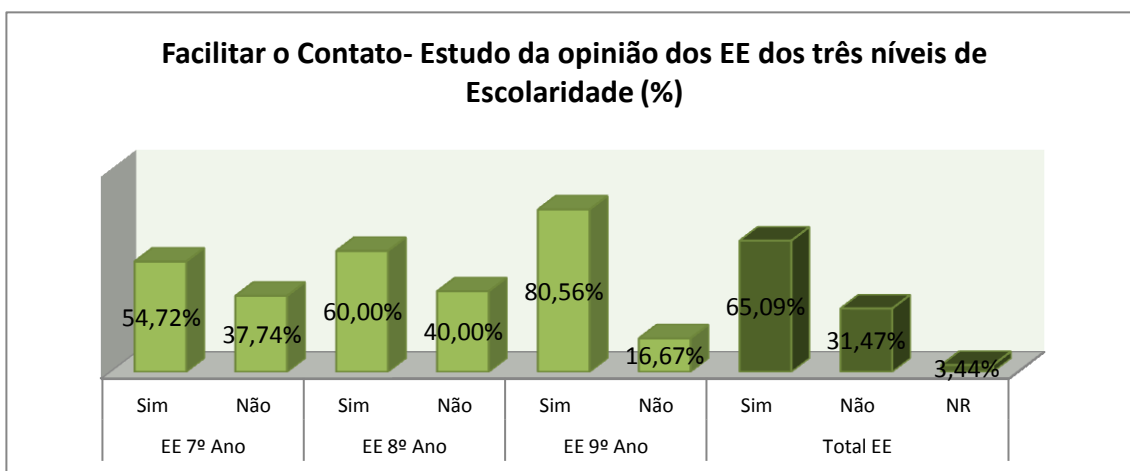


Gráfico 29- Facilitar o contato (%) - EE

Constatamos que, apesar dos valores apresentados serem francamente inferiores à opinião dos alunos, que os alunos e os EE se encontram em consenso, admitindo que o facto de os seus educandos utilizarem a Internet facilita o contato com outras pessoas. Verificamos que a concordância dos EE nesta questão aumenta gradualmente à medida que o seu educando avança de ano de escolaridade. A percentagem de EE que discordam desta opção também é superior comparativamente aos alunos do mesmo ano de escolaridade, sendo os EE do 8º ano os que mais discordam com esta opção, revelando 40% de respostas neste sentido. De uma forma global, mais de metade dos

EE, cerca de 65%, acreditam que o uso da Internet permite que os contatos sejam realizados de uma forma mais facilitada. Para uma melhor percepção do cruzamento dos dados em termos gerais nesta questão, mostramos o gráfico seguinte:

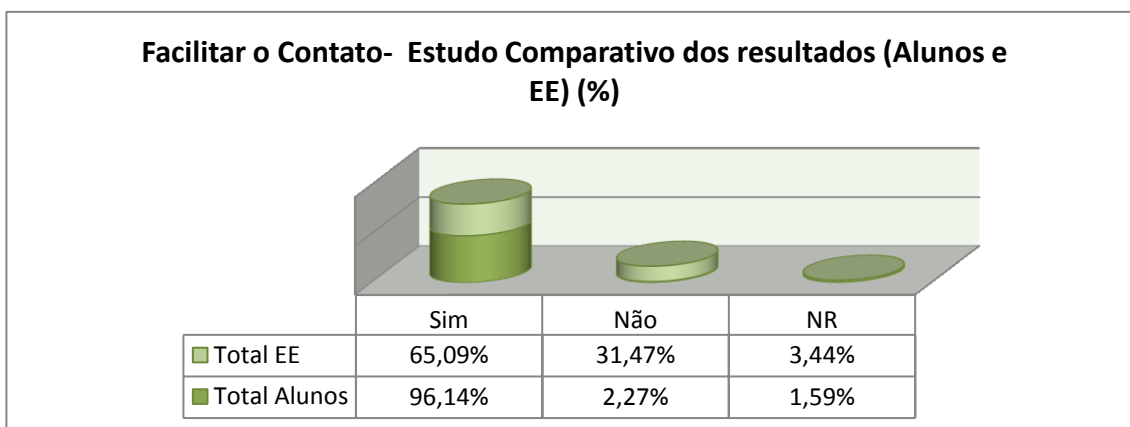


Gráfico 30- Facilitar o contato (%)- Estudo comparativo (Alunos e EE)

Ao verificar os dados obtidos pelos inquiridos é perceptível que, de uma forma geral, continua a haver consenso nesta questão. Contudo, os alunos são mais expressivos ao garantirem que a Internet facilita o contato com as outras pessoas, com uma percentagem de 96,14%, enquanto os EE apenas revelam 65,09% nesta opinião. Como seria de esperar, também constatamos que os EE discordam desta opção em maior número, uma vez que só 2,27% dos alunos acreditam que esta situação não se verifica, enquanto 31,47% dos EE inquiridos revela que a Internet não assume esse facilitismo no contato com outras pessoas.

c) Lista de contatos

“Aumentar a Lista de Contatos” com o uso da Internet, foi uma das opções que foram sugeridas de modo a tentar compreender se a utilização da Internet permite que os alunos ampliem a sua lista de contatos.

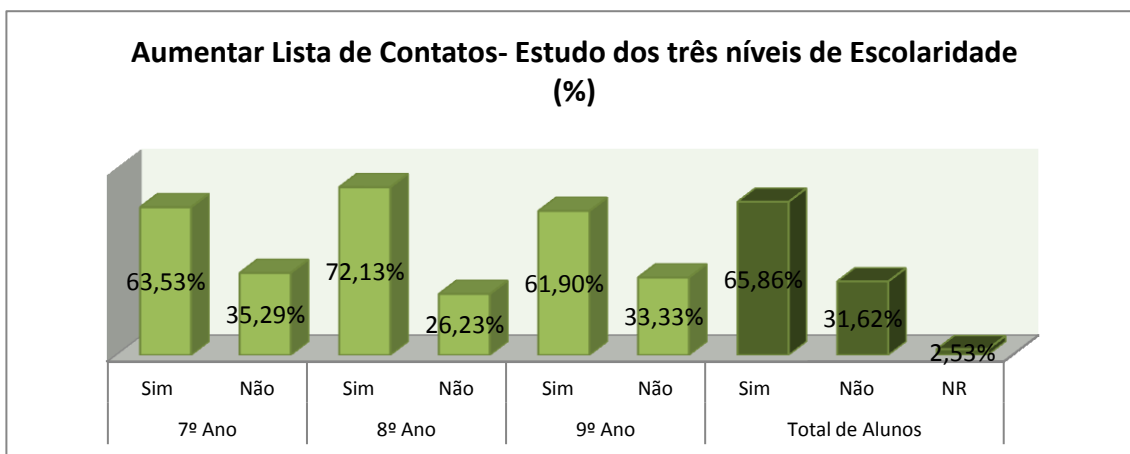


Gráfico 31- Aumentar Lista de contatos- Alunos (%)

Ao analisar este gráfico, percebemos que, na sua maioria, os alunos acreditam que a Internet permite “Aumentar a Lista de Contatos”, sendo o 8º ano a registrar o valor mais alto com 72,13%. De qualquer forma, de uma maneira geral 31,62% não concordam com esta opção, sendo o 7º ano o que registra um valor mais alto com 35,29%. Nesta questão 2,53% dos alunos inquiridos entenderam não responder.

A mesma questão foi colocada aos EE. Segue-se o gráfico representativo dos resultados obtidos.

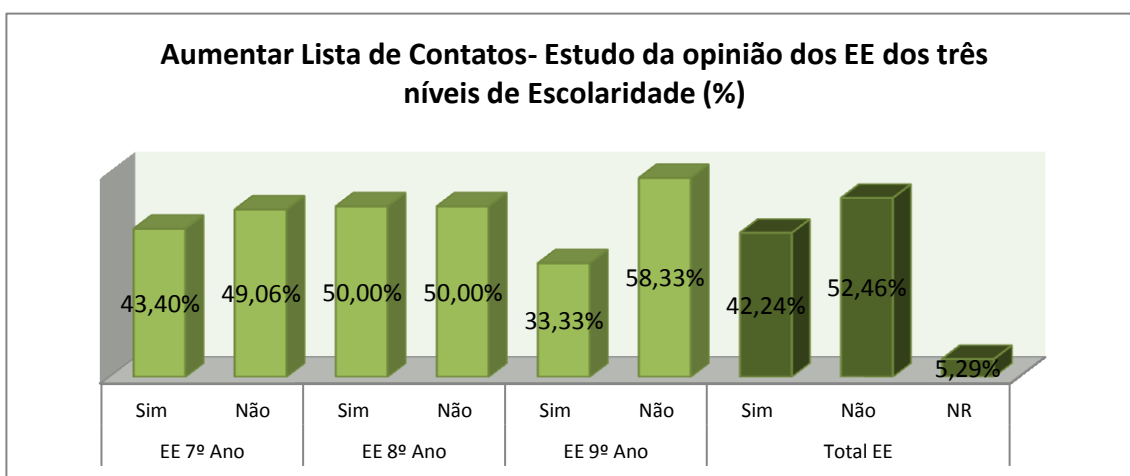


Gráfico 32- Aumentar Lista de Contatos- EE (%)

Ao olhar para o gráfico, percebemos que os dados nesta opção estão distribuídos de uma forma muito equilibrada, à exceção dos EE do 9º ano que revelam uma maior discrepância de opinião. Enquanto 33,33% dos EE acreditam que a Internet contribui para um maior alargamento da lista de contatos, 58,33% são contra essa opinião. Os EE do 8º estão efetivamente divididos, partilhando 50% para cada uma das opções. Fazendo um balanço geral em torno do EE dos três anos estudados percebemos que, com uma

margem de avanço de 10%, a maioria dos EE discorda da opinião de que a utilização deste serviço tenha influência no número de contatos do seu educando.

Depois de analisados os dois gráficos, tanto dos alunos como dos EE, comprovamos que as opiniões não são consensuais. Para uma análise mais evidente, mostramos o gráfico seguinte.

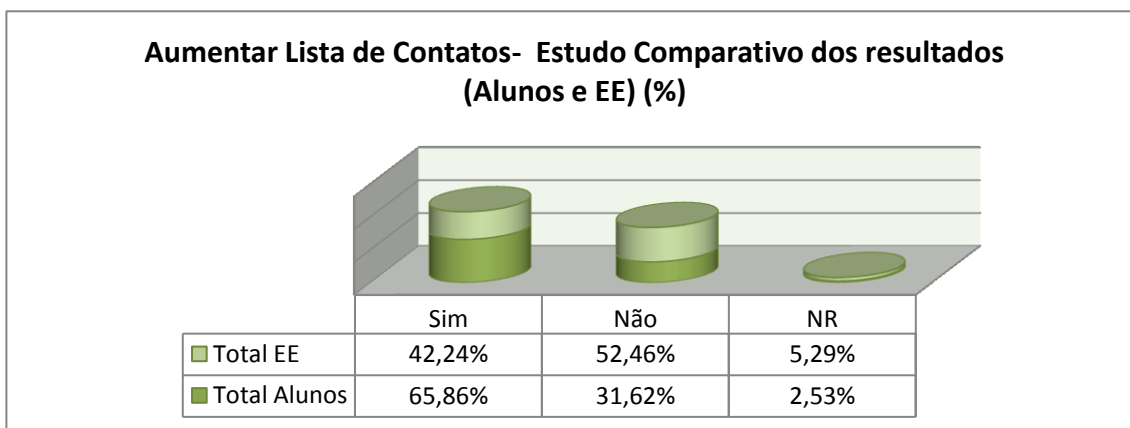


Gráfico 33- Aumentar Lista de Contatos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Constatamos claramente que, globalmente, a opinião dos alunos não vai de encontro à opinião dos EE. Enquanto 65,86% dos alunos inquiridos garante que a Internet contribui para que a sua lista de contatos seja alargada, segundo os EE apenas 42,24% partilham da mesma opinião, mostrando que mais de metade dos EE discordam desta opção. Por parte dos alunos apenas 31,62% revela que o uso da Internet não contribui para o alargamento da sua lista de contatos.

d) Conhecimentos de caracter geral

Em termos de conhecimentos de caracter geral, tentamos averiguar até que ponto a Internet pode contribuir para o indivíduo “alargar novos Horizontes” em relação a determinados assuntos e/ou temas.

Ao analisar as respostas obtidas pelos alunos, verificamos que nos três anos em estudo os alunos admitem que a Internet permite “alargar novos horizontes”.

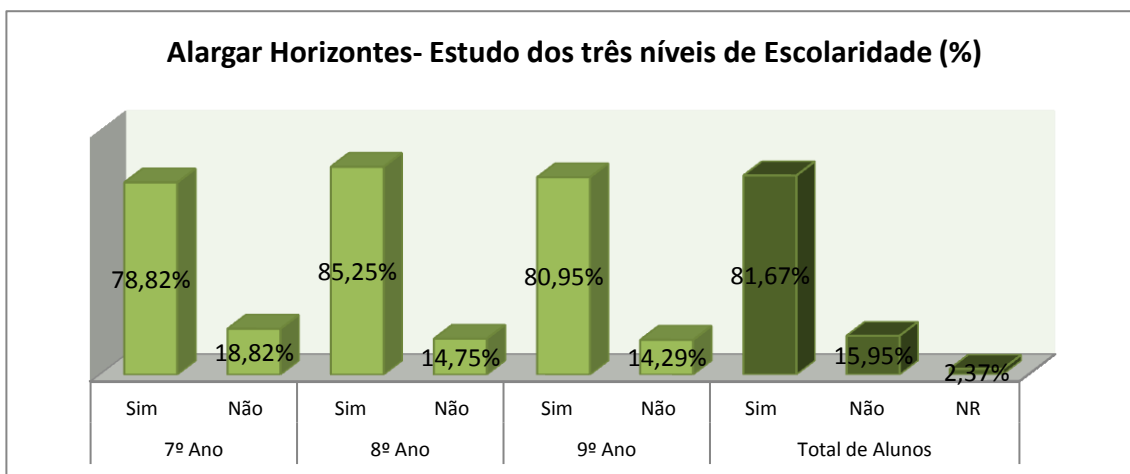


Gráfico 34- Alargar Horizontes- Alunos (%)

De facto, os alunos revelaram por esmagadora maioria que acreditam que a utilização da Internet contribui para que os seus conhecimentos sejam alargados a vários níveis, com um valor ligeiramente superior no 8º ano (85,25%). Depois de efetuada a média, 81,67% dos alunos acreditam nessa potencialidade da Internet, contra 15,95% que não concordam e 2,37% que entenderam não responder.

Tendo em conta os dados recolhidos por parte do EE nesta mesma questão, o gráfico representativo é o seguinte:

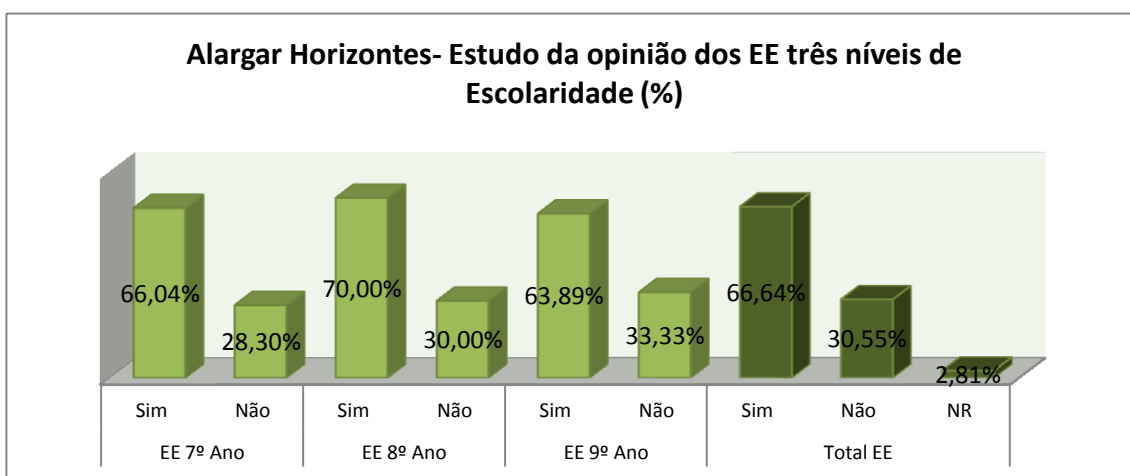


Gráfico 35- Alargar Horizontes- EE (%)

Os EE com educandos nos três anos letivos, demonstram unanimidade a acreditarem que a utilização da Internet poderá alargar o conhecimento dos seus educandos. Mais de metade dos EE aceitam que esta é uma potencialidade do uso da Internet, sendo os EE do 8º ano, com 70%, os que mais acreditam nessa possibilidade. Os EE do 9º ano são os que mais discordam dessa opinião, reunindo 33,33% de respostas.

Para fazer o cruzamento de forma eficiente e rigorosa, mostramos os resultados obtidos para os Alunos e para os EE no gráfico abaixo representado.

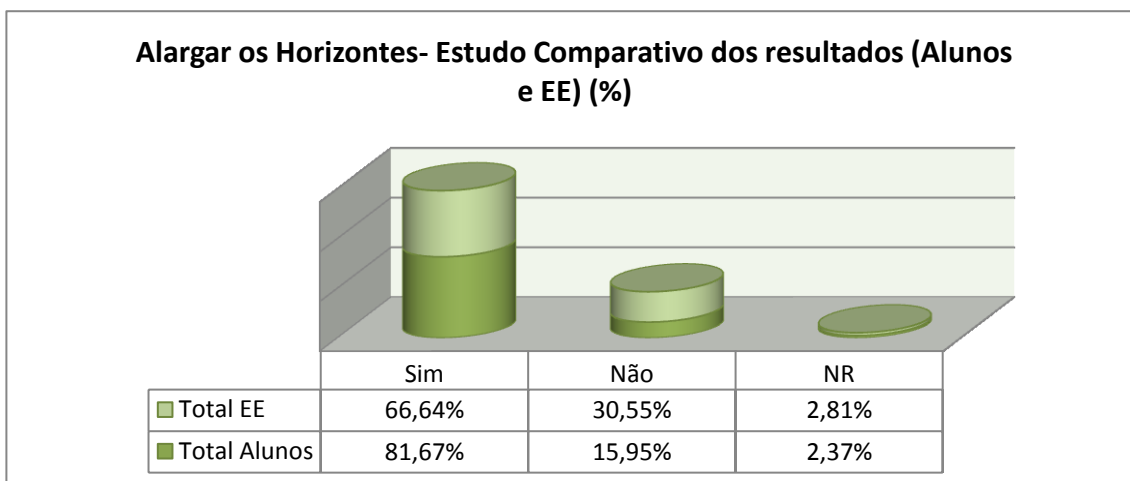


Gráfico 36- Alargar Horizontes- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Embora os alunos e os EE estejam praticamente em acordo em termos gerais, revelam alguma discrepância de valores em cada uma das opções. Ambos confirmam que a Internet pode ter um contributo positivo para os conhecimentos serem alargados. Cerca de 80% dos alunos inquiridos são dessa opinião com apenas 66,64% dos EE a concordar com esta opção. Em oposição relativamente papel da Internet para uma maior abrangência de conhecimentos, os EE em desacordo são praticamente o dobro, comparando com os alunos.

e) Partilha de Ideias/Experiências

Na sequência da opção estudada anteriormente, tentamos perceber se os alunos utilizavam a Internet para “Partilhar Ideias/Experiências”.

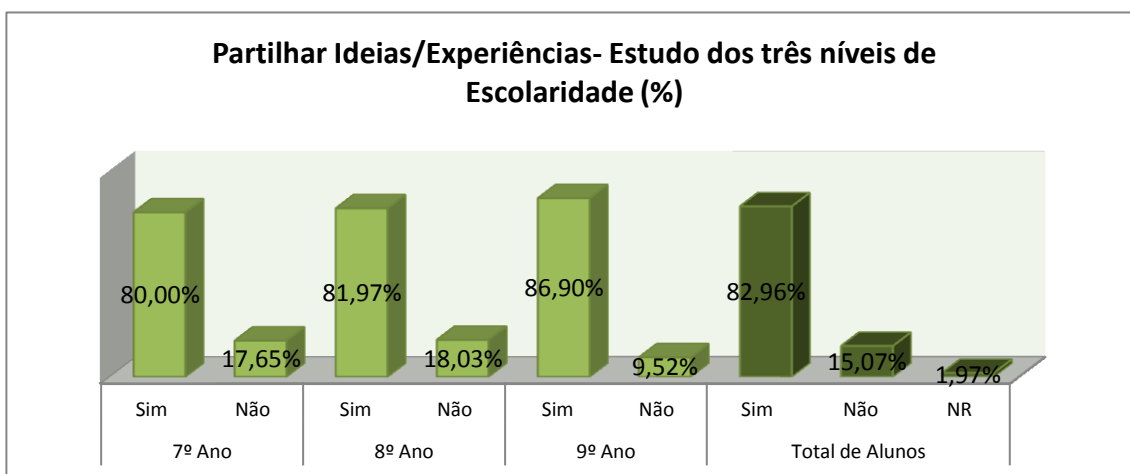


Gráfico 37- Partilhar Ideias/Experiências- Alunos (%)

Os alunos de 9º ano com 86,90% são aqueles que reuniram mais respostas afirmativas nesta opção. Apesar da maior parte dos alunos (82,96%) concordar, mesmo assim 15,07% acreditam que a Internet não potencia a partilha de ideias e experiências, sendo

os alunos de 8º ano aqueles que mais discordam desta opção. Verificou-se que 1,97% dos alunos não responderam.

Colocada a mesma questão aos EE, o gráfico que se segue representa os dados obtidos.

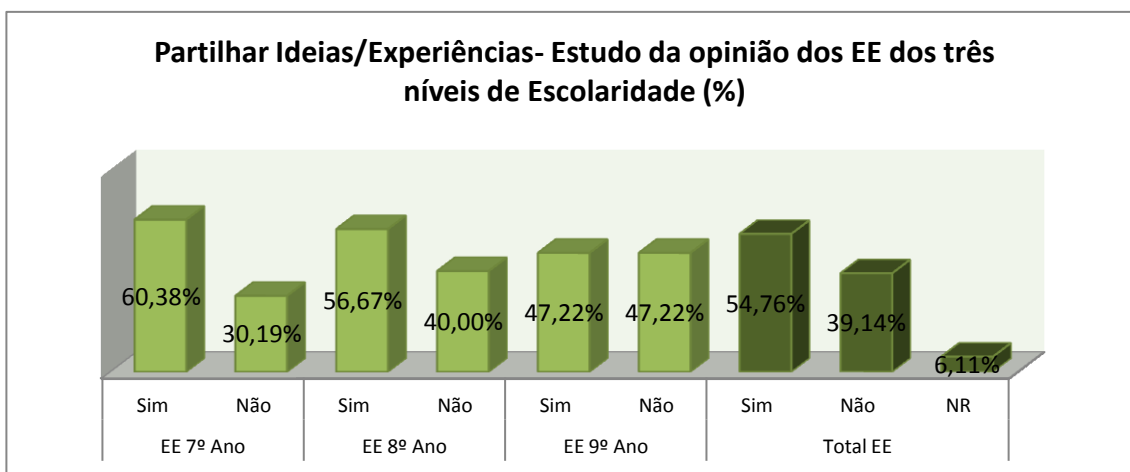


Gráfico 38- Partilhar Ideias/ Experiências- EE (%)

Ao analisar o gráfico verificamos que, por exemplo, os EE do 9º ano se encontram divididos em relação ao papel da Internet na partilha de ideias e experiências dos seus educandos, revelando a mesma percentagem para cada das opiniões, 47,22%. Os restantes acreditam que esta pode ser de facto mais uma potencialidade que a Internet oferece aos seus educandos, com os EE do 7º ano a apresentar o valor mais alto com 60,38%, enquanto os EE do 8º ano são os que mais discordam desta situação, com 40% a considerar que esta opção não é aplicável aos seus educandos.

O gráfico que se segue, representa graficamente as opiniões dos alunos e dos EE nesta opção.

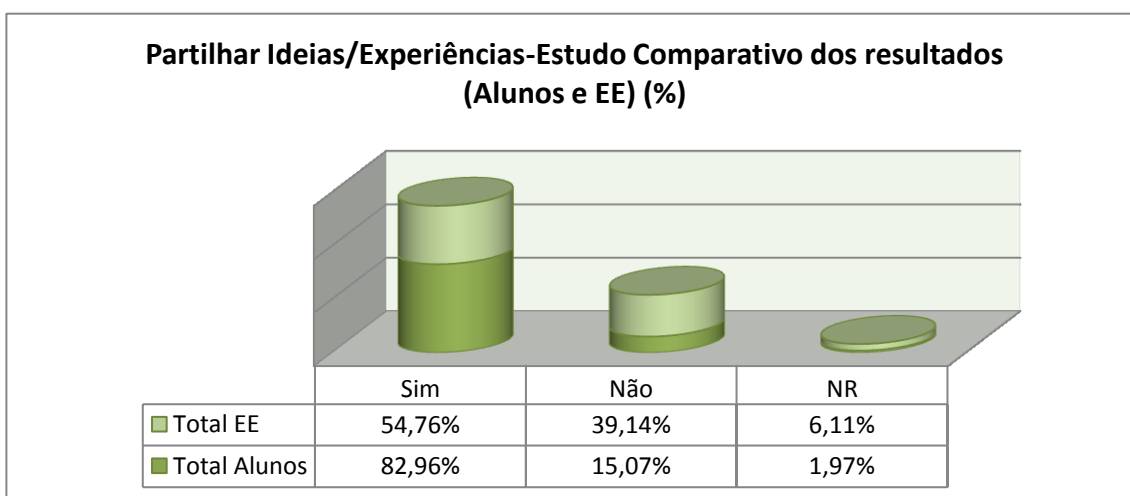


Gráfico 39- Partilhar Ideias/ Experiências- Estudo comparativo (Alunos e EE) (%)

Mais uma vez, embora os alunos e os EE partilhem da mesma opinião, com a maioria a concordar que a Internet permite a partilha de experiências e ideias, a verdade é que os valores que dela fazem parte são bastante diferentes. Enquanto 82,96% dos alunos inquiridos acredita nessa potencialidade, apenas 54,76% dos EE partilham da mesma opinião. A discordância com esta possibilidade também revela valores discrepantes, como era de esperar. Enquanto apenas 15,07% dos alunos não concorda o número de EE ascende aos 39,14%. De salientar que, de todas as opções até agora estudadas, esta foi a que revelou uma percentagem de abstenção maior, com 6,11% dos EE a não responder.

f) Atividades de Lazer

As atividades de lazer são de facto importantes para o bem-estar e para manter o convívio social de forma saudável. Deste modo, buscamos compreender se com a utilização da Internet os alunos têm ou não mais tempo para “Atividades de Lazer” como passear, realizar visitas sociais, ir ao cinema ou ao café.

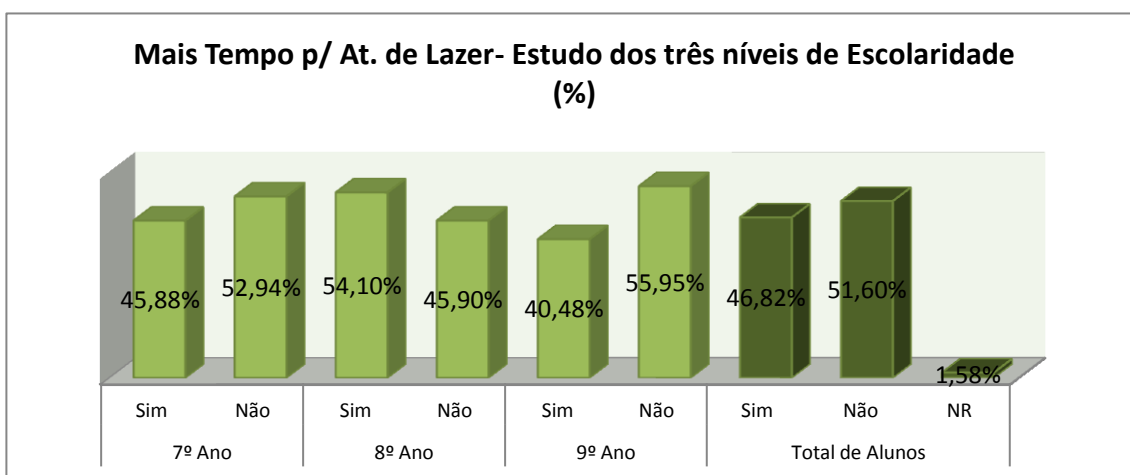


Gráfico 40- Mais Tempo para Atividades de Lazer- Alunos (%)

Os resultados encontram-se muito equiparados. Globalmente, 51,60% dos alunos inquiridos confirmam que têm menos tempo para as suas atividades de lazer mas, no entanto, 46,82% dos alunos acredita a utilização da Internet lhes permite ter mais tempo para as atividades de lazer, o mesmo é dizer, não lhes condiciona o tempo dedicado às atividades de lazer.

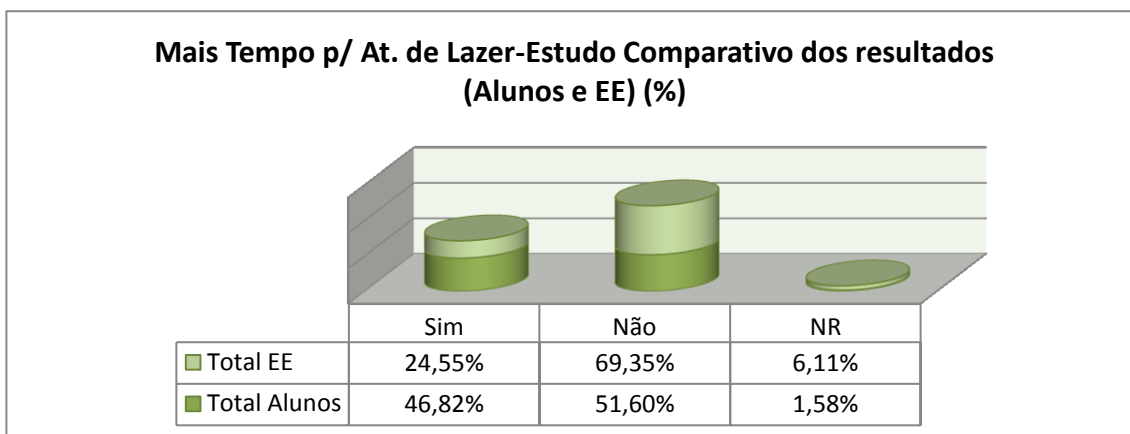


Gráfico 41-Mais Tempo para Atividades de Lazer- EE (%)

Mais uma vez verificamos que tanto os alunos como os EE admitem que o tempo diminuiu para realizar atividades de lazer devido à utilização da Internet. Porém, enquanto os EE são perentórios na resposta a esta opção (69,35%), pouco mais de metade dos alunos a admitem (51,60%). Como se pode constatar, 46,82% dos alunos afirma que o uso da Internet permite que tenham mais tempo para desenvolver atividades de lazer, com apenas 24,55% dos EE a partilhar a mesma opinião. Embora de forma geral, todos percebam que efetivamente o tempo para as atividades de lazer tenha diminuído, os EE demonstram a sua opinião de uma forma bastante mais expressiva comparando com a dos alunos.

g) Novos Amigos

Em relação às amizades, uma vez que no gráfico nº 31 se mostra que os alunos acreditam que a utilização da Internet lhes permite aumentar a lista de contatos, segue-se naturalmente a questão, se o uso da Internet leva a que os alunos possam, através da Internet, encontrar novos amigos.

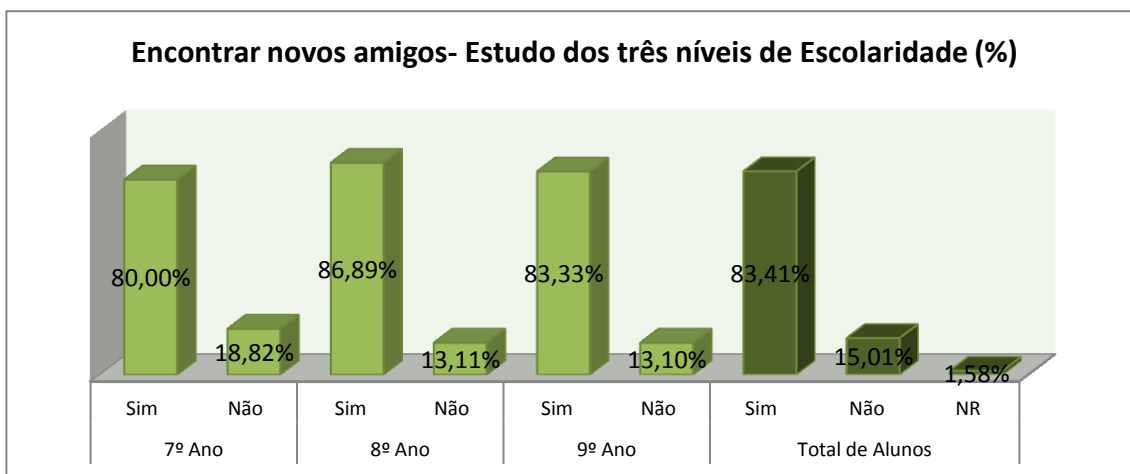


Gráfico 42- Novos Amigos - Alunos (%)

Perante o gráfico, percebemos que a maior parte dos alunos inquiridos, nos três anos de escolaridade, acredita que a Internet permite descobrir novas amizades, sendo os alunos do 8º ano os que expressam com valores mais altos esta opção. Por seu lado, 8,82% dos alunos de 7º ano admite que assim não seja. No geral, 83,41%, acredita que a Internet leva a que se encontrem novas amizades, enquanto 15,01% dos alunos inquiridos defende que tal não acontece.

No gráfico seguinte representa-se a opinião os EE sobre esta a mesma questão.

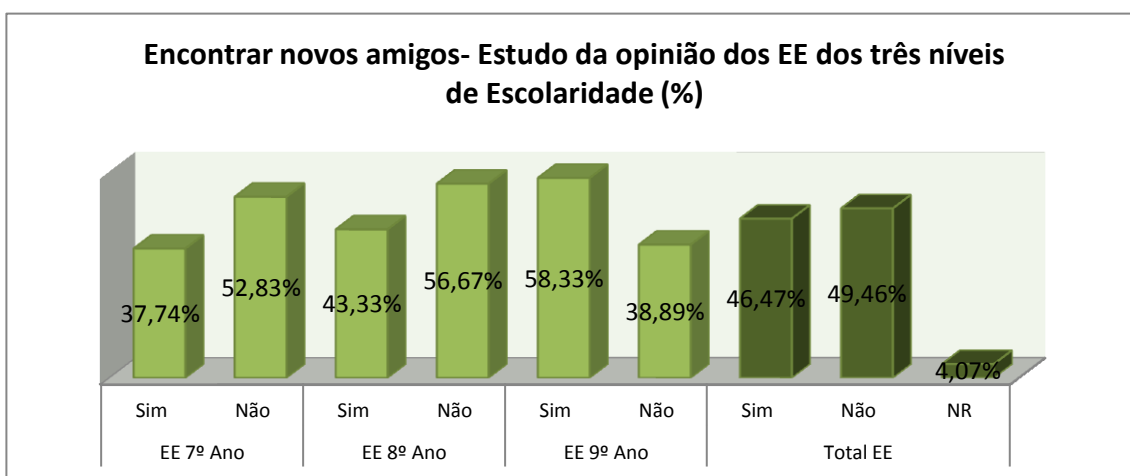


Gráfico 43- Novos Amigos - EE (%)

As opiniões dos EE divergem entre eles. Enquanto mais de metade os EE do 7º e 8º não acreditam que a Internet proporcione o encontro de novas amizades, os EE do 9º ano aceitam que novas relações de amizade se estabelecem, apresentando uma percentagem de 58,33%. Geralmente e de uma forma muito equilibrada, os EE que não acreditam (49,46%) no surgimento de novas amizades através da Internet têm uma pequena vantagem em relação aos que confirmam esta situação (46,47%).

Efetuada o cruzamento de opiniões, o gráfico resultante é o seguinte:

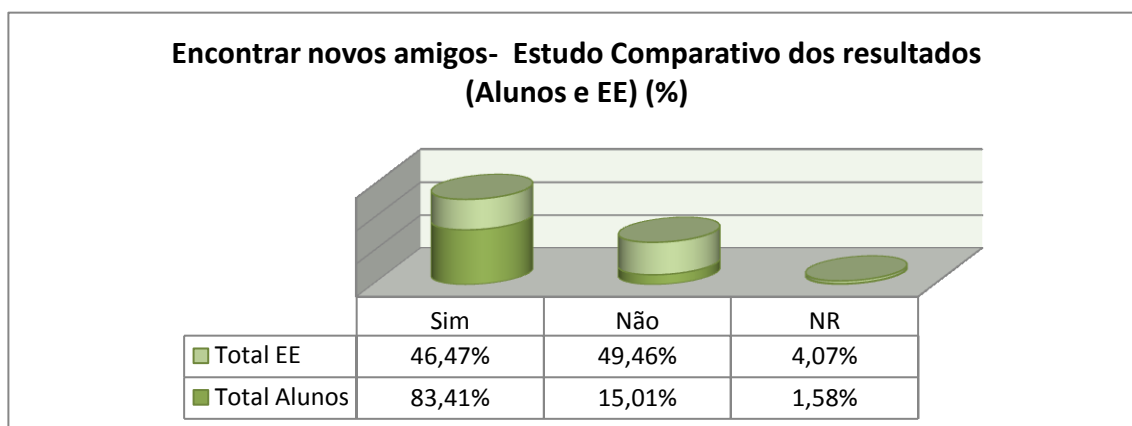


Gráfico 44- Novos Amigos - Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

De facto, analisando o gráfico, verificamos que os alunos apresentam uma percentagem muito superior à dos EE, sendo que 86,41% dos alunos acredita que a Internet proporciona o aparecimento de novos amigos, com apenas 46,47% dos EE a partilhar da mesma opinião. Contrariando esta opção temos 15,01% dos alunos, enquanto os EE apresentam uma percentagem largamente superior com 49,46%.

h) Aceitação

A faixa etária em estudo enquadra-se na pré-adolescência/adolescência, existindo assim muitos fatores nesta fase que podem condicionar a inserção no meio social em que estes jovens estão inseridos. Foi por isso que estudamos algumas situações que julgamos serem importantes e que contribuem hoje em dia para o desenvolvimento social de um jovem. Por isso de uma série de fatores que entendemos ser pertinentes, começamos por analisar a “Aceitação por parte dos outros”. Os resultados obtidos traduzem-se no gráfico que se segue:

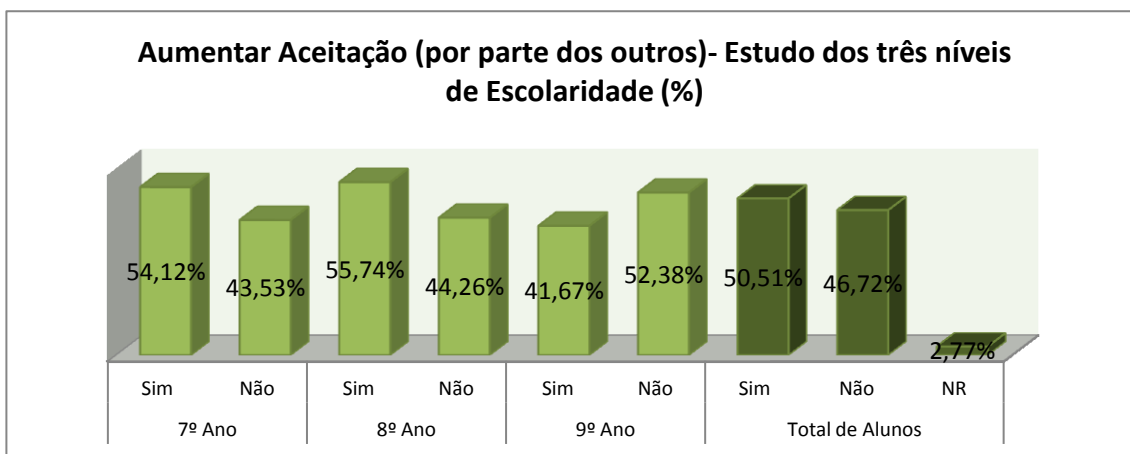


Gráfico 45- Aceitação- Alunos (%)

Nesta opção verifica-se que a opinião dos alunos está muito dividida. Praticamente quase (50,51%) metade dos alunos defende que a utilização da Internet lhes permite aumentar a sua aceitação por parte dos outros, enquanto 46,72% dos estudantes inquiridos entende que o uso da Internet não permite que essa aceitação por parte dos outros seja maior.

Tentamos averiguar junto dos EE destes jovens se o facto deles utilizarem a Internet condiciona a forma como são aceites pelos outros jovens.

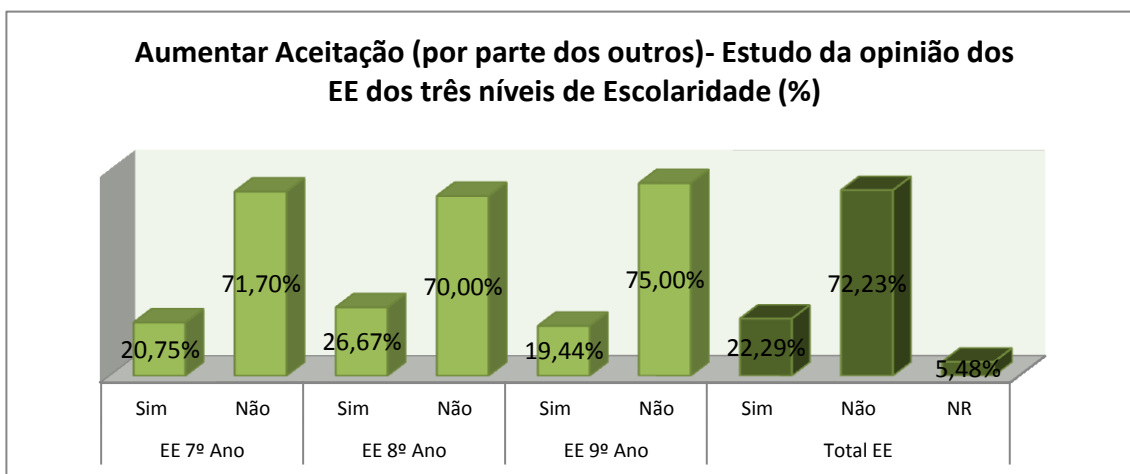


Gráfico 46- Aceitação- EE (%)

A opinião dos EE são, na sua generalidade, muito consensuais, na medida em que mais de 70% dos EE inquiridos garante que o facto de os seus educandos utilizarem a Internet não influencia a forma a como são aceites pelos outros. Os EE do 9º ano são aqueles que apresentam um valor mais alto com 75%. Os EE do 8º ano, apesar de um valor baixo, são aqueles que apresentam uma maior percentagem ao concordarem que a utilização da Internet potencia uma maior aceitação por parte dos outros jovens,

apresenta 26,67% de respostas. No geral, a não confirmação desta opção ganha com uma larga vantagem apresentando 72,23% contra 22,29% de respondentes.

Confrontando os resultados obtidos por ambas as partes, o resultado apresenta-se no gráfico seguinte:

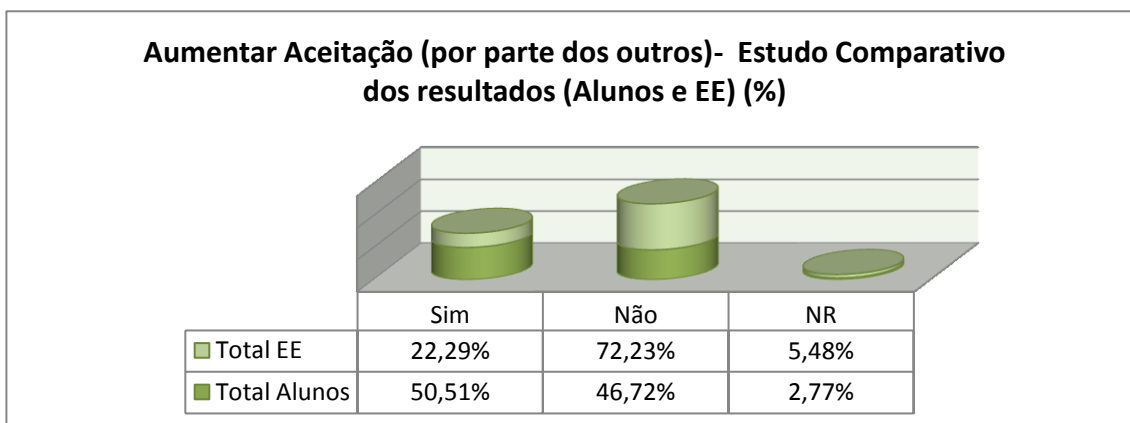


Gráfico 47- Aceitação- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Ao efetuarmos o cruzamento dos gráficos, facilmente percebe mos que a opinião não é consensual. Enquanto metade dos alunos inquiridos garante que a utilização da Internet influencia a forma como os outros o aceitam, apenas 22,29% dos EE partilham da mesma opinião. No entanto, com 72,23% de respostas, os EE acreditam que o uso deste serviço não possui qualquer tipo de influência na forma como os seus educandos são aceites pelos outros jovens. Podemos dizer que de facto, os EE têm uma noção mais ténue acerca do impacto que a utilização da Internet tem no desenvolvimento e no desenvolvimento do seu educando, enquanto ser inserido numa sociedade.

i) Dependência do uso da Internet

Em gráficos anteriores, verificamos que a quase totalidade dos alunos questionados utiliza a Internet numa média de horas considerável (gráfico nº 11- Média de horas de Utilização da Internet). Com esta questão procuramos averiguar se o facto de os alunos usarem a Internet com regularidade faz com que exista alguma dependência na utilização deste serviço.

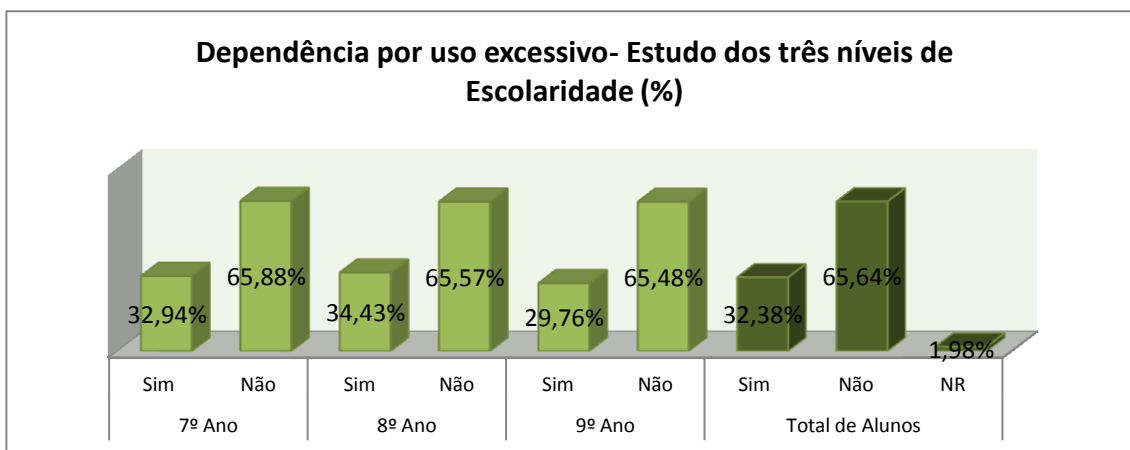


Gráfico 48- Dependência por uso excessivo da Internet- Alunos (%)

Ao analisar o gráfico, verifica-se claramente que existe um equilíbrio de opiniões, sendo os valores apresentados todos muito próximos. Os alunos inquiridos indicam que, de facto, não existe qualquer dependência quando utilizam a Internet, ou seja, que a Internet não provoca que se tornem dependente quando a utilizam em excesso. Em todos os anos estudados mais de 65% dos alunos garantem que não existe qualquer tipo de dependência no uso da Internet. Em termos gerais, mais de metade dos alunos, concretamente 65,64% dos alunos garante que não existe qualquer comportamento de dependência, embora os valores médios dos alunos que acham que existem uma dependência no uso excessivo deste serviço não seja de todo, desprezável porque 32,28% responderam afirmativamente a esta opção.

Tentamos, por conseguinte, averiguar a opinião dos EE em relação a esta suposta dependência dos seus educandos na utilização da Internet e os resultados obtidos traduzem-se no gráfico que se segue:

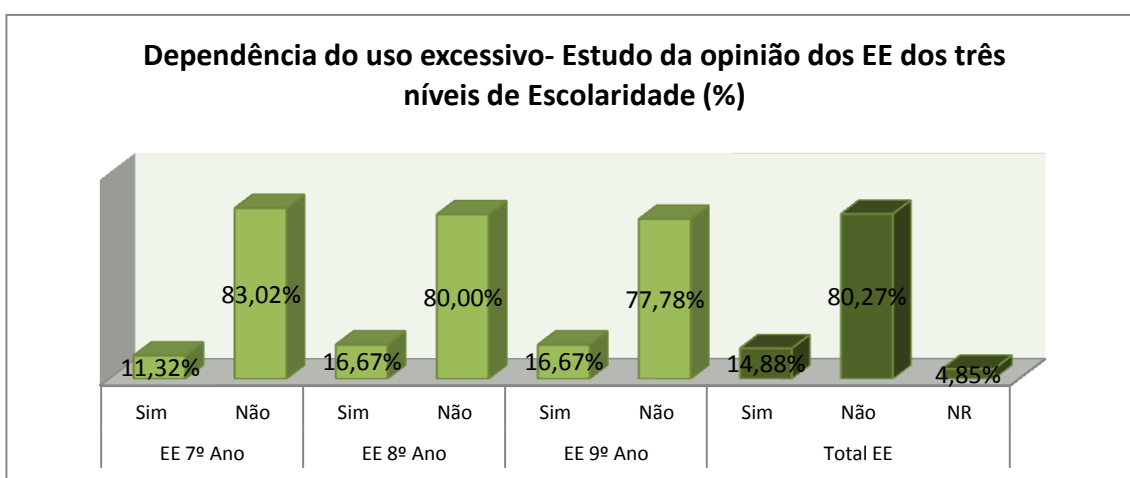


Gráfico 49- Dependência por uso excessivo da Internet - EE (%)

Independentemente do ano de escolaridade que o seu educando frequente, todos os EE são categóricos em afirmar que não verificam qualquer dependência causada pelo uso da Internet. Os EE do 9º ano são os que, apesar de uma percentagem alta, apresentam o valor mais baixo (77,78%) quando comparado com os restantes EE que apontam mais de 80% nesta negação. Os EE que acreditam que os seus educandos demonstram alguma dependência na utilização da Internet não ultrapassam os 15%, de uma forma geral.

Para melhor percebermos a relação que existe na recolha das opiniões dos alunos e dos EE, temos o gráfico seguinte:

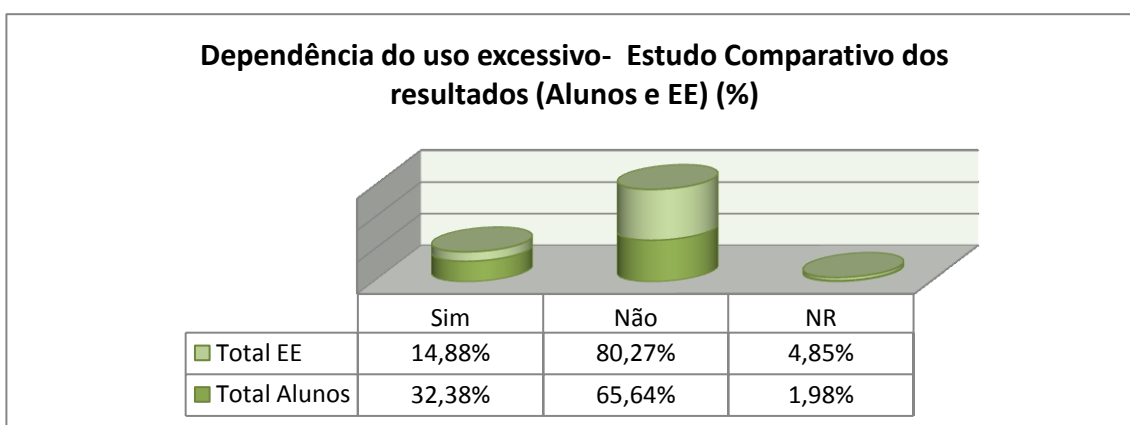


Gráfico 50- Dependência por uso excessivo da Internet - Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Apesar das opiniões serem muito consensuais, mais uma vez os números exprimem-se de forma diferente. No geral, 65,64% dos alunos garantem que não têm qualquer dependência no uso da Internet, sendo os EE ainda mais expressivos, com 80,27% a partilhar essa opinião. No entanto, 32,38% dos alunos (principalmente os alunos do 8º ano que apresentam uma percentagem ligeiramente mais alta) admitem ter dependência na utilização deste serviço e apenas 14,88% dos EE pactuam dessa mesma opinião.

j) Apoios fora do universo de amigos

Contudo, e no seguimento do nosso estudo, tentamos aprofundar um pouco mais os comportamentos destes alunos perante a utilização da Internet. Daí considerarmos ser importante certificar até que pontos os alunos utilizam a Internet para procurar apoios fora do seu universo de amigos, apoio que podem não encontrar junto dos familiares e amigos mais próximos.

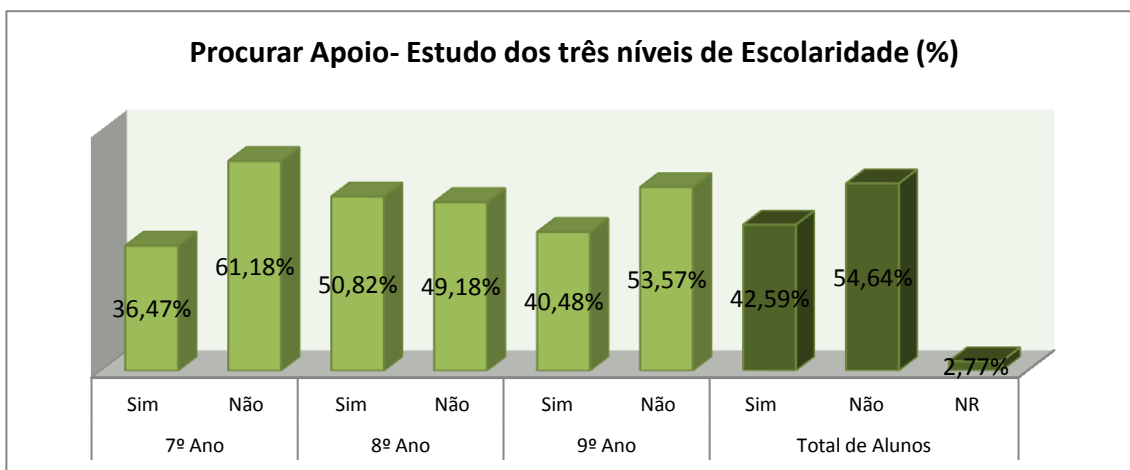


Gráfico 51- Procurar Apoio- Alunos (%)

Embora os resultados estejam distribuídos de forma muito equiparada, 54,64% dos alunos numa forma geral afirma que quando utiliza a Internet não é com esse objetivo, sendo o 7º ano o mais expressivo nesta opinião com 61,18% de alunos. No entanto, 42,59% dos alunos inquiridos garante que a utilização da Internet permite procurar apoios fora do seu universo de amigos sendo, neste caso, os alunos de 8º ano a registarem o valor mais alto com 50,82%.

Junto dos EE tentamos perceber qual a sua opinião e se de facto, concordam que a utilização da Internet por parte do seu educando poderá ter a ver com a procura de algo que não têm no seu dia-a-dia.

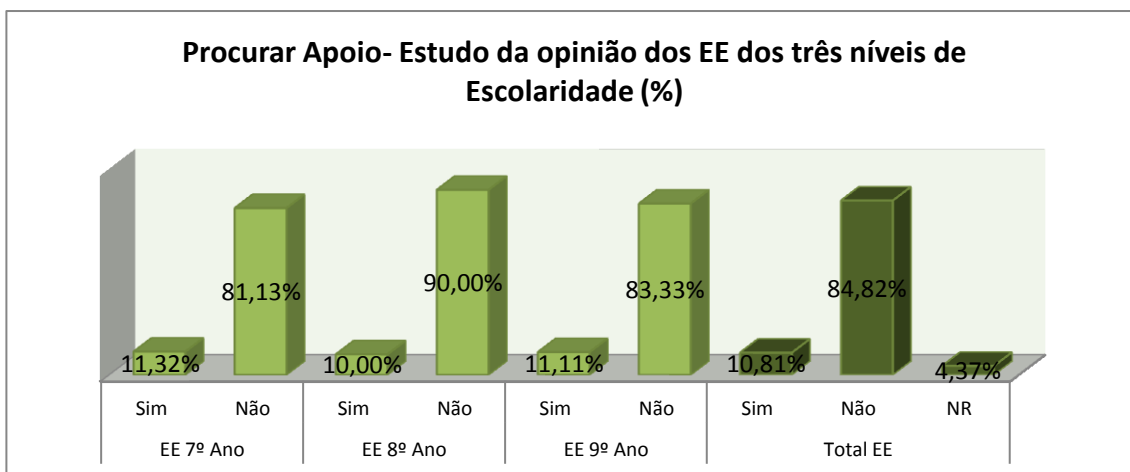


Gráfico 52- Procurar Apoio- EE (%)

Ao analisar o gráfico que corresponde à opinião dos EE, não existem margem para dúvidas. Independentemente do ano que os seus educandos frequentam, todos eles garantem que o uso da Internet não tem como objetivo “procurar apoio”. Mais de 80% são dessa opinião e os EE do 8º ano atingem mesmo os 90%. Pouco mais de 10%

admite que o seu educando poderá buscar na Internet o apoio que lhe falta o seu quotidiano.

Para tentar perceber melhor a analogia entre os resultados obtidos por parte dos alunos e dos EE, segue-se o próximo gráfico.

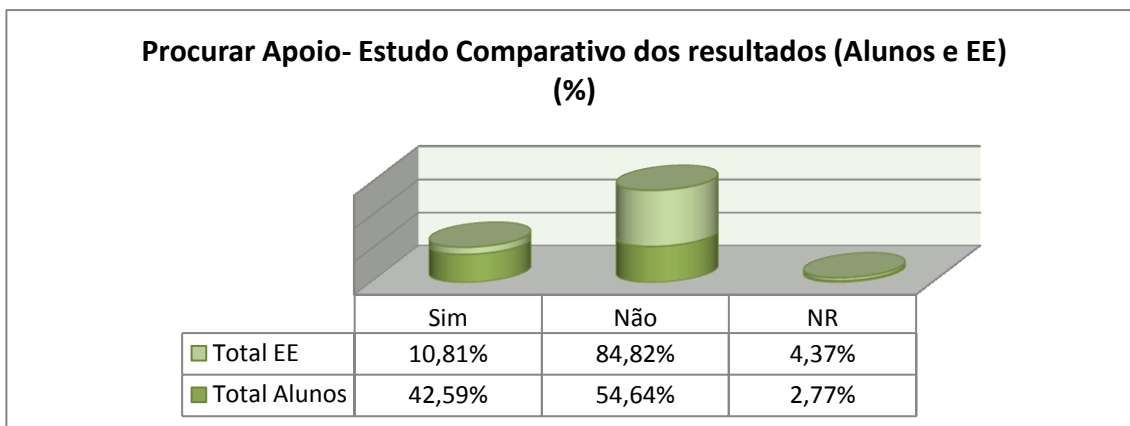


Gráfico 53- Procurar Apoio- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

De uma forma geral os alunos encontram-se mais ou menos divididos face a esta opção, ganhando o “Não” com uma ligeira vantagem. Enquanto os EE assumem categoricamente que os seus educandos não procuram apoios fora do seu universo quando usam a Internet, pelos expressivos 84,82%, 42,50% dos alunos garante que o faz nesse sentido. É preocupante este resultado porque mostra que os EE não se apercebem das necessidades dos seus educandos e do que eles efetivamente procuram quando utilizam a Internet.

k) Mais Atenção de outras pessoas

Para além do apoio que possam estes alunos eventualmente procurar na Internet, uma das questões que também foi estudada foi a de saber se a utilização da Internet permite aos alunos ter a atenção de outras pessoas, conseguir mais atenção por parte dos outros, sentir-se mais ouvido. Os dados recolhidos representam-se graficamente desta forma:

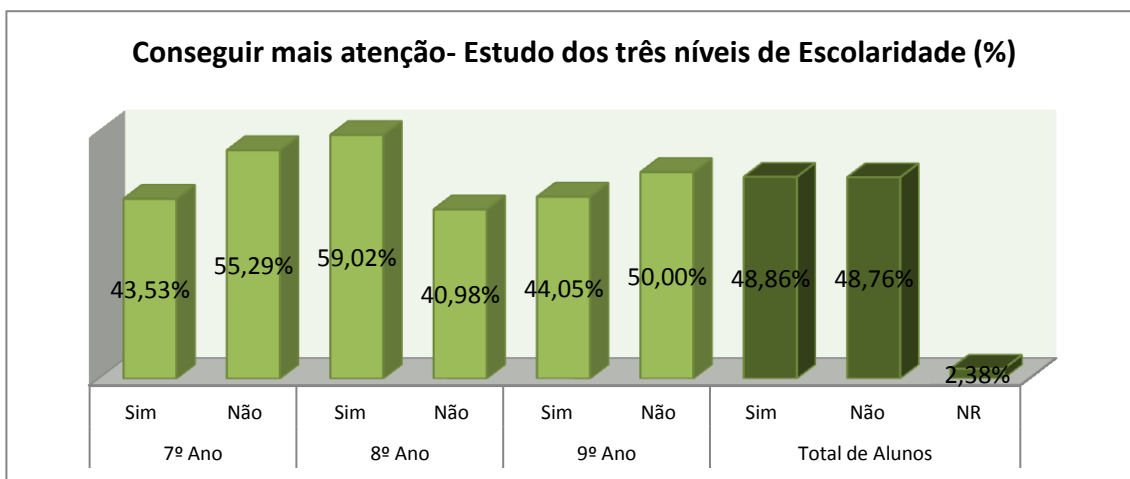


Gráfico 54- Conseguir mais Atenção- Alunos (%)

Verifica-se nesta opções de caracter mais pessoal, que os alunos se encontram bastante divididos. Mais uma vez verifica-se um equilíbrio muito grande nas respostas dos alunos, de tal modo que as percentagens gerais se diferenciam apenas por décimas, com 48,86% dos alunos a afirmar que utilizam a Internet para conseguir mais atenção, enquanto 48,76% negam que a utilização da Internet abranja esse objetivo. Estes resultados mostram que os alunos buscam na Internet afetos e atenções que eventualmente não possuem no mundo real ou que não são de todo suficientes para que se sintam bem consigo mesmo. Esta equidade de valores mostra-nos exatamente isso, metade dos alunos procuram na Internet aspetos que são fundamentais na construção de uma personalidade e no seu desenvolvimento enquanto pessoa.

Feita a mesma questão aos EE o gráfico resultante dos dados obtidos é o seguinte:

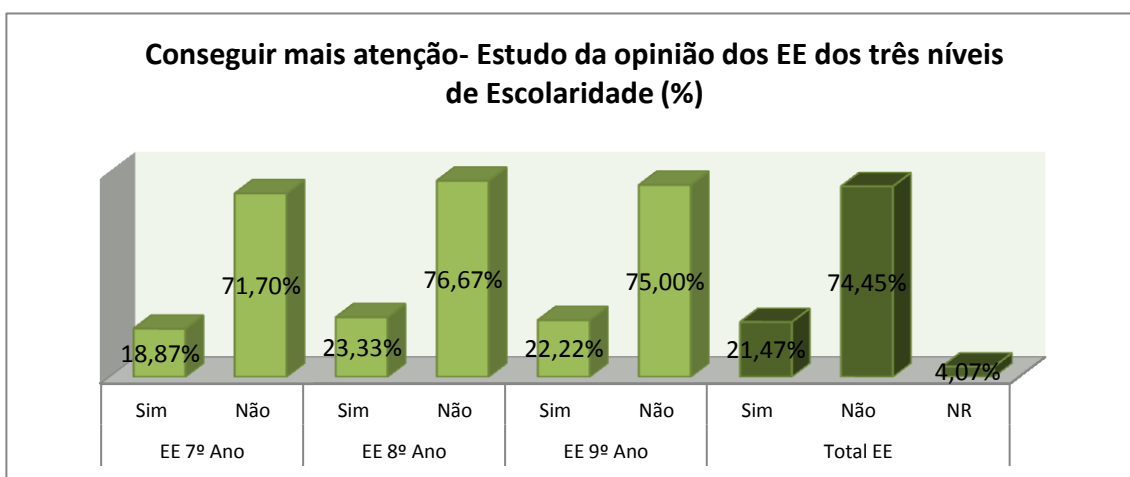


Gráfico 55- Conseguir mais Atenção- EE (%)

Com o estudo dos gráficos cujas opções dizem respeito mais ao caracter pessoal, os EE afirmam em números surpreendentemente altos a negação do que quer que seja. Neste caso, qualquer um dos EE independentemente do ano que o seu educando frequenta,

garantem (com mais de 70%) que o seu educando não procura atenção quando usa a Internet. Apenas cerca de 21% EE admite que os seus educandos podem tentar angariar mais atenção por parte dos outros quando utilizam este serviço.

Para uma análise comparativa, mostramos o gráfico onde são representados os dados das opiniões dos alunos e dos EE.

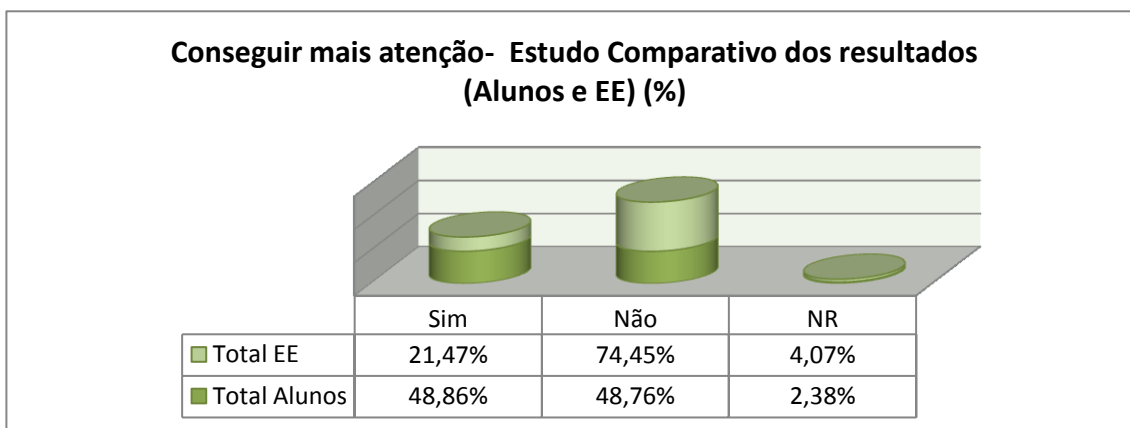


Gráfico 56- Conseguir mais Atenção- Estudo comparativo (Alunos e EE) (%)

“Conseguir mais atenção” parece ser uma das opções que mais divide pelo menos os alunos, já que de uma forma geral, metade dos alunos admite que procura na Internet mais atenção, enquanto a outra metade não concorda com essa afirmação. Com os EE a situação é claramente diferente. A esmagadora maioria dos pais garante que os seus educandos não procuram atenção quando usam a Internet, apresentando 74,45% de respostas contra os 21,47% dos EE que admite que essa situação se verifica. Tal como no gráfico da opção anterior, os EE não têm percepção da importância e do papel preponderante que a Internet assume na vida dos seus educandos em termos de afetos.

I) Autopromoção

Existem outros fatores que contribuem para que o indivíduo se sinta bem consigo mesmo. Uma das opções estudadas foi a da autopromoção e, nesse sentido, procuramos entender até que ponto a utilização da Internet contribui para a que os alunos se autopromovam.

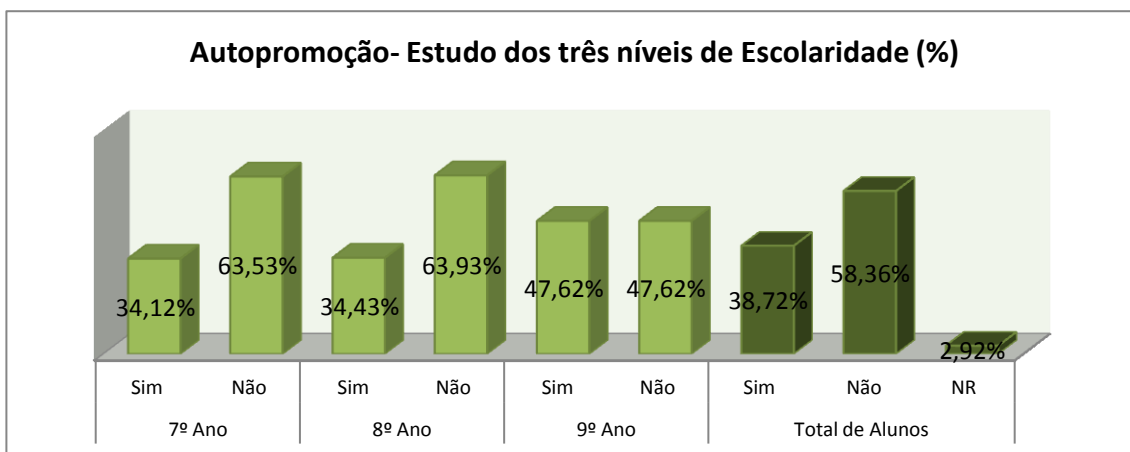


Gráfico 57- Autopromoção- Alunos (%)

Embora exista alguma distribuição nas respostas, a maior parte dos alunos garante que não utiliza a Internet para se autopromover. Os alunos de 9º mostram um equilíbrio nos valores, apresentando a mesma percentagem nas respostas. De uma forma geral, mais de metade dos alunos, mais exatamente 58,36%, garantem que não se autopromovem na Internet, enquanto 38,72% afirma que o faz. Nesta opção 2,92% dos alunos optaram por não responder.

No gráfico que se segue, traduzem-se os resultados obtidos por parte dos EE na mesma opção.

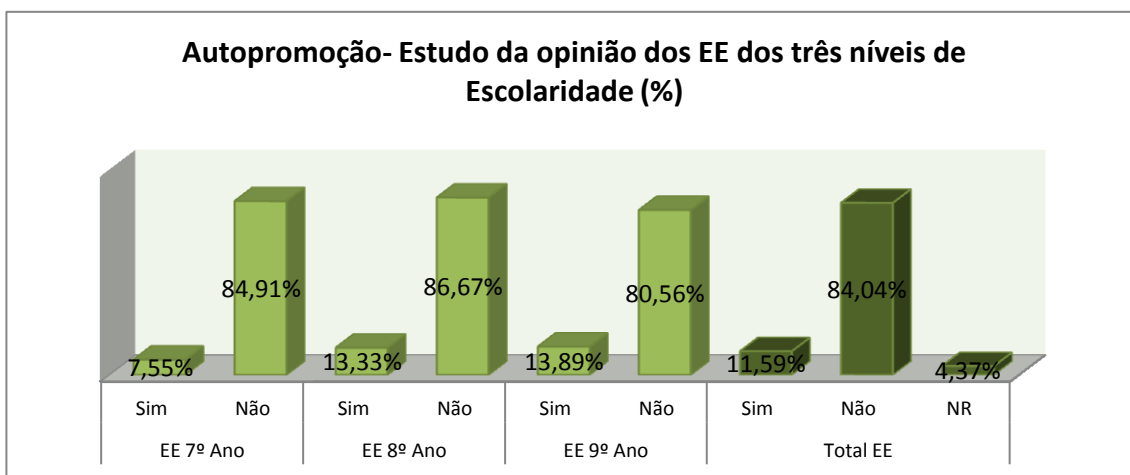


Gráfico 58- Autopromoção- EE (%)

Tal como se tem registado nos últimos gráficos, os EE não acolhem a ideia de que os seus educandos utilizam a Internet com outros propósitos que não seja apenas a pesquisa de trabalhos escolares, jogar ou consultar redes sociais. Mais uma vez verificamos que a esmagadora maioria dos EE não acredita que o seu educando utilize a Internet para se autopromover. De uma forma geral, apenas uma percentagem muito baixa de EE (11,59%) admitem que tal situação se verifica no seu educando, sendo os

EE do 7º ano os que registam o valor mais reduzido com 7,55%, talvez por se tratar da faixa etária mais nova e não vejam a necessidade de se autopromoverem.

Para realizar a análise comparativa dos alunos e dos EE em relação a essa questão, mostramos o gráfico que se segue:

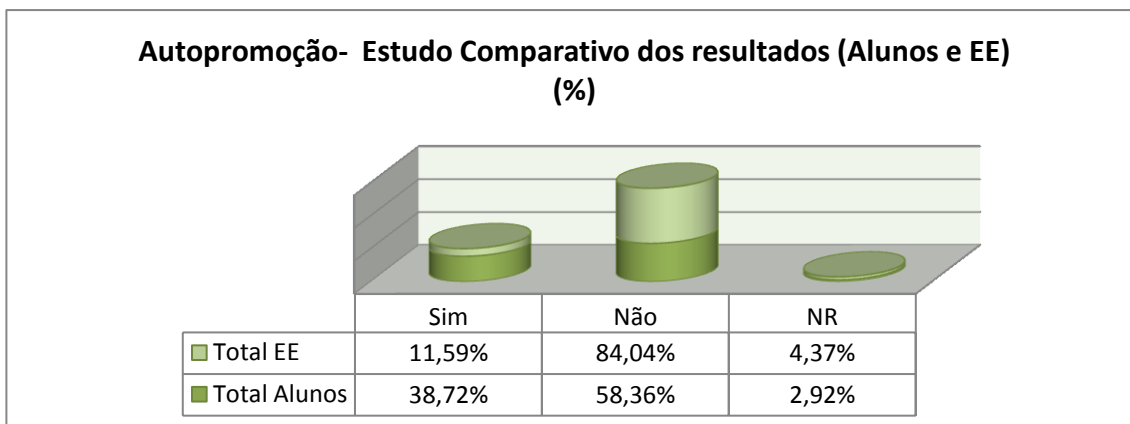


Gráfico 59- Autopromoção- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Ambas as partes estão em acordo e de uma forma geral admitem que a Internet não é utilizada para se autopromoverem mas, na realidade, os valores que dela fazem parte é que são bastante diferentes. Os EE mais uma vez demonstram valores mais expressivos quando negam que tal facto acontece com o seu educando, mostrando um valor de 84,04% comparando com os 58,36% dos alunos que também partilham dessa opinião. Enquanto 11,59% dos EE admite que os seus educandos podem usar a Internet para fazerem a sua autopromoção, 38,72% dos alunos admite que o faz nesse sentido.

m) Depressão

A utilização da Internet pode eventualmente desencadear comportamentos e até sentimentos que influenciam naturalmente o quotidiano das pessoas. Muitas vezes, o que se encontra na Internet e a forma como se procura, seja o que for, pode algumas vezes não ir de encontro àquilo que efetivamente era expectável. Por isso, tentámos perceber se a utilização deste serviço por parte dos alunos estudados pode levar a que se sintam mais deprimidos e frustrados.

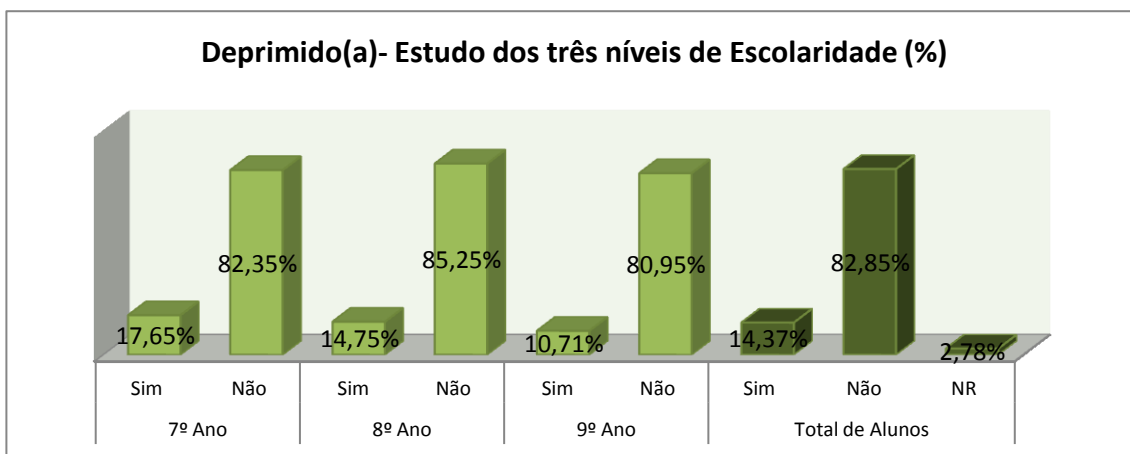


Gráfico 60- Deprimido(a)- Alunos (%)

Fazendo uma análise ao gráfico anterior, verificamos que, maioritariamente, os alunos afirmam de forma expressiva que a utilização da Internet não conduz a nenhum caminho de tristeza ou depressão. Embora os valores assumam valores mais baixos, na verdade, dentro dos alunos em estudo verifica-se que entre 11% e 18% assumem um estado depressivo com a utilização da Internet. É de salientar que este estado diminui à medida que o ano de escolaridade aumenta. Provavelmente isso deve-se a alguma imaturidade e na criação de expectativas em relação ao que procura na Internet e ao que depois efetivamente encontram na realidade. No geral, é notório que mais de 80% dos alunos assumem que esse estado não se verifica quando utilizam a Internet e 14,37% afirma que se sente mais depressivo com o uso deste serviço.

Averiguámos junto dos EE a mesma opção e tentamos saber o que pensam acerca dela, Os resultados são traduzidos no gráfico que se segue:

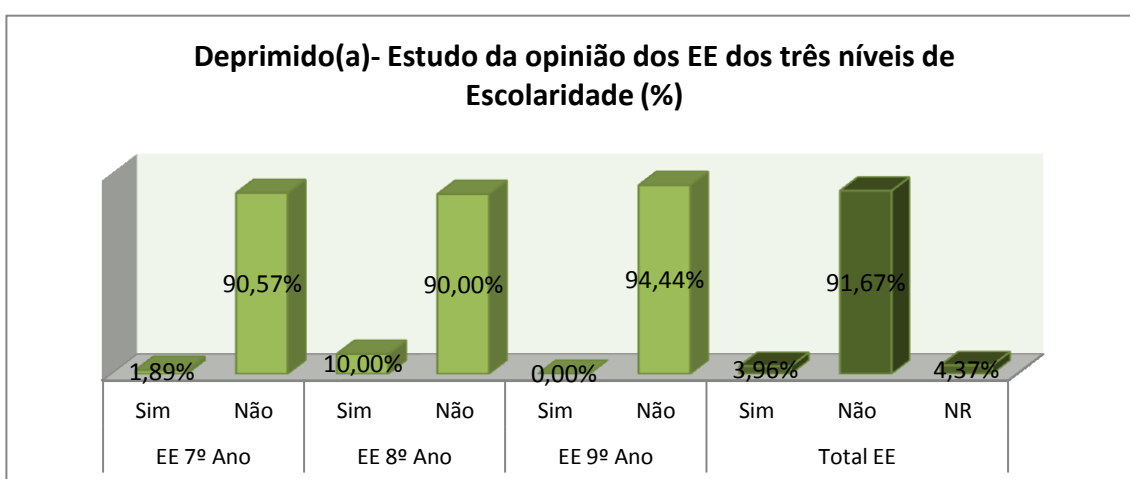


Gráfico 61- Deprimido(a)- EE (%)

A esmagadora maioria dos pais, acima dos 90%, acredita que não se manifesta no respetivo educando nenhum estado de depressão, sendo que 10% dos EE do 8º ano, no entanto, admitem que tal situação se verifica.

Para uma melhor compreensão dos dados das duas partes, analisemos o gráfico que se segue:

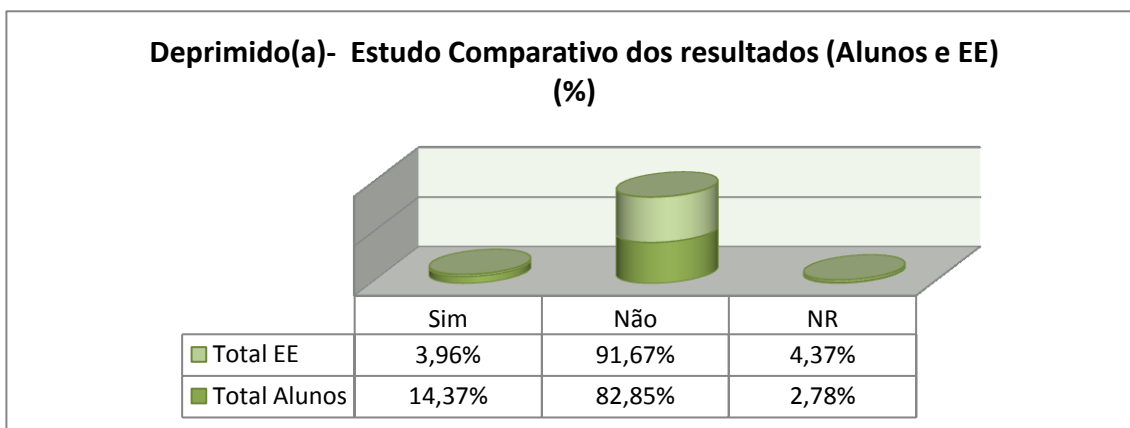


Gráfico 62- Deprimido(a)- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Embora a maioria dos alunos garanta que não se manifesta nenhum estado depressivo pelo uso da Internet, os EE continuam a demonstrá-lo de forma mais expressiva apresentando 91,67%, enquanto os alunos apresentam 82,65%.

São poucos os que admitem que este estado se verifica devido à utilização da Internet. Por parte dos alunos não vai além dos 14,37% e dos EE apenas 3,96% admitem que este estado se verifica no seu educando.

n) Isolamento

Através desta questão pretendemos deslindar se a utilização da Internet influencia o convívio social dos alunos, promovendo o seu isolamento. Hoje em dia, é comum apontar a Internet como um potencial fator que conduz ao isolamento dos jovens. Tratando-se de um comportamento e que influencia as relações é de facto uma das opções que impreterivelmente teria que fazer parte do nosso estudo. Com base nos dados recolhidos, o gráfico é o seguinte:

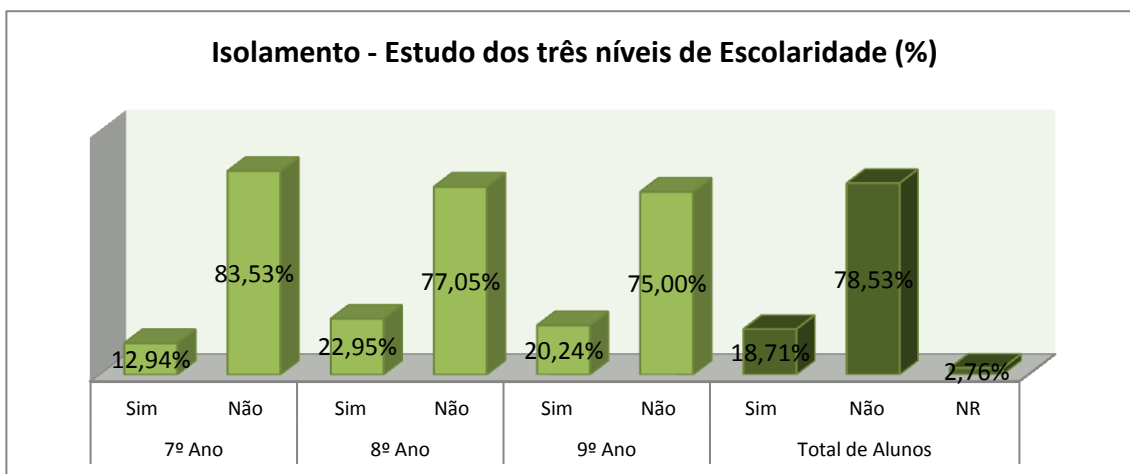


Gráfico 63- Isolamento- Alunos (%)

De acordo com os dados recolhidos e acima representados graficamente, não há margem para dúvida que a utilização da Internet não conduz ao isolamento social. Verificamos que a negação desta situação leva uma larga vantagem em termos de percentagem em relação aos alunos que admitem que o uso deste serviço conduz a um retraimento em termos sociais. Verifica-se também que a negação desta situação diminui à medida que o ano de escolaridade avança. Analisando de uma forma mais abrangente, 78,53% dos alunos inquiridos entendem que o uso da Internet não leva a nenhum processo de isolamento social, no entanto, 18,71% admitem essa possibilidade, registando-se uma abstenção nesta opção de 2,76%.

Averiguámos junto dos EE se acham que a utilização da Internet promove ou condiciona de alguma forma o isolamento do seu educando. O gráfico resultante é o seguinte:

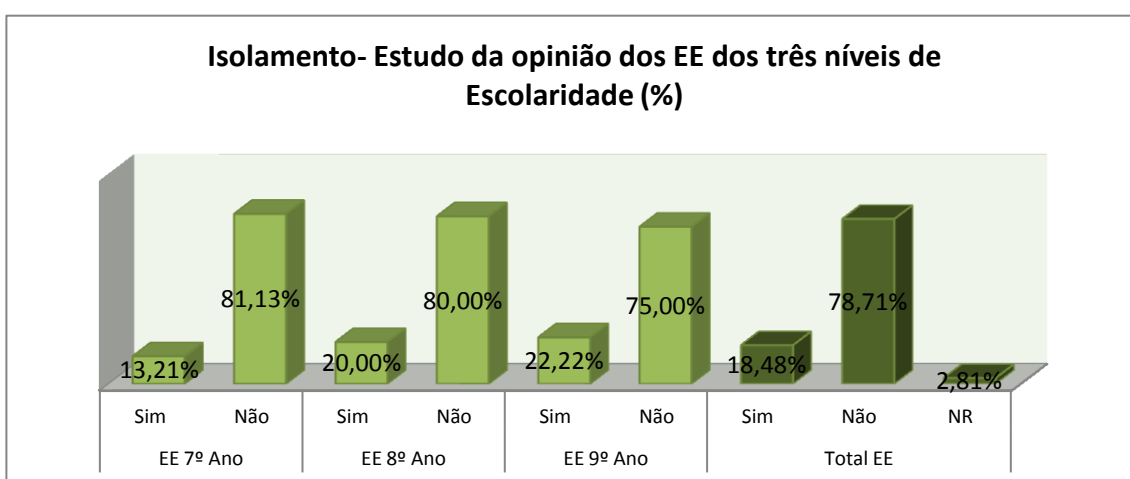


Gráfico 64- Isolamento- EE (%)

Os EE revelam, na sua maioria, que o uso da Internet não condiciona o convívio social do seu educando, verificando-se uma gradual descida nesta opinião à medida que o ano de escolaridade aumenta, sendo o 7ºano o que apresenta uma percentagem mais alta. Da mesma forma que alguns EE (18,48%) admitem que os seus educandos se encontram mais isolados desde que utilizam a Internet, verificamos que este valor vai aumentando à medida que o ano de escolaridade progride, com os EE a atingir os 22%. no 9º ano. Fazendo o cruzamento dos dados, temos o gráfico seguinte:

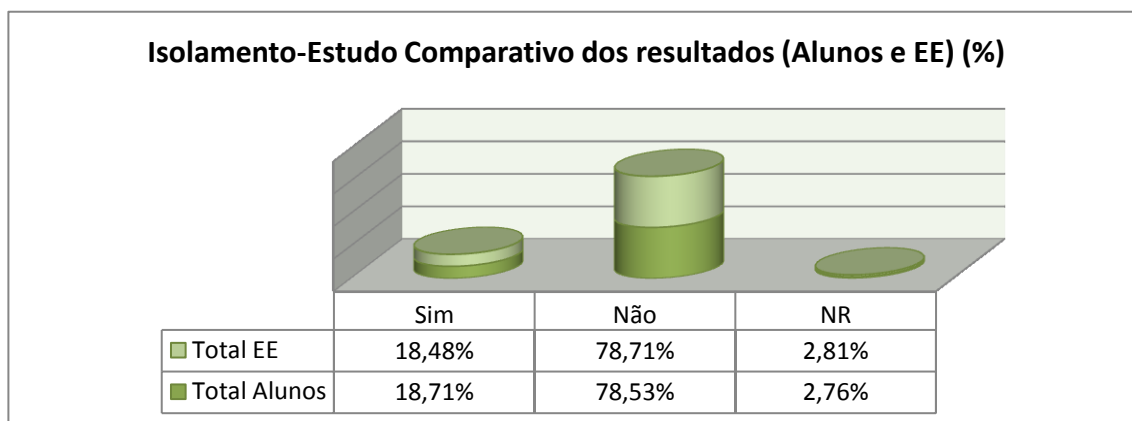


Gráfico 65- Isolamento- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Fazendo uma análise comparativa entre alunos e EE, verificamos uma grande unanimidade em termos de opinião, com 78,53% dos alunos a garantir que não se isola e 78,71 dos EE a concordar com esta opinião. Do mesmo modo, 18,71% admite existir isolamento com o uso da Internet, com 18,48% dos EE a certificar esta mesma opinião.

o) Companhia

Se a nossa amostra revela que de facto a Internet não conduz a um caminho de “retiro” social, tentámos perceber junto destes estudantes, se a utilização deste serviço os faz sentir mais acompanhados.

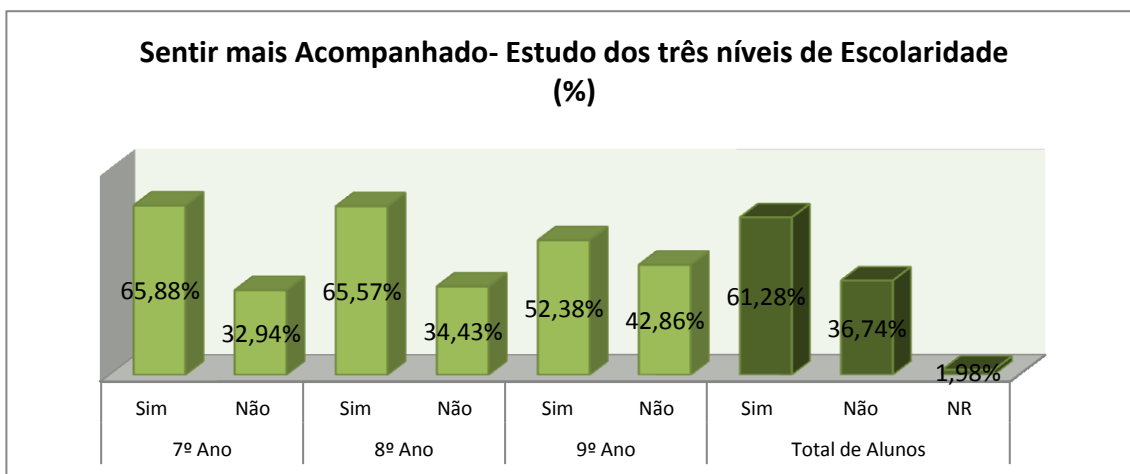


Gráfico 66- Sentir mais Acompanhado- Alunos (%)

Os alunos do 7º e 8º ano mostram-se mais decididos em admitir que a Internet os faz sentir mais acompanhados. Os alunos de 9º mostram-se mais divididos mas, tendo em conta a generalidade dos alunos, 61,28% destes estudantes garantem que com o uso da Internet se sentem menos sós, 36,74% revela que não vê na Internet uma companhia. Junto dos EE também tentamos perceber se a Internet faz sentir os respetivos educandos mais acompanhados. O gráfico com os resultados angariados é o seguinte:

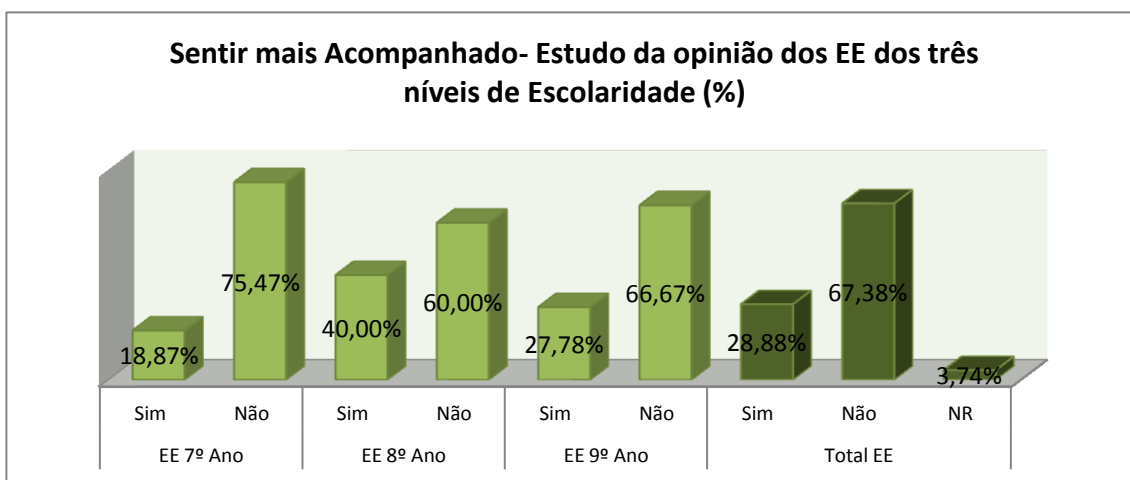


Gráfico 67- Sentir mais Acompanhado- EE (%)

À primeira vista, constatamos que os EE são claros a não concordarem com o facto de que a Internet permite que os seus educandos se sintam mais acompanhados, demonstrando-o com expressividade (75,47% de respostas). Os EE do 8ºano são, no entanto, os que admitem que os seus educandos efetivamente se sentem mais acompanhados com o uso da Internet, com uma percentagem de 40% acerca desta opinião.

Fazendo o cruzamento dos dados dos alunos e dos EE, surge o gráfico que se segue:

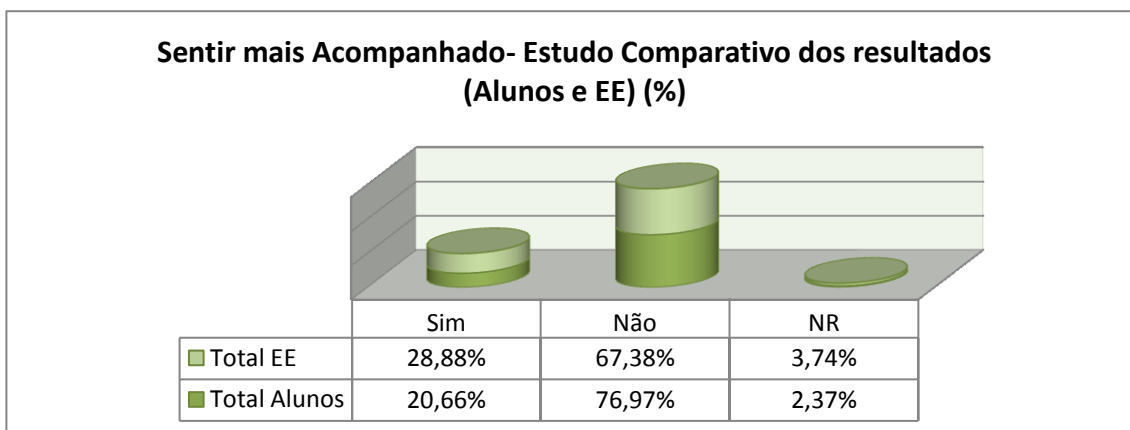


Gráfico 68- Sentir mais Acompanhado- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Na análise comparativa dos resultados, embora consensuais na opinião, os valores não deixam de ser interessantes, uma vez que a percentagem dos EE é superior à dos alunos quando admitem que a Internet permite que se sintam mais acompanhados. Os EE, de uma forma geral, apresentam 28,88% enquanto os alunos registam 20,66%.

p) Popularidade

Tendo em conta a faixa etária estudada, sabemos que existem várias condições que fazem com que um adolescente se sinta inserido na sociedade. Foi por isso, que entendemos ser importante estudar em que medida é que os alunos inquiridos utilizam a Internet para se tornarem mais “populares” entre os seus amigos/conhecidos ou na Escola.

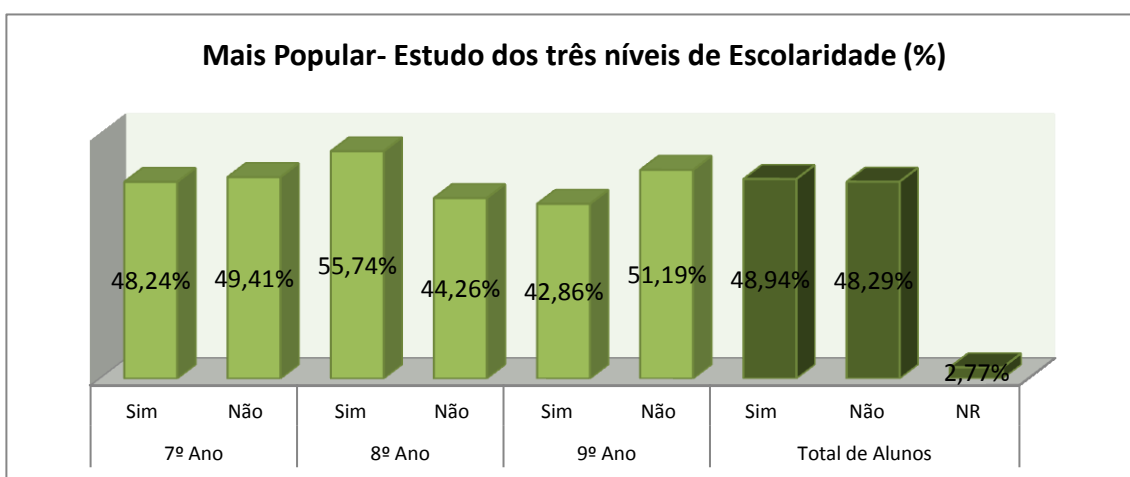


Gráfico 69- Mais Popular- Alunos (%)

Mais uma vez, como se tem vindo a registar nas opções anteriormente estudadas, as opiniões dos alunos voltam a dividir-se de forma bastante equilibrada, havendo apenas diferença de décimas nos resultados obtidos nesta opção. Os alunos de 8º ano são os mais expressivos nos valores apresentados. Mais de metade destes alunos, garantem que

o facto de usarem a Internet faz com que se tornem “Mais populares. Analisando de uma forma mais abrangente a opinião dos alunos, verificamos que 48,94% garantem que a utilização da Internet faz com que seja mais popular, enquanto 48,29% acham que esta situação não se verifica e 2,77% dos alunos optaram por não dar qualquer resposta a esta opção.

Procuramos também perceber junto dos EE se a popularidade do seu educando sofre alterações junto dos seus amigos/conhecidos com a utilização da Internet. De seguida, representa-se graficamente os dados obtidos.

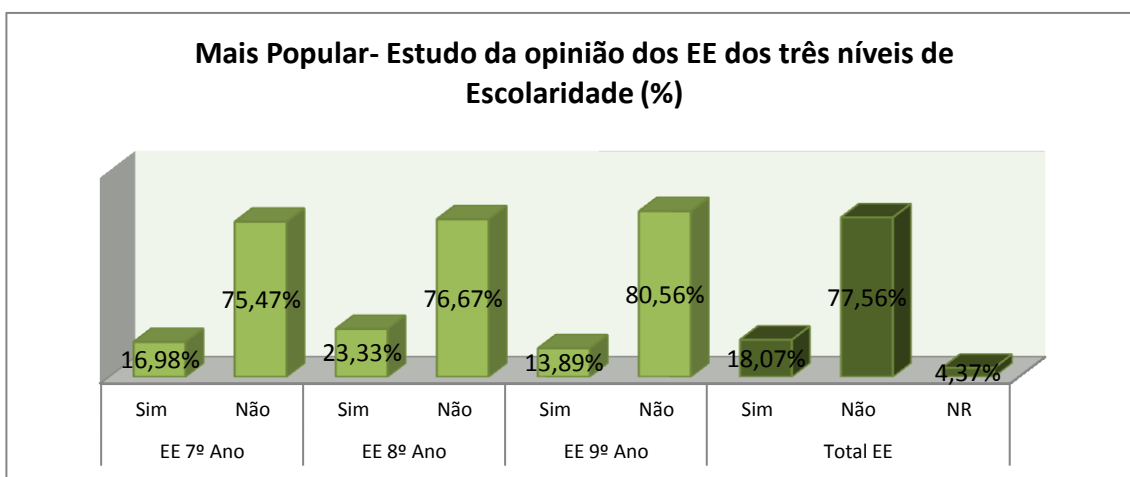


Gráfico 70- Mais Popular- EE (%)

Olhando para o gráfico dos EE, percebemos que estes não admitem (em percentagens elevadas, superiores a 75%) que a popularidade dos seus educandos aumente com o uso da Internet. Os EE do 9º ano são aqueles que se expressam com uma percentagem mais alta (80,56%), sendo os EE do 8º ano a admitirem, em maior número, que a popularidade do seu educando pode aumentar com o uso deste serviço, apresentando uma percentagem de 23,33%.

Tal como temos feito nas opções anteriormente é pertinente realizar um estudo comparativo.

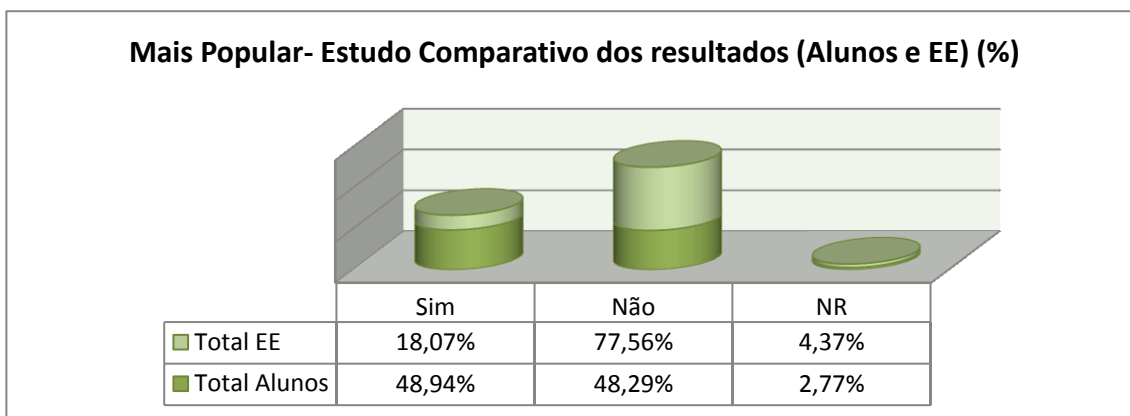


Gráfico 71- Mais Popular- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Enquanto os alunos estão definitivamente divididos na sua opinião. Praticamente metade deles admite que a sua popularidade aumenta com o uso da Internet e a outra metade descarta tal situação. Em relação aos EE, a esmagadora maioria não acredita que a utilização da Internet pode servir para que os seus educandos aumentem a sua popularidade. Mais uma vez, tal como em situações anteriormente estudadas, os EE revelam que não têm perfeita consciência do papel que utilização da Internet exerce no dia-a-dia dos respetivos educandos.

q) Desinibição

A comunicação mediada por computador, mediante as circunstâncias em que se desenvolve, poderá eventualmente conduzir a uma maior desinibição por parte de quem utiliza este tipo de comunicação. Neste caso, questionamos a nossa amostra de alunos dos três anos de escolaridade, tendo em vista saber se a utilização da Internet permite que se sintam mais desinibidos.

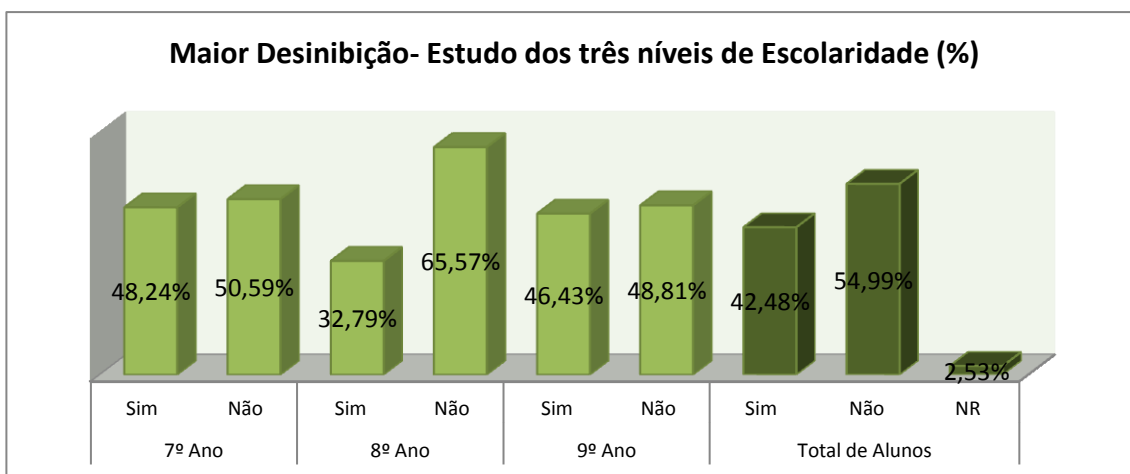


Gráfico 72- Maior Desinibição- Alunos (%)

Como se pode verificar, nesta opção os valores também se encontram divididos de forma bastante equilibrada. No 7º ano e 9º ano, os alunos encontram-se praticamente divididos na opinião desta opção. No 8º ano registou-se o valor mais significativo, já que 65,57% destes alunos garantem que o uso da Internet não produz qualquer efeito de desinibição. No geral, estes alunos, com uma ligeira vantagem, revelam que a utilização da Internet não promove maior desinibição e 42,48% confirma que essa situação se verifica.

A opinião dos EE no que respeita a esta opção, traduz-se no gráfico que se segue:

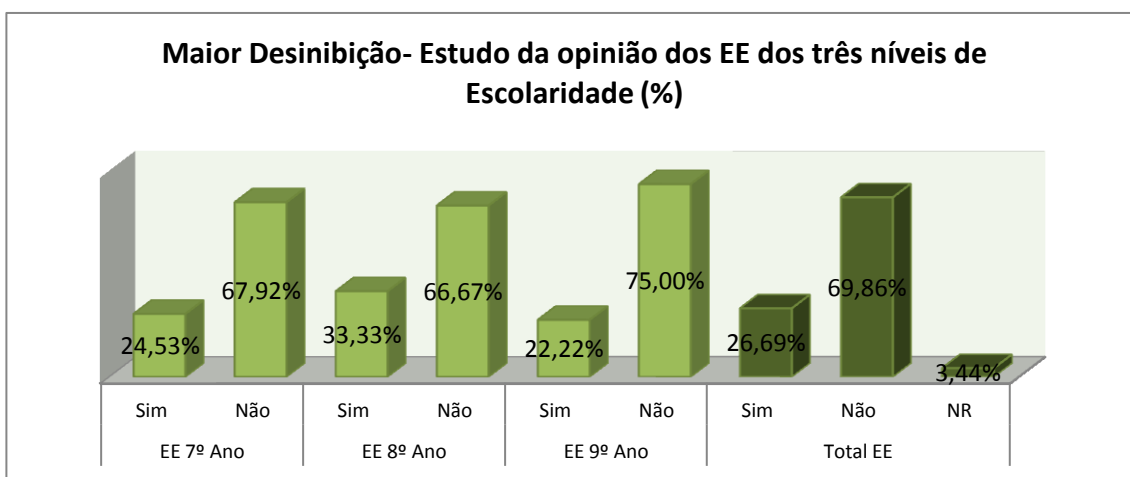


Gráfico 73- Maior Desinibição- EE (%)

Mais de metade dos pais não acredita que o uso da Internet conduza a uma maior desinibição por parte do respetivo educando. Os valores são expressivos, sendo mais uma vez os EE do 9º ano a apresentarem valores mais altos com 75% de respostas. Também nesta opção se verifica (tal como na opção anterior) que os EE do 8ºano admitem que esta situação pode de facto verificar-se, com 33,33% de respostas nesta concordância.

Para uma melhor compreensão na análise comparativa, temos o gráfico seguinte:

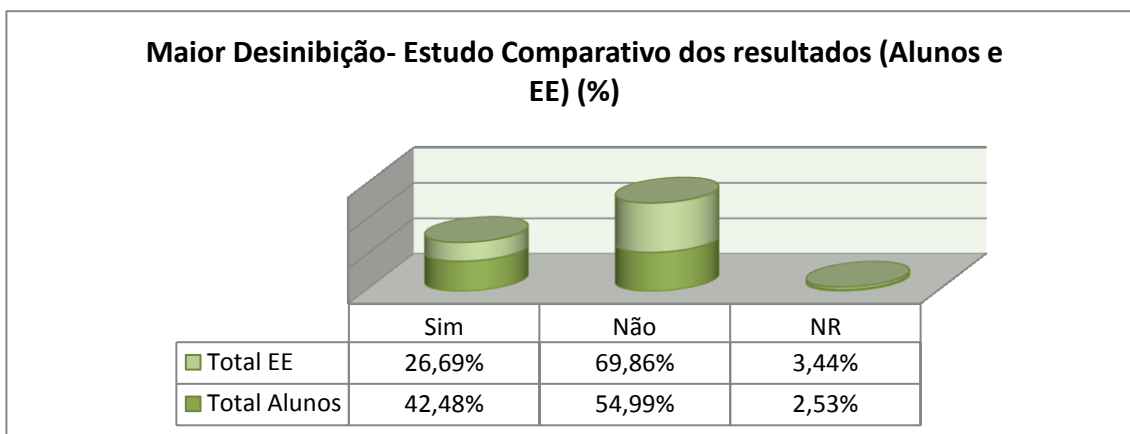


Gráfico 74- Maior Desinibição- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Os EE são perentórios no que respeita a estas questões mais pessoais. Revelam neste estudo que acreditam que o uso da Internet não se traduz em nenhuma destas opções estudadas, desvalorizando o impacto que estas podem ter no quotidiano do seu educando. Mais uma vez, com uma percentagem muito baixa, os EE admitem que a utilização da Internet pode conduzir a uma maior desinibição, enquanto 42,28% dos alunos admitem essa possibilidade. Além disso, 69,86% dos EE garante que esta situação não se verifica, enquanto os alunos apresentam uma percentagem de 54,99% na partilha da mesma convicção.

r) Aprofundar conhecimento com os contatos

No entanto, para além de todos os fatores que podem condicionar uma maior aceitação perante a sociedade e dos grupos em que estes alunos estão inseridos, é importante estudar, em que medida a utilização da Internet permite que os alunos conheçam melhor os seus contatos.

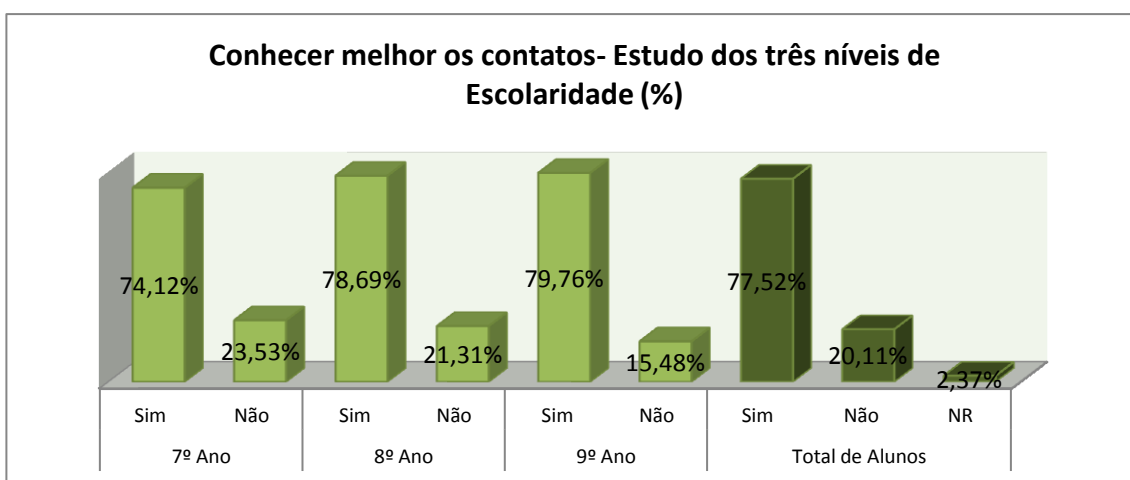


Gráfico 75- Conhecer melhor os Contatos- Alunos (%)

Perante o gráfico representado, verificamos sem margem para dúvidas que os alunos de uma forma geral, concordam que a utilização da Internet leva a que se possa conhecer de forma mais aprofundada os contatos. Em qualquer um dos anos os resultados são bastante equilibrados e, de uma forma geral, 77,52% destes alunos concordam com esta opção, enquanto 20,11% destes alunos afirmam que a Internet não influencia o conhecimento que têm da sua rede de contatos.

Tentamos compreender se os pais também concordam com o facto de a Internet ter um papel importante no conhecimento mais aprofundado das amizades dos respetivos educandos. O gráfico que se segue representa os dados obtidos.

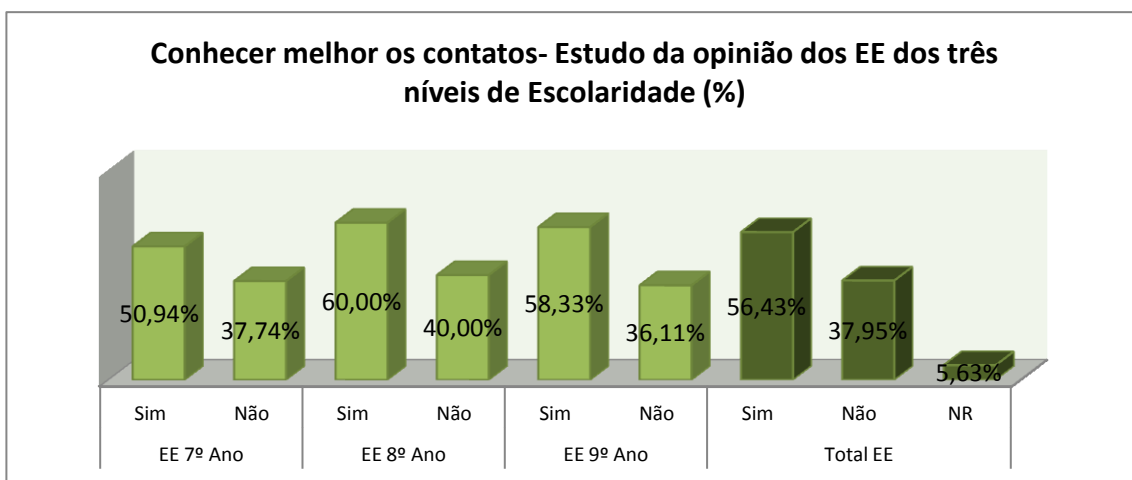


Gráfico 76- Conhecer melhor os Contatos- EE (%)

Nesta opção, embora os dados se encontrem distribuídos, a maior parte dos EE acredita que a utilização da Internet pode contribuir para um aprofundamento dos contatos. Os EE mais expressivos são os do 8º ano com 60% de respostas e, de uma forma geral, os EE concordam com esta opção.

Em termos comparativos, apresentamos o seguinte gráfico:

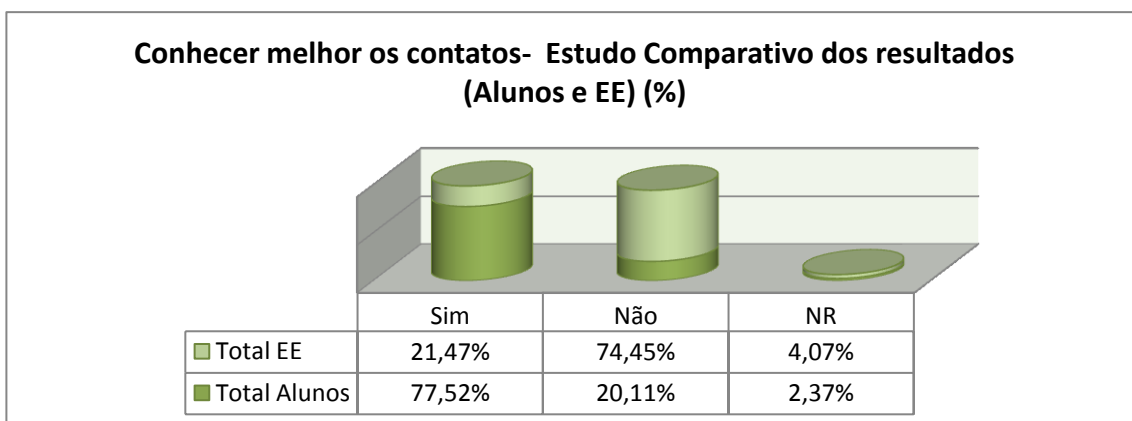


Gráfico 77- Conhecer melhor os Contatos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Embora tanto os alunos como os EE partilhem da mesma opinião e admitam que a Internet assume um papel importante num maior conhecimento dos respetivos contatos, a verdade é que em termos numérico, os alunos expressam-se com valores mais significativos, apresentando uma percentagem de 77,52%, enquanto os EE apresentam na mesma opinião uns razoáveis 56,43%.

s) Encontros presenciais

Uma vez que se entra num campo um pouco mais pessoal, tentámos perceber se para os alunos a utilização a Internet pelos alunos facilita o aumento do número de encontros presenciais.

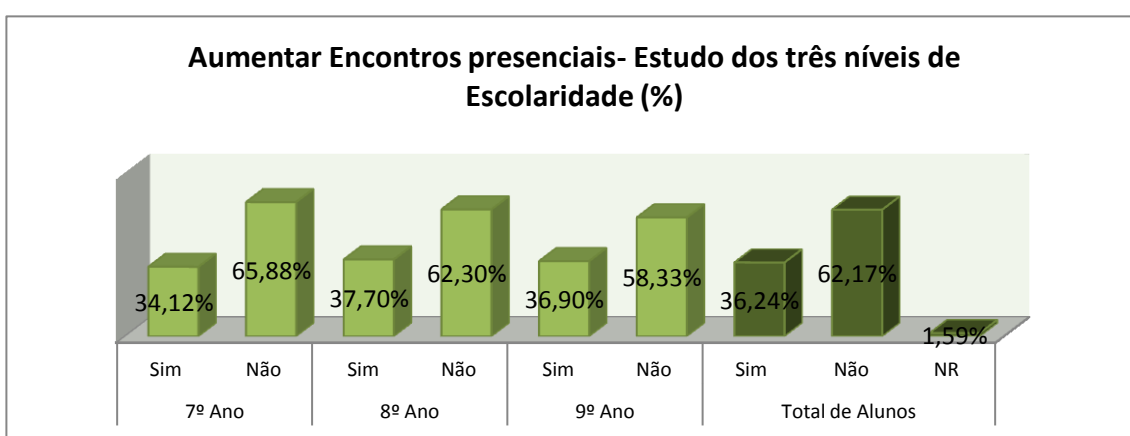


Gráfico 78- Aumentar Encontros Presenciais- Alunos (%)

Apesar de já se ter verificado em análises anteriores que os alunos procuram afetos e novos amigos, a verdade é que, na prática, não se verifica que os encontros presenciais possam aumentar. Em nenhum dos anos de escolaridade o número de encontros presenciais aumentou, embora exista alguma distribuição. Na verdade, mais de metade dos alunos garante que os encontros físicos não aumentaram, cerca de 62,17% são dessa opinião. No entanto, embora apresentando valores significativamente mais baixos, cerca de 36,24% dos alunos considera que os encontros presenciais aumentaram com a utilização da Internet.

Relativamente aos encontros presenciais, também tentamos perceber juntos dos EE se realmente acreditam que o uso da Internet fez com que os encontros presenciais dos seus educandos sofram um aumento.

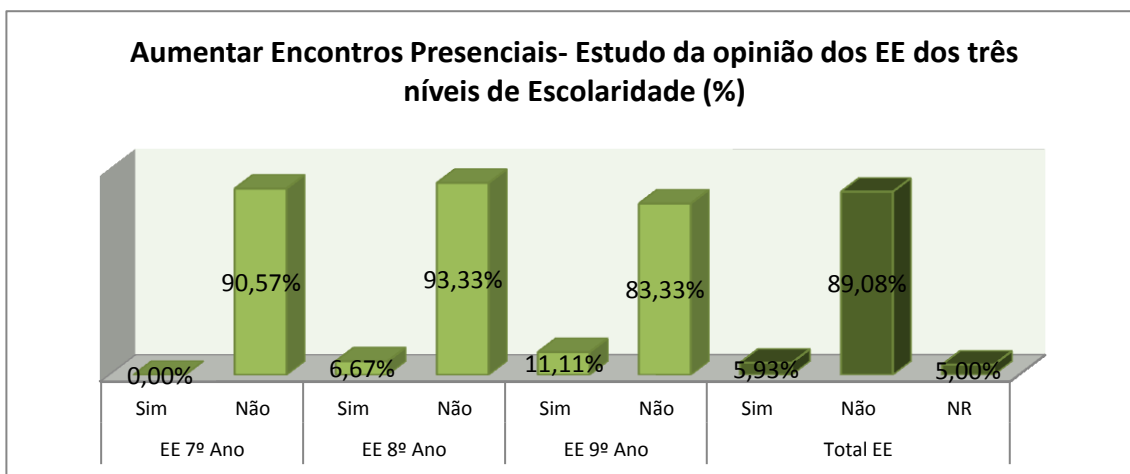


Gráfico 79- Aumentar Encontros Presenciais- EE (%)

Como tem sido habitual neste estudo, os EE nas opções de carácter mais pessoal mostram alguma (muita!) relutância em admitir que a Internet pode influenciar o quotidiano e a forma como os respetivos educandos se relacionam e se comportam. Nesta opção, cujos dados não surpreendem, mostram com bastante expressividade que não concordam que a Internet tenha proporcionado mais encontros presenciais aos seus educandos. Aliás, os EE do 8º ano atingem mesmo a percentagem de 93,33% e dos EE do 7º ano nenhum admite sequer essa possibilidade.

Em termos comparativos, apresentamos o seguinte gráfico para uma melhor apreciação.

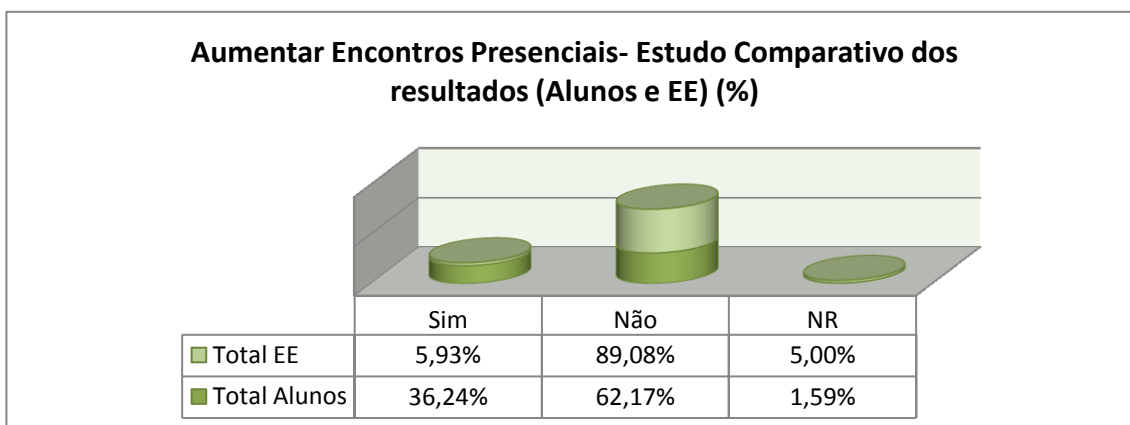


Gráfico 80- Aumentar Encontros Presenciais- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Embora, de uma forma geral, partilhem da mesma opinião verifica-se que os pais atingem um máximo de 89,08% quando garantem que o número de encontros presenciais dos seus educandos não aumentou com o uso da Internet, enquanto os alunos registam uma percentagem de 62,17% ao não admitirem tal possibilidade. Apesar de tudo, temos 36,24% dos alunos que admitem que os encontros presenciais aumentaram com o uso deste serviço, contrastando com a opinião dos EE que apresentam apenas uma percentagem de 5,93% nesta opinião.

t) Fortalecimento de Amizades Existentes

A adolescência passa muito pelas relações com os amigos, a aceitação e a popularidade que desenvolvem. No entanto, se por um lado existem alunos que procuram novos amigos através da Internet, por outro lado, tentamos perceber como lidam estes estudantes com as amizades já existentes, ou seja, em que medida a Internet poderá fortalecer ou não as amizades já existentes.

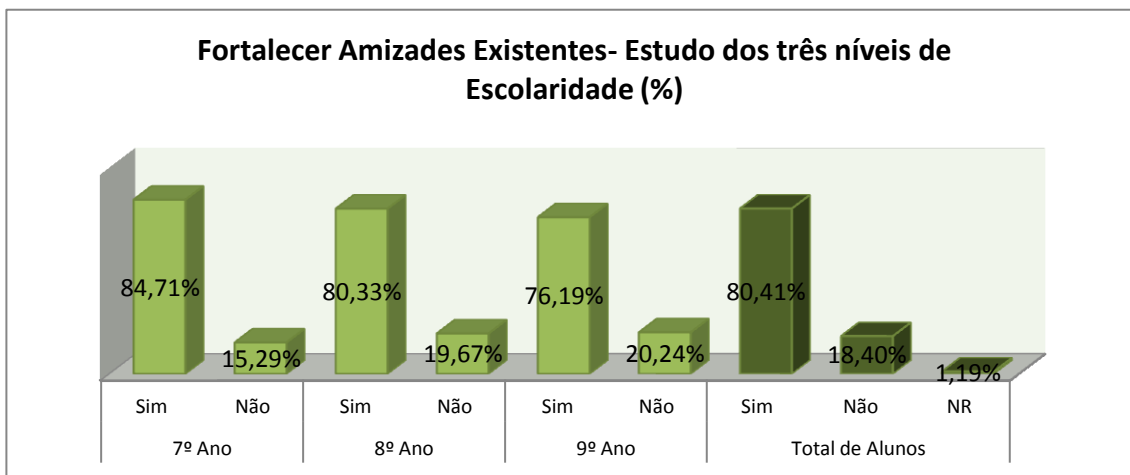


Gráfico 81- Fortalecer Amizades Existentes- Alunos (%)

Nos três anos estudados verificou-se que em qualquer um dos anos, os alunos são bastante expressivos em garantirem que o uso da Internet fortalece as amizades que já possuem, embora a negação desta opção cresça gradualmente à medida que o ano de escolaridade aumenta. De uma forma geral, 80,41% garante que a Internet fortalece as amizades que já possuem e apenas 18,40% dos alunos garante que tal não acontece.

Também a opção acima estudada foi apresentada aos EE. O gráfico seguinte demonstra os dados recolhidos.

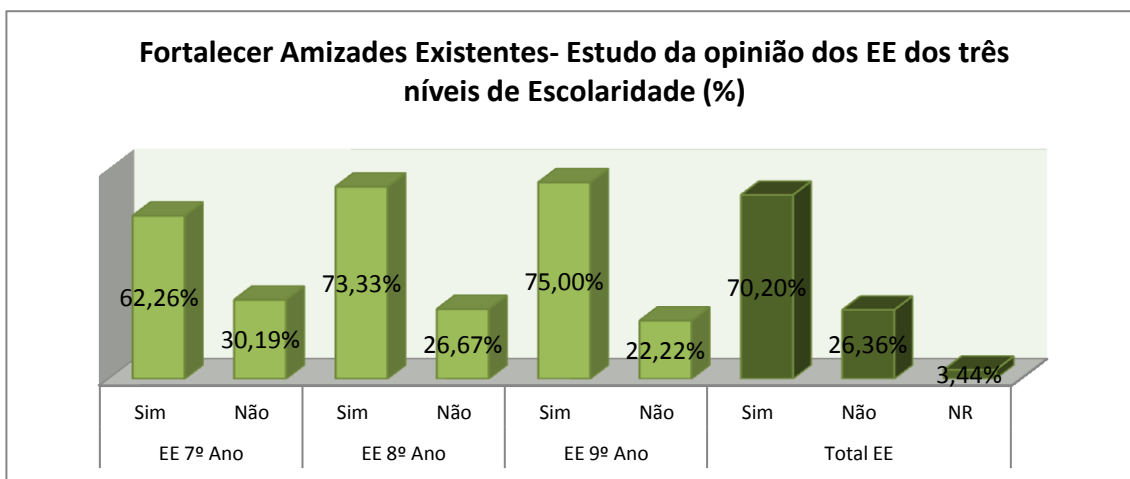


Gráfico 82- Fortalecer Amizades Existentes- EE (%)

Com base no gráfico anterior, podemos afirmar que grande parte dos EE inquiridos admite que a Internet pode ajudar a conservar e fortalecer amizades que já existem. Esta opinião é partilhada pelos EE dos três anos estudados, sendo os EE do 9º ano os que apresentam maior percentagem com 75% de respostas.

Para efetuar o cruzamento de dados das opiniões dos alunos com as do EE, mostramos o seguinte gráfico:

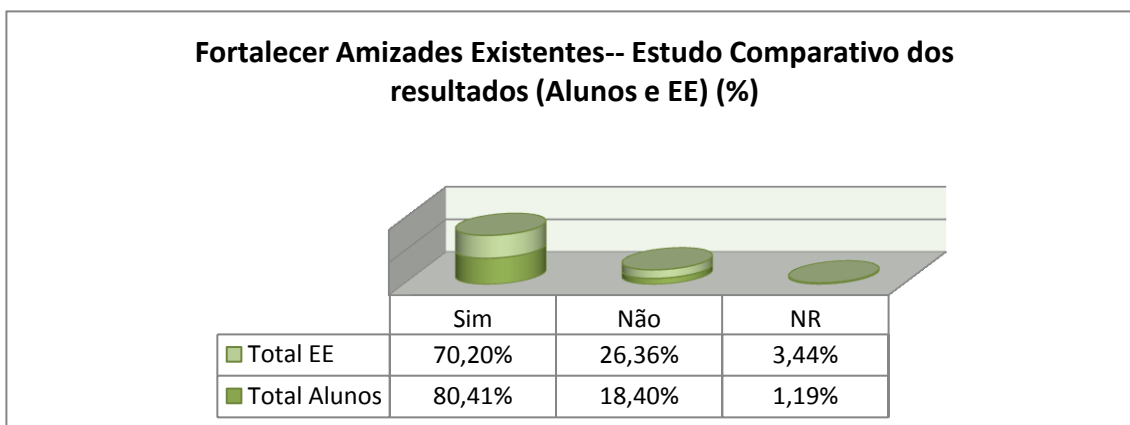


Gráfico 83- Fortalecer Amizades Existentes- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Tanto os alunos como os EE admitem que a utilização da Internet pode de facto ajudar a cimentar amizades que já existem, embora os alunos demonstrem esta opinião com uma percentagem mais alta, superior em 10% à dos EE.

u) Cumplicidade

No aprofundamento das relações e dos sentimentos, tentámos perceber se a Internet influencia a cumplicidade com quem se comunica, se os alunos partilham assuntos mais íntimo com as pessoas com quem normalmente falam quando utilizam este serviço.

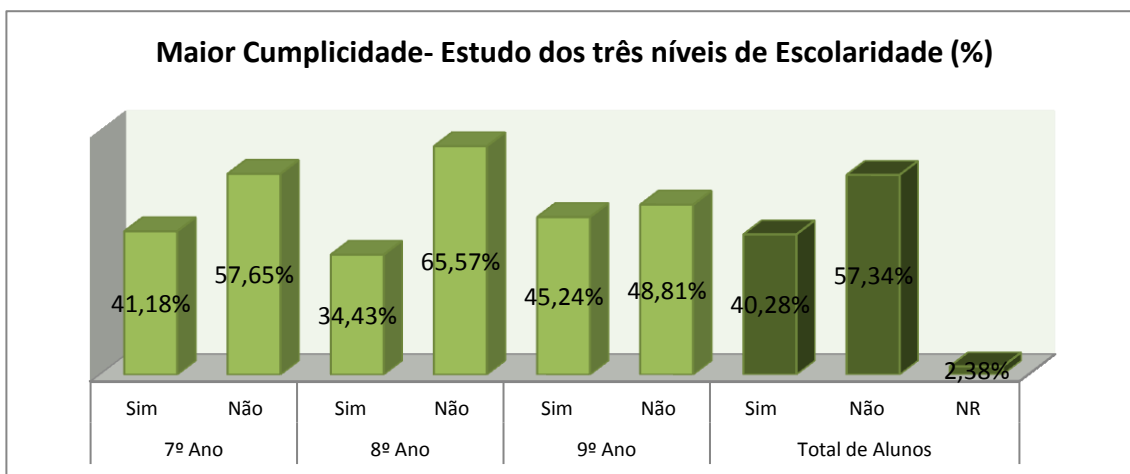


Gráfico 84- Maior Cumplicidade- Alunos (%)

Verificamos que, de uma forma geral, os alunos garantem de uma forma pouco expressiva que o uso da Internet não contribui para o desenvolvimento da cumplicidade com as pessoas com quem se comunica. Os alunos do 8º ano são aqueles que reúnem mais respostas negativas. No entanto, no 9º ano verifica-se alguma divisão de opiniões. Embora o “Não” apresente alguma vantagem, na verdade os alunos de uma faixa etária mais alta ostentam um valor bastante significativo ao afirmarem que a Internet contribui para uma maior cumplicidade. Em termos gerais, como já foi referido, os alunos que negam existir este desenvolvimento de cumplicidade apresentam uma percentagem de 57,34%, enquanto 40,28% garante que a utilização da Internet faz com que se consiga estabelecer uma cumplicidade maior com quem se comunica.

Tratando-se de uma opção mais pessoal, no entanto, não deixamos também de consultar a opinião dos pais e o resultado traduz-se no gráfico que se apresenta a seguir.

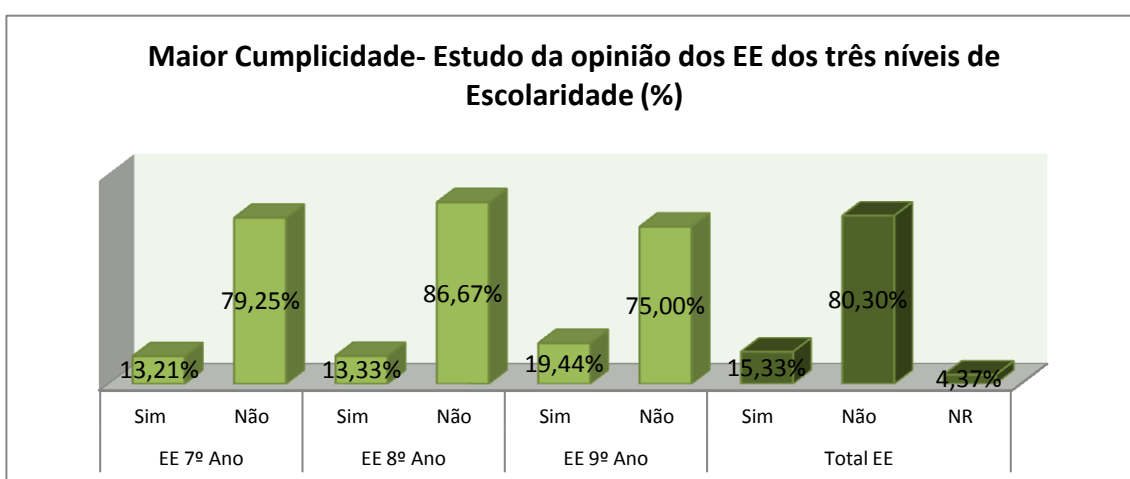


Gráfico 85- Maior Cumplicidade- EE (%)

Mais uma vez, em qualquer opção que seja de carácter mais privado, os EE são categóricos em não admitir sequer essa possibilidade. Neste caso, os EE do 8º ano são os que garantem, com uma percentagem mais expressiva (cerca de 87%), que os seus educandos não desenvolvem maior cumplicidade com as pessoas com quem falam na Internet. Os EE do 9º ano são aqueles que revelam uma percentagem mais alta (cerca de 19%) quando admitem que essa possibilidade pode existir nos seus educandos.

Em termos gerais, de forma a efetuar o cruzamento de dados, mostramos o gráfico abaixo representado:

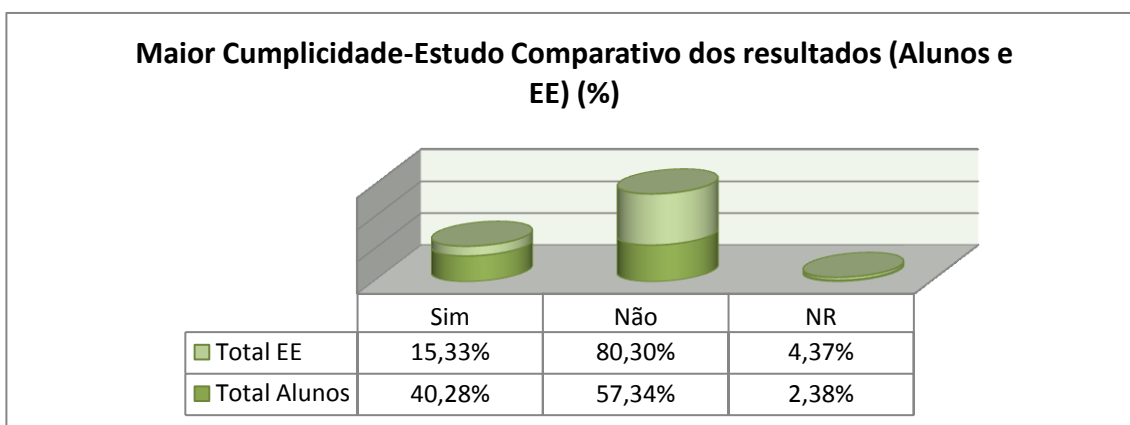


Gráfico 86- Maior Cumplicidade- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

A discrepância de valores é notória assim que se analisa o gráfico. Apesar de ambas as partes admitirem que a cumplicidade não aumenta com quem se comunicam através da Internet, os valores são reveladores de que, mais uma vez, os EE têm muita relutância em admitir que tais situações se confirmem com os respetivos educandos e, nesse sentido, podemos verificar que enquanto 40,28% admite que a cumplicidade com quem comunica na Internet aumenta, apenas 15,33% dos EE partilham da mesma opinião. 80,30% dos EE discorda totalmente desta opção, enquanto da parte dos alunos apresentamos apenas 57,34% discordam da mesma ideia.

v) Zangas/Conflitos

Depois deste estudo ter demonstrado que os alunos passam, na sua maioria, entre 1h a 2h a utilizar a Internet em casa, tentámos perceber em que medida esta utilização contribui para “diminuir as zangas/conflitos” com os membros com quem coabitam.

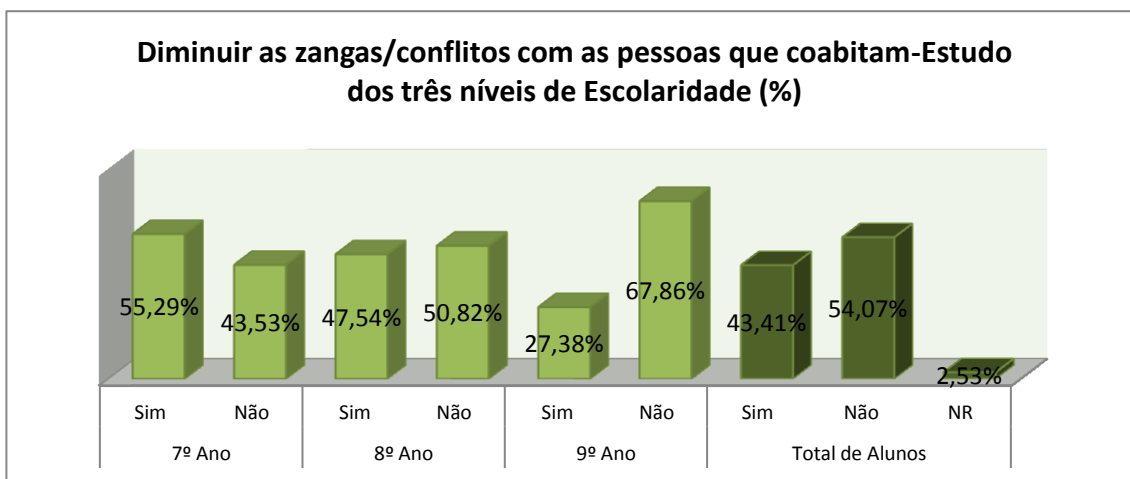


Gráfico 87- Diminuir Zangas e Conflitos- Alunos (%)

Os valores distribuem-se de forma bastante equilibrada, no entanto, o 7ºano é o ano que apresenta um valor mais elevado quando afirma que esta situação se reflete no seu dia-dia, com 55,29% dos alunos deste ano a mostrar que o uso da Internet fez com que os conflitos diminuíssem em casa. Por sua vez e de forma expressiva, os alunos de 9º ano, reunindo 67,89% das respostas, revelam que o facto de utilizar a Internet não diminuiu as zangas e os conflitos com os membros do seu agregado familiar. É pertinente referir que ao longo deste estudo os alunos de 9º ano revelam através das suas respostas uma maior maturidade e, diria mesmo, até uma noção mais exata do contexto real. De qualquer forma, em termos globais, os alunos acreditam que a utilização da Internet não diminuiu o desencadeamento de zangas e conflitos no contexto familiar, enquanto 43,41% entendem que esta situação efetivamente se verifica e agrava as discussões em ambiente familiar.

Também esta opção foi estudada junto dos EE e o gráfico que se segue traduz os dados recolhidos.

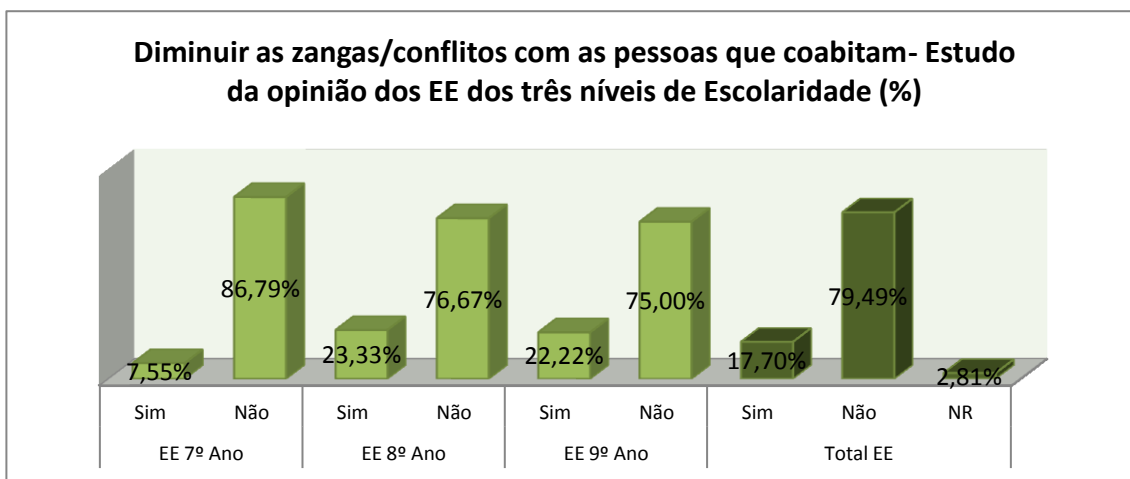


Gráfico 88- Diminuir Zangas e Conflitos- EE (%)

Segundo os dados recolhidos, são bastante significativos os valores que garantem que o uso da Internet não diminuiu os conflitos em ambiente familiar. Os EE do 7º ano são os que apresentam uma percentagem mais alta com 86,79%. Tanto os EE do 8º como os do 9º, com cerca de 23% destes, garantem que o uso da Internet contribuiu para que as zangas e os conflitos desencadeados em ambiente familiar diminuíssem. De uma forma geral 79,49% discorda totalmente com esta opção.

Fazendo a análise comparativa desta opção para os alunos e para os EE, resulta o gráfico seguinte:

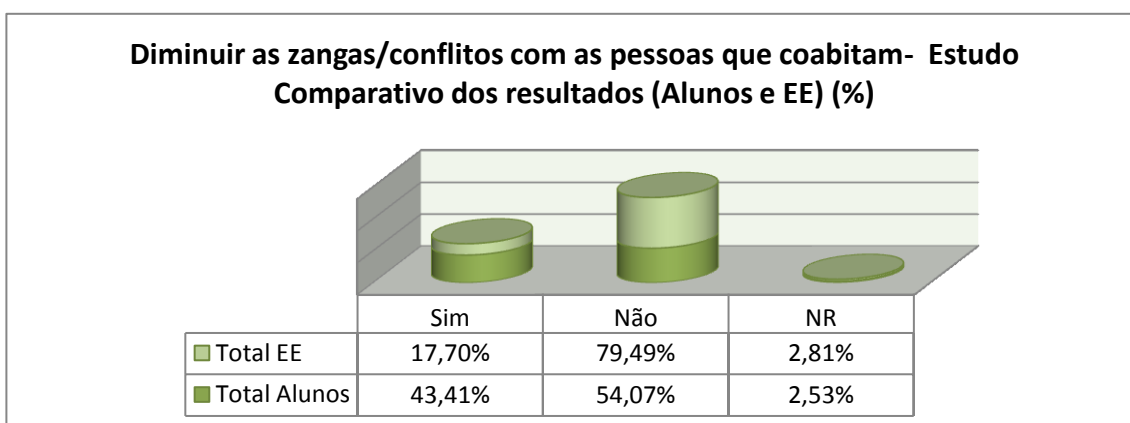


Gráfico 89- Diminuir Zangas e Conflitos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Comparativamente, ambas as partes estão em consenso ao admitirem que realmente a utilização da Internet não conduziu a uma diminuição de conflitos e zangas num contexto familiar, mas verifica-se que a opinião dos alunos se encontra mais dividida em relação aos EE, ou seja, 54,07% dos alunos admite que os conflitos não diminuam e 79,49% dos EE partilham dessa mesma opinião. Provavelmente existe alguma falta de noção por parte dos alunos do tempo que passam na Internet e no desencadeamento de conflitos que pode gerar no agregado familiar.

w) Relacionamentos amorosos

Explorando mais um pouco o campo sentimental e um pouco mais privado, questionámos os alunos se a Internet permite manter relacionamentos amorosos.

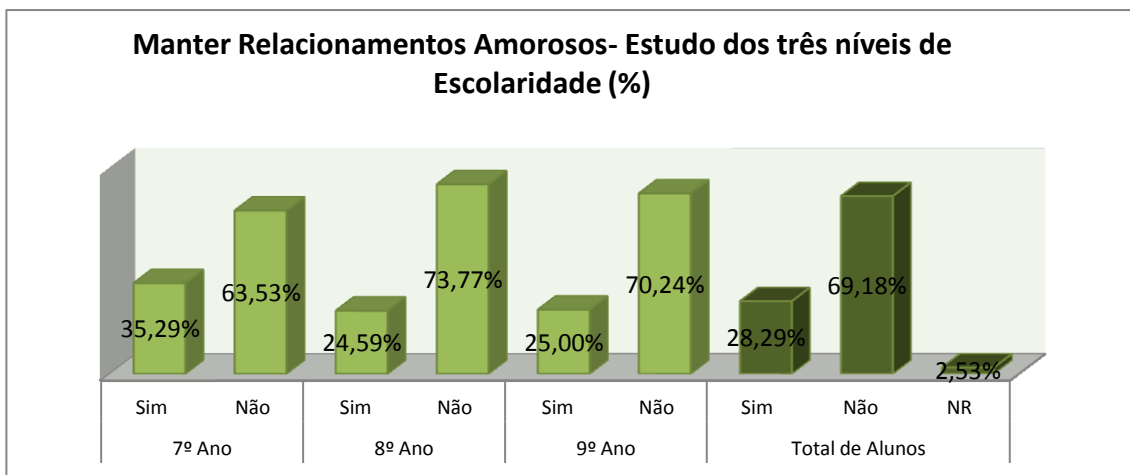


Gráfico 90- Manter Relacionamentos Amorosos- Alunos (%)

De uma forma geral, os alunos inquiridos garantem que a Internet não permite manter um relacionamento amoroso, com uma expressiva percentagem de 69,18%. No entanto, 28,29% admite que existe essa possibilidade. É importante referir que, mais uma vez, os alunos de 7ºano são aqueles que acreditam em maior número (dos três anos estudados) que existe a possibilidade de se manter um relacionamento amoroso através da Internet. Os alunos de 8º ano são os que menos acreditam que essa situação se verifique.

Tentamos perceber também junto dos EE, se de facto acreditam que a Internet pode contribuir para manter um relacionamento amoroso por parte do seu educando. O resultado traduz-se no gráfico abaixo representado.

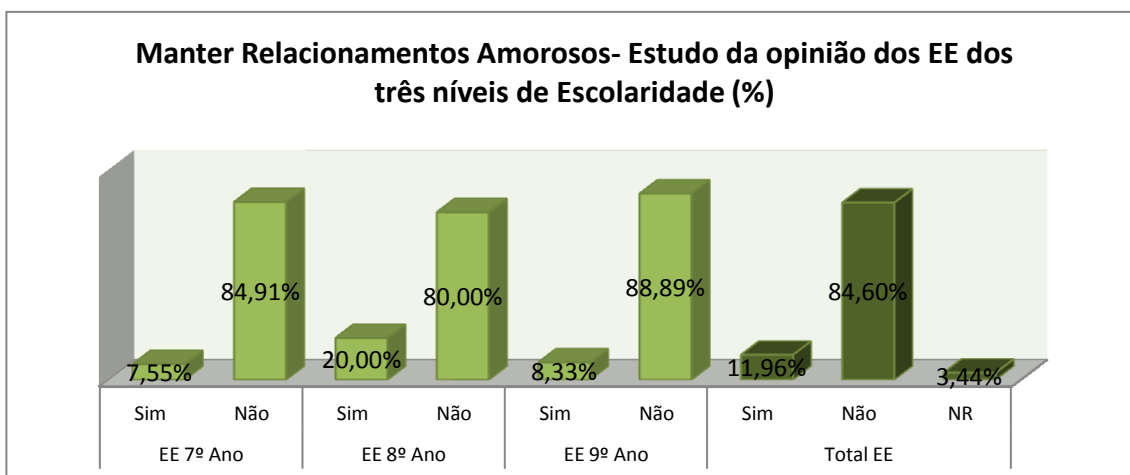


Gráfico 91- Manter Relacionamentos Amorosos- EE (%)

O resultado deste gráfico não se traduz em surpresa, tendo em conta a postura que os EE têm tido ao longo deste estudo. Qualquer opção de carácter mais íntimo é de facto categoricamente negada por parte dos EE. Os EE do 9º ano são os que revelam uma maior discordância com 88,89%, enquanto 20% dos EE do 8º ano admitem que de facto a Internet pode contribuir para sustentar uma relação amorosa.

Fazendo a comparação entre ambas as partes, temos o gráfico seguinte.

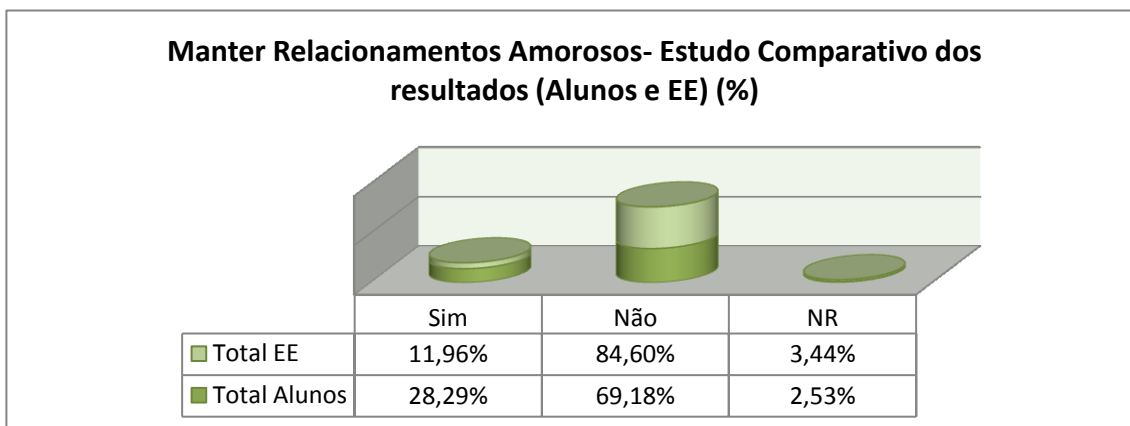


Gráfico 92- Manter Relacionamentos Amorosos- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Apesar de a maioria das duas partes estão em consenso ao acreditarem que a Internet não contribui para sustentar um relacionamento amoroso, em termos de percentagens existem diferenças, 28,29% dos alunos inquiridos admite que acredita que a Internet pode eventualmente ter esse papel contra 11,96% dos EE que partilham dessa mesma opinião. Enquanto cerca de 69% dos alunos não acredita nesta possibilidade, os EE revelam uns expressivos 85% na partilha desta ideia.

x) Relações Virtuais

Depois de perceber a opinião dos estudantes diante de um relacionamento que existe no mundo real, questionamos os estudantes sobre relações puramente virtuais.

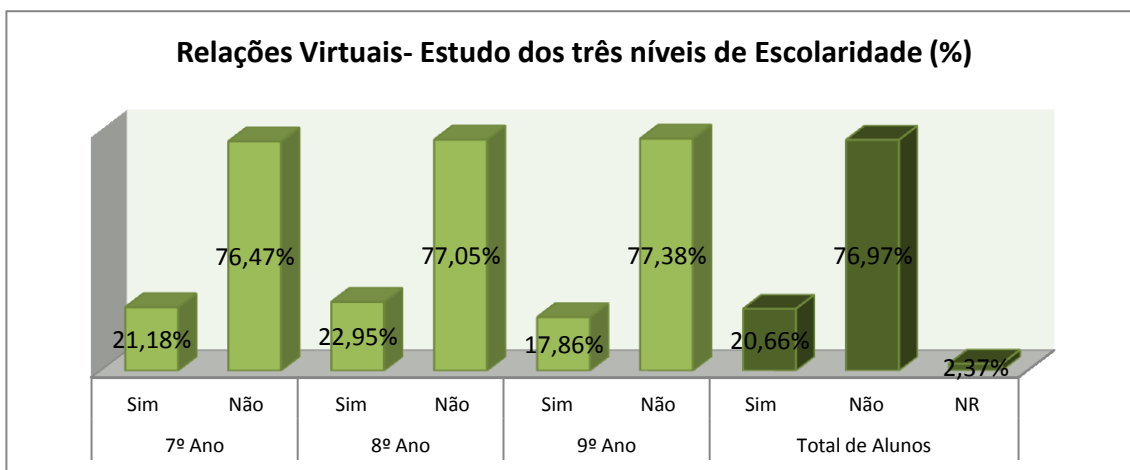


Gráfico 93- Relações Virtuais- Alunos (%)

Apesar dos alunos passarem muito tempo na Internet, procurarem companhia ou outra necessidade que lhes faltem no mundo real, a verdade é que para qualquer dos anos, este gráfico revela que os alunos sabem o que é uma relação puramente virtual e provavelmente os riscos que uma relação desta natureza acarreta consigo. De qualquer forma, com uma ligeira diferença em relação à opinião do 7º ano, 22,95% dos alunos 8º admitem ter uma relação puramente virtual e os alunos de 9º são os que apresentam um valor mais baixo quando partilham desta opinião. Tendo em conta os alunos dos três anos, podemos dizer que 76,97% dos alunos não vê a possibilidade de utilizar a Internet para fomentar uma relação virtual, enquanto 20,66% admite que existe essa possibilidade.

Esta questão foi colocada aos EE e é de todo pertinente fazer a analogia em conjunto tendo por base as respostas dos dois contextos. Uma vez que se efetuou uma análise minuciosa, detalhada e rigorosa em relação aos alunos, de seguida vamos apresentar os dados obtidos junto dos EE fazendo logo a comparação possível para que seja de facto mais perceptível perceber até que ponto as opiniões dos EE são consensuais com as dos alunos. O resultado traduz-se no gráfico abaixo representado.

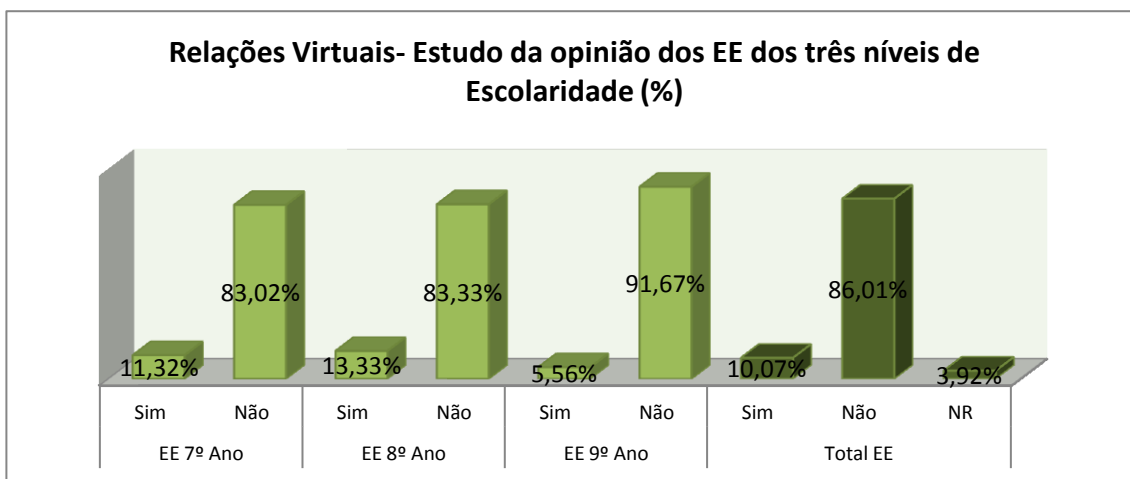


Gráfico 94- Relações Virtuais-EE (%)

A esmagadora maioria dos pais não acredita que os respetivos educandos possam desenvolver uma relação que seja puramente virtual. De novo, os EE do 9º ano demonstram a sua expressividade nesta opção atingindo uma percentagem de 91,67%. Os EE do 8º são aqueles que ao longo das diferentes opções (e nesta também!) demonstram uma mente mais aberta, não descartando esta possibilidade ao admitir que, de facto, os seus educandos poderão desenvolver uma relação desta natureza.

Tal como nas outras opções estudadas, apresentamos o gráfico comparativo das duas partes estudadas.

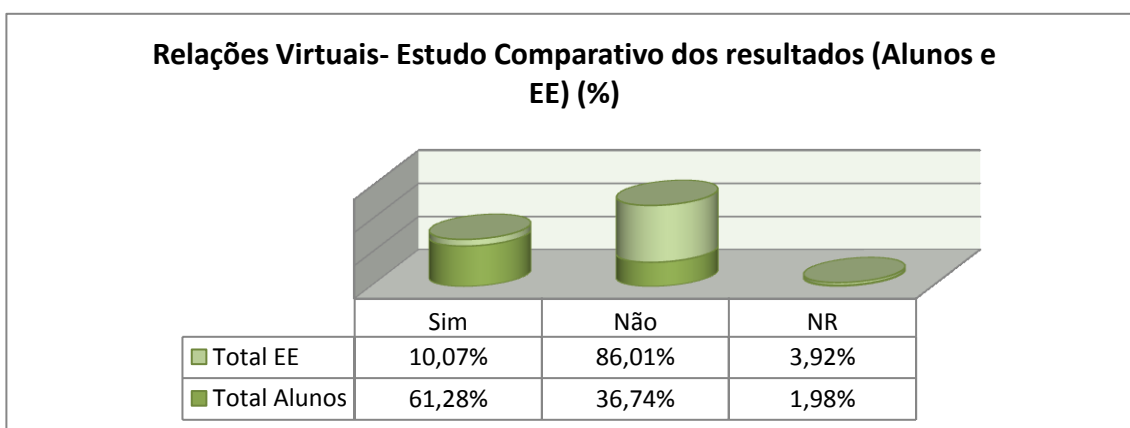


Gráfico 95- Relações Virtuais- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

O gráfico não deixa de facto margem para qualquer dúvida. Enquanto os EE, de uma forma geral, acreditam que os seus educandos não desenvolvem uma relação puramente virtual, por seu lado os alunos garantem que essa possibilidade existe e são mais de metade (cerca de 62%) a admitir essa possibilidade. Apenas 10,07% dos EE admite que tal situação se verifique.

Com estas opções demonstramos que, na generalidade, os EE não fazem ideia da forma como os seus educandos se comportam e se relacionam na utilização da Internet e do

impacto que este serviço tem não só na forma como são vistos pelos outros, como na forma como se encaram enquanto ser humano.

5.6 Alteração das Rotinas

Rotinas de Relacionamento

Achamos que para além dos comportamentos e do tipo de relacionamento que os jovens têm na Internet (como tem vindo a ser estudado), pensamos que seria oportuno estudar as rotinas destes jovens. Tentamos, por isso, perceber se as rotinas sofreram alguma mudança desde que passaram a utilizar a Internet. Na questão das rotinas também questionamos os EE e uma vez que se tratam de várias rotinas e seguindo o mesmo método de estudo, vamos tratar as rotinas estudadas de forma individual e depois analisar cruzamento os dados obtidos.

a) Convívio Social

Quando tratamos de estudar as rotinas, começamos por questionar os alunos se verificavam alguma alteração no seu convívio social com os amigos, as saídas ao cinema, ou ao café, passeios, *etc.*

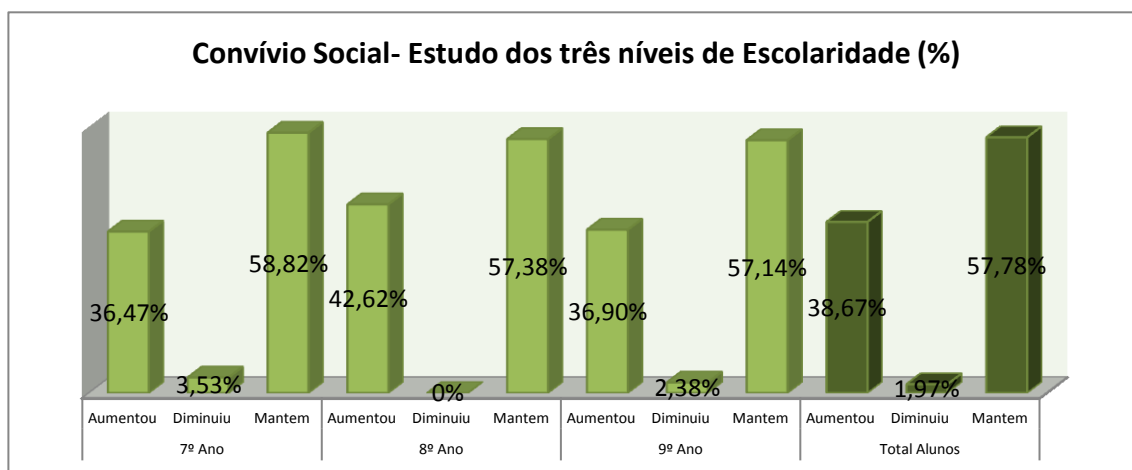


Gráfico 96- Convívio Social- Alunos (%)

Segundo a opinião genérica dos alunos o seu “convívio social” mantém-se mesmo com a utilização da Internet, sendo os valores nesta partilha de opinião muito semelhantes em qualquer dos anos estudados, centrando-se entre os 57% e 59%. No entanto, grande parte dos alunos também admite que o seu convívio com os amigos aumentou com o uso deste serviço, sendo os alunos do 8º ano aqueles que o afirmam com mais expressividade apresentando uma percentagem de 42,62%. Apenas uma percentagem

muito pequena admite que as saídas com os amigos diminuíram, não ultrapassando de forma geral os 1,97%, não havendo nenhum registo na partilha desta opinião por parte dos alunos do 8º ano.

Analisando os resultados obtidos junto do EE nesta mesma opção, apresentamos o seguinte gráfico:

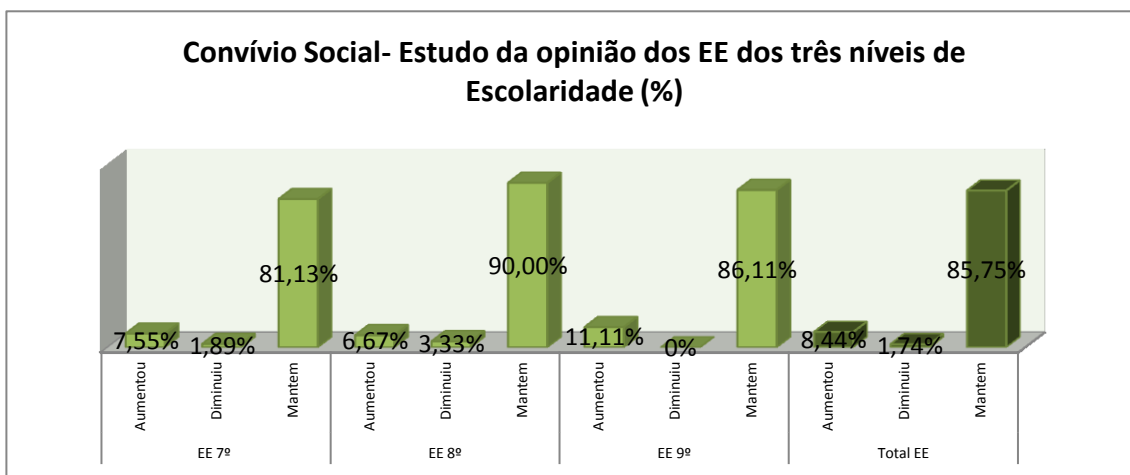


Gráfico 97- Convívio Social- EE (%)

A esmagadora maioria dos EE inquiridos afirmam que o convívio social dos respetivos educandos se mantém independentemente destes utilizarem a Internet, sendo os EE do 8º ano os que apresentam um valor mais alto com 90% de respostas. As restantes opções apresentam percentagens francamente baixas. Os EE que admitem que as saídas dos seus educandos com os amigos até diminuíram não ultrapassam os 1,74%. Os EE do 9º ano não admitem essa situação. Alguns EE acreditam que a Internet até contribui para o convívio social, sendo os EE do 9º ano os que mais partilham dessa opinião, registando 11,11%.

Fazendo o cruzamento dos dados obtidos pelas duas partes estudadas, apresentamos o seguinte gráfico comparativo:

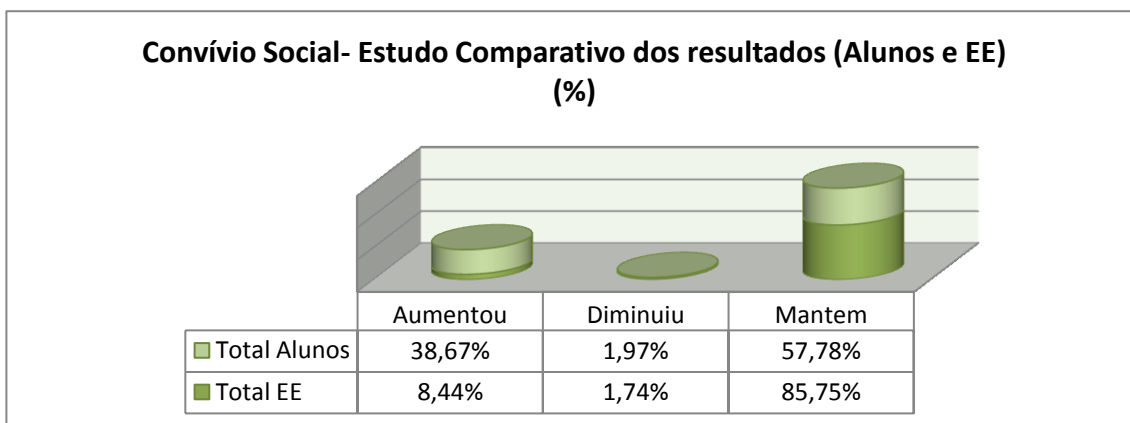


Gráfico 98- Convívio Social- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

De facto, ao analisar o gráfico percebemos que ambas as partes concordam que o convívio social se mantém não sofrendo qualquer alteração independentemente da utilização da Internet. Contudo, os EE partilham dessa opinião em maior número quando comparada com os alunos, registando 85,75% “contra” 57,78% dos alunos. Também os alunos revelam uma maior percentagem quando admitem que as saídas com os amigos aumentaram com o uso deste serviço, registando uma extraordinária percentagem de 38,67% mas, em contrapartida, só 8,44% dos EE partilham desta ideia.

b) Participação em atividades de Lazer

Outras das rotinas que tentamos perceber se sofreu alguma alteração com o uso da Internet é a intensidade com que os alunos “Participam em atividades de lazer”.

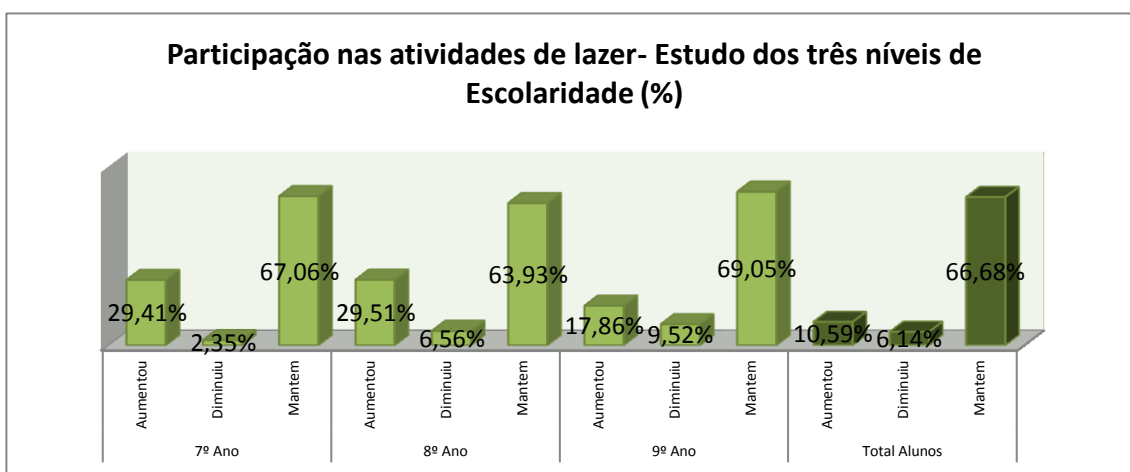


Gráfico 99- Participação nas Atividades de Lazer- Alunos (%)

Em qualquer dos anos estudados os alunos revelam que esta também é uma atividade que para a maioria dos alunos não sofreu qualquer alteração com o uso da Internet. Os valores são muito equilibrados nesta opinião situando-se ente os 64% e os 69%. Os alunos de 9º ano são os que apresentam um valor mais elevado quando admitem que a

sua participação em atividades de lazer diminuiu, registrando 9,52% de respostas, enquanto alguns alunos também garantem que a intensidade com que participam nestas atividades aumentou com o uso da Internet. Os valores do 7º e 8º ano são muito semelhantes rondando os 29%, enquanto os alunos do 9º apresentam uma ligeira descida na percentagem desta opinião.

Questionamos também os EE em relação à participação dos respetivos educandos nas atividades de lazer, depois de passarem a utilizar a Internet.

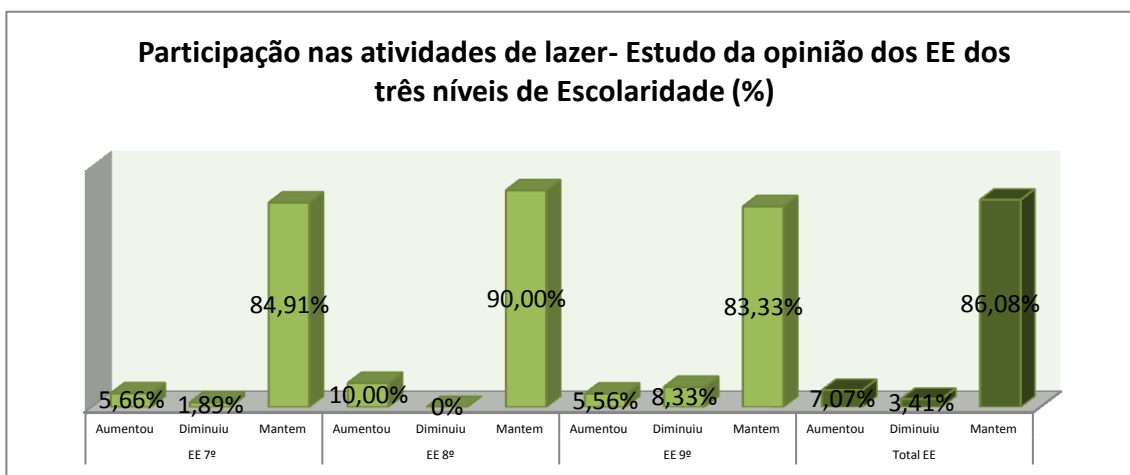


Gráfico 100- Participação nas Atividades de Lazer- EE (%)

Os EE continuam a oferecer alguma relutância para admitir que alguma coisa mudou por parte do seu educando com o uso da Internet. Neste caso, voltam novamente a serem expressivos a ponto de chegarem aos 90% (EE do 8º ano) a confirmarem que não se verificou alteração absolutamente nenhuma na participação dos educandos. As restantes opiniões registam valores francamente reduzidos, 10% dos EE do 8º ano admitem que a participação nessas atividades até aumentou com a utilização da Internet, não havendo neste ano nenhum registo por parte dos EE que admita que a intensidade com que o seu educando colabora em atividades diminuiu.

De seguida, para uma melhor análise comparativa, é representado o gráfico que mostra os dados de ambas as partes.

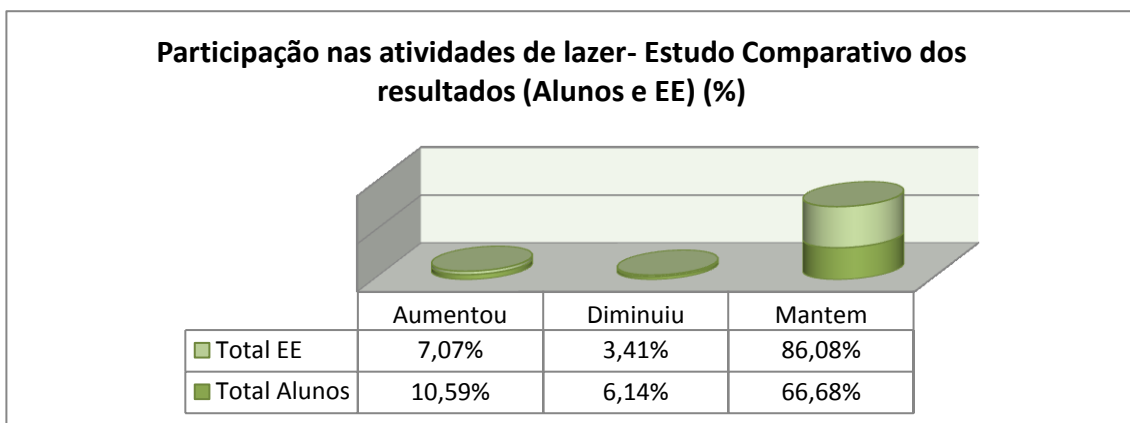


Gráfico 101- Participação nas Atividades de Lazer- estudo comparativo (Alunos e EE) (%)

Tanto os alunos como os EE estão em consenso, ao admitirem na sua maioria que a participação em atividades de lazer não sofreu qualquer alteração com a utilização da Internet. No entanto, enquanto 66,68% dos alunos partilha dessa opinião os EE apresentam 86,08%. Relativamente às outras opiniões também os alunos registam valores superiores, cerca de 11% garante que a sua participação nestas atividades até aumentou contrastando com os 7,07% dos EE. Para admitir que a participação neste tipo de atividades diminuiu por parte dos alunos registamos 6,14% enquanto os EE apenas 3,41%.

c) Convívio Familiar

O “convívio familiar” é de facto uma das rotinas que promove o bom ambiente familiar e foi por isso que procuramos perceber até que ponto a utilização da Internet intervém neste tipo de convívio. Começamos por analisar os dados obtidos dos alunos.

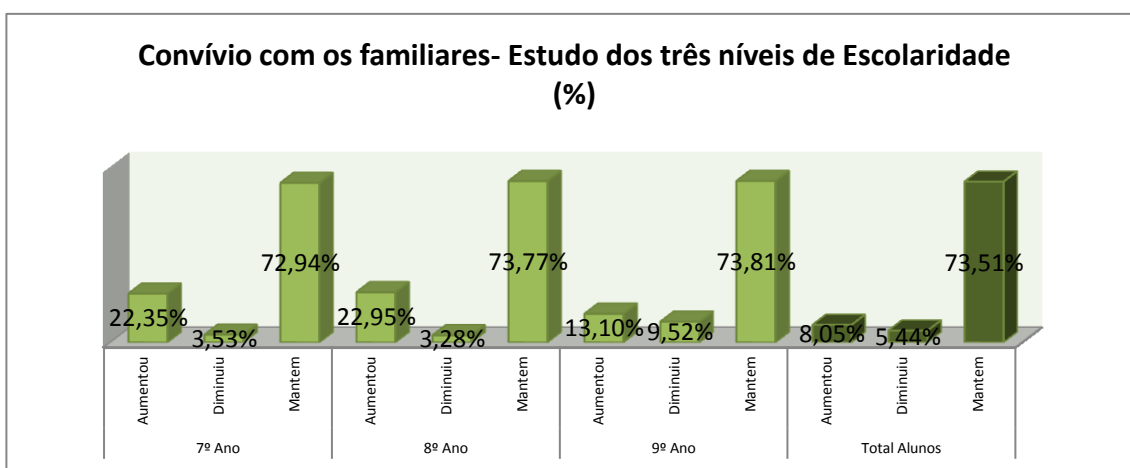


Gráfico 102- Convívio com os Familiares- Alunos (%)

Em termos gerais, mais de 70% dos alunos acreditam que o convívio familiar se mantém mesmo com a utilização da Internet. De facto, os dados são muito semelhantes em qualquer dos anos estudados. Alguns alunos admitem que este convívio até se intensificou depois da utilização deste serviço, sendo os dos 9º ano aqueles que menos admitem essa situação. Também são estes alunos aqueles que apresentam um valor mais alto quando garantem que esse convívio diminuiu, ao apresentar uma percentagem de 9,52%.

Em relação à opinião recolhida dos EE, apresentamos o gráfico que se segue:

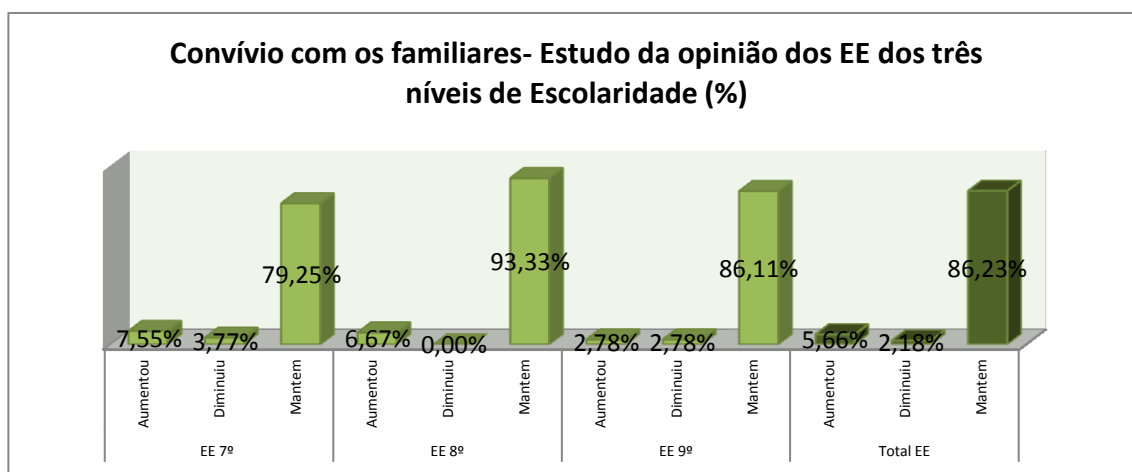


Gráfico 103- Convívio com os Familiares- EE(%)

Mais uma vez, em grande consenso, os EE não verificam qualquer alteração na forma como os respetivos educandos convivem com a família, sendo os EE do 8º ano os que registam uma percentagem mais alta com 93,33%. As restantes opiniões ficam com valores muito reduzidos. Os EE que admitem que o convívio diminuiu não ultrapassam os 7,55% (EE do 7º ano), enquanto os EE do 8º não admitem que esse convívio diminuiu.

Parece-nos pertinente analisar o gráfico que se segue para efetuar com rigor o cruzamento de dados.

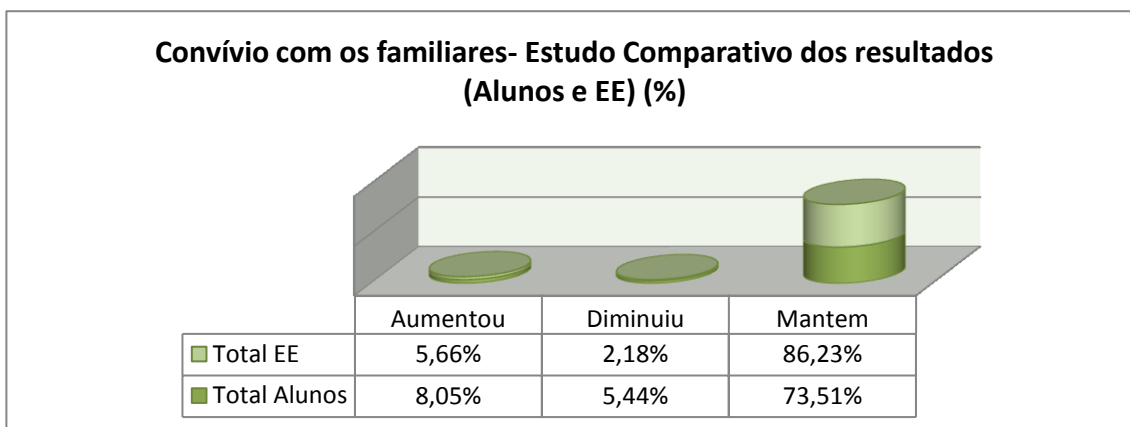


Gráfico 104- Convívio com os Familiares- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Nesta opção, para além das opiniões serem consensuais, os valores que delas fazem parte também não são discrepantes em ambos os grupos em estudo. Enquanto 73,51% dos alunos inquiridos não verifica alteração na sua rotina em relação ao convívio familiar, 86,23% dos EE inquiridos partilham da mesma opinião. As restantes opiniões revelam valores inferiores por parte dos EE, comparando com os resultados dos alunos.

d) Cumprimento de Horários Familiares

Os “cumprimento de horários familiares” é de facto uma rotina que faz parte do quotidiano de qualquer jovem. Junto da nossa amostra de alunos averiguámos até que ponto este cumprimento fica em risco com a utilização da Internet.

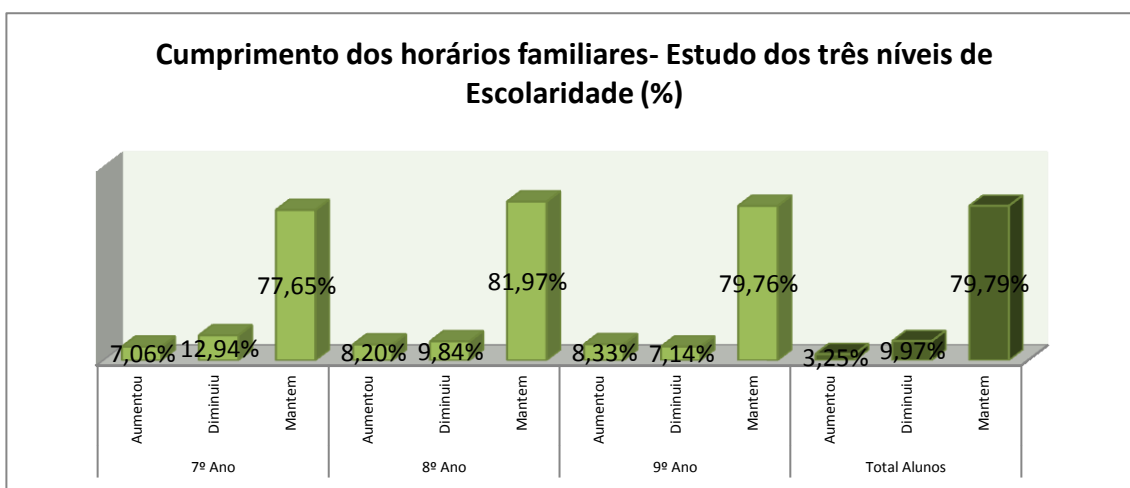


Gráfico 105- Cumprimento dos Horários Familiares- Alunos (%)

Ao olharmos para o gráfico, constatámos que a maioria dos alunos inquiridos garante que o cumprimento de horários se mantém firme mesmo com a utilização da Internet. Em qualquer dos anos a percentagem é superior a 78%. Por outro lado os alunos do 7º ano são os que mais admitem essa dificuldade em cumprir horários em casa, registando o valor mais alto dentro dos anos estudados, com 12,94%. A percentagem de alunos que

até admite que a utilização da Internet tenha contribuído de forma mais rigorosa para cumprir esses horários ronda nos três anos os 3%.

Tendo em conta a mesma opção, a opinião dos EE traduz-se no gráfico que se apresenta de seguida:

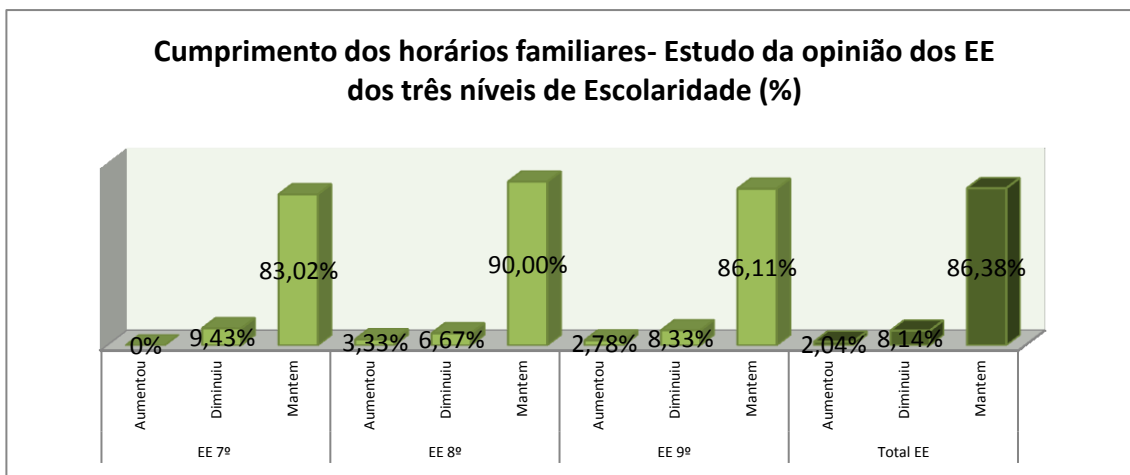


Gráfico 106- Cumprimento dos Horários Familiares- EE (%)

Em esmagadora maioria dos EE garante que os seus educandos cumprem de forma igual os horários “impostos” pela família, no entanto são os EE do 7º ano aqueles que admitem em maior número que esse cumprimento está comprometido com o uso da Internet, apresentando 9,43% de respostas. Os EE que garantem que o uso deste serviço contribuiu para o rigor do cumprimento destes horários é francamente reduzido, sendo que os EE do 7º ano não registaram nenhuma resposta nesta opinião, enquanto os EE do 8º ano registaram 3,33% sendo este o valor mais alto.

Fazendo o cruzamento de dados, temos o gráfico que se segue:

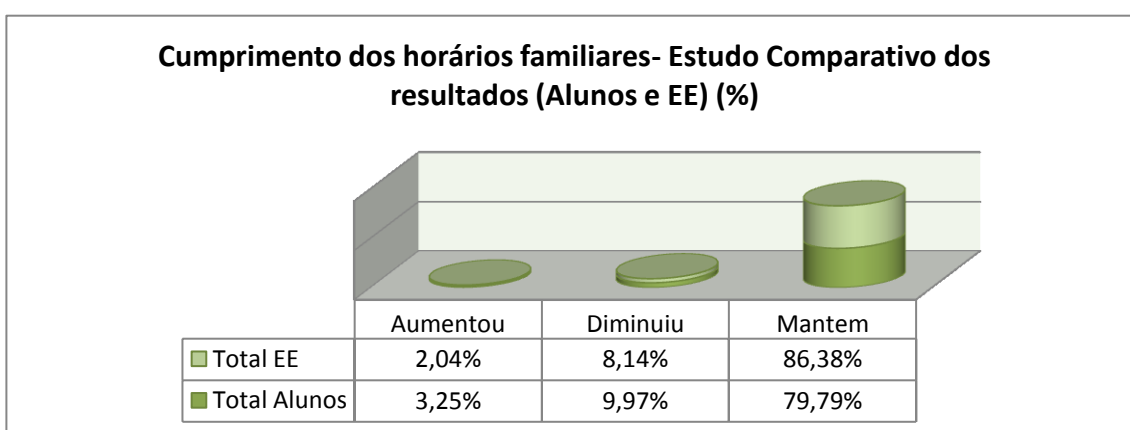


Gráfico 107- Cumprimento dos Horários Familiares- estudo comparativo (Alunos e EE) (%)

Novamente os alunos e os EE estão em consenso e maioritariamente de ambas os lados. Os resultados são expressivos ao garantirem que o cumprimento de horários não está em causa com o uso da Internet, sendo que mesmo assim os alunos apresentam uma

percentagem ligeiramente mais baixa quando comparada com a dos EE, 79,79% e 86,38%, respetivamente. Existem também mais alunos a admitir que esse cumprimento aumentou e outros que diminuiu e qualquer uma dessas percentagens é ligeiramente superior quando comparada com a dos EE.

e) **Frequência com que se fecha no quarto**

Nesta faixa etária, o quarto para a maioria dos jovens continua a ser o seu porto de abrigo e é lá que procuram ter algum espaço que seja só seu e ter mesmo alguma privacidade. Averiguámos junto dos nossos alunos se a utilização da Internet condicionou o número de vezes em que permanecem no quarto.

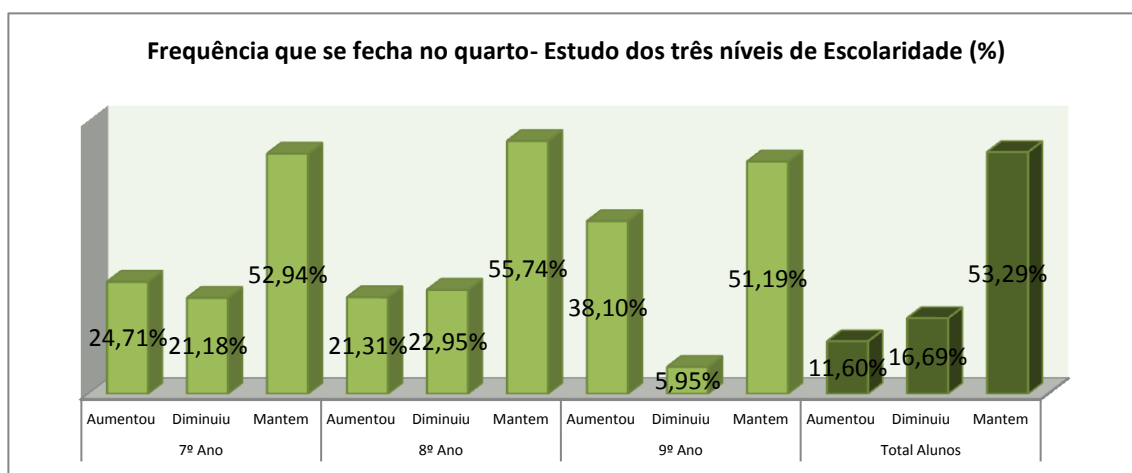


Gráfico 108- Freq. com que se fecha no Quarto- Alunos (%)

Mais de metade dos alunos inquiridos (em qualquer um dos três anos estudados) garante que não verifica qualquer alteração na frequência com que se fecha no quarto com o uso da Internet. Entre o 7º e 8º ano, a diferença de opinião entre admitir que aumentou e que diminuiu são realmente muito equilibradas. De facto, a maior discrepância de valores é encontra-se nos alunos do 9º ano, sendo que 38% admitem que a utilização da Internet fez com que se fechassem mais vezes no quarto e apenas 5,95% dos alunos garante que até diminuiu. Os alunos de 9º ano revelam, mais uma vez, uma postura diferente face às rotinas, admitindo que estas sofreram alterações com o uso da Internet. Provavelmente devido à idade acabam por ter mais consciência do que fazem.

Questionámos os EE também sobre esta rotina, indagando se estes constatarem que o uso da Internet influenciou ou não a frequência com os respetivos educandos se fecham no quarto. O gráfico seguinte mostra os resultados obtidos.

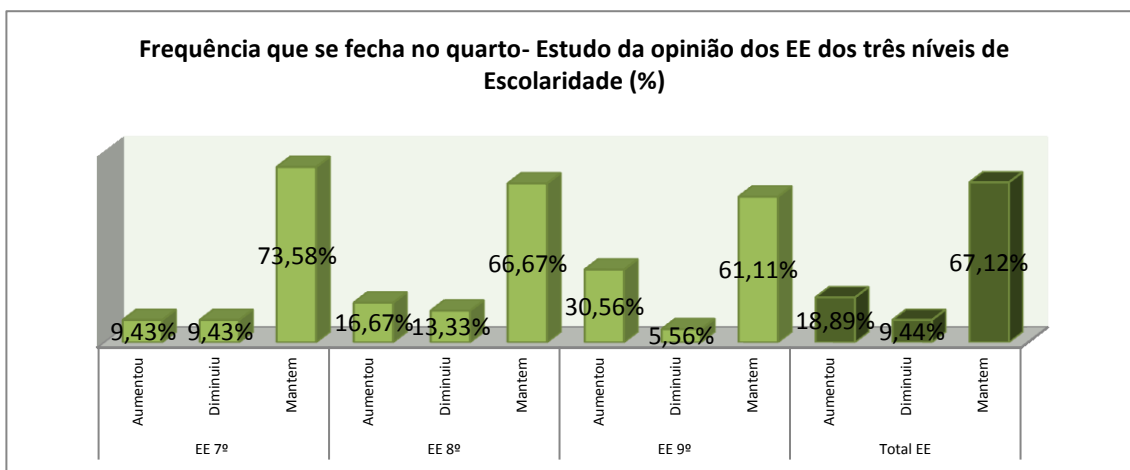


Gráfico 109- Freq. com que se fecha no Quarto- EE (%)

Seguindo a postura que estes EE têm tido em relação a estas questões, a maioria dos EE não verifica qualquer alteração nesta rotina. Contudo, são os EE do 9º que admitem de uma forma mais expressiva (comparativamente com os EE dos restantes anos) que essa rotina sofreu alterações e que de facto até aumentou, representando 30,56% de respostas. Coincidindo, deste modo, com a opinião dada pelos alunos do mesmo ano. De uma forma geral, apresentamos o seguinte gráfico para efetuar uma comparação mais rigorosa entre a opinião das duas partes estudadas.

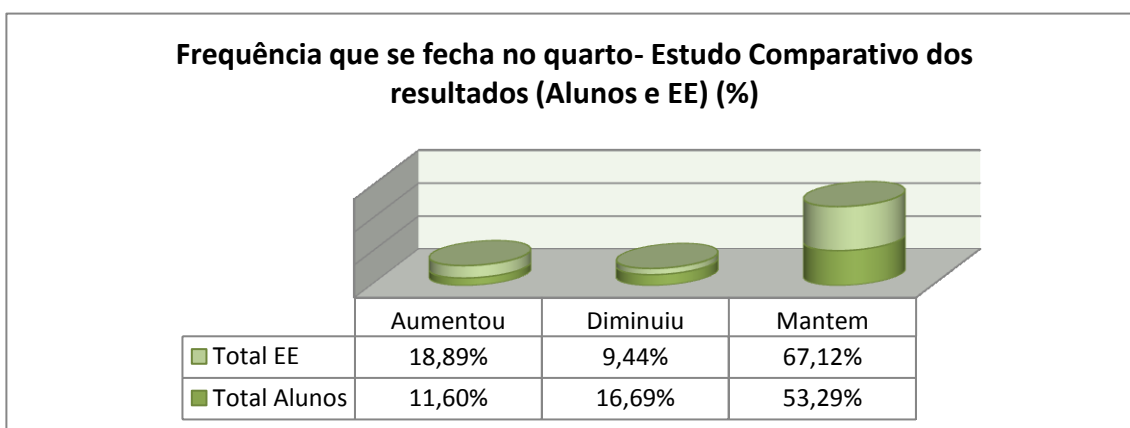


Gráfico 110- Freq. com que se fecha no Quarto- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Fazendo o cruzamento dos dados, tanto a maioria dos alunos como dos EE acredita que esta rotina se mantém. No entanto, os EE admitem em maior número que os seus educandos fecham-se no quarto com mais frequência e também estes, comparativamente com os alunos, garantem em número mais baixo que essa rotina até diminuiu com a utilização da Internet.

f) Utilização do telemóvel

A pré-adolescência e a adolescência são fases em que os amigos assumem um papel bastante importante e a possibilidade de se manterem em constante contato faz parte de uma das suas rotinas. Com a tecnologia disponível essa rotina torna-se acessível praticamente a todos os jovens. Sendo assim, tentamos saber se a utilização do telemóvel sofreu alguma alteração com a utilização da Internet.

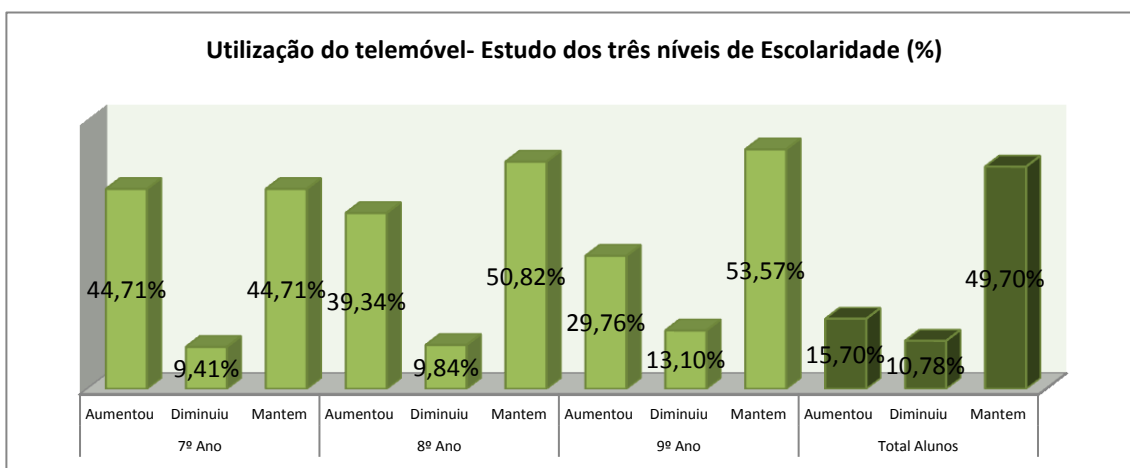


Gráfico 111- Utilização do Telemóvel- Alunos (%)

Analisando o gráfico acima representado, verificamos que a maioria dos alunos não verificou alteração nesta rotina, no entanto são os alunos do 7º ano que registam em maior número que esta rotina aumentou. Mais uma vez, comparando os dados dos três anos, constatamos que são os alunos do 9º a apresentarem valores mais desiguais. Os alunos do 9º ano são aqueles que em menor número afirmam que esta rotina até aumentou com o uso da Internet. Com 29,76%, são estes alunos que num número também mais expressivo admitem que a utilização deste serviço condicionou o uso do telemóvel, garantindo que diminuiu (13,10%), enquanto os restantes anos, na mesma opção não ultrapassam os 9,8%.

Confrontando os EE com a mesma questão, os dados obtidos, representam-se no gráfico que se segue:

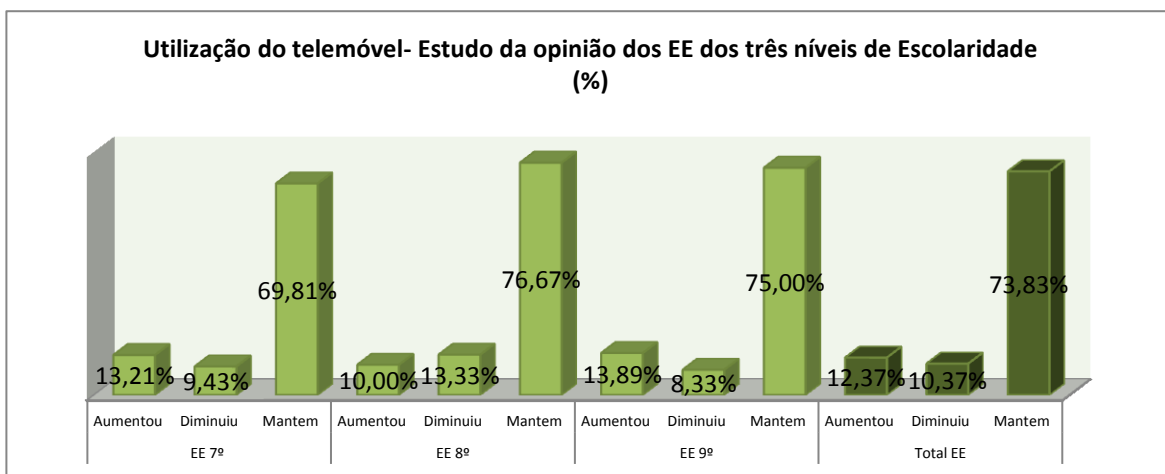


Gráfico 112- - Utilização do Telemóvel - EE (%)

De uma forma muito equiparada, os EE garantem que a utilização do telemóvel por parte do respetivo educando não se alterou com o uso da Internet, apresentando valores entre os 70% e 77%. Quaisquer umas das opções são apresentadas também com valores muito equilibrados entre os EE dos três anos estudados, existindo uma ligeira subida na opção em que os EE do 8º ano garantem que o uso do telemóvel diminuiu.

Em termos gerais, no gráfico que se segue mostramos os dados obtidos pelas duas partes estudadas.

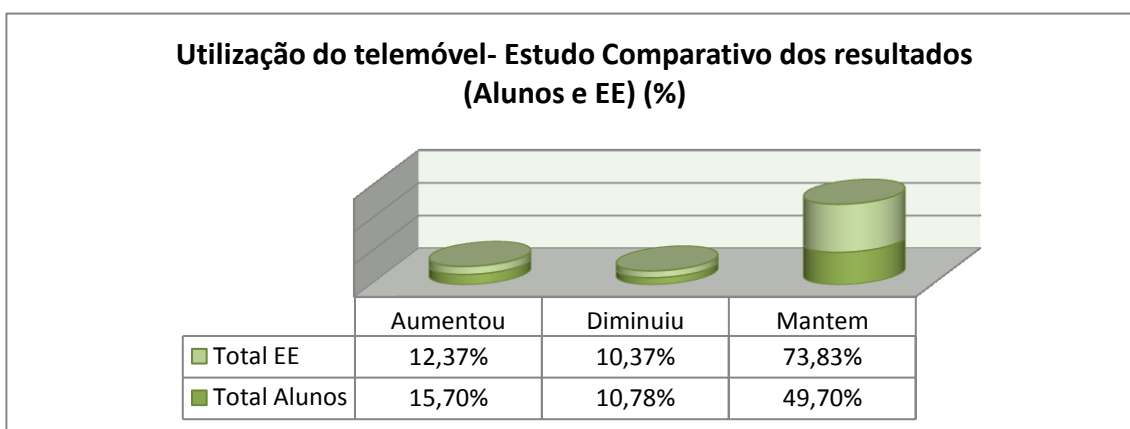


Gráfico 113- - Utilização do Telemóvel - Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

São os EE que referem de forma mais expressiva que a utilização do telemóvel não sofreu qualquer tipo de alteração com o uso da Internet, 15,70% dos alunos admitem que essa utilização até aumentou, enquanto 10,37% garante que o uso do telemóvel com a utilização da Internet até teve tendência a diminuir

g) Descanso noturno

O descanso noturno deve ser uma das rotinas mais preservadas para garantir uma saúde mais saudável. Junto dos nossos alunos procurámos saber se a utilização da Internet influenciou de alguma forma esse descanso.

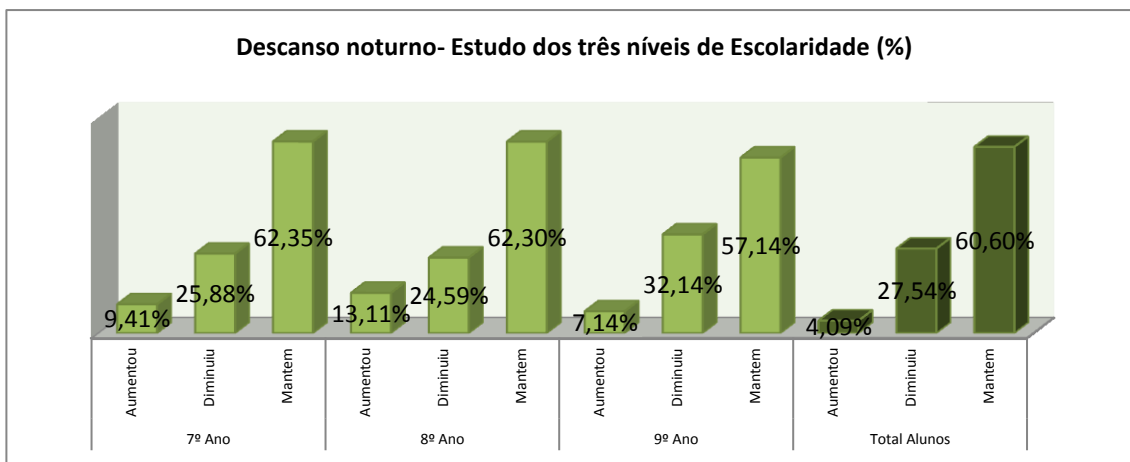


Gráfico 114- Descanso noturno- Alunos (%)

Embora os alunos estejam em sintonia de opiniões, a maioria garante que o seu descanso noturno mantém-se inalterável mesmo com a utilização da Internet. Novamente os alunos de 9º são os que admitem com mais expressividade que este descanso efetivamente diminuiu com o uso da Internet, registando 32,14% de respostas. Os alunos do 8º são os que registam o valor mais alto na opção em que garantem que esse descanso até beneficiou com o uso da Internet apresentando o valor mais alto nesta opção (13,11%) entre os três anos em estudo.

Em relação aos EE, a questão foi também colocada e o resultado obtido é mostrado no gráfico que se segue:

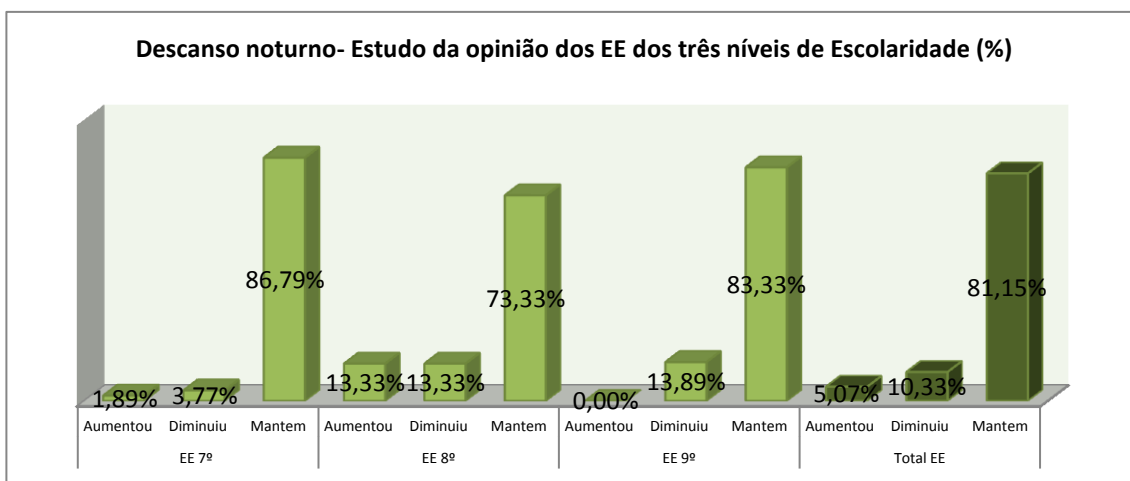


Gráfico 115- Descanso noturno- EE (%)

Os EE, mais uma vez, a mostram alguma relutância em admitir que o uso da Internet influencia de alguma forma os comportamentos ou rotinas dos respectivos educandos. Desta vez expressam-se também com valores muito altos ao garantirem que o descanso noturno mantém-se intocável independentemente do uso da Internet. Nenhum EE de 9º admitiu que o descanso noturno dos seus educandos aumentasse, ao contrário dos restantes anos, embora com valores irrisórios como é o caso dos EE do 7º com 1,89%. Os EE do 8º ano estão divididos com valores exatamente iguais, apresentando 13,33% para cada uma das restantes opções (Aumentou e Diminuiu).

No gráfico que se segue, mostramos os dados das duas partes inquiridas (alunos e EE).

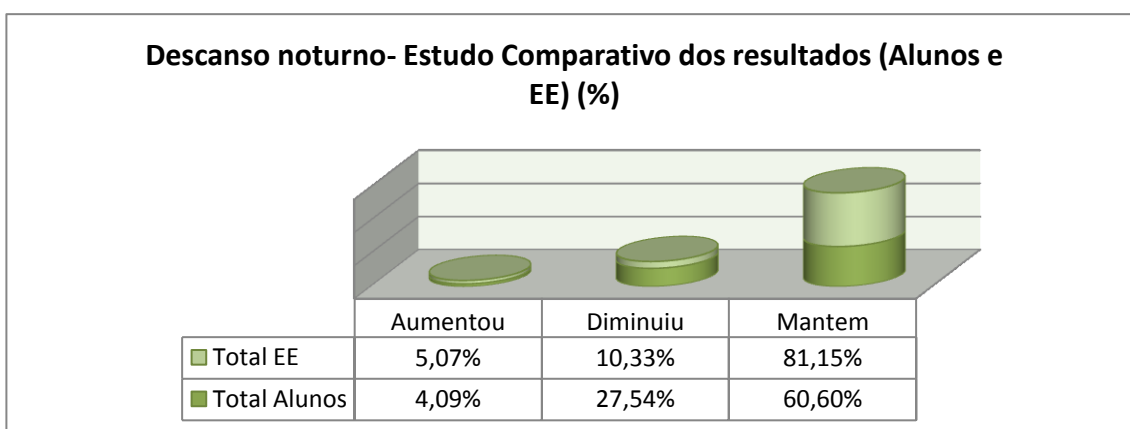


Gráfico 116- Descanso noturno- Estudo Comparativo (alunos e EE) (%)

Como era de esperar, os EE continuam a garantir que as rotinas dos seus educandos continuam intocáveis. Embora os alunos no geral também confirmem a posição dos EE, estes fazem-no de forma mais discreta com 60,60% comparando com os 81,15% dos EE. São os alunos também que referenciam, com valores mais altos, que o descanso noturno tem tendência para diminuir desde que utilizam a Internet apresentando 27,54% com 10,33% por parte dos EE. Tanto os EE como os alunos, numa percentagem pouco significativa, admitem que o descanso noturno até aumentou com a utilização deste serviço.

h) Leitura

Existem atividades que são cruciais para o desenvolvimento do indivíduo, tanto a nível social como intelectual. A leitura tem sido uma das rotinas que tem caído em desuso sendo muitas vezes substituída por outras atividades. Foi por isso que tentamos averiguar junto dos alunos se a leitura aumentou ou diminuiu depois de terem começado a utilizar a Internet com a frequência com que a usa atualmente.

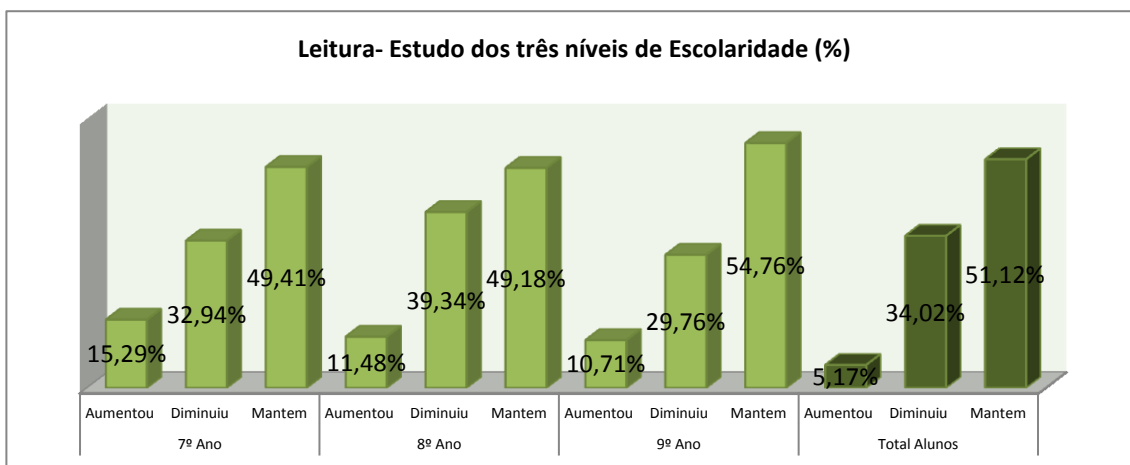


Gráfico 117- Leitura- Alunos (%)

Os alunos referem que o seu ritmo de leitura em nada foi influenciado pelo uso da Internet, estando os valores compreendidos entre 49% e 55%. Os alunos do 7º ano são os que registam o valor mais alto quando admitem que a frequência de leitura até aumentou com o uso da Internet, apresentando 15,29%. Por outro lado, são os alunos do 8º ano aqueles que garantem que o uso da Internet contribuiu para que a leitura diminuísse e 39,34% dos alunos partilham desta opinião.

Em relação aos EE, a mesma questão foi colocada e representamos os dados recolhidos graficamente.

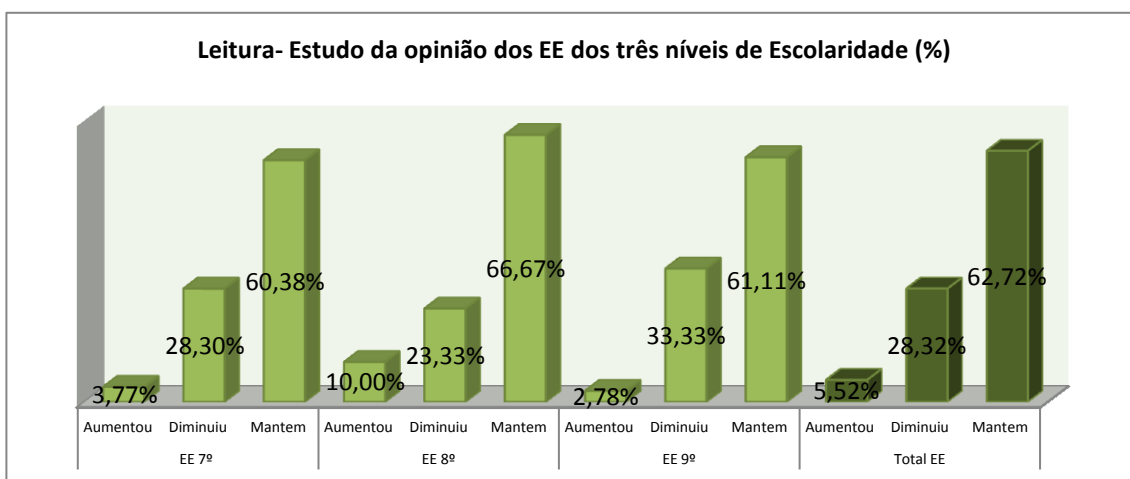


Gráfico 118- Leitura- EE (%)

Os EE, tal como tem vindo a acontecer nas questões anteriores, expressam-se de forma bastante significativa ao garantirem que a rotina da leitura também se mantém intocável mesmo com o uso da Internet. São os EE do 9º ano, com 33,33%, aqueles que afirmam que a leitura dos seus educandos diminuiu. Relativamente aos EE do 8º ano, 10% garantem que a leitura até aumentou com a utilização deste serviço.

Em termos gerais, representamos graficamente os dados trabalhados nesta questão e procedemos a uma análise comparativa.

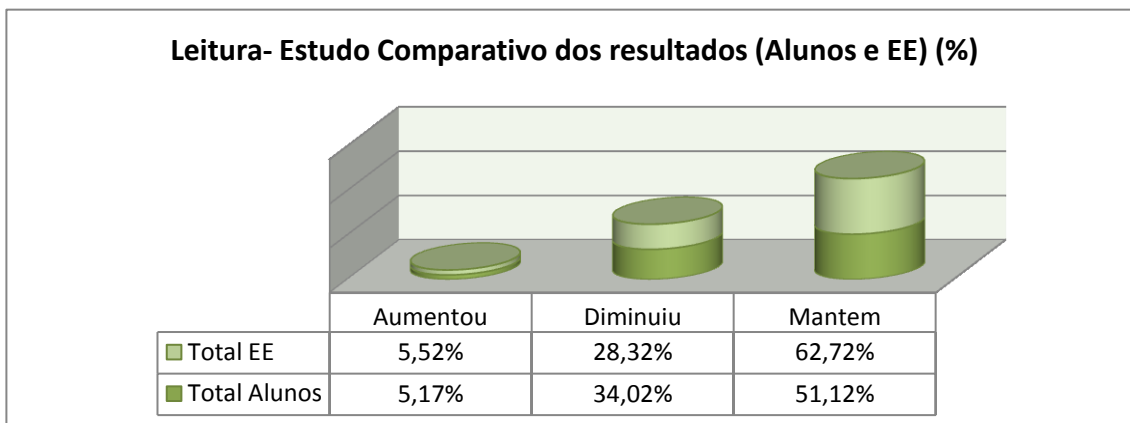


Gráfico 119- Leitura- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Mais uma vez os EE revelam-se mais expressivos a defenderem a posição de que a rotina se mantém comparando com os alunos. Enquanto 62,72% dos EE acreditam que a leitura se mantém, somente 51,12% parte dos alunos partilha da mesma opinião. São os alunos também a revelarem que a leitura diminuiu com o uso da Internet com 34,02%, enquanto apenas 28,32% dos EE o assinalam. Em ambos os casos, as percentagens que admitem que a leitura até aumentou com a utilização deste serviço é praticamente a mesma, rondando os 5%.

i) Atividade Física

A atividade física é uma das atividades mais saudáveis que o indivíduo deve praticar. Neste estudo pretendemos também saber até que ponto esta atividade foi afetada pela utilização da Internet.

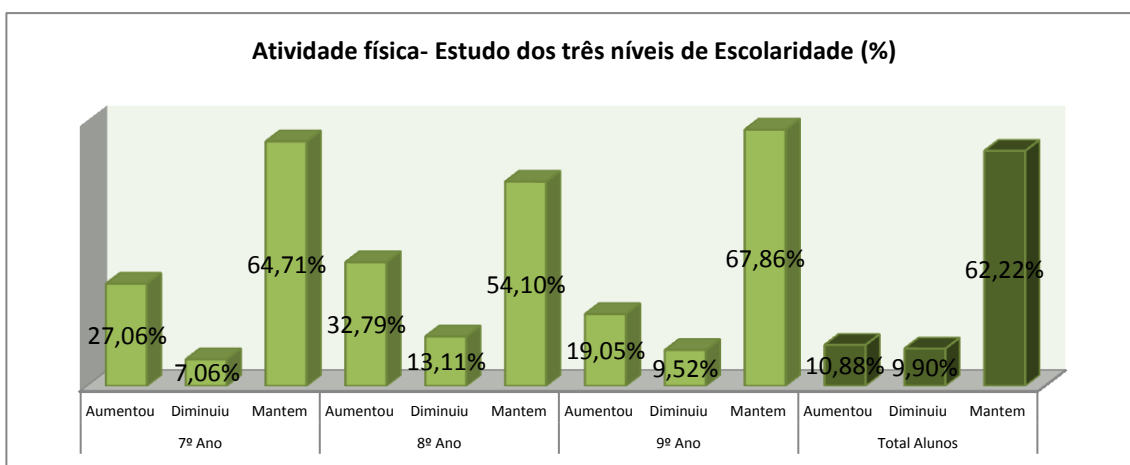


Gráfico 120- Atividade Física- Alunos (%)

Em termos gerais, os alunos acreditam que a sua atividade física se mantém. São os alunos do 8º ano que apresentam os valores mais altos para as duas opções restantes, 32,79% destes alunos admite que a atividade física até aumentou com o uso da Internet, mas 13,11% garante que esta rotina atenuou com a utilização deste serviço.

Segundo os EE inquiridos face à mesma questão temos o seguinte gráfico:

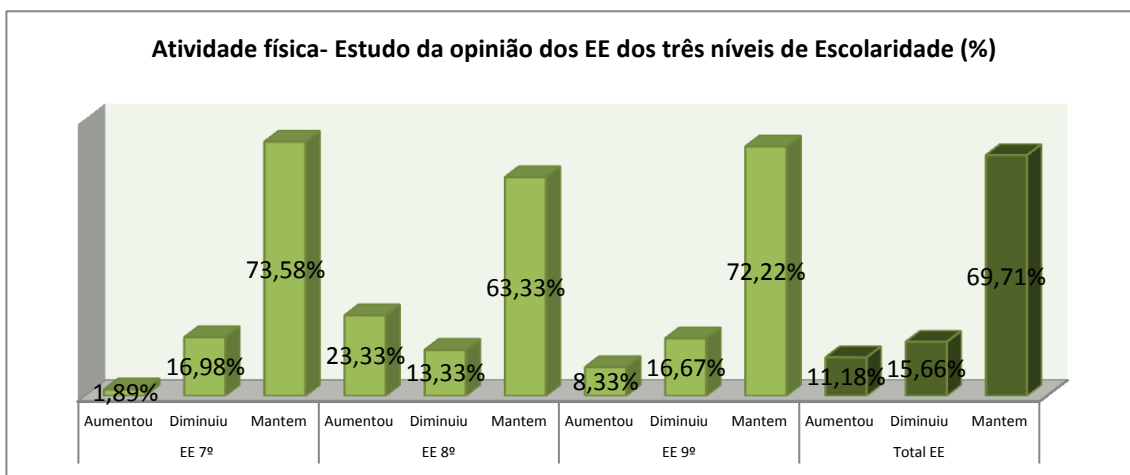


Gráfico 121- - Atividade Física- EE (%)

Os EE garantem taxativamente que esta atividade (mais uma) se mantém inalterável independentemente do uso da Internet. Os EE do 8º são os que acreditam que esta rotina até beneficiou com o uso da Internet, 23,33% garante que aumentou com o uso deste serviço tal como os respetivos alunos deste ano (consultar o gráfico anterior).

Para uma análise comparativa entre as duas partes estudadas, apresentamos o seguinte gráfico:

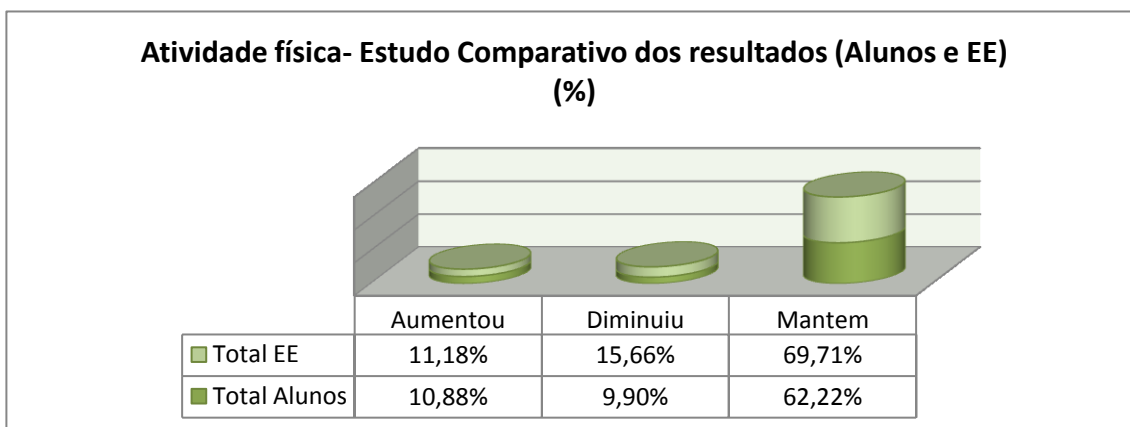


Gráfico 122- - Atividade Física- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Nesta rotina, tanto os alunos como os respetivos EE encontram-se em sintonia. No entanto, são os EE que admitem, em maior número, que esta atividade até diminuiu com o uso da Internet por parte dos respetivos educandos, apresentando uma percentagem de 15,66%.

j) Estudo

Hoje em dia a escola ocupa uma grande parte do tempo destes jovens. Para atingir bons resultados é importante que estes dediquem parte do seu tempo extra às atividades escolares. Desta vez, tentamos perceber em que medida a utilização da Internet influencia o tempo de estudo.

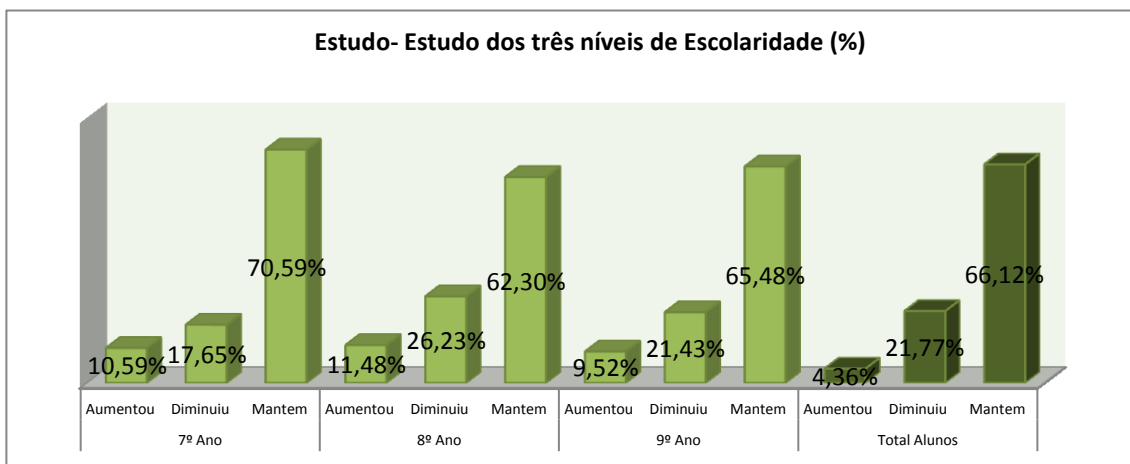


Gráfico 123- Estudo- Alunos (%)

A maioria dos alunos, acredita que o tempo que dedicam ao estudo se mantém inalterável, mesmo com o uso da Internet, com valores bastante expressivos compreendidos entre 62% e 71%. Os alunos do 8º são aqueles que admitem em maior número que de facto esta rotina sofreu um abrandamento com o uso deste serviço, apresentando uma percentagem nesta opção de 26,23%. De uma forma geral, os alunos acreditam que se mantém o tempo de estudo, embora 21,77% dos alunos inquiridos acredita que este tempo diminuiu com a utilização da Internet.

Confrontando os EE com a mesma questão, temos o seguinte gráfico:

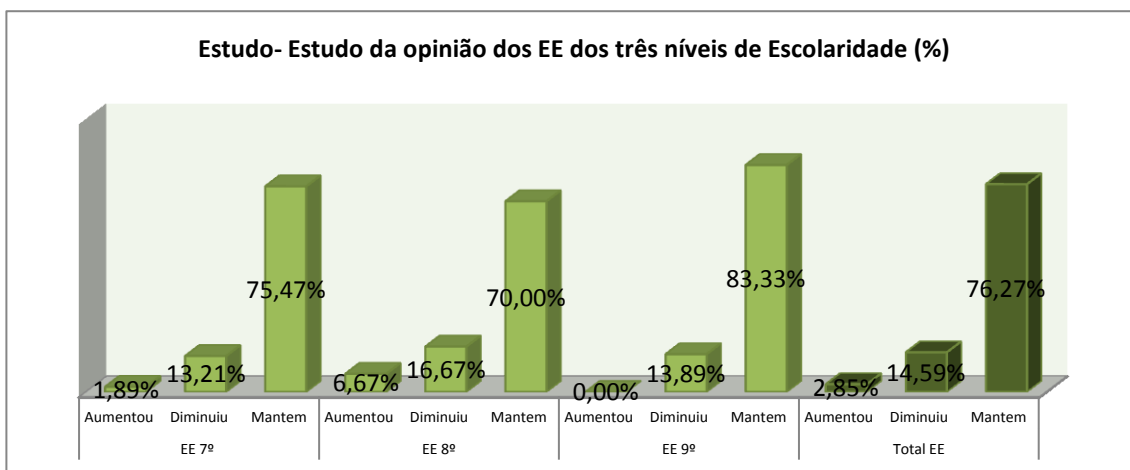


Gráfico 124- Estudo- EE (%)

Com valores muito significativos, os EE defendem que também esta rotina se mantém igual independentemente do uso da Internet, sendo os EE do 9º ano o grupo mais expressivo com 83,33% de respostas. Nenhum dos EE do 9º ano acredita que a Internet tenha beneficiado o tempo dedicado ao estudo.

Em termos gerais, temos o gráfico que se segue:

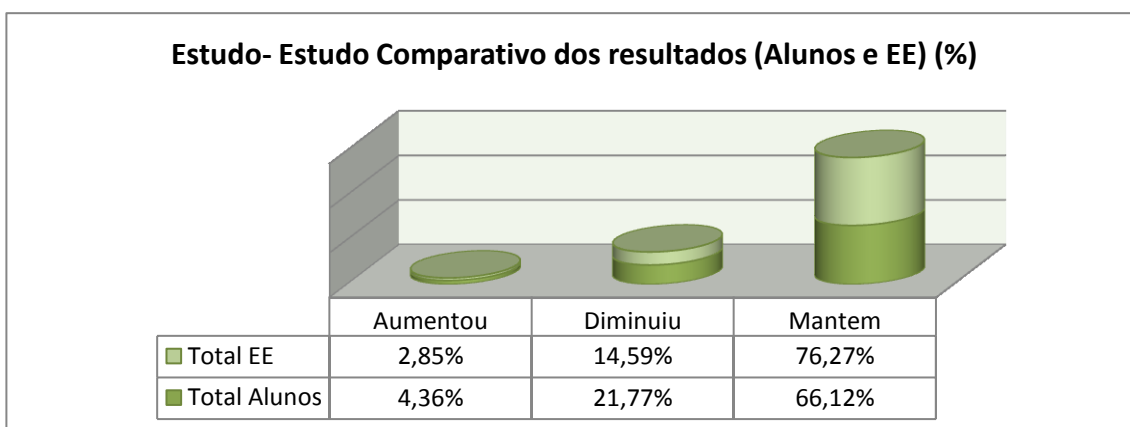


Gráfico 125- Estudo- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

Como tem vindo a ser habitual nos gráficos anteriores, os EE defendem massivamente a inalteração de qualquer rotina. E este caso não constitui exceção pois 76,27% defende que se mantém igual esta rotina comparando com 66,12% por parte dos alunos. Mais uma vez, também temos os alunos a admitirem, em maior número, a diminuição do tempo de estudo apresentando 21,77%, enquanto apenas 14,59% dos EE partilham da mesma opinião.

k) Ansiedade

A forte tendência para estes jovens utilizarem as novas tecnologias pode desencadear alguma ansiedade, especialmente quando o serviço não está disponível. Procuramos saber junto dos alunos se existe alguma ansiedade quando não se pode ligar à Internet.

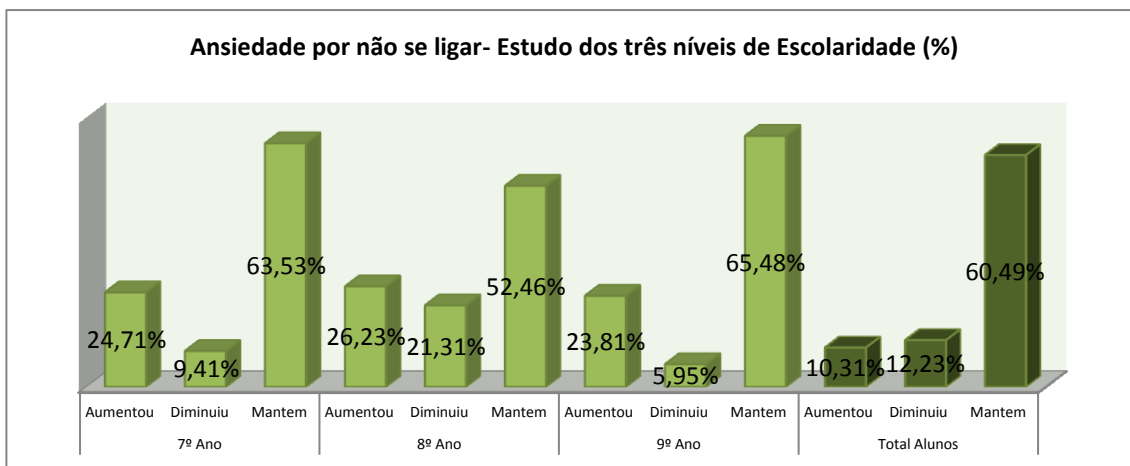


Gráfico 126- Ansiedade- Alunos (%)

De uma forma geral, em qualquer dos anos estudados, a maioria dos alunos inquiridos garante que não manifesta nenhuma ansiedade por não se poder ligar à Internet, sendo os alunos do 9º ano a manifestarem essa opinião com uma percentagem maior, apresentando 65,48% de respostas. Os alunos de 8º ano garantem até que essa ansiedade diminuiu com 21,31% e cerca de 25% dos alunos admite que sente ansiedade por não se ligar a este serviço.

Segundo os EE, os resultados obtidos são representados de seguida:

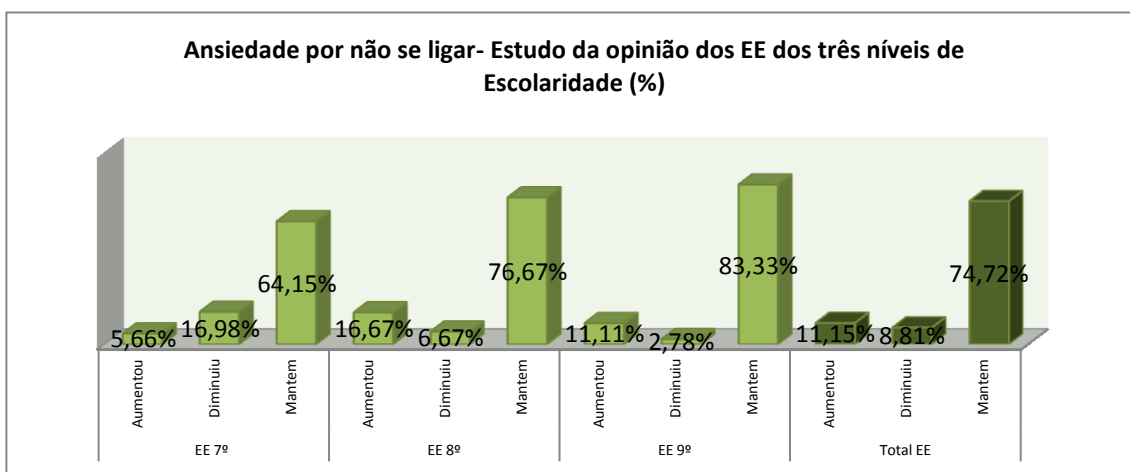


Gráfico 127- Ansiedade- EE (%)

Os EE do 9º ano, de novo com valores bastante significativos, afirmam que os respetivos educandos não revelam qualquer tipo de ansiedade por não se ligar à Internet, apresentando uma percentagem de 83,33%. Verifica-se nesta rotina um aumento gradual

dos que defendem que a rotina se mantém igual. As restantes opções são muito semelhantes em termos de valores, embora os EE do 7º sejam aqueles que mais admitem que a ansiedade até diminuiu. Os EE do 8º são os que em maior número confirmam que os seus educandos revelam uma maior ansiedade quando não têm oportunidade de utilizar a Internet, com uma percentagem de 16,67%.

Em termos gerais, temos o seguinte gráfico:

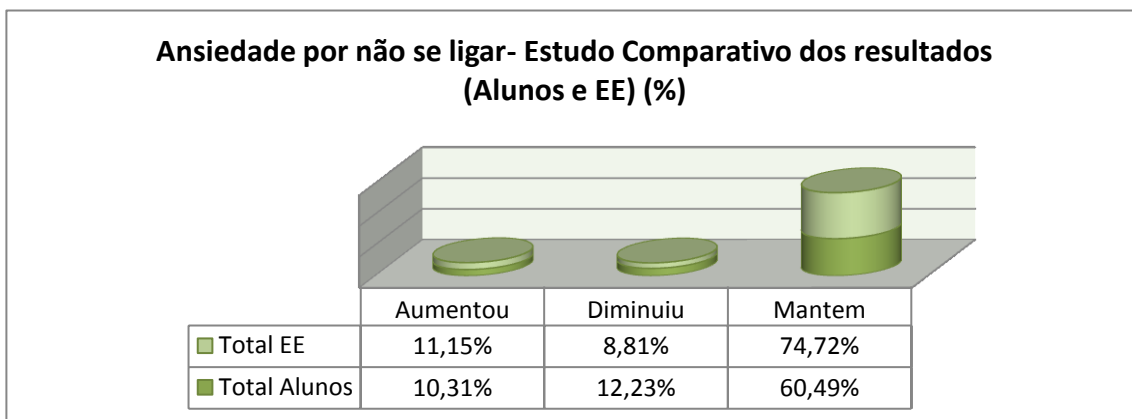


Gráfico 128- Ansiedade- Estudo Comparativo (Alunos e EE) (%)

De facto, ambas as partes estudadas optam por garantir que não existe qualquer sinal de ansiedade quando não se podem ligar à Internet. No entanto, enquanto da parte dos EE a segunda opção mais escolhida abona que a ansiedade aumentou, apresentando 11,15% de percentagem, os alunos como segunda opção mais escolhida indicam que a ansiedade por se não se ligarem até diminuiu. com 12,235 de respostas.

5.7 Influência da Internet nas relações (visão dos EE)

Tentamos perceber junto dos EE se, de uma forma geral a Internet contribuiu de forma positiva ou negativa nas relações interpessoais dos seus educandos.

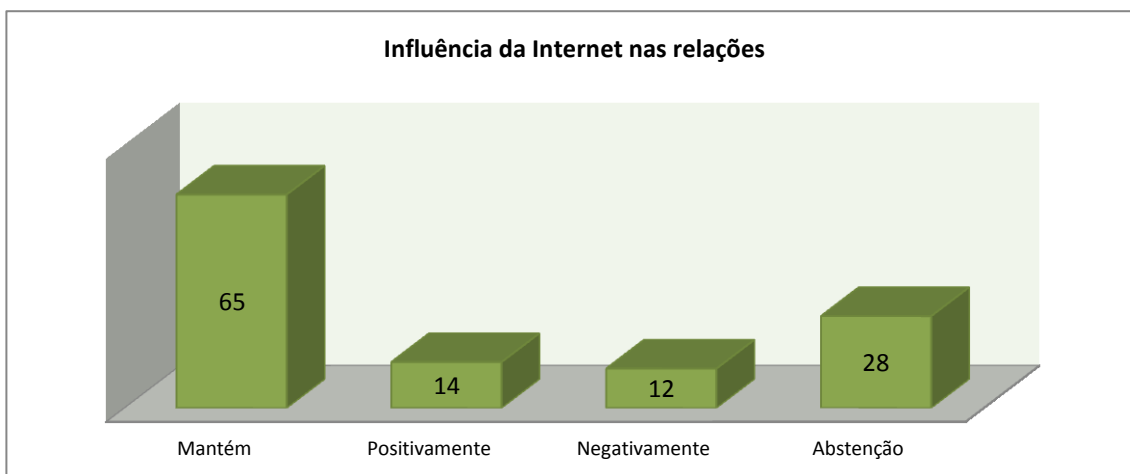


Gráfico 129- Influência da Internet nas Relações- visão dos EE

Tal como era de esperar, e seguindo a mesma linha condutora da postura destes EE, obviamente que a resposta dada pela maioria destes foi a de que as relações mantêm-se inalteradas mesmo com o uso da Internet, existindo apenas uma percentagem muito pequena que acredita que teve um impacto positivo (com 14 respostas). Outros EE asseveram que o uso deste serviço influenciou de forma mais negativa as relações dos educandos (12 respostas). A percentagem de abstenção nesta questão foi muito elevada, devendo-se provavelmente ao facto de se tratar de uma questão de resposta aberta.

5.7.1 Justificações dos EE que garantem que as relações pessoais se mantêm

Quando foi colocada esta questão aos EE, pedimos também uma justificação para a sua opinião.

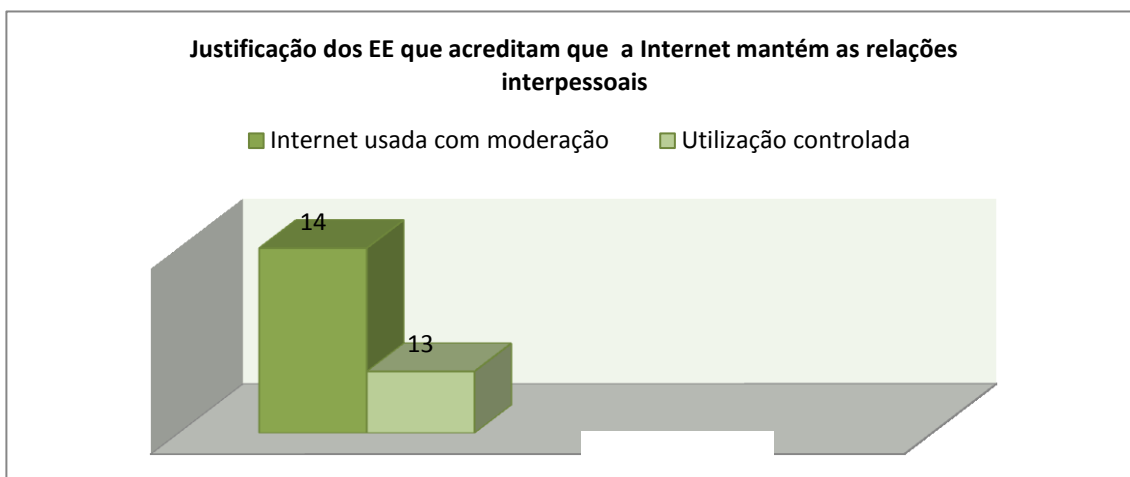


Gráfico 130- Justificações dos EE que acreditam que a Internet mantém as relações interpessoais

Segundos os EE que garantem que as relações interpessoais se mantém, isso deve-se ao facto dos respetivos educandos utilizarem este serviço de forma moderada e com controlo por parte dos adultos.

5.7.2 Justificações dos EE que garantem que as relações pessoais melhoraram

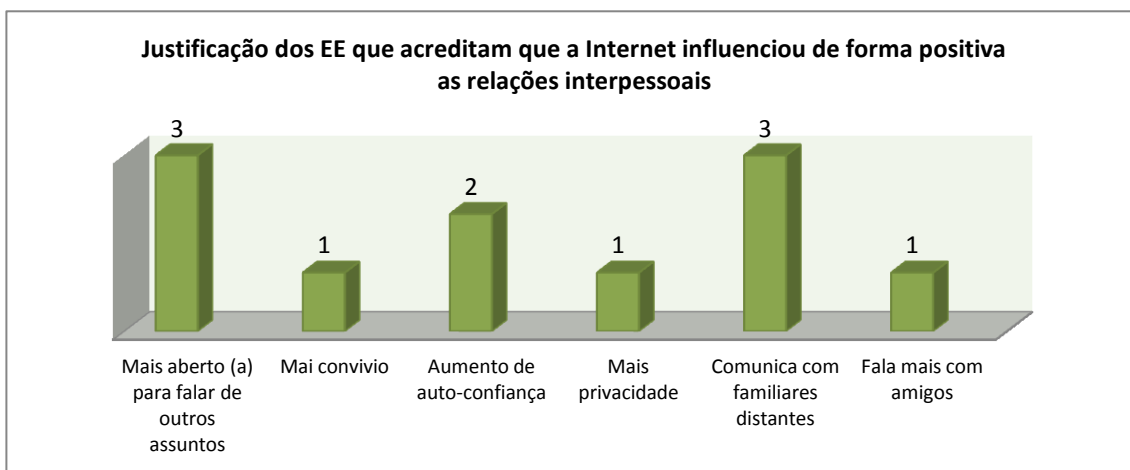


Gráfico 131- Justificações dos EE que acreditam que a Internet melhorou as relações interpessoais

Os EE que acreditam que a utilização da Internet até melhorou as relações com os outros, evocam várias justificações, sendo que comunicar com familiares distantes e tornar os educandos mais recetivos a falar de outros assuntos sejam as opções com mais respostas.

5.7.3 Justificações dos EE que garantem que as relações pessoais se deterioraram

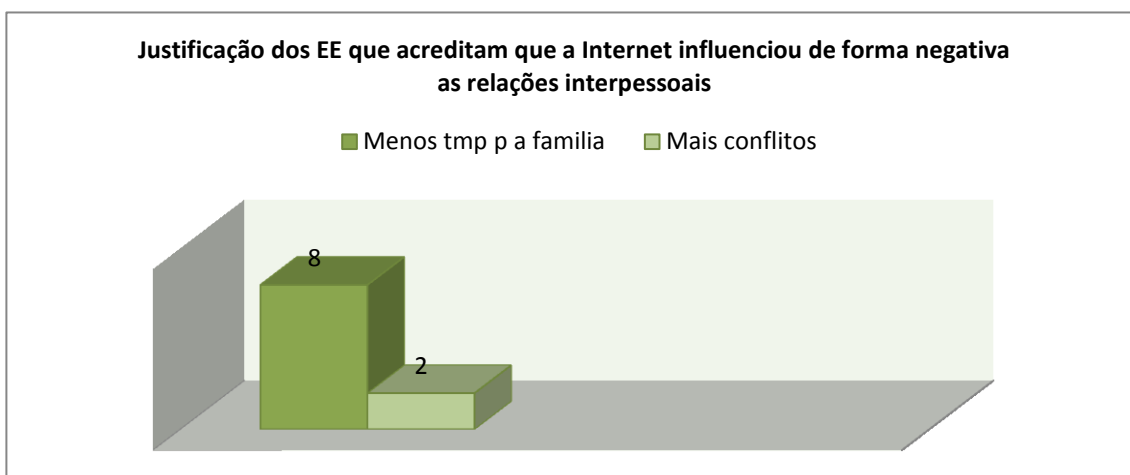


Gráfico 132- Justificação dos EE que acreditam que a Internet deteriorou as relações interpessoais

Por outro lado, os EE que admitem que o uso da Internet veio causar impacto negativo nas relações interpessoais dos seus educandos evocam essencialmente duas razões. A que reúne mais respostas é a de que o uso deste serviço faz com que o tempo que passe

em família seja mais reduzido e outra razão é o facto de se desenvolverem mais conflitos no seio familiar.

5.8 Veracidade dos dados publicados na Internet

A publicação dos dados por parte dos jovens muitas vezes não corresponde à verdade. Por uma ou outra razão preferem esconder algumas informações mais pessoais. Junto dos alunos questionamos sobre isso mesmo, sobre a veracidade dos dados que publicam. Optámos por representar graficamente cada ano de forma individual para melhor interpretação dos resultados.



Gráfico 133- Veracidade dos dados publicados na Internet- 7º ano (%)

Em relação aos alunos do 7º ano, mais de 64% destes alunos garante que os dados que publicam, corresponde efetivamente à verdade, enquanto 35% destes alunos admite que alguma informação que publica na Internet não corresponde totalmente à verdade. Unicamente 1% dos alunos deste ano optou por não responder a esta questão.

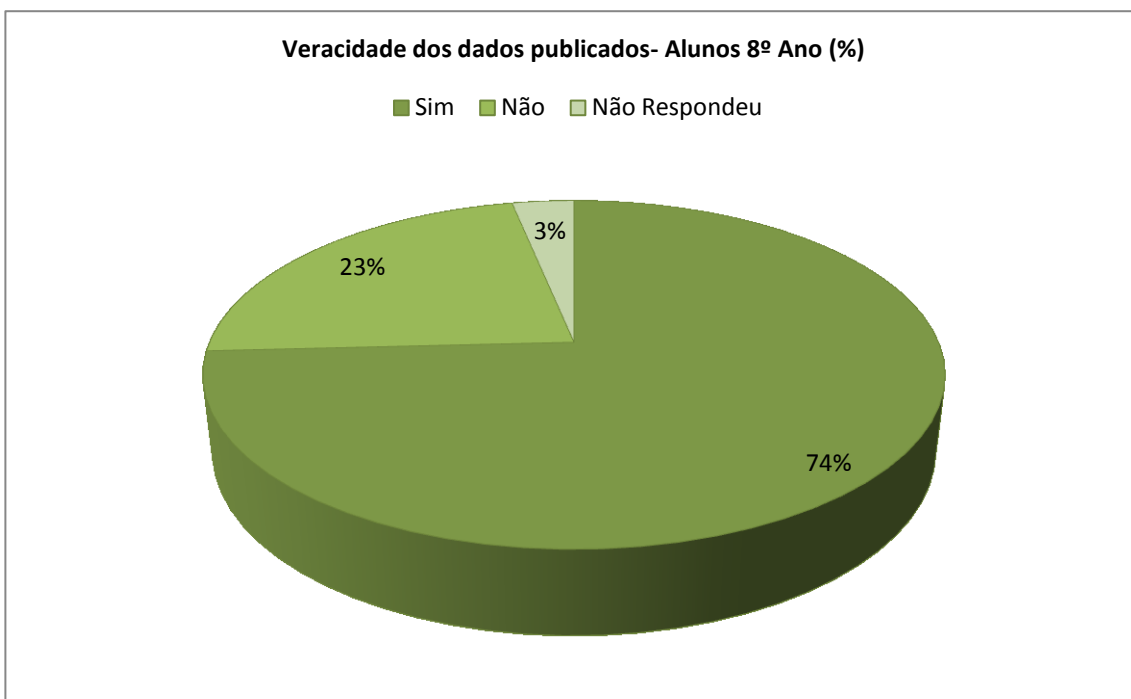


Gráfico 134- Veracidade dos dados publicados na Internet- 8º ano (%)

A percentagem de veracidade dos dados publicados na Internet aumentou ao nível dos alunos do 8º. Relevamos que 74% destes alunos garantem que a informação publicada na Internet corresponde de facto de facto à verdade. O número de dados falsos em relação ao 7º também diminuiu apresentando neste ano de escolaridade uma percentagem de 23%, menos 13% comparativamente com os alunos do ano de escolaridade anterior. A taxa de abstenção também aumentou 2% em relação ao 7º ano.

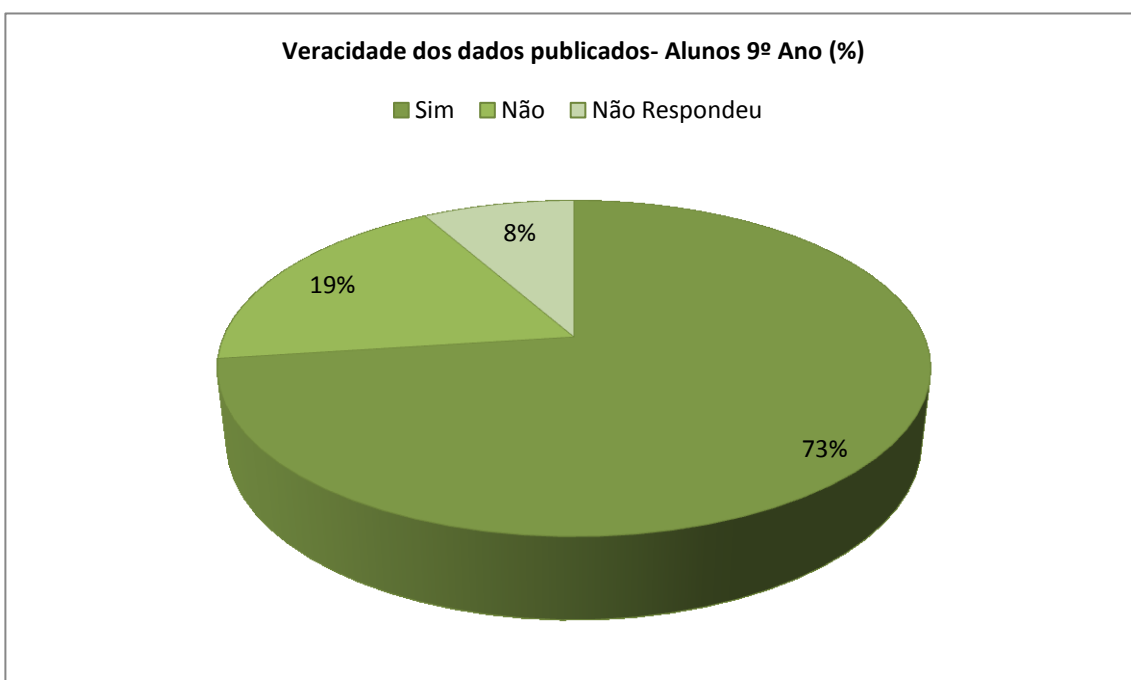


Gráfico 135- - Veracidade dos dados publicados na Internet- 9º ano (%)

A percentagem de alunos que garante que os dados que publicam correspondem de facto à realidade desceu em relação ao 8º ano, uma descida de apenas 1%. No entanto, os alunos que garantem que a informação publicada da Internet a seu respeito não corresponde na sua totalidade à verdade desceram bastante em relação aos dois anos estudados. Apenas 19% destes alunos partilham dessa opinião, a taxa de abstenção verificou-se maior neste ano de escolaridade com 8%.

Verificamos que a percentagem de alunos que publicam informação falsa na Internet diminui à medida que a idade aumenta, traduzindo-se possivelmente numa maior consciência da informação que pode ser partilhada e mais maturidade para avaliar as consequências de divulgar informação falsa.

É importante analisar o comportamento que os alunos têm de uma forma geral, quando são questionados sobre a veracidade da informação que publicam na Internet.

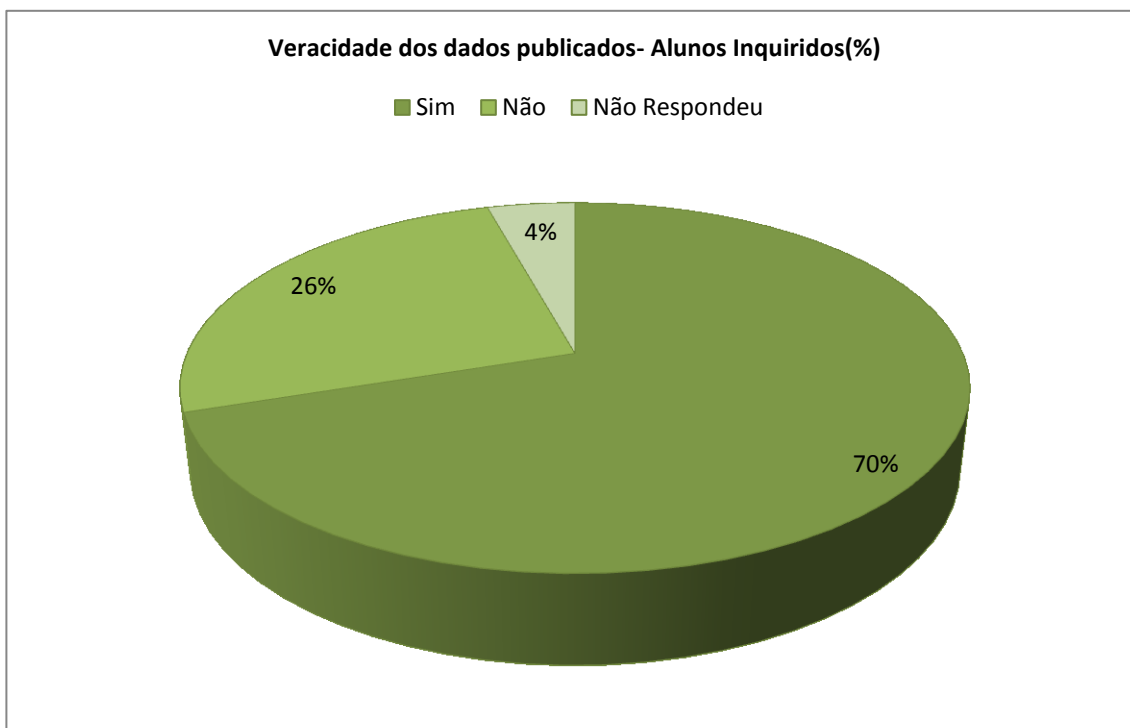


Gráfico 136- - Veracidade dos dados publicados na Internet-Alunos Inquiridos (%)

De uma forma geral, 70% dos alunos inquiridos garante que a informação que publica na Internet corresponde de facto à verdade, enquanto 26% dos alunos questionados admitem que nem toda a informação publicada equivale à realidade. Uma percentagem significativa dos alunos assume a publicação dos seus dados como sendo efetivamente verdadeiros.

5.8.1 Justificações dos Alunos em relação à publicação de dados

Com este estudo tentamos perceber também qual a justificação dos alunos para esta atitude face à publicação dos dados publicados na Internet.

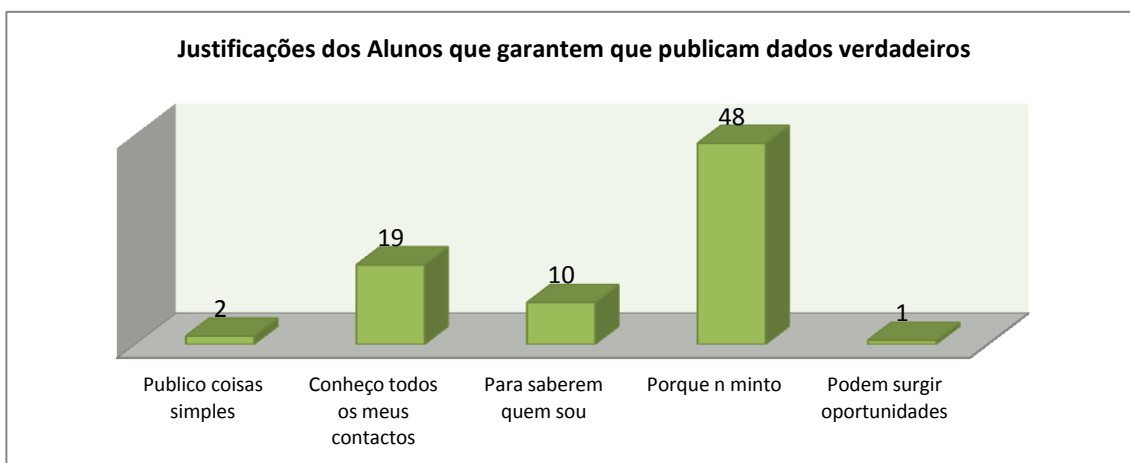


Gráfico 137- Justificações dos Alunos que publicam dados verdadeiros

Analisando as respostas dadas pelos alunos, organizamos as opções da forma como se representa no gráfico. A maior parte dos alunos que diz publicar dados verdadeiros refere que não gosta de mentir, por isso não publica dados que não correspondam à verdade. Outra das opções que também assume um número considerável de respostas é o facto destes alunos conhecerem na realidade todos os contatos e daí não verem qualquer problema em publicar informação verdadeira.

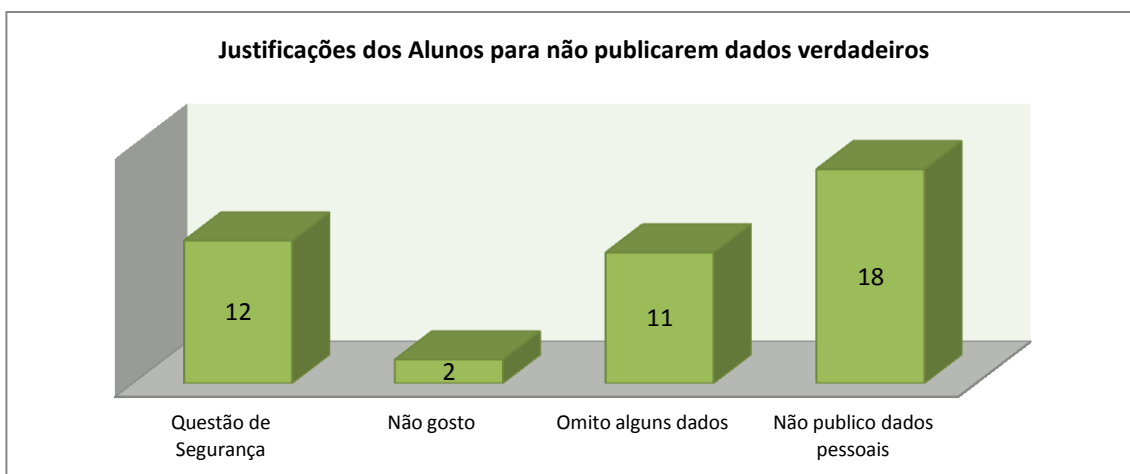


Gráfico 138- Justificações dos Alunos que manipulam dados

Quando os alunos garantem que a informação publicada não corresponde à verdade, grande parte dos alunos justifica-se dizendo não o faz porque não publica dados mais pessoais. Outra parte significativa garante que toma esta atitude por questões de segurança.

5.9 Conceito de Amizade

Hoje em dia os jovens, podem ser levados a pensar que o facto de possuir uma lista de contatos mais alargada na Internet os torna mais populares e mais “mediáticos” no universo que os rodeia. Com a facilidade com que conhecem novos contatos e eventualmente desenvolvem novas amizades, tentamos perceber junto dos nossos alunos qual o conceito que estes têm de amizade. A análise dos dados recolhidos aparece retratada no seguinte gráfico.

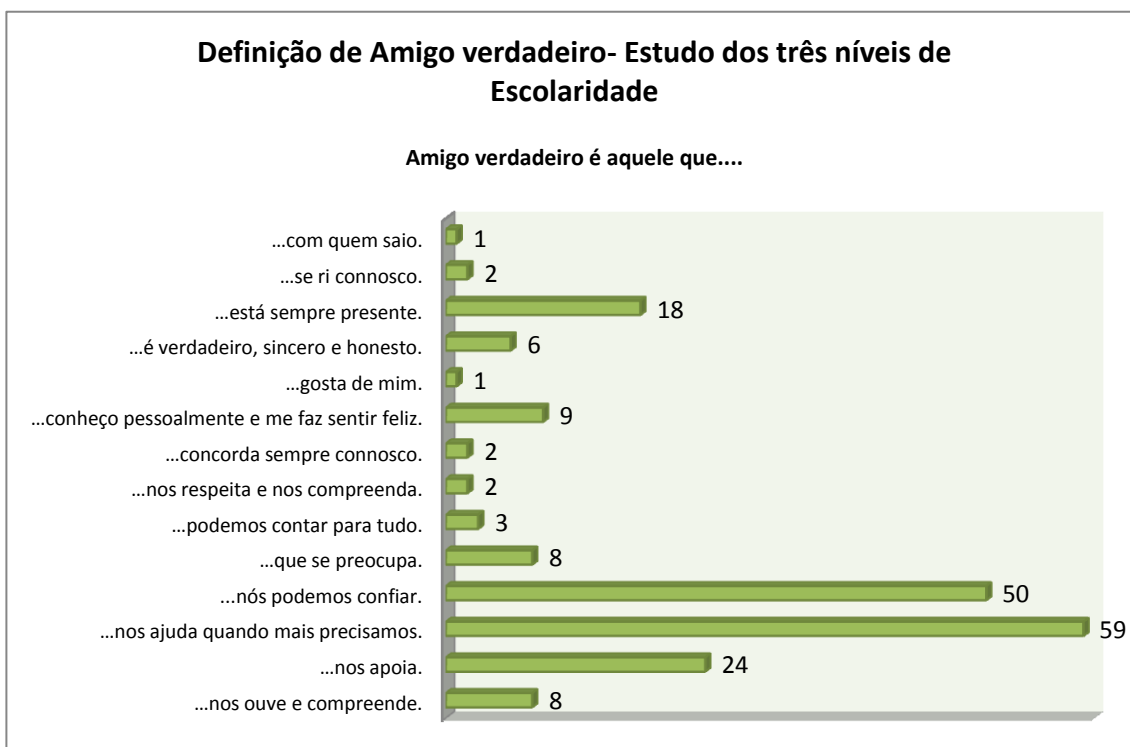


Gráfico 139- Definição de "Amigo Verdadeiro"

De uma forma geral os alunos revelam que o conceito de amizade continua praticamente intocável em relação aos padrões que conhecemos. Apesar da facilidade com que hoje podem desenvolver alguma relação de amizade virtual, na verdade os jovens apresentam um conceito de amizade na qual a confiança, o apoio, a ajuda e a presença destes amigos em situações boas e menos boas são preponderantes na definição de *amigo verdadeiro*, existindo um filtro natural por parte destes jovens, quando classificam os amigos (normalmente associado à sua rede de contatos) e os amigos verdadeiros onde as características que fazem destes um verdadeiro amigo são as bases que uma boa amizade sustenta, valorizando a confiança e a presença desse amigo quando as situações assim o exigem.

Com base nesta definição, tentamos averiguar a média de contatos que estes alunos possuem na Internet e dos que têm, quantos consideram como verdadeiros amigos.

5.10 Média de Amigos (Lista de Contactos e Amigos Verdadeiros)

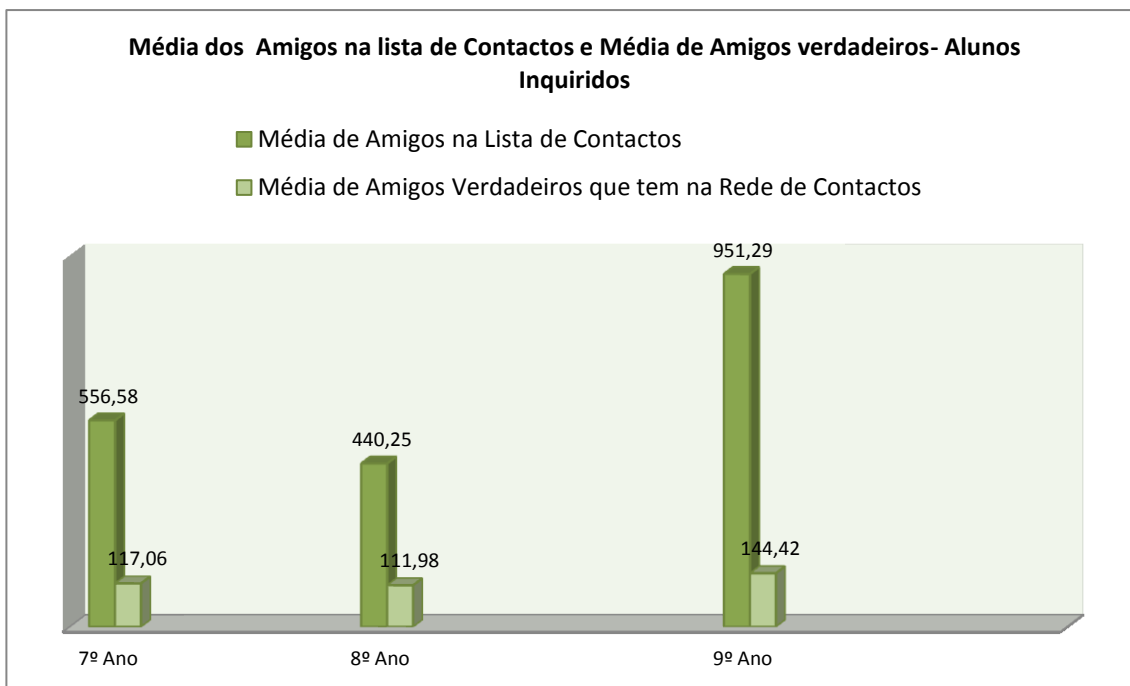


Gráfico 140- Média de Amigos na Lista de Contatos e Média de Amigos Verdadeiros- Alunos Inquiridos

Uma das análises que pode ser feita e que assume um papel crucial neste estudo, é a de que independentemente do ano em estudo, todos os alunos sabem a diferença entre um contato na Internet e um verdadeiro amigo. Nota-se, sem sombra de dúvida, que existe essa consciência porque o número de amigos embora ainda grande em alguns casos, diminui comparativamente em relação aos contatos que estes têm na sua lista. Os alunos do 9º são aqueles que assumem ter uma rede de contatos mais alargada, apresentando uma média de 951 contatos. No entanto, também são estes os que “filtram” esses amigos e mostram uma maior diferença entre os amigos na rede de contatos e os verdadeiros amigos, apresentando este último uma média de 144, tal como ao longo deste questionário as respostas dadas pelos alunos do 9º ano demonstram mais maturidade tanto nos comportamentos e rotinas anteriormente estudadas e no conceito de amizade a sua postura mantém-se, mostrando exatamente que as qualidades que são necessárias para manter uma boa amizade estão para além dos números de contatos que da lista fazem parte.

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES GERAIS

Introdução

Tal como a História demonstra, o Homem tem-se apropriado e aproveitado das inovações tecnológicas, tornando o longe mais perto, sempre com o objetivo de interagir com outros indivíduos independentemente da sua localização. Estar em contato permanente com os pares (Clark, 2003) e garantir uma interação em tempo real com os denominados “*existing friends*” (Valkenburg et al., 2007), é atualmente uma mais-valia essencial da Internet para as crianças e para jovens mas também para muitos adultos. Os jovens são os utilizadores por excelência da Internet, são eles que mais recorrem às tecnologias da comunicação *online* e quem despende de mais tempo para navegar (Valkenburg et al., 2007).

No entanto, para os mais jovens a função desempenhada pela Internet tem vindo a modificar-se (Valkenburg et al., 2007): o entretenimento e a pesquisa de informação, eram atividades tidas como fundamentais por volta de 1999 (Valkenburg et al., 2001), mas na atualidade foram ultrapassados pela comunicação interpessoal enquanto uso predominante (Valkenburg et al., 2007).

A adolescência é, naturalmente, uma fase marcada por períodos em que predominam sentimentos de tristeza, solidão e insegurança (Sampaio, 1993). Estes sentimentos podem ser aliviados pela possibilidade de alargar os relacionamentos para além das tradicionais fronteiras sociais e geográficas. Foi exatamente esta ideia que serviu de mote ao desenvolvimento desta investigação.

O trabalho de investigação exposto no decurso desta tese propôs-se, através de perguntas de investigação, conhecer o impacto que a Internet tem nas relações interpessoais dos alunos do 3ºciclo, mais concretamente averiguar as rotinas de comunicação e relacionamento pessoal dos alunos, dentro ou fora da Internet, perceber os padrões das interações que desenvolvem na Internet, averiguar até que ponto a identidade destes alunos é manipulada nas relações desencadeadas em rede, indagar se existe consequências para os jovens das novas formas de relacionamento através da Internet e finalmente compreender se diferenciam entre um amigo virtual e um amigo verdadeiro.

A posição da investigadora parte do contributo de autores de diversas áreas, nomeadamente Castells, Wellman e Gulia entre outros, no domínio das comunicações *online* e das relações que as pessoas desenvolvem com base neste tipo de comunicação.

Mediante a análise dos dados obtidos enfatizam-se seguidamente as conclusões essenciais do estudo, estabelecendo a sua relação com as perguntas e os objetivos de investigação anteriormente descritos.

Conclusões referentes aos objetivos do estudo

A problemática da investigação prende-se com o estudo do impacto que a Internet tem nas relações interpessoais dos jovens. Assim, segundo esta problemática consideramos os seguintes objetivos de investigação:

Objetivo de investigação: Analisar os tipos de utilização que os jovens fazem das ferramentas comunicacionais disponíveis na Internet;

Após a análise detalhada dos dados recolhidos podemos afirmar que os alunos inquiridos utilizam a Internet praticamente todos os dias numa média de 1h a 2h e que o fazem com mais regularidade em casa. Ao averiguar a opinião dos pais acerca da frequência com que estes jovens acedem ao serviço foram verificadas discrepâncias de opinião, tanto a nível da média de horas como da frequência com que este serviço é utilizado.

Pretendemos também perceber o tipo de utilização que estes jovens fazem quando utilizam este serviço. Nesse sentido, foram inquiridos com base em onze opções: Pesquisa de trabalhos escolares, Pesquisa sobre outros temas, Jogar *Online*, Conversar/Salas de *Chat*, Participar em fóruns, Redes Sociais, Ler livros e revistas em formato digital, Ouvir Música/ Ver vídeos, Downloads, Criar/Atualizar páginas e Compras. Os jovens foram bastante expressivos e indicaram, na sua maioria, que a utilização de Redes Sociais é sem dúvida a sua atividade mais frequente na Internet.

Ao longo do estudo, foi nosso propósito, comparar as respostas dos alunos com as respostas dos seus EE. Relativamente às três atividades mais frequentes não houve unanimidade de opiniões entre os pais e os alunos. Enquanto os pais acreditam que a utilização deste serviço está assente na pesquisa de trabalhos escolares, os alunos garantem que está baseada nas Redes Sociais, tal como foi referido anteriormente. No entanto, os EE têm consciência que os alunos acedem frequentemente às Redes Sociais pois assinalam esta opção como a segunda atividade mais praticada, enquanto os alunos

elegem ouvir música/ver vídeos. Por último, os alunos garantem que a pesquisa de trabalhos escolares é a sua terceira atividade mais comum na Internet enquanto os pais acreditam que em terceiro lugar os respetivos educandos preferem “Jogar *online*”.

Junto dos alunos e dos respetivos EE tentámos averiguar se de facto se verificava alguma modificação nos tipos de relacionamento. Tanto os EE como os alunos estão em consenso quando afirmam que a comunicação via Internet serve normalmente para comunicar com amigos. Verificámos também que á medida que a idade aumenta diminui gradualmente a comunicação com familiares com quem convivem e aumenta a comunicação com amigos virtuais.

Saber utilizar a Internet sem correr riscos e retirar vantagens da sua utilização constituem fatores muito importantes, nomeadamente nesta faixa etária em que a descoberta do desconhecido assume um papel relevante na ação da maioria destes jovens. Foi por isso, que procuramos saber junto destes jovens que tipos de atividades praticam, quer com quem conhecem quer com quem não conhecem. Na sua generalidade os alunos admitem que a atividade que mais praticam com quem não conhecem é jogar *online*, enquanto as atividades de carácter mais pessoal (marcar saídas ou encontros ou até mesmo desenvolver um relacionamento afetivo) sejam partilhadas apenas com indivíduos que conhecem. Pensamos que analisando os dados obtidos, o objetivo foi efetivamente atingido.

Objetivo de investigação: Verificar se a utilização destas novas ferramentas de comunicação alteram o relacionamento familiar ou social;

Para atingir este objetivo os alunos e os respetivos EE foram especialmente confrontados com uma questão que apresentava um leque variado de opções (desde as mais abrangentes até às do foro mais pessoal) tentando perceber a influência da utilização da Internet no seu relacionamento social e familiar.

Nas opções mais abrangentes (Aumentar lista de contatos, Diminuir a distância, facilitar os contatos, entre outras), tanto os alunos como os EE mantêm-se de acordo quanto à posição sobre estas. No entanto, quando se estudam as opções que se encontram mais direccionadas para uma vertente pessoal (Autopromoção, Desinibição, Apoio, Atenção, etc), os alunos começam-se a mostrar divididos na opinião, enquanto a opinião dos EE se mantém fiel à postura destes na descrição deste estudo. Os EE certificam, e em

valores expressivos, que a utilização da Internet não tem impacto no que diz respeito às relações interpessoais dos respetivos educandos.

Concomitantemente, realizámos junto dos alunos e dos respetivos EE uma pesquisa sobre as principais rotinas e tentámos averiguar se essas rotinas tinham sofrido alguma modificação desde que os jovens utilizam este serviço. Realçamos que as três rotinas que os EE assinalaram como aquelas que sofreram alguma mudança negativa depois do uso da Internet prendem-se com a leitura, a atividade física e o estudo. Quanto aos alunos, seguindo o mesmo critério, a escolha foi a leitura, o descanso noturno e o estudo. Ainda que, tanto os pais como os filhos, estejam em harmonia no que respeita à inalteração das rotinas, na verdade os alunos mostram-se mais divididos em relação a esta questão.

Objetivo de investigação: Analisar a importância dada pelo jovem à utilização destes meios de comunicação em contexto social;

Diante dos resultados apresentados, constatamos que de facto os alunos admitem que o seu convívio social aumentou com a utilização destas novas formas de comunicação, apesar de considerarmos que este resultado era expectável. Relacionando a frequência com que utilizam a Internet com o tipo de atividade que praticam (conversa com os Amigos), utilizando as Redes Sociais, alguns dos comportamentos representados, como desinibição, aumento da popularidade, entre outros, são os fatores mais preponderantes para que estes jovens aumentem o seu convívio social. Pensamos que toda a estrutura do questionário, através das perguntas e das opções sugeridas, assim com a análise relacional que delas fizemos, contribuiu para que este objetivo fosse alcançado e sustentado em base sólidas.

Objetivo de investigação: Analisar a possibilidade de manipulação de identidade nos dados publicados na Internet e ficar a conhecer as suas razões;

Tentámos averiguar junto dos alunos a veracidade dos dados publicados, analisando os dados recolhidos por ano de escolaridade. A maior parte dos alunos garante que os dados que publica correspondem de facto à verdade. Tentámos perceber as justificações destes alunos, tanto daqueles que indicaram que os dados são verdadeiros, como daqueles que admitem que os dados que publicam não dizem respeito à verdade.

A este respeito foi colocada uma questão de resposta aberta e os alunos tiveram total liberdade para enunciar as razões. Depois de ter sido feita uma análise de conteúdo, concluímos que a justificação para que os alunos publiquem apenas dados verdadeiros assenta essencialmente na necessidade de não mentir e em não encontrarem qualquer motivo para que alguém possa manipular os seus dados. Por seu lado, os alunos que indicam que não publicam dados verdadeiros admitem que manipulam os seus dados pessoais, outros simplesmente omitem os mesmos e ainda há alunos que afirmam que a publicação dos seus dados não corresponde à verdade por questões de segurança.

Objetivo de investigação: Comparar sempre que possível as opiniões dos alunos com as dos respetivos Encarregados de Educação dentro de cada nível de ensino

Ao longo deste estudo sempre que possível, procurámos comparar as opiniões dos alunos com as dos respetivos Encarregados de Educação dentro de cada nível de ensino e também de forma geral, representando graficamente os dados recolhidos e fazendo um análise comparativa, sempre que pertinente, dos resultados obtidos.

Conclusões referentes às perguntas de investigação

Rotinas de comunicação e partilha

Pergunta de investigação: *Quais as principais rotinas de comunicação e partilha dos alunos, na Internet?*

Com este estudo percebemos que os alunos acedem à Internet com mais frequência do que aquela que os respetivos EE reconhecem. O lugar em que estes alunos acedem com mais frequência à Internet é em casa.

Como a utilização deste serviço é, na sua maioria, feito em casa, seria de esperar que os EE que acompanham os alunos soubessem o tipo de utilização que eles fazem deste serviço e o impacto que ele tem no seu dia-a-dia. No entanto, verificámos que não é assim. Segundo um estudo da Obercom (2012), verificou-se que a utilização da Internet está estritamente relacionada com os níveis de literacia de cada utilizador, estando fortemente associado à relação com a idade e escolaridade dos inquiridos: a utilização de Internet decresce à medida que a idade aumenta e a escolaridade diminui (enquanto que 96,9% dos Universitários / Pós-graduados / Doutorados utilizam este meio de comunicação), No estudo que realizamos, verificamos que a média das habilitações

literárias é o 12º ano. Este pode ser um dos fatores que condicione o controle por parte dos pais, uma vez que estes não a utilizem com frequência (eventualmente) ou até mesmo tenham alguma dificuldade em utilizá-la torna-se mais difícil efetuar um controle efetivo.

Em relação às atividades mais frequentes na Internet os resultados falam por si. Enquanto os EE defendem que a atividade que mais executam na Internet é a pesquisa para trabalhos escolares, por parte dos alunos essa assume a 4ª opção votada, ao contrário dos alunos de 9º que elegem a “Pesquisa de Trabalhos escolares” como a 3ª atividade mais votada. Os alunos garantem de forma bastante expressiva que são as redes sociais a atividade que praticam com mais frequência quando utilizam a Internet. Embora os EE inquiridos também admitam que as Redes Sociais são muito utilizadas pelos seus educandos, colocam esta opção o segundo lugar. Os alunos situam as atividades de entretenimento em primeiro lugar, enquanto os pais assumem que a utilização da Internet pelos seus filhos é essencialmente para apoiar o estudo e a realização de tarefas escolares. Segundo Livingstone (2004) a valorização da vertente comunicacional da Internet escapa aos adultos, estes têm tendência a focar a atenção apenas nos usos que são socialmente aprovados e desejáveis na perspetiva dos adultos. Verifica-se claramente uma tendência para superlativar a aprendizagem e a educação como as grandes oportunidades franqueadas pela Internet. Já na perspetiva dos jovens são mais aliciantes os usos ligados à comunicação como o correio eletrónico, os serviços de mensagens instantâneas, salas de conversação e mais recentemente os *sites* de redes sociais (Livingstone et al., 2004).

Realmente, o que podemos concluir é que as rotinas que estes jovens têm na utilização da Internet, passa maioritariamente por atividades de entretenimento, sendo a esmagadora maioria de consulta/atualização das Redes Sociais, ficando para “segundo plano” as atividades que dizem respeito à atividade escolar.

Rotinas de relacionamento

Pergunta de investigação: *Quais as principais rotinas de relacionamento dos alunos, na Internet?*

Quer os alunos quer os respetivos EE constataam que a Internet é utilizada, por esta ordem de preferência, para comunicar com os amigos, com os familiares distantes e com os familiares com quem convivem regularmente.

Embora, como pouca frequência, os alunos admitem que utilizam a Internet para comunicar com amigos que apenas conhecem através do computador. Os EE, embora assumam que esta é uma possibilidade, expressam-na como menos veemência.

Tanto os alunos como os EE reconhecem que a Internet é pouco utilizada para a comunicação com os professores.

Os alunos participantes neste estudo admitem que “Jogar *online*”, “Ler/comentar mensagens” são das atividades que mais praticam com quem não conhecem. Segundo Livingstone, (2007) os utilizadores por excelência das novas tecnologias, em particular da Internet, são os mais jovens e estes têm por hábito levar até ao limite as suas experiências na Internet. Se por um lado aderem em primeira mão às atividades da rede e tiram partido das extraordinárias oportunidades que esta oferece, por outro protagonizam o confronto com situações *online* inesperadas e negativas, com as quais se veem obrigados a lidar e para as quais podem nem sequer estar preparados (Livingstone, 2007).

No entanto, neste estudo os alunos garantem que as atividades que pertencem ao fórum mais pessoal apenas as realizam com quem conhecem, como sejam conversar sobre temas pessoais ou marcar de encontros.

De facto, a Internet é maioritariamente utilizada por estes jovens para comunicar com os amigos. Confirmámos que as atividades que pressupõem uma base de mais confiança são na sua maioria realizadas apenas com quem conhecem, como é o caso de saídas ou de um relacionamento de carácter mais íntimo. No entanto, admitem que as atividades que não interferem com o seu lado mais pessoal ou íntimo não têm problemas em partilhar com pessoas que não conhecem, como é o caso de jogar *online* e comentar mensagens.

Consequências nas novas formas de relacionamento

Pergunta de investigação: Quais as principais consequências para os jovens das novas formas de relacionamento através da Internet?

Consequências ao nível dos comportamentos

Como foi descrito ao longo da análise dos questionários, os EE em muitas situações, principalmente naquelas que correspondem mais ao fórum pessoal e privado demonstram alguma relutância em admitir que os respetivos educandos tiveram algumas alterações de comportamentos, rotinas e atitudes. É exatamente nas opções de cariz mais íntimo que se encontram as maiores divergências. Verificamos claramente, quando comparamos os dados recolhidos nas várias opções estudadas, a forma expressiva como se constata diferenças de opinião. Tal como refere Reimão (1994) a família tem um papel crucial na estabilidade emocional e psíquica dos indivíduos. É por isso que deve existir um estreitamento nas relações entre a família e os jovens, para que estes percebam o que “buscam” os seus educandos quando utilizam a Internet, que tipo de emoções e sentimentos procuram viver num mundo que não é o real.

Quando as opções de comunicação são de carácter mais geral e mais abrangentes, como aumentar ou facilitar contatos, ou as relacionadas com contributos específicos da Internet para a aprendizagem dos alunos, ambas as partes encontram-se em consenso. Lea e Spears (1995) também acreditam que a comunicação mediada por computador não debilita as condições sociais de comunicação, mas facilita oportunidades mais produtivas para as construir.

No entanto, quando tentamos abordar opções mais íntimas ou mais pessoais os resultados são francamente diferentes. A utilização da Internet tem de facto impacto no dia-a-dia destes jovens. Segundo Costa (1990), nesta faixa etária, existem muitos autores que falam mesmo em “crise de identidade” na adolescência, tendo esta expressão sido utilizada pela primeira vez pelo psicanalista Erik Erikson (1968). Este é um período em que há uma grande incerteza de papéis a assumir aliada à preocupação com o que os outros pensam (Costa, 1990). Elkind (1978) introduziu um conceito designado por “audiência imaginária” como sendo uma grande preocupação dos adolescentes resultante do egocentrismo natural nesta fase de desenvolvimento: o adolescente sobrevaloriza os olhares e avaliações dos outros. Ou seja muitas vezes utilizam a Internet para trabalharem o seu papel na sociedade e a forma como são vistos e aceites.

No estudo que acabamos de realizar verificamos que a procura de novos amigos é uma tendência destes jovens (contrariamente à opinião dos EE), que vai de encontro à opinião de Rheinghol (1993), que afirma que a comunicação mediada pelo computador é uma possibilidade de se encontrar novos amigos ou grupos. No entanto, quando

passamos a analisar opções de carácter mais pessoal, tal como as opções “ Aceitação”, “Popularidade”, “Autopromoção”, “Apoio”, “Mais atenção” entre outras dentro da mesma categoria, são opções em que os alunos se mostram divididos nas suas respostas, enquanto os EE são perentórios em não admitir tal possibilidade. É claro que na Internet o espaço e o tamanho dessa “audiência imaginária” não tem limites, no entanto o controlo que se consegue ter acerca dessa apresentação pessoal é maior do que, por exemplo, na escola ou em qualquer outro espaço físico.

Quando as opções tratadas dizem respeito à intimidade, verificam-se discrepâncias, pois os EE não acreditam que os respetivos filhos desenvolvam relações mais íntimas no contexto virtual, o que acaba por contrastar com a opinião dos alunos.

Os alunos revelam que a Internet tem impacto nos comportamentos, atitudes e rotinas. No fundo assumem que existe alteração nas suas relações interpessoais, confirmam em maior número por exemplo sentirem-se mais desinibidos face a determinadas situações. Tal como afirma Suler, J. (2004) no seu estudo, embora esta desinibição possa ser considerada benigna, pois esta vai de encontro à forma como a pessoa expressa perante determinadas circunstâncias.

Alguns EE garantem que a utilização deste serviço tem contribuído de alguma forma para o desencadeamento de conflitos no seio familiar pela falta de tempo que os jovens dedicam à família. Esta conclusão está inteiramente de acordo com Simões (2006), pois o risco maior para estes jovens é crescerem isolados. A falta de comunicação/diálogo entre ambos (pais/filhos) aumenta substancialmente os perigos reais da Internet. É responsabilidade dos pais estarem atentos e alertar os filhos dos riscos e acompanhá-los, nomeadamente nos *sites* que estes visitam, as pessoas com quem mantém conversas, no fundo ter conhecimento do que fazem no computador e na Internet.

Podemos então afirmar que grande parte dos jovens que utilizam a Internet e que comunica através deste meio está à procura de interação social e não apenas de informação “vazia”, tal como refere Smolowe (1995).

Consequências ao nível das rotinas

A utilização da Internet pode tornar-se abusiva quando causa distúrbios nas rotinas diárias, alterações nos relacionamentos e no comportamento do indivíduo (Morahan-Martin, 1999). Tentamos averiguar se com a utilização da Internet as rotinas dos alunos

sofreram alguma alteração. Esta questão também foi colocada aos EE e de forma pertinente cruzamos a opinião das duas partes.

Todas as rotinas foram estudadas minuciosamente analisando até por anos de escolaridade e depois foi efetuado o cruzamento de dados entre eles. Em forma de resumo apresentamos a tabela seguinte com os dados recolhidos em ambos os contextos estudados.

| Rotinas de Relacionamento | Total Alunos | | | Total EE | | |
|--------------------------------|--------------|----------|--------|----------|----------|--------|
| | Aumentou | Diminuiu | Mantem | Aumentou | Diminuiu | Mantem |
| Convívio social | 38,67% | 1,97% | 57,78% | 8,44% | 1,74% | 85,75% |
| Participação activ. Familiares | 10,59% | 6,14% | 66,68% | 7,07% | 3,41% | 86,08% |
| Convívio c/ Familiares | 8,05% | 5,44% | 73,51% | 5,66% | 2,18% | 86,23% |
| Cump. De horários familiares | 3,25% | 9,97% | 79,79% | 2,04% | 8,14% | 86,38% |
| Freq. que se fecha no quarto | 11,60% | 16,69% | 53,29% | 18,89% | 9,44% | 67,12% |
| Uso do telemóvel | 15,70% | 10,78% | 49,70% | 12,37% | 10,37% | 73,83% |
| Descanso noturno | 4,09% | 27,54% | 60,60% | 5,07% | 10,33% | 81,15% |
| Leitura | 5,17% | 34,02% | 51,12% | 5,52% | 28,32% | 62,72% |
| Atividade física | 10,88% | 9,90% | 62,22% | 11,18% | 15,66% | 69,71% |
| Estudo | 4,36% | 21,77% | 66,12% | 2,85% | 14,59% | 76,27% |
| Ansiedade por não se ligar | 10,31% | 12,23% | 60,49% | 11,15% | 8,81% | 74,72% |

Tabela 7- Rotinas de Relacionamento (Alunos e EE) (%)

Os EE continuam a demonstrar alguma relutância em admitir que alguma coisa mudou em relação às rotinas dos seus filhos. Em qualquer uma das opções tratadas a opinião destes EE resume-se a que todas as rotinas descritas na tabela anterior se mantêm e não sofreram qualquer alteração depois dos respetivos educandos utilizarem a Internet. Os alunos também em qualquer uma das opções garantem que as suas rotinas referidas na tabela acima apresentada não sofreram alteração e em média todos garantem que se mantêm as rotinas que foram estudadas. De realçar que os EE são francamente mais expressivos quando afirmam que as rotinas dos seus educandos se mantêm inalteradas. Embora na maioria os alunos garantam que as rotinas não sofreram alteração, na verdade existem algumas das rotinas apresentadas em que os alunos se apresentam mais divididos, como é o caso da diminuição da leitura, do estudo e do descanso noturno, conduzindo a que se tire como conclusão que estes jovens utilizam a Internet muitas vezes no período da noite, ou nos períodos que seria eventualmente dedicado a atividades escolares. É também de realçar que estes alunos acreditam que o seu convívio social aumentou com o uso da Internet se nos basearmos na frequência de utilização que apresentamos neste estudo com a comunicação que estes desenvolvem com os amigos

quando utilizam as ferramentas comunicacionais, não é de estranhar que estes jovens considerem o seu convívio social mais alargado.

Em relação aos EE mostram-se mais divididos quando confirmam que a frequência com que os filhos se fecham no quarto aumentou e que a leitura por sua vez foi penalizada com o uso da Internet, verificando-se uma diminuição desse hábito.

Manipulação da Identidade

Pergunta de investigação: *Os jovens manipulam a sua identidade nas suas relações através da Internet?*

Os valores éticos e morais são fundamentais no processo de interatividade e existe preocupação por parte de alguns autores de alertarem para o ressignificado que estes podem tomar com o avanço da tecnologia.

Após a averiguação sobre a questão de manipulação de dados ou de verificar a sua autenticidade, concluímos que a maioria dos jovens de facto, pública os dados verdadeiros justificando-se com o facto de não verem necessidade de mentir, no entanto, os jovens que admitem que alguns dos dados que publicam não corresponde na totalidade à realidade, justificam-se que têm algum receio em publicar os seus dados pessoais, provavelmente por uma questão de segurança.

Portanto, podemos concluir que estes jovens estudados tendencialmente não manipulam a veracidade dos dados que publicam na Internet.

Conceito de Amigo

Pergunta de investigação: **Que estatuto tem o conceito de amigo na Internet?**

Com base nos resultados obtidos verificamos que, de uma forma geral, os jovens inquiridos sabem distinguir uma verdadeira amizade de uma amizade puramente virtual. Embora muitos deles assumam como verdadeiros amigos uma grande quantidade de contatos, isso deve-se provavelmente à falta de vivência natural da idade em que se encontram. A verdade é que diminuem drasticamente o número de amigos dos contatos quando têm que classificar os verdadeiros amigos. É um bom sinal pois percebem o que é a amizade e nestas idades isso é crucial para o desenvolvimento e empatia com o universo dos que o rodeiam e no futuro enquanto adultos.

Junto destes alunos averiguamos o número aproximado de contatos que possuem na lista de contatos e com base na definição dada por eles, questionámos quantos consideram de facto verdadeiros amigos.

Na tabela seguinte resume-se o número aproximado de amigos da lista de contatos e o número aproximado que, nessa mesma lista, consideram como verdadeiros amigos.

| | 7º Ano | 8º Ano | 9º Ano |
|---|--------|--------|--------|
| Média de Amigos na Lista de Contatos | 557 | 440 | 951 |
| Média de Amigos Verdadeiros que tem na Rede de Contatos | 117 | 112 | 144 |

Tabela 8- Média dos Amigos

Verificamos que em qualquer dos alunos estudados, todos filtram uma grande parte de contatos, concluindo assim que os jovens têm a consciência do que é um verdadeiro amigo, pois para além desta conclusão se refletir na tabela acima representada, também na definição de verdadeiro amigo dada por esses alunos, a noção de amizade é bastante visível.

Por isso, os alunos sabem distinguir uma amizade puramente virtual de uma amizade que é sustentada pelas bases e pelos padrões que classificamos como tal.

Para os alunos, as bases que sustentam uma verdadeira amizade são a confiança, o facto de poderem contar com uma pessoa independentemente das circunstâncias, a certeza que recebem ajuda e que essa pessoa estará sempre presente. Esta noção de amizade vai de encontro ao que aflora Stoll (1996), ou seja, que para se criar amigos ou para se ter amigos de verdade é essencial interagir na vida real e não apenas na Internet.

No entanto, percebemos que vai aumentando a consciência do que fazem e da maturidade que os alunos vão ganhando com a idade. Isso pode constatar-se perfeitamente nas respostas que os alunos do 9º deram em algumas das respostas, comparando com as respostas dos anos de escolaridade anteriores.

Recomendações aos pais e professores

Gerir conflitos entre pais e filhos sempre foi uma dificuldade que é ultrapassável se houver entendimento e cedência de ambas as partes. Esta fase da adolescência é mais suscetível a estes conflitos e, hoje em dia, tanto os pais como os próprios professores devem tentar gerir as situações de forma pacífica alertando-os sempre para os perigos e

para a vantagem de uma boa utilização deste serviço. No entanto, como desafio aos pais e baseado em Livingstone enumeramos algumas das estratégias que podem ser adotadas pelos pais para gerir o controlo da utilização da Internet e acima de tudo procurar diálogo e tentar perceber o que de facto os jovens procuram na Internet.

Existem algumas estratégias de mediação parental exercitadas pelos pais, e que estão a ser reeditadas a partir de modelos aplicados a outras mídias (por exemplo: a televisão); outras estão a surgir de raiz. No entanto, as especificidades da Internet (nas quais pais e filhos mostram interesses e registos de conhecimento diferentes) colocam jovens e pais em diferentes pontos de partida, obrigando a soluções diversas. Livingstone reconhece três opções cujo sentido reflete de algum modo a questão do digital. Uma “restrictive guidance” é a forma mais assertiva de regular o acesso à Internet, através da limitação do tempo passado *online*, instalando software, mantendo passwords secretas, bloqueando ou simplesmente banindo atividades que são mais comuns e favoritas dos jovens.

Uma segunda abordagem chamada de “*unobstrusive monitoring*”, é menos direta, traduz-se na disposição do computador num lugar “público” de passagem da casa, possibilitando aos pais ocasionalmente ver o que os jovens fazem através do histórico dos *sites* visitados. Por último, designada como “*benign neglect*”, ou seja, a inexistência de qualquer estratégia, pressupõe a ausência de monitorização ou envolvimento dos pais em relação ao que fazem *online*. Os adultos recorrem à sua falta de conhecimentos para os acompanhar, dispensando pouca atenção aos seus comportamentos na Internet.

Na ótica de Ponte e Vieira, mais do que impor restrições, o caminho equilibrado implica uma mediação parental apoiada num entendimento partilhado e negociado (Ponte, et al., 2007). De facto a educação não deve ser delegada à escola ou às novas tecnologias como a Internet, consolas ou outro tipo de equipamento. O importante não é mantê-los ocupados, mais importante que isso é ter relação de proximidade num ambiente familiar, dar abertura para discutir assuntos ou esclarecer dúvidas e ter a preocupação de arranjar as palavras certas para ilustrar o que quer que seja, assim como os exemplos que se devem referir como modelos a seguir. Um ambiente familiar assente no entendimento faz com que a confiança entre pais e filhos seja reforçada e que o relacionamento se torne mais saudável e menos severo no que concerne ao controlo de qualquer atividade.

A nosso ver, era importante divulgar este estudo na escola onde decorreu e alertar os pais e possivelmente também os professores (como educadores que são!), através de uma ação de sensibilização, em que para além de serem apresentados os resultados, fossem apresentadas algumas medidas referenciadas por estudiosos deste tema, tais como os desafios que seguem no ponto seguinte desta conclusão. Medidas que pudessem ajudar os pais na gestão e controlo de utilização salvaguardando a privacidade a que os jovens têm direito. Arranjar uma dinâmica de grupo entre os pais e cada um à sua maneira, tendo por base a sua experiência enquanto EE, sugerir medidas que depois de estudadas e analisadas poderia resultar num *flyer* a ser distribuído pela comunidade educativa.

Limitações do estudo

Como em todos os estudos que têm um período temporal definido e estipulado para a execução é completamente necessário determinar limites com vista o cumprimento dos prazos recomendados. Uma das grandes limitações deste estudo encontrou-se logo no início deste projeto na definição do problema, pois de facto existiu uma grande dificuldade restringir a este único tema, pois durante a definição deste, qualquer problema sugerido era demasiado abrangente e conduzia-nos a caminhos de investigação muito complexa.

Foi de facto necessário impor restrições relativamente ao número de escolas a estudar, e à composição da amostra. Inicialmente pensava-se incluir mais escolas neste estudo e ter como intervenientes do estudo, para além dos pais e dos alunos, os professores. Também devido ao tempo disponível para tratar uma amostra mais alargada, fomos constrangidos a reduzir o número de escolas, optando por realizar apenas na Escola Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa. Excluímos os professores porque depois de uma observação mais detalhada dos objetivos constatamos que dos três tipos de participantes a estudar, o menos importante eram os professores uma vez que se estudava o relacionamento interpessoal dos alunos com os amigos e familiares e, neste caso, os professores mantêm um relacionamento mais “profissional” e uma distância maior e menos frequente (na sua maioria) no contexto extraescolar com os alunos.

Perspetivas desenvolvimento futuro

Alargar este estudo a outras escolas para se ter uma noção desta problemática a nível regional ou nacional, parece-me ser bastante interessante e pertinente, assim como procurar perceber o que os nossos jovens fazem e com quem fazem na Internet.

O facto desta investigação se basear na forma como os alunos utilizam a Internet e constatando que as Redes Sociais assumem a atividade mais frequente por parte destes jovens, penso que no futuro estudar as Redes Sociais, nomeadamente o perfil de utilizadores dos jovens que utilizam estes espaços constantemente e a finalidade com que usam estas redes, parece-me ser um objetos de um estudo bastante importante e interessante.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

Almeida, M. J. (2001). *Imagens e Sons: a nova cultura ora*. Coleção: Questões da Nossa Época, São Paulo.

Almeida, N. (1997). *Anuário FCA da Internet - Os Endereços mais apetecidos dos portugueses*. Lisboa: FCA - Editora de Informática.

Altman, I.& Taylor, D. (1973). *Social penetration: The development of interpersonal Relationship*. New York: Holt, Rinehart, & Winston.

Baron, N. S. (1984). *Computer mediated communication as a force in language change*, *Visible Language*, Vol. 18 (2).

Bastos, H. (2000). *Jornalismo Electrónico- Internet e Reconfiguração de Práticas n as Redacções*. Coimbra: Minerva.

Baym, N. (1995), *The Performance of Humor in Computer-Mediated Communication*, *Journal of Computer-Mediated Communication* 1.2 ,.

Baym, N. K. (1998). "The Emergence of On-line Community". In S. Jones. (Ed.) (1998). *Cybersociety 2.0 - Revisiting Computer-Mediated Communication and Community* . Thousand Oakes, CA: Sage.

Berscheid, E. & Walster, E. H. (1978). *Interpersonal attraction*. Addison-Wesley, Reading.

Bicha, F. (1999)- *Educação em Ciências, Literacia científica e Preparação para a vida: um estudo no contexto do ensino básico*. Tese de mestrado não publicada. Évora: Universidade de Évora.

Boyd, D. M.& Ellison, N. B.(2007). *Social network sites: Definition, history, and scholarship*. *Journal of Computer-Mediated Communication* [online] <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. [Consultado em 19-11-2011].

Briggs, A.& Burke, P.(2006). Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Castells, M. (2000). A Internet e a sociedade em rede. In Oliveira, J.M. Paquete, Cardoso, G. & Barreiros, J.J. (org), Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação. Lisboa: Quimera.

Castells, M. (2001). La era de la información, el poder de la identidad. Vol. II, Madrid: Alianza Editorial.

Castells, M. (2003). A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar.

Castells, M. (2004). A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,. [Online] <http://pdfsb.com/readonline/5931464b6441683756334a344448786d56413d3d-238355> [Consultado em 23-11-2011].

Castells, Manuel. (1999). A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra,[Online] <http://egov.ufsc.br/portal/conteudo/resumo-sociedade-em-rede-castells> [Consultado em 19-12-2011].

Chiavenato, I. (2000).Recursos Humanos. São Paulo: Atlas.

Clark, A. (2003). *Natural-Born Cyborgs: Minds, technologies and the Future of Human Intelligence*. Oxford: University Press.

Costa, J. W. & Oliveira, M. A. M. (orgs). (2004).Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade. Petrópolis: Vozes.

Costa, J.(1993). A família, a escola e a sociedade; Revista Portuguesa de Clínica Geral. Vol. 10.

Culnan, M. J. & Markus, M. L. (1987). "Information technologies". In F. Jablin, L. L. Putnam, K. Roberts, & L. Porter (Eds.), Handbook of organizational communication. Newbury Park: Sage.

Cunningham, Craig A.. "Using the Internet for Education". Northeastern Illinois University :Estados Unidos da América. 8 de Março de 1996.[Online] <http://www.neiu.edu/~ccunning/int4ed.html> [Consultado em 23-07-2012].

Donath, J. S. (1999). "Identity and Deception in the Virtual Community". In: Dutton, W. & Shepherd, A. (2003). Trust in the Internet: the social dynamics of an experience technology. [Online] http://www.oii.ox.ac.uk/resources/publications/OIIRR3_200310.pdf [Consultado em 27-06-2012].

Elkind, D. (1978). Crianças e adolescentes: Ensaio interpretativo sobre Jean Piaget. 3ed. Rio de Janeiro-RJ: Zahar.
em: <http://www.cc.gatech.edu/gvulmultimedia/nsfmmedia/> [Consultado em 15-05-2012].

Erikson, E.(1968). Identify: youth and crisis. NY: W.W Norton.

Fachada, M. O. (2000). Psicologia das Relações Interpessoais, 1ª volume. Lisboa: Edições Rumo.

Gee, J. P. (2007). What Video Games Have To Teach Us About Learning And Literacy, New York: Palgrave Macmillan.

Ghiglione, R.& Matalon, B. (1993). Teoria e prática. Oeiras: Celta Editora.

Gil, A. C.(1994). Administração de recursos humanos: um enfoque profissional. São Paulo: Atlas.

Giovannini, G.(1987). Evolução na Comunicação – Do sílex ao silício. Ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro.

Gorgen, P.(1976). Pós-modernidade, ética e educação. São Paulo: Autores Associados, 2001.

Gouveia, L. M. B. (2004). “Sociedade de Informação. Notas de contribuição para uma definição operacional”. [Online] http://www2.ufp.pt/~lmbg/reserva/lbg_socinformacao04.pdf [Consultado em 16-07-2012].

Graphics, Visualization & Usability Center, (1997), Multimedia Courseware for Hampton, K.N., L.S. Goulet, L. Rainie, and K. Purcell (2009). Social Networking Sites and Our Lives: How People's Trust, Personal Relationships, and Civic and Political Involvement are Connected to Their Use of Social Networking Sites and Other Technologies. Pew Research: Washington, D.C. Available from [Online] http://www.pewinternet.org/~media//Files/Reports/2009/PIP_Tech_and_Social_Isolation.pdf [Consultado em 17-07-2012].

Hiltz, S.& Turoff, M. (1993). The Network Nation: Human Communication Via Computer. Rev.Edition. Cambridge: MIT Press. <http://ipts.jrc.ec.europa.eu/publications/pub.cfm?id=2059> [Consultado em 18/12/2011].

Hudson, D. (1997). Rewired - A brief (and opinionated) net history. Indianapolis: Macmillan Technical Publishing.

Katz, J.& Rice, R. (2002). Syntopia: Access, Civic Involvement, and Social Interaction on the Net. Oxford: Backwell Publishing.

Kennedy, A. (1996). Guia de Navegação Internet & World Wide Web. Lisboa: Texto Editora Lda.

Ladrière, J.(1977). Ciência, Filosofia e Fé. In: A Articulação do Sentido. São Paulo: EPU.

Laurel, B. (1991). Computers as Theatre. Addison-Wesley.

Lea, M., Spears, R. (1992), Paralinguagem and social perception in computer-mediated communication, *Journal of Organizational Computing*.

Lea, M., Spears, R. (1995). "Love at first byte? building personal relationships Over computer networks", in J. T. Wood and S. Duck (Eds.), *Under-studied Relationships: Off the Beaten Track*. Thousand Oaks: Sage Publications, CA.

Lemos, A. (2004) ."Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva". In: Lemos, A. (org.). *Cibercidade: as cidades na cibercultura*. Rio de Janeiro: Epapers Serviços Editoriais.

Lemos, M. (1998). *Estar na Internet*. 1ª Edição. Lisboa: McGraw-Hill Portugal.

Lévy, Pierre (1993). *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Lévy, Pierre (1996) .*O Que É O Virtual?*. São Paulo: Editora 34.

Lévy, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

Livingstone, S. (2007). *Strategies of parental regulation in the media-rich home*. London: Medi@LSE.

Livingstone, S.& Bober M. (2004). *UK children go online: surveying the experiences of young people and their parents"* [Online] <http://eprints.lse.ac.uk/395/1/UKCGOsurveyreport.pdf> [Consultado em 21-08-2012].

Lombardia, P. G.(2008). *Quem é a geração Y?*.HSM Management.

Lopes, M. C. O. (2004a). *Comunicação Humana*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Malhotra, N.(2001). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Tradução: Nivaldo Montingelli Jr. e Alfredo Alves de Farias. Porto Alegre: Bookman.

Marín, A. L.; Galera C. G. & Román, J. A. R.(1999). Sociología de la comunicación. Madrid: Trotta.

Mattelart, A. & Mattelart, M. (1997). História das Teorias da Comunicação. Porto: Campo das Letras.

Mediappro (2006), Mediappro Final Report, [Online] <http://www.mediappro.org/default.htm> [Consultado em 23-06-2012].

Mehrabian, A. (1981). Silent messages: Implicit communication of emotions and attitudes. Belmont: Wadsworth.

Miège, B. (1989). La Société Conquise par la Communication. Grenoble: PUG.

Morahan-Martin J. (1999). The relationship between loneliness and Internet.

Moreira, C. (1994). Planeamento e Estratégias da Investigação Social. Lisboa.

Mumford, L. (1991). A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução de Neil R. da Silva. 3. ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes.

Neto, A. (1998)- Resolução de problemas em física. Conceitos, processos e Novas abordagens. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Nónio XXI (1999). Alguns Números sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. Lisboa: Ministério da Educação.

Obercom (2012). A Sociedade em Rede em Portugal 2012 – A Internet em Portugal. [Online] <http://www.obercom.pt/content/782.np3>. [Consultado em 23-07-2012].

Obercom (2009). Relatório - A Internet em Portugal 2009 [Online] <http://www.obercom.pt/content/640.np3> [Consultado em 23-07-2012].

Oblinger, D.G. & Oblinger, J.L. (2005). "Introduction". In D.G. Oblinger & J.L. Oblinger (eds). *Educating the Net Generation*. [online]. <http://www.educause.edu/research-and-publications/books/educating-net-generation> [Consultado em 11/2/2012].

Oldenburg, R. (1991). *The great good Place: Cafes, Coffee Shops, Community Centres, Beauty Parlours, General Stores, Bars, Hangouts and how they get you through your day*. Paragon House: New York.

Oppenheim, A. N. (1997). *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. New York: Continuum.

Paiva, J. (2003), *As tecnologias de informação e comunicação: utilização pelos alunos*, [online] http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/pdf/estudo_alunos-v3.pdf, [Consultado em 12/03/2012].

Parks, M. R. & Floyd, K. (1996). Meanings for closeness and intimacy in friendship. *Journal of Social and Personal Relationships*. [Online] http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000146&pid=S1413-7372200800020000800032&lng=en [Consultado em 25-03-2012].

Parks, M.; Floyd, K.(1997). Making Friends in Cyberspace, *Journal of Computer-Mediated Communication* 2.4. [Online] <http://www.ascusc.org/jcmc/vol2/issue4/index.html> [Consultado em 25-03-2012]

Pedersen, T. & Moss, F. (1997). *Internet para Jovens! Guia Básico para navegar na Internet*. Lisboa: Ed. Vega.

Ponte, C.& Candeias, C. (2007). *Crianças e Internet – que acesso e usos? Que*
Postman, N. (1992). *Tecnopolia - Quando a Cultura se rende à Tecnologia*. Lisboa: Difusão Cultural.

Prensky, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants*. MCB: University Press. [online]

<http://www.marcprensky.com/international/Leia%20entrevista%20do%20autor%20da%20expressao%20imigrantes%20digitais.pdf>. [Consultado em 22-04-2012]

Quivy, R; Campenhout, L. (1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

Rafaeli, S.(1988). “Interactivity: from new media to communication”. In: Sage annual review of communication research: advancing communication science. Beverly Hills: Sage.

RAPM (1994). Relatório de avaliadores do projecto Minerva. Lisboa: Ministério da Educação.

Redecker, C. (2008). Learning 2.0: The Impact of Web 2.0 Innovations on Education and Training in Europe. Review of Learning 2.0 Practice - Deliverable 2. Brussels: European Communities. [Online]

<http://is.jrc.ec.europa.eu/pages/documents/Learning2-0Review.pdf> [Consultado em 7-10-2012]

Reimão, C. (1994). Cultura e Formação Educativa. Brotéria, N° 4, Vol.

Rheingold, H. (1993). The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier. MA: Addison-Wesley.

Rheingold, H. (1996). A Comunidade Virtual. Trad. 1ª Edição. Lisboa: Gradiva.

Rice, R.& Love, G. (1987). Electronic Emotion: Socioemotional content in a computer in a Computer-Mediated Communication Network, Communication Research, vol. 14

Walther, J. (1992), Interpersonnal effects in computer mediated communication. Communication Research.

Riel, M. (1996). The Internet and the humanities. The human side of networking. [Online] <http://www.ed.gov/Technology/Futures/riel.html> [Consultado em 19-10-2011].

Sampaio, D.(1993).Vozes e ruídos: Diálogo com adolescentes. 6ª ed., Lisboa: Editorial Caminho.

Scanlan, B. K (1979). Princípios de administração e comportamento organizacional. São Paulo: Atlas.

Schlemmer, E. (2006). A aprendizagem em mundos virtuais: viver e conviver na virtualidade. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. UNISINOS [Online] http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Schlemmer.pdf [Consultado em 17-03-2012].

Short, J.; Williams, E; Christie, B. (1976). The Social Psychology of Telecommunications. New York: John Wiley.

Silva, A. (2002). Mundos Reais, Mundos Virtuais. Lisboa: Universidade Aberta [Online] <http://bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-mundos-reais-mundos-virtuais.html> [Consultado em 18-12-2011]

Silva, A. J. L. (2006). Os diários generalistas portugueses em papel e online. Lisboa: Livros Horizonte.

Silva, B. (2001). A tecnologia é uma estratégia. In Paulo Dias & Varela de Freitas (org.). Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho.

Silva, J. A. (2001). Os desafios da sociedade de informação. [Online] http://www.janusonline.pt/2001/2001_1_2_7.html [Consultado em 21-06-2012].

Silva, L. & Remoaldo, P. (1995). Introdução à Internet. Editorial Presença.

Silva, L. J. O. (2002). Implicações Cognitivas e Sociais da Globalização das Redes e Serviços Telemáticos: estudo das implicações da comunicação reticular nas rotinas cognitivas e sociais da comunidade científica portuguesa. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Simões, C. (2007). Comportamentos de risco na adolescência. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a ciência e a tecnologia.

Smolowe, J. (1994). Intimate strangers, *Time*, 145, Special Issue (Welcome to Cyberspace).

Spears, R., Lea, M. (1992). "Social influence and the influence of the "social" in computer-mediated communication". In M. Lea (Ed.), *Contexts of computer-mediated communication*. London: Harvester-Wheatsheaf.

Stoll, C. (1996). *Silicon snake oil : Second thoughts on the information highway*. New York: Books.

Strangelove, M. (1994). The Internet, electric gaia and the rise of the uncensored self, *Computer-Mediated Communication Magazine*, [Online] <http://www.ibiblio.org/cmc/mag/1994/sep/self.html> [Consultado em 17-11-2011].

Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *CyberPsychology & Behavior*.

Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups*. London: Academic Press.

Thurstone (1920) apud Wikipedia 2011.

Turkle, S. (1984). *The Second Self - Computers and the Human Spirit*. London: Granada.

Valentine, G e Hoolloway, S. (2001). "Technofobia": Parents' and children's fears about information and communication technologies and the transformation of culture and society "in Ian Hutchby e Jo Moran-Ellis (2001). *Children, Technology and Culture. The Impacts of Technologies in Children's Everyday Lives*. New York: Routledge Falmer.

Valkenburg, P. M. & Peter, J. (2007). Preadolescents' and adolescents' online.

Valkenburg, P.; M.& S., Karen E. (2001). *Childrens' Positive and Negative*.

Veloso, E. F.; Dutra, J.; Nakata, L. (2008). *Percepções sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e baby boomers*. Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro.

Walther, J. B. (1993). *Impression development in computer-mediated interaction*. *Western Journal of Communication*, 57.

Wellman, B. & Gulia, M. (1999). "Net Surfers don't ride alone: virtual communities as communities". In *Communities and Cyberspace*, Kollock, Peters, Smith, Marc (eds), Routledge. New York.

Wellman, B. (2001). *Little Boxes, Glocalization, and Networked Individualism. Lecture Notes In Computer Science*, Vol. 2362. Second Kyoto Workshop on Digital Cities II, Computational and Sociological Approaches. [Online] <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/littleboxes/> [acedido em 15-12-2011].

Wolton, D. (1999). *E depois da Internet?*. Algés: Difel.

Wolton, D. (2000). *E Depois da Internet*. Trad. 1ª Edição. Lisboa: Difel – Difusão Editorial.

Referências Legislativas

- Despacho nº 206/ME/85 de 15 de Novembro de 1985 (Criação do Projecto Minerva);
- Decreto Lei nº 286/89 de 29 de Agosto (Reorganização dos Planos Curriculares);
- Despacho 232/ME/96 de 29 de Novembro de 1996 (Criação do Projecto Nónio–Século XXI)
- Despacho nº 16126/2000 ME de 8/8/2000 (Cria o grupo coordenador dos programas de introdução, difusão e formação em tecnologias de informação e comunicação na educação)

ANEXOS

ANEXO I: Mensagem ao painel de especialistas

"Relações interpessoais na Internet: um estudo com alunos do 3º ciclo do Ensino Básico do Alentejo"

Mestrado em Avaliação Educacional da Universidade de Évora

A partir do momento em que surgem novas plataformas digitais de interação social, as pessoas emergem numa dimensão virtual onde é possível viver, trabalhar, transacionar, conviver, ocupar tempos livres e, deste modo, estabelecer uma grande variedade de relações. Em consequência, são derrubadas barreiras que distanciam as pessoas e rompem-se os padrões convencionais das relações sociais.

O desenvolvimento deste estudo, que culminará com a realização e a apresentação da dissertação de mestrado, incidirá sobre a utilização das Internet por alunos, em particular alunos do 7º ao 9º ano de escolaridade e, especificamente, sobre as causas e os efeitos que a sua utilização poderá implicar nas relações humanas.

Em concreto, pretende-se identificar alterações nas formas de comunicação interpessoal e mudanças nas práticas de comunicação dos alunos propiciadas pelas novas formas de comunicação, averiguando possíveis implicações destas mudanças nas relações interpessoais.

As perguntas de investigação que vão ser alvo de estudo no contexto deste trabalho são apresentadas no início do quadro conceptual do questionário (em anexo).

O processo de investigação estará centrado numa metodologia de inquérito. Neste enquadramento, será aplicado um questionário a alunos do 7º, 8º e 9º anos de escolaridade. Concomitantemente, será aplicado também um questionário aos encarregados de educação destes alunos.

O envolvimento dos pais é justificado pela necessidade de contrastar as respostas dos alunos. Receber a opinião das pessoas que lidam diariamente com os alunos, nomeadamente os seus encarregados de educação, pode ajudar a aprofundar, explicar e melhor compreender os fenómenos em estudo.

Tendo em vista validar os questionários aos alunos e aos professores, venho por este meio solicitar a V. Exa. a leitura do pré-questionário e uma apreciação crítica do mesmo, assim como

o envio de sugestões, até **14 de Maio de 2012**, subordinada aos itens constantes da seguinte página.

Desde já agradeço a sua disponibilidade e atenção dispensada.

A mestranda, Olga Ramos

| Itens | SIM | NÃO | SUGESTÕES |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------|
| Dificuldades de preenchimento (sentidas ou presumidas) | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| Adequação, formulação e correção dos itens. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| Representatividade da variedade de respostas; Necessidade de reformulações. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| Redução ou ampliação do número de itens. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |
| Outros aspetos a considerar pelo especialista. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | |

ANEXO II- Questionário dos Alunos

QUESTIONÁRIO

Este questionário enquadra-se no âmbito de um projeto de investigação que visa averiguar e compreender se as interações que os alunos estabelecem através da Internet influenciam as relações interpessoais com os seus familiares e amigos.

O investigador assegura o anonimato das respostas e a confidencialidade dos dados.

Por favor, lê atentamente cada uma das perguntas e responde com a máxima sinceridade.

Dados Pessoais

1. Sexo: M F
2. Indica a tua idade: _____ 3. Ano de escolaridade que frequentas: _____
4. Costumas utilizar a Internet?
 - Sim *(Se SIM, avança para a Pergunta 6)*
 - Não *(Se NÃO, avança para a Pergunta Seguinte)*
5. Se respondeste não, por que motivo não utilizas a Internet?
 - Não tenho acesso;
 - Não me interessa;
 - Tenho dificuldade em utilizar;
 - Não me deixam utilizar;
 - Outro. Qual? _____*(A tua participação terminou!)*
6. Com que frequência utilizas a Internet?
 - Todos os dias;
 - 3 a 4 dias por semana;
 - 1 a 2 dias por semana.
7. Em média, quantas horas por dia costumas passar na Internet?
 - Menos de 1 hora;
 - Entre 1 hora e 2 horas;
 - Entre 2 horas a 4 horas;
 - Mais de 4 horas.
8. Onde costumas aceder à Internet? *(Podes assinalar mais do que uma opção!)*
 - Em casa;

- Em casa de amigos ou familiares;
- Na escola;
- Num centro público (biblioteca, museu, espaço Internet; centro de jovens; clube ou entidade associativa; junta de freguesia, etc.);
- Num cibercafé ou similar;
- Outros. Qual? _____

9. Assinala as **TRÊS** atividades mais frequentes que fazes na Internet:

- Pesquisa para trabalhos escolares;
- Pesquisa sobre outros assuntos;
- Jogar *online*;
- Conversar em salas de conversação em tempo real (*Ex: Chat;*);
- Participar em fóruns sobre assuntos de interesse pessoal;
- Utilizar redes sociais (*Ex: Facebook, Myspace, Hi5, Orkut, etc*);
- Ler livros / revistas em formato digital
- Ouvir música / Ver vídeos / televisão (*Ex: youtube; canais de TV*);
- Fazer downloads de livros/música/filmes/jogos/software;
- Criar/ Actualizar páginas web pessoais (*Ex: blog*);
- Fazer compras
- Outros. Qual? _____

10. Utilizas a Internet para comunicar com: **(Podes assinalar mais do que uma opção!)**

- Familiares que moram contigo ou vivem na mesma localidade;
- Familiares distantes;
- Amigos (*que conheces pessoalmente*);
- Amigos virtuais (*que não conheces pessoalmente*)
- Professores;
- Outros: _____

11. Preenche o seguinte quadro, considerando as atividades de comunicação e partilha que realizas na Internet.

| Atividades | Com pessoas que conheço pessoalmente | Com pessoas que não conheço pessoalmente |
|--|---|---|
| Combinar ou marcar saídas com amigos (<i>visitas, cinema, café, etc...</i>). | | |
| Conversar sobre temas diversos. | | |

| | | |
|---|--|--|
| Conversar sobre temas de carácter pessoal. | | |
| Enviar/publicar fotos e vídeos. | | |
| Dar a conhecer o que faço no dia-a-dia. | | |
| Ler ou comentar as mensagens dos outros. | | |
| Namorar ou estabelecer contactos afetivos / amorosos. | | |
| Jogar. | | |
| Outra. Qual? _____ | | |

12. Preenche o quadro seguinte de acordo com a tua opinião.

| <i>A utilização da Internet permite...</i> | SIM | NÃO |
|---|------------|------------|
| ...diminuir a distância entre os meus conhecidos, amigos ou familiares. | | |
| ...facilitar o contacto com outras pessoas. | | |
| ...que eu encontre novos amigos. | | |
| ...fortalecer as amizades que já tenho. | | |
| ...que me sinta mais desinibido(a). | | |
| ... que me sinta mais deprimido(a). | | |
| ... aumentar a minha popularidade. | | |
| ... autopromover-me. | | |
| ... aumentar o número de encontros presenciais. | | |
| ...procurar apoios fora do meu universo de amizades. | | |
| ...conhecer melhor os meus contatos. | | |
| ...ter a atenção de outras pessoas. | | |
| ...aumentar a minha lista de contatos. | | |
| ...aumentar a minha aceitação por parte dos outros. | | |
| ...maior cumplicidade (<i>Ex. partilha de assuntos pessoais e íntimos</i>). | | |
| ... que tenha mais tempo para as actividades de lazer (<i>Ex. passear, visitas sociais, ir ao cinema ou ao café, etc</i>) | | |
| ...que eu me isole. | | |
| ... manter apenas relações virtuais. | | |
| ...manter um relacionamento amoroso. | | |
| ...partilhar ideias e experiências. | | |
| ...alargar novos horizontes em relação a determinados assuntos e/ou temas. | | |
| ...tornar-me dependente quando a utilizo em excesso. | | |

| | | |
|---|--|--|
| ... diminuir as zangas / conflitos com os que vivem comigo. | | |
| ...que eu me sinta mais acompanhado. | | |

13. A utilização da Internet alterou as tuas rotinas?

| <i>Com a utilização da Internet...</i> | AUMENTOU | DIMINUIU | MANTÉM-SE |
|--|-----------------|-----------------|------------------|
| ...o meu convívio social (<i>Ex: saídas com os amigos ao cinema, café, passeio, etc</i>) | | | |
| ... a minha participação em atividades familiares (<i>Ex: aniversários, jantares familiares, passeios, jogos, ver televisão ou vídeos em conjunto, etc.</i>) | | | |
| ...o convívio com os meus familiares. (<i>Ex: conversas, passeios, encontros, etc</i>) | | | |
| ... o cumprimento dos horários familiares (<i>Ex. hora de almoçar/ jantar, hora de dormir, etc</i>) | | | |
| ... a frequência com que me fecho no quarto | | | |
| ...a utilização do meu telemóvel | | | |
| ... o meu descanso noturno | | | |
| ...a leitura (<i>ex: revistas, jornais, livros, etc</i>) | | | |
| ... a atividade física (<i>Ex: jogar futebol, andebol, patinagem, etc</i>) | | | |
| ...o estudo (<i>número de horas que dedico ao estudo</i>) | | | |
| ... a ansiedade quando não me posso ligar | | | |
| Outra. Qual? _____ | | | |

14. A informação (*nome, e-mail, actividades, viagens, interesses, etc*) que publicas na internet, seja em redes sociais, blogs ou fóruns, corresponde efectivamente à verdade?

Sim

Não

15. Justifica a resposta a esta pergunta.

16. Indica o número aproximado de “amigos” que tens na tua lista de contactos (*Por exemplo, no Facebook, no Skype ou no MSN, etc*).

“amigos”

17. Numa ou duas frases, diz-nos o que é para ti um amigo, aquele a que habitualmente chamas de **verdadeiro amigo**?

18. Tendo em conta a definição que acabas de dar, indica o número de **verdadeiros amigos** que tens na tua rede de contactos?

amigos

**Obrigada pela tua
colaboração!**

ANEXO III- Questionário dos Encarregados de Educação

QUESTIONÁRIO

Este questionário enquadra-se no âmbito de um projeto de investigação que visa averiguar e compreender se as interações que os alunos estabelecem através da Internet influenciam as relações interpessoais com os seus familiares e amigos.

O investigador assegura o anonimato das respostas e a confidencialidade dos dados.

Por favor, lê atentamente cada uma das perguntas e responda com a máxima sinceridade.

Dados Pessoais

3. Sexo: M F
4. Indique a sua idade: _____
5. Habilitações Literárias: _____
6. Profissão: _____
5. Ano de Escolaridade do seu educando: 7º ano 8º ano 9º ano
6. Possui Internet em casa?
 - Sim *(Se SIM, avance para a Pergunta 8)*
 - Não *(Se NÃO, avance para a Pergunta 7)*
7. Se respondeu não, por que motivo não tem Internet em casa? *(A sua participação terminou!)*
 - Não tenho possibilidade financeira;
 - Não vejo necessidade;
 - Tenho dificuldade em utilizar;
 - Para que o(s) meu(s) educando(s) não utilizem.
 - Outro. Qual? _____
8. Com que frequência o seu educando utiliza a Internet (em casa)?
 - Todos os dias;
 - 3 a 4 dias por semana;
 - 1 a 2 dias por semana.
9. Em média, quantas horas o seu educando por dia costuma passar na Internet?
 - Menos de 1 hora;

- Entre 1 hora e 2 horas;
- Entre 2 horas a 4 horas;
- Mais de 4 horas.

10. Na sua opinião, quais são os motivos/razões principais que levam o seu educando a utilizar a Internet? Indique os **TRÊS** que julga serem os principais.

- Pesquisa para trabalhos escolares;
- Pesquisa sobre outros assuntos;
- Jogar *online*;
- Conversar em salas de conversação em tempo real (*Ex: Chats*);
- Participar em fóruns sobre assuntos de interesse pessoal;
- Utilizar redes sociais (*Ex: Facebook, Myspace, Hi5, Orkut, etc*);
- Ver vídeos (*Ex: youtube*);
- Fazer downloads de música/filmes/jogos/software;
- Criar/ Atualizar páginas pessoais (*Ex: blog*);
- Outros. Qual? _____

11. Na sua opinião, o seu educando utiliza a Internet para comunicar com:

- Familiares que moram contigo ou vivem na mesma vila/cidade;
- Familiares distantes;
- Amigos (*que conhece pessoalmente*);
- Amigos Virtuais (*que não conhece pessoalmente*);
- Professores;
- Outros: _____

12. Preencha o quadro seguinte de acordo com **a sua opinião**, tendo em conta a utilização da Internet por parte do seu educando.

| <i>A utilização da Internet permite ao meu educando...</i> | SIM | NÃO |
|---|------------|------------|
| ...diminuir a distância entre os seus conhecidos, amigos ou familiares. | | |
| ...facilitar o contacto com outras pessoas. | | |
| ...encontrar novos amigos. | | |
| ...fortalecer as amizades que já possui. | | |
| ...que se sinta mais desinibido(a). | | |
| ... que se sinta mais deprimido(a). | | |
| ... aumentar a sua autoestima. | | |
| ... autopromover-se. | | |

| | | |
|---|--|--|
| ... aumentar o número de encontros presenciais. | | |
| ...procurar apoios fora do seu universo de amizades. | | |
| ...conhecer melhor os seus contatos. | | |
| ...ter a atenção de outras pessoas. | | |
| ...aumentar a sua lista de contatos. | | |
| ...aumentar a sua aceitação por parte dos outros. | | |
| ...maior cumplicidade (Ex.partilha de assuntos pessoais e íntimos). | | |
| ... que tenha mais tempo para as atividades de lazer (Ex. passear, visitas sociais, ir ao cinema ou ao café, etc) | | |
| ...que se isole. | | |
| ... manter apenas relações virtuais. | | |
| ...manter um relacionamento amoroso. | | |
| ...partilhar ideias e experiências. | | |
| ...alargar novos horizontes em relação a determinados assuntos e/ou temas. | | |
| ...tornar-se dependente quando a utilizo em excesso. | | |
| ... diminuir as zangas / conflitos com os que vivem consigo. | | |
| ...que se sinta mais acompanhado. | | |

13. A utilização da Internet alterou as rotinas do seu educando?

| <i>Com a utilização da Internet...</i> | AUMENTOU | DIMINUIU |
|--|-----------------|-----------------|
| ...o convívio social (Ex: Saldas com os amigos ao cinema, café, passeio, etc) | | |
| ... a participação nas atividades familiares (Ex: Aniversários, Jantares familiares, Passeios, assistir à tv, etc) | | |
| ...o convívio com os familiares. (Ex: Conversas, passeios, encontros, etc) | | |
| ... o cumprimento dos horários familiares (Ex. hora de jantar, hora de dormir, etc) | | |
| ... a frequência com que se fecha no quarto | | |
| ...a utilização do telemóvel | | |
| ... o descanso noturno (sono) | | |
| ...a leitura (ex: Revistas, Jornais, Livros, etc) | | |
| ... a atividade física (Ex: jogar futebol, andebol, patinagem, etc) | | |
| ...o estudo (número de horas que se dedica ao estudo) | | |
| ... a sua ansiedade sempre que não se pode ligar à Internet. | | |
| Outra. Qual? _____ | | |

14. Na sua opinião, o facto do seu educando estar em permanente contacto com os seus “*amigos*” através da Internet, está a influenciar (positiva ou negativamente) as relações com os pais, os irmãos ou os outros familiares? Porquê?

**Obrigada pela sua
colaboração!**

ANEXO IV- Pedido de autorização ao Diretor da Escola onde o estudo foi realizado

Olga Cristina Pestana Ramos

Exmo. Sr. Diretor da Escola
Secundária Pública Hortênsia de Castro
Tapada Reguengos Vila Viçosa
7160-285 VILA VIÇOSA.

Exmo. Sr. Diretor

Sou formadora na área de Informática e encontro-me neste momento a realizar o estudo empírico para a Dissertação de Mestrado em Avaliação Educacional, na Universidade de Évora. Para que tal seja possível, venho por este meio pedir a V.Exa que solicite aos diretores de turma 3º ciclo o preenchimento do questionário que segue em anexo, assim como a entrega aos Encarregados de Educação de cada um dos alunos.

Solicito-lhe ainda que depois de preenchidos os envie nos envelopes em anexo com a maior brevidade possível.

Certa da compreensão que este assunto lhe merecerá, subscrevo-me atenciosamente.

Com os melhores cumprimentos

(Olga Cristina Pestana Ramos)